



HANOI PEDE NEGOCIAÇÕES SECRETAS COM KISSINGER

51 anos

Há um ano, este jornal ao dobrar o cabo dos seus 50 anos de existência, lembrava antigas palavras de Joaquim Manso: «Sempre ao povo se deve a verdade. Não o enganem, não o alucinem, não o explorem. Eduquem-no, mas não o pervertam».

O «Diário de Lisboa» renovado, que estamos a tentar construir dia a dia, não renegou nem renegará jamais este lema. Houve que vencer muitas dificuldades e vicissitudes no ano que passou, em consequência da passagem a um sistema gráfico moderno que veio impôr temporariamente urgências de execução que os velhos métodos dispensavam. Mas a fidelidade aos princípios democráticos do jornal e o respeito pela opinião pública não foram traídos.

Aos que isto não entenderam e se empenharam em divulgar rumores sobre «notórias mudanças de orientação», respondemos com o trabalho entretanto feito, responderemos muito mais com o jornal que nos propomos oferecer - vivo e actuante, de grande informação, tão veemente nos títulos como independente na opinião.

Tudo na vida é mudança, e o «Diário de Lisboa» não poderia de-

ixar de mudar. Mas mudar para melhor, técnica e jornalisticamente. Mudança que será lenta, mas segura: há toda uma reestruturação de quadros a fazer, uma rotina a modificar e a substituir por um fértil e constante diálogo interno. Um vestígio de 1972, em plena era da cibernética e da informação áudio-visual, teria de ser diferente, teria de reflectir o dinamismo dos novos tempos, viver com eles e, sobretudo, para eles.

Se, aqui e ali, chocámos hábitos culturais, não é menos verdade que, actualizando o modo, se manteve o espírito. Que os amigos de sempre nos ajudem a preservá-lo e nos releve as pequenas e grandes falhas que venhamos a cometer ainda até atingirmos o grande ideal de um «Diário de Lisboa» para todos. Então e sempre este jornal estará ao serviço dos verdadeiros interesses do povo português, aqueles que só podem formular-se em termos de democracia e de progresso, de liberdade públicas e de responsabilidade cívica. É pelas suas posições mais significativas que o «Diário de Lisboa» espera ser julgado. Todos os dias. Em todas as circunstâncias da vida do País.

WASHINGTON, 7 — (FP/«DL») — Le Duc Tho, membro do directório político do PC norte-vietnamita, teria pedido ao presidente Nixon, por intermédio de dirigentes sindicais americanos, o reatamento das negociações secretas com o conselheiro Henry Kissinger, segundo anuncia o «New York Times», citando fontes parlamentares. Os dirigentes sindicalistas, ao regressarem de uma viagem de oito dias ao Vietname do Norte, conferenciaram durante mais de uma hora com Henry Kissinger e, por fim, foram ouvidos, à porta fechada, pela Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado.

Entretanto a situação militar continua a agravar-se para o Governo de Saigão. As tropas governamentais viram-se obrigadas a retirar de Loc Minh, a 120 quilómetros a norte da capital. A cidade foi tomada pela Frente Nacional de Libertação, ignorando-se a sorte dos conselheiros militares americanos ali presentes. Em vista da gravidade da situação e da ofensiva das Forças de Libertação junto à capital, as autoridades sul-vietnamitas decidiram decretar o recolher obrigatório das 23 às 6 da manhã, no aglomerado Saigão-Cholon-Giadinh. O recolher obrigatório vigorará a partir de hoje. (Mais notícias nas págs. interiores).

Mary Quant adere

HOJE

72 PÁGINAS

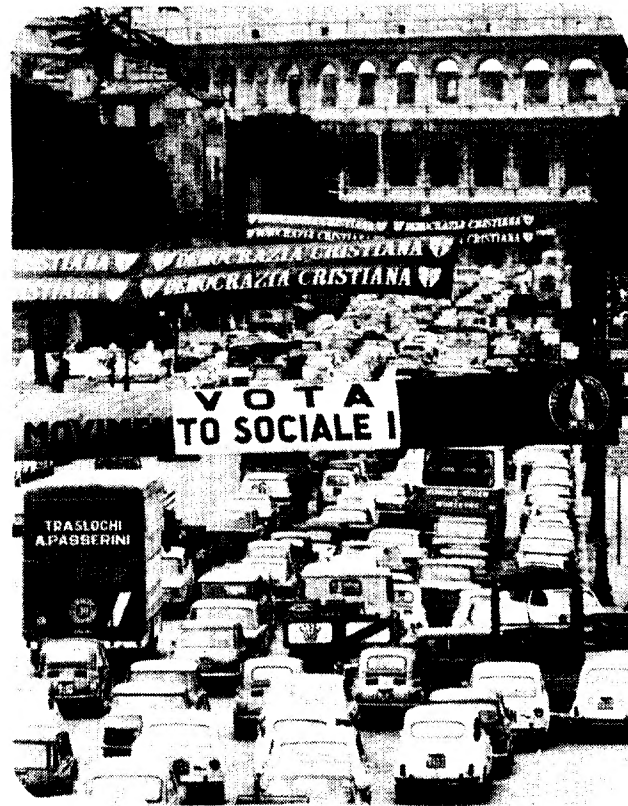
A edição de aniversário do «DL» apresenta hoje, em 72 páginas, além do suplemento literário, um caderno comemorativo com colaborações de José Cardoso Pires, Fernando Namora, Mário Ventura, António Borges Coelho, José Saramago, Urbano Tavares Rodrigues, Isabel da Nóbrega, Manuel Ferreira, Armindo Blanco, Calvet de Magalhães, Manuel de Azevedo, Fernando Dacosta, Atticus, Rogério Vidigal, Chianca de Garcia e Maria Judite de Carvalho.

VISADO PELA CENSURA



Mary Quant apresentou ontem em Londres a sua colecção para a Primavera e aderiu ao sapato de salto alto, à Carmen Miranda. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

A FESTA ELEITORAL



As vésperas das eleições na Itália, as ruas de Roma apresentam um ar festivo. As faixas de propaganda política multiplicam-se por toda a parte. A telefoto UPI/Telimprensa/«DL» apresenta um aspecto da Via Dei Fori Imperiali, junto ao Coliseu, na hora de ponta. Predominam os cartazes democratas-cristãos e neo-fascistas.

Polução & cancro

CLEVELAND, OHIO (7) — Foi descoberta uma nova revelação entre o cancro e a poluição do ar — declarou o dr. Samuel S. Epstein, professor de higiene ambiental na Universidade de Case. Epstein comprovou que as pessoas que vivem em áreas altamente poluídas correm um risco maior

de contrair o cancro pulmonar do que as que vivem em zonas onde o ar é mais puro. Anunciou que vai apresentar um relatório das suas descobertas à Sociedade Química norte-americana, em Boston, na segunda-feira. As experiências foram feitas sobre onze quilos de ar poluído por partículas em Nova York.

Ferrovios agraçecem

Dirigentes da Uni3o dos Sindicatos dos Ferrovios estiveram no Pal3cio de S. Bento a apresentar cumprimentos ao Presidente do Conselho e a manifestar-lhe, em nome dos profissionais abrangidos pelo novo acordo de trabalho firmado com a C. P., a sua congratulaç3o pelas regalias concedidas atraves do mesmo instrumento corporativo, e a agradecer na sua pessoa ao Governo o interesse com que acompanhou as negociaç3es entre a empresa e os organismos sindicais. A audi3ncia com o prof. Marcello Caetano compareceram, al3m de mais dirigentes, os presidentes do conselho geral e da direcç3o da Uni3o dos Sindicatos, respectivamente srs. M3rio Rosa Mendonça e Jo3o Moitas Dinis.

FORÇA AÉREA

Em consequ3ncia de um convite dirigido pelo Governo americano aos chefes dos Estados Maiores, dos pa3ses na NATO para visitarem os Estados Unidos, partiu para Francfort, onde tomar3 um avi3o militar para os EUA, o general M3rio Tello Poll3ri, chefe do Estado Maior da Força A3rea Portuguesa. Al3m de v3rios oficiais gerais



e superiores da Força A3rea, compareceu no aeroporto a despedir-se o coronel Mosier, adido militar junto da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa.

DESPEDIDA

O ministro dos Neg3cios Estrangeiros ofereceu um banquete de despedida ao embaixador da Gr3cia e 3 senhora de Jean Leopoulos, ao qual estiveram presentes v3rios membros do corpo diplom3tico acreditado em Lisboa.

EUROMERCADO

Os parlamentares e outros membros do comit3 alem3o para a cooperaç3o europeia e in-

ternacional, que se encontram em Lisboa, foram recebidos pelo ministro dos Neg3cios Estrangeiros, que teve com eles demorada conversa sobre assuntos relativos ao Mercado Comum.

O.E.A.

O embaixador Gerardo Schamis, representante da Organizaç3o dos Estados Americanos, que se encontra em Lisboa, foi recebido pelo ministro Rui Patr3cio, a quem informou da presença naquela organizaç3o de v3rios pa3ses n3o-membros, na qualidade de observadores. Acrescentou que a O.E.A. seria um excelente lugar para desenvolvimento de conhecimento rec3proco dos pa3ses nela representados, at3 porque uma das suas l3nguas oficiais 3 a portugu3s.

ACADEMIA

Na reuni3o da Classe de Ci3ncias da Academia das Ci3ncias, presidida pelo prof. Amorim Ferreira, o brigadeiro Fernando de Oliveira apresentou uma comunicaç3o intitulada «O m3todo cient3fico e a gest3o de empresas».

JULGAMENTO NO PLEN3RIO

Tr3s condenaç3es a penas de pris3o e multa verificaram-se ontem no Plen3rio Criminal da Boa Hora, em julgamento a que presidiu o desembargador Morgado Florindo, ocupando a tribuna do Minist3rio P3blico o dr. Costa Saraiva adjunto do procurador da Rep3blica. Foram julgados M3rio Manuel Conceiç3o Marques Alves, empregado de escrit3rio, de Lisboa; Miguel Dantas Terra Machado Guimar3es, oper3rio das Oficinas de Material Aeron3utico, tamb3m de Lisboa, e Oscar Fernando Gonç3lves Vieira, oper3rio administrativo dos C.T.T., natural de Pernes, Santar3m, incriminados por actividades contra a segurança do Estado.

Neste processo figurava tamb3m Dion3sio Abreu Jardim, ajudante de operador dos C.T.T., de Lisboa, o qual n3o compareceu por se encontrar internado no Hospital Miguel Bombarda. No sentido de n3o prolongar a pris3o preventiva dos seus co-r3us, o dr. Costa Saraiva, acusador p3blico, requereu que o julgamento se realizasse, o que mereceu a concord3ncia do patrono do acusado, dr. Borges Coutinho. O tribunal decidiu deferir o requerimento pelo Minist3rio P3blico.

Os restantes incriminados foram defendidos, respectivamente,

pelos drs. Marcelo Curto, Levy Baptista e Eurico Ferreira. Figuravam duas testemunhas de acusaç3o e diversas de defesa.

Segundo o despacho de pron3ncia, os r3us s3o acusados de serem «membros» do partido comunista tomando parte em v3rias reuni3es ilegais; contribuírem com verbas destinadas ao fundo daquela organizaç3o subversiva; receberem e distribuírem jornais clandestinos. O processo salienta ainda que, por alturas de 1 de Maio do ano passado, foram introduzidos nos m3rcos do correio tarjetas com a finalidade de provocar agitaç3o e alteraç3o da ordem e tranq3ilidade p3blica nessa data. Alude, tamb3m, aos locais de reuni3o, tais como em Alvalade, junto das estaç3es de caminhos de ferro, em Campolide e do Rossio, Benfica, Vila Franca de Xira, Alenquer, Rua Bar3o de Sabrosa, Santo Amaro, Bairro de S. Miguel.

Durante a discuss3o da causa foram interrogados os r3us, depuseram as testemunhas de acusaç3o e de defesa, e concluíram-se os debates. Ao fim da tarde, foi tornado p3blico o acord3o, no qual ficou graduada a responsabilidade de cada um, pelo que foram condenados, o primeiro, em dezoito meses de pris3o correcç3onal, e 2 800\$00 de imposto de justiça; o segundo, em vinte meses de pris3o correcç3onal, e 2 500\$00 de imposto de justiça, e o terceiro, em dezoito meses de pris3o correcç3onal, substituídos por multa a 30\$00 di3rios, e 2 500\$00 de imposto de justiça. O tribunal aplicou tamb3m, a cada um, a perda de direitos pol3ticos por cinco anos. O r3u Oscar Fernando Gonç3lves Vieira saiu em liberdade, e os restantes recolheram novamente 3 cadeia a fim de cumprirem a pena imposta, descontada a pris3o j3 sofrida.

Divulgado o programa das Comemoraç3es da Independ3ncia do Brasil

RIO DE JANEIRO, 7 - (ANI) - O programa geral das comemoraç3es do 150.º anivers3rio da independ3ncia do Brasil j3 est3 concluído pela comiss3o nacional, e foi entregue ao

presidente Medici, para aprovaç3o.

Os festejos ter3o in3cio dia 21 deste m3s.

No dia 22 chega ao Rio de Janeiro o presidente de Portugal, almirante Am3rico Thomaz, trazendo os restos mortais do imperador D. Pedro I do Brasil, para que repouse ao lado de sua primeira esposa, a princesa Austr3ica Dona Leopoldina, no museu do Ipiranga, em S3o Paulo.

Ainda n3o est3 marcada a hora da chegada do navio «Funchal», em que viaja o presidente Thomaz. Mas, sabe-se que a urna com os restos mortais ser3 transportada para o navio «Piraque» e desembarcar3 num cais flutuante no Aterro do Flamengo, pr3ximo ao Morro da Viuva.

Dali seguir3 para o monumento aos mortos da Segunda Grande Guerra, onde o presidente portugu3s, a entregará ao presidente brasileiro, general Medici.

Logo em seguida os restos do Dom Pedro I seguir3o para o museu da Quinta da Boa Vista. Ali ficar3o at3 o dia 25, quando se inicia uma peregrinaç3o c3vica por diversas cidades brasileiras, a qual se encerrar3 no dia seis de Setembro em S3o Paulo.

A sete de Setembro, Dia da P3tria Brasileira, seu dia da «Independ3ncia ou morte» ser3 o auge das festividades e tamb3m o encerramento das comemoraç3es do 150.º anivers3rio da independ3ncia.

Semin3rio no Instituto Alem3o

Prossegue, no Instituto Alem3o, um semin3rio orientado pelo dr. Oswald Market, sobre o tema geral «A concepç3o do destino humano no per3odo rom3ntico».

As pr3ximas liç3es ser3o: «O destino do homem na literatura rom3ntica», no dia 13, e «O horizonte aberto pelo romantismo: o campo da intimidade humana», no dia 20.

Reuni3o de antigos combatentes

No quartel do Batalh3o de Sapadores de Caminho de Ferro, em Campo de Ourique, realiza-se no dia 7 de Maio, a reuni3o anual dos antigos combatentes da unidade, comemorativa do 53.º anivers3rio do seu regresso a Portugal, com o seguinte programa: 3s 12 horas, homenagem aos mortos do Batalh3o, sendo deposita uma palma de flores no respectivo monumento; e 3s 13, banquete de confraternizaç3o entre oficiais, sargentos, cabos e soldados.

ADIADO O CIRCUITO DE CAMARATE

O Circuito de Lisboa, cuja disputa estava marcada para este fim-de-semana, na pista de Camarate, acaba de ser adiado para os pr3ximos dias 22 e 23 do corrente.

O «Circuito da Primavera», marcado no calend3rio para estas 3ltimas datas, sofreu tamb3m alteraç3o devendo ser das 3ltimas provas a disputar durante o corrente ano.

«A MUNDIAL»

Companhia de Seguros

Sociedade An3nima de Responsabilidade Limitada.

Capital: Escudos 40 000 000\$00

Sede: Largo do Chiado, 8 — Lisboa

S3o convocados os Senhores Accionistas da Companhia de Seguros A MUNDIAL para se reunirem em Assembleia Geral Extraordin3ria no dia 24 de Abril corrente, pelas 18 horas, na sua Sede, Largo do Chiado, n.º 8, em Lisboa, a fim de discutir e deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administraç3o para aumento do capital e alteraç3o do Artigo 4.º dos Estatutos.

Lisboa, 4 de Abril de 1972.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Dr. Tito Castelo Branco Arantes

PARA TODA E QUALQUER
TRANSACÇ3O
SOBRE PROPRIEDADES
deve
consultar
o mediador

COMPRA, VENDA
E HIPOTECA DE
PROPRIEDADES

A ALENTEJANA

de A. ASSUNÇ3O

A mais completa organizaç3o do Pa3s

Escrit3rio: P. da Alegria, 6, 2.º-E. — Tels. 366662-366087-322927 — LISBOA

Uma iniciativa cultural com o patroc3nio de
WANDSCHNEIDER & CIA. LDA.

JOVEM PINTURA PORTUGUESA

A I Exposiç3o Conjunta das E. S. B. A.
de LISBOA e PORTO

Patente ao p3blico de 7 a 17 de Abril de 1972
no Ateneu Comercial do Porto (Sala Calouste Gulbenkian), das 16-20 horas e das 21-23 horas.

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL COM O LOGO	JOGO DO GALO		O	X
	CONCURSO		O	X
	SESS3O n.º 8		X	
	NOME _____			
COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO	MORADA _____			
	IDADE _____	TELEF. _____		
	CORTAR			
CONCURSO - JOGO DO GALO - APARTADOS 3011 ou 3088 LISBOA				

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

OURO-J3IAS
PRATAS-REL3GIOS

RUA DA PRATA, 257 — Telefone 32 14 31
LISBOA-2

ULTIMOS LANÇAMENTOS PRELO

**ISABEL
DA N3BREGA**

autora de

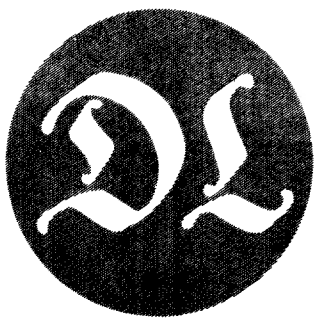
**VIVER COM
OS OUTROS**

PR3MIO CAMILO
CASTELO BRANCO
-1966

3.ª Ediç3o

Durante a tarde de s3bado,
dia 8, conviver3 com os seus
leitores e autografar3 os
seus livros na

LIVRARIA OPINI3O
Rua Nova da Trindade, 26



Pano Para a R.D.A.

Com cerca de um ano de atraso, só agora o Plano Quinquenal para 1971-1975 foi submetido à apreciação do Parlamento pelo Presidente do Conselho da República Democrática da Alemanha. Do conteúdo do Plano destacam-se os seguintes pontos importantes:

No período 1971-1975, os rendimentos reais da popu-

QUEM QUER VAI...

As pequenas notícias dos jornais (convém saber) não são menos importantes que aquelas outras que aparecem encabeçadas por grandes títulos, dispostos para captar a atenção dos leitores. Contemplam, em geral, situações locais e restritas, vividas, porém, pelos interessados de um modo mais directo que os grandes acontecimentos mundiais, e mesmo nacionais. São, muitas vezes, a manifestação da incomodidade quotidiana, da reclamação que já desanimou das vias oficiais, da aspiração que se valoriza ao exprimir-se na letra redonda da imprensa.

Está justamente nestas condições a informação vinda de Almodôvar de que neste concelho, com mais de dezasseis mil habitantes, apenas trabalham dois carteiros na distribuição das malas pelos oito postos de correio existentes, espalhados por uma vasta área. As malas postais chegam a Almodôvar antes das nove horas da manhã e só a meio da tarde alcançam os postos mais afastados. E apenas uma parte do concelho beneficia de segunda distribuição...

Aos insatisfeitos habitantes das cidades pareceria estranhíssima esta situação, habituados como estão a encontrar a correspondência nas caixas, a horas razoáveis. Mas as coisas que se passam por essas províncias deixariam de boca aberta os cidadãos, se estes pudessem ler para além da letra pacífica das tais notícias pequenas. Imaginem-nos a viver em terras do concelho de Almodôvar, esperando ansiosamente o estafado carteiro que trará a mala postal, e perguntemos depois aos CTT se isto é maneira de servir um país pequeno como o nosso, todo feito de vizinhos e pequenas distâncias...

Estes dois sacrificados carteiros do concelho de Almodôvar lembrem-nos irresistivelmente a última providência (invenção, medida, diligência) adoptada pelos mesmos CTT para tornar menos graves certas carências suas em pessoal das estações, qual foi a de pôr os remetentes de correspondência registada e preencher impressos que até agora estavam a cargo das funcionárias... Em qualquer caso, a decisão seria sempre discutível (afinal, o público compra selos, com os quais fica entendido que paga serviços...), mas muito mais discutível se torna quando, como tantas vezes acontece, o remetente se vê convidado a preencher o papelinho mesmo quando é ele o único a ocupar as atenções da empregada dos correios. Que se procure facilitar o trabalho de quem o tenha de sobra, bem está, mas que o público tenha de executá-lo quando nenhuma razão o exigiria, parece-nos excesso de rigor no cumprimento de uma decisão que provavelmente não quereria ir tão longe...

Este caso faz-nos viajar novamente até Almodôvar, onde os CTT se debatem com um problema bastante semelhante àquele que levou a impor ao público uma colaboração forçada: falta de mão-de-obra e consequente excesso de trabalho. A população daquele concelho alentejano exige mais carteiros, mais distribuições e até agora não os obteve; as empregadas das estações postais teriam chamado a atenção para a sobrecarga de trabalho que os registos lhes estariam causando. Estas foram atitudes; aquela aguarda que estudem o seu caso. Oxalá que com o resultado igual...

Porém, fazemos votos por que os problemas de Almodôvar não sejam resolvidos por métodos idênticos aos dos registos. Se assim fosse, na falta de carteiros suficientes e de meios de transporte adequados para eles, outra coisa não nos restaria que ir entregar, em mão própria, aos habitantes de Almodôvar e seu concelho, as nossas cartas, os nossos postais, as nossas amostras sem valor...

lação aumentarão de 22 por cento, crescendo os salários dos operários e empregados, em média, 4,3 por cento ao ano. (O salário mínimo é actualmente de 350 marcos por mês).

Prevê-se que a oferta de bens de consumo aumente de 15 mil milhões de marcos de agora até 1975, e que a população possa dispor de mais 500 000 habitações, novas ou renovadas.

Durante a vigência do Plano, o rendimento nacional aumentará de 27 por cento, a produção industrial de 34 por cento (para atingir um valor de 220 mil milhões de marcos em 1975) e a produtividade de 35 por cento.

Sendo o aprovisionamento em energia um dos principais problemas com que se vem debatendo o país, foi programado um incremento de 30 por cento nos investimentos a realizar neste sector de agora até 1975. A lenhite continuará a ser a principal fonte de energia, devendo a sua produção ascender, em 1975, a, pelo menos, 220 milhões de toneladas. Por outro lado, as importações crescentes de gás natural da União Soviética vão constituir um complemento importante da produção nacional deste gás, a qual, em 1972, deve já atingir os 54 mil milhões de metros cúbicos.

Prevê-se também, durante a vigência do Plano, um franco desenvolvimento das trocas comerciais com a URSS e com o conjunto dos países socialistas, esperando-se que venham a representar 165 mil milhões de marcos (convertíveis) no período 1971-1975, contra 110 mil milhões em 1966-1970. A normalização das relações políticas vai por seu lado, permitir ampliar as trocas comerciais entre a República Democrática da Alemanha e os países capitalistas.

«Diesel» para o Chile

O governo do Chile lançou recentemente um convite a sociedades estrangeiras para que lhe apresentassem as suas propostas com vista à criação de uma unidade de fabrico de motores «diesel», em cujo capital o Estado detinha uma participação de 51 por cento. Responderam já a este apelo governamental as empresas British Leyland Motor Corp. e Perkins Engines Ltd. (Grã-Bretanha), Perkins Engines of Argentina, Klockner-Humboldt-Deutz AG e Maschin- und Fabrik- Augsburg - Nuernberg AG (Alemanha Federal), Fiat S.p.A. (Itália) e Pegaso (Espanha). Além disso, estão a ser estudadas propostas de sociedades estrangeiras com vista à construção de três fábricas de produção de automóveis e camiões.

Japoneses nas Canárias

Os técnicos japoneses da Mitsui que têm estado a estudar os problemas da industrialização das Canárias sugeriram a adopção de certas medidas, entre as quais: conservação da zona franca, supressão da taxa local sobre as importações e exportações, especialização da mão-de-obra e criação de uma infra-estrutura adequada (em particular, água e energia eléctrica). Os referidos técnicos preparam agora a segunda fase do plano de industrialização, seleccionando sectores, fontes de financiamento e fórmulas de comercialização dos produtos industriais.

PERSPECTIVAS

OCIDENTE EXPORTA TECNOLOGIA «SECRETA»

É muito provável que, presentemente, o aspecto mais misterioso da confrontação entre o Leste e o Ocidente reside na maneira curiosa como a tecnologia «secreta» capitalista chega às fábricas comunistas.

Durante toda a duração da guerra fria, a Organização do Tratado do Atlântico Norte e o Japão tentaram afrouxar o ritmo do desenvolvimento militar soviético elaborando cuidadosas listas de embargo a processos e equipamentos tecnológicos estratégicos avançados.

Actualmente, porém, todo o sistema parece estar a desmantelar-se, sob a pressão da concorrência do mundo dos negócios ocidental.

Tomando à letra as afirmações do Pentágono de que Moscovo conseguiu a paridade militar e está próximo da paridade tecnológica, alguns homens de negócios sugerem que o sistema seja desmantelado ou, pelo menos, drasticamente revisto.

Isto constituiria certamente uma boa notícia para os 100 milhões de europeus orientais fora das fronteiras da União Soviética, os quais beneficiariam do facto sob o aspecto material. A decisão do presidente Nixon, o ano passado, de autorizar a venda do mais recente equipamento de refinação de petróleo destinado à refinação de Plock, na Polónia, beneficiará os futuros condutores do país, os quais consumirão a gasolina produzida por meio deste equipamento.

É difícil saber em que medida a erosão do sistema de embargo ameaça realmente a segurança dos Estados Unidos.

Há muito que se diz que o programa espacial soviético utiliza computadores IBM e Universal — evidentemente sem a aprovação de Washington.

Do que não restam dúvidas é que várias empresas da Europa ocidental e do Japão vêm desde há muito recorrendo aos mais diversos meios para tornarem o embargo e venderem o seu mais recente «know-how» e as suas máquinas ao Leste.

Este facto torna-se mais evidente à medida que os homens de negócios americanos, encorajados pela política comercial menos rigorosa da administração, começam a analisar as possibilidades de expansão das suas vendas na Europa Oriental.

Um dirigente de uma empresa americana que visitou recentemente Varsóvia revelou ter visto equipamento de origem britânica, que faz parte da lista de embargo, numa fábrica polaca.

Noutros casos, disse, as firmas britânicas iludiram os responsáveis do COCOM mencionando o equipamento que se propunham vender sob uma designação inofensiva diferente da que figura no registo dos produtos proibidos. Assim, uma peça de actos podia transformar-se num «elemento de aquecimento».

COCOM é o nome do organismo dos países da O.T.A.N.

e do Japão encarregado de aprovar as exportações antes de o governo respectivo emitir uma licença de exportação. Todavia, alguns homens de negócios estão convencidos de que o referido organismo não se encontra devidamente especializado para decidir se determinado artigo pertence à categoria dos produtos embargados.

O Japão, que apoia sem reservas a sua indústria ignora praticamente o embargo.

Os Estados Unidos, porém, continuam a ter uma lista proibida maior e mais secreta do que a COCOM. Alguns homens

por
DAN MORGAN
Exclusivo «DL»

de negócios americanos que manifestaram o desejo de saber quais são efectivamente os produtos objectos do embargo, foram aconselhados a consultar a lista britânica, a qual é acessível.

Muitas empresas conseguiram tornar o embargo através de vendas a países, tais como a Jugoslávia, aos quais ele não se aplica. O equipamento é então reexportado para a União Soviética. Por este processo, determinada tecnologia de computadores extremamente avançada chegou até à zona do embargo.

Os homens de negócios americanos afirmam igualmente que a França tem sido um dos principais responsáveis pela violação do embargo da tecnologia, e que pelo menos uma empresa francesa foi punida com a proibição de importar durante um ano dos Estados Unidos devido à violação dos regulamentos da O.T.A.N. neste capítulo.

As firmas americanas que possuem ramificações na Europa Ocidental servem-se destas para iludirem a lista de embargo americana que, conforme tivemos ocasião de assinalar, é mais rigorosa. Através destas ramificações, grandes quantidades do mais recente equipamento electrónico americano foram introduzidas na Checoslováquia durante o afrouxamento económico de 1968, tendo a empresa checa TESLA actuado como agente receptor. Estes diversos artificios dissimularam o verdadeiro alcance do comércio entre o Leste e o Ocidente.

Contudo, não restam dúvidas de que as restrições americanas são um obstáculo ao desenvolvimento tecnológico da Europa Oriental, embora não tenham tido qualquer efeito sobre a política comunista em relação ao Ocidente.

A Polónia é um exemplo típico de como o embargo tecnológico americano tem sido aplicado.

Em três sectores fundamentais — processo catalítico de transformação de petróleo em derivados por meio de calor e pressão, semicondutores para

computadores e dispositivos de gravação em fita para a televisão — os polacos têm estado a tentar obter o acesso a uma tecnologia que constitui um exclusivo dos Estados Unidos.

O desenvolvimento de computadores de concepção avançada no bloco comunista tem sido limitado por deficiências na produção de circuitos integrados.

Nos dois outros sectores, os Estados Unidos afrouxaram finalmente as restrições a fim de permitir que uma firma americana vendesse à refinaria de Plock uma instalação catalítica para a produção de gasolina de alto índice de octana, e autorizaram a Ampex Corporation, com sede na Califórnia, a vender à empresa de televisão polaca equipamento de gravação em fita no valor de um milhão de dólares. Parece, efectivamente, que não existe no bloco soviético um sistema satisfatório para a utilização de fitas, em vez de filmes, na gravação de programas televisivos. A técnica da Ampex evita o trabalhoso processo de corte e colagem do filme e simplificará toda a rede da televisão polaca.

Simbolicamente, a instalação catalítica de origem americana na refinaria de Plock ficará próxima de um modelo soviético inferior. A diferença consistirá no facto de o equipamento americano produzir gasolina de 98 por cento, em comparação com 85 por cento no caso do equipamento russo. Doze técnicos americanos ficarão na refinaria durante dois anos.

Existem argumentos em ambos os lados do debate sobre a lista estratégica. Os que apoiam o Pentágono afirmam que toda e qualquer tecnologia avançada tem aplicação militar e que os embargos custaram aos russos preciosos anos de laboriosa pesquisa.

O argumento contrário é que a tecnologia — particularmente em sectores fundamentais como a electrónica e os computadores — é rapidamente percível e ultrapassada pelo espantoso ritmo de progresso que se verifica nos Estados Unidos. Os rígidos sistemas económicos do bloco soviético mostram-se muitas vezes incapazes de adaptarem mesmo aquilo que adquirem.

Por outro lado, ao imporem restrições à exportação da tecnologia, os Estados Unidos obrigam o bloco soviético a desenvolver a pesquisa e promover os seus próprios sistemas. Os polacos afirmam que estavam prestes a dar um decisivo passo na tecnologia da gravação de programas de televisão quando os Estados Unidos autorizaram, finalmente, a venda pela Ampex. Além disso, a Polónia informou os Estados Unidos de que, de qualquer modo, poderia adquirir o equipamento através doutros canais — embora por um preço três vezes superior.

Estes factos mostram como o actual sistema de embargos está a desmoronar-se.

BOM APETITE



CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

RESTAURANTE

antónio

RUA TOMÁS RIBEIRO, 63 (Junto do Metro)
NÃO TEM SUCURSAIS
ABERTO AOS DOMINGOS

Estalagem "A GRUTA DO RIO"

RIO DE MOURO

Telef. 2980535

(Auto-Estrada para Sintra)

ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E

CABRITO NO CHURRASCO

SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

ESTALAGEM D. SANCHO II

ELVAS — Telef. 127

COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANO-
RÁMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS

NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

TONI DOS BIFES

NÃO TEM
SUCURSAIS

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
ABERTO AOS DOMINGOS

**Restaurante
Mondego**

COZINHA A PORTUGUESA

TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)

TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE

**QUINTA DE
S. VICENTE**

Felheiras de Cima, 144
Telef 790211

JANTARES
DANÇANTES
AOS SABADOS
E DOMINGOS
cl conjunto privativo

Parque privativo

AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR

Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

CASA AFRICANA

1872 — 1972

CENTENÁRIO

A CASA AFRICANA ao comemorar os seus 100 anos felicita o «Diário de Lisboa» pelos seus 51 anos de existência.

A CASA AFRICANA lembra que continua a apresentar hoje como antes, as melhores novidades em Pronto a Vestir para Homem, Senhora e Criança, além das suas secções de:

PANOS PARA LENÇOL
ATOALHADOS
LANIFÍCIOS
SEDAS
ALGODÕES
MALHAS PARA SENHORA
MALHAS
LINGERIE
BIJOUTERIE
PELES
BOUTIQUE DE BEBÉ

Rua Augusta, 157 - 171 — Telef. 324254/65 — PBX — LISBOA

Edifício do Cruzeiro — Telef. 261258 — ESTORIL

Rua Sá da Bandeira, 166 — Telef. 22361 — PORTO

Foi conferida à Direcção-Geral de Previdência e Habitações Económicas a qualidade de órgão delegado do Instituto Nacional de Estatísticas.

Os Governos das Repúblicas do Togo e de Singapura depositaram os seus instrumentos de ratificação de vários Actos concluídos no XVI Congresso Postal Universal, reunido em Tóquio em 1969.

Foram abertos créditos, a inscrever em adicional às tabelas de despesa extraordinária dos orçamentos gerais em vigor das províncias de Cabo Verde (200 000 000\$00) e de Macau (\$100 000,00), para acorrer a determinados encargos.

Por proposta do comandante-chefe das Forças Armadas de Angola, foi conferida, ao alferes miliciano graduado Elísio de Carvalho Figueiredo a medalha de cruz de guerra de 2.ª classe.

em 3 linhas

O dr. João Maria de Lencastre Teixeira da Mota foi nomeado secretário do ministro dos negócios Estrangeiros.

O professor Abílio da Silva Vieira, do quadro do ensino primário de Angola foi promovido a subdirector escolar do quadro comum dos serviços de educação do Ultramar e colocado na mesma província.

Foi nomeado auditor jurídico dos Serviços Geográficos e Cadastrais de Angola e Moçambique, colocado nesta província, o dr. Higinio Rodrigues Valente.

Foi exonerado, a seu pedido e com público louvor, do cargo

de secretário do Secretário de Estado do Comércio, o dr. Mário de Oliveira Quartín Graça.

Está aberto concurso para arrematação da empreitada de fornecimento e assentamento de mobiliário para as escolas do Ciclo Preparatório de Anadia, Aveiro, Agueda, Coimbra, Entroncamento e Seixal.

Foi concedido alvará para funcionamento no Cacém de um estabelecimento de ensino particular-primário elementar, designado «Externato O Choupal».

Está aberto concurso para adjudicação da empreitada da obra de construção do edifício destinado ao Liceu da Maia.

CURSOS DO INII

Organizado pelo INII (Instituto Nacional de Investigação Industrial) decorrerá em Lisboa, de 24 a 27 deste mês, um curso subordinado ao tema «Aspectos operacionais da difusão da Informação na Indústria», com a assistência técnica da OCDE, e orientado pelo inglês John K. L. Thompson.

Também organizados pelo INII, decorrerão, de 29 a 31 de Maio, um seminário sobre o te-

ma «Problemas de políticas e de estratégias de empresas», orientado por P. Tabatoni, e um outro, de 24 a 26 do mesmo mês, sobre «A direcção e os aspectos económicos das indústrias do petróleo, tendo como monitor o dr. Paul H. Frankel.

As informações relacionadas com estes seminários serão prestadas na rua de Buenos Aires, 28, 1.º, Lisboa 2.

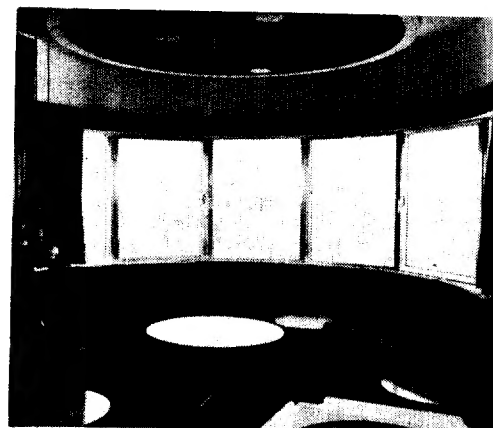
SENSACIONAL

NOVA MODALIDADE

EM J. PIMENTA S.A.L.R.

NA VENDA DE APARTAMENTOS MOBILADOS

Informe-se imediatamente, no seu próprio interesse, das vantagens que lhe oferecemos



25 contos
325 contos
ou outras quantias
podem ser aplicadas em J. Pimenta, S.A.R.L., com elevado rendimento na aquisição, em **COMPRIDADEADE** ou propriedade exclusiva, de apartamentos mobilados em regime de propriedade horizontal.

Em Lisboa (Olivais), junto da Est. C.º de Ferro, Amadora, Reboleira, Paço de Arcos, Cascais (Alto da Pampilheira), Coimbra, Porto e Luanda, as propriedades construídas por J. Pimenta estão indicadas para a aplicação das suas economias.

APARTAMENTOS
MOBILADOS
DESDE
180 CONTOS

Informações nos locais de construção e nos escritórios de

J. PIMENTA, S.A.R.L.

Lisboa — Pr. Marquês de Pombal, 15

• 45843 - 47843

Sede Social — Queluz - Av. António Enes, 25

• 952021 / 2

OS MOÇOS QUEREM CONVERSA POR QUE NÃO?

Terminaram há muito nas rubricas juvenis as tarefas literárias de Joaquim Manuel Magalhães. Longo tempo foi este. As tarefas literárias regressaram agora. Mais uma rubrica a juntar a tantas já existentes. Oxalá venha a ser alguma coisa diferente das que existem. Para bem de todos. De literatices está o inferno cheio.

Jovens são todos os intervenientes. «Aquilo» ainda não está bem seguro. Os nervos, claro. Às vezes surge a impressão de que estão a brincar às televisões. Uns atropelos, umas saídas falsas, uns sorrisos cúmplices. Deixem lá, malta. Os outros não fazem melhor. O ridículo deles chama-se solenidade. Defendam-se disso, defendam-se disso!

Manuela Fazenda e José Luís Maia são os apresentadores. Função espinhosa, porque mais burocrática. Fingir a naturalidade vai ser, a partir de agora, a grande aventura dos dois. A menos que se decidam a ser naturais mesmo. Experimentem. Às vezes resulta.

Ao serviço da leitura estiveram Luís Lucas e Isabel Rocheta. Esta muito preocupada em dizer bem as palavras. Com razão. Quando se trata de Ruy Belo, o poeta da palavra rigorosa, acordado no momento exacto em que devia acordar, a preocupação de Isabel Rocheta está perfeitamente justificada. As palavras, no entanto, têm uma força que se chama ritmo. Isabel ainda não chegou a esse estar dentro dos versos. Resultou daí uma monotonia o que não está de acordo com os poemas de Ruy Belo: severas, são; monótonos, não.

Mais próximo deste segredo está Luís Lucas. Procurou navegar com segurança na sinuosidade (na luminosidade) das palavras de Eugénio de Andrade. Por isso as palavras não se perderam.

À rubrica, «Conversando» de sua graça, propõe-se dialogar com os telespectadores. Promete organizar concursos. Pede a malta que lhes escreva e lhes diga o que quer. Diga — e eles atenderão. E preciso que todos colaborem.

Verifica-se um excesso de solicitações desta índole na televisão portuguesa. Vem o Poppe e diz que aquilo é de todos, escrevam a dizer o que querem, é só dizer, é só pedir por boca. Vem o deputado Correia da Cunha, na rubrica nova de sua responsabilidade «Há só uma terra, e diz-nos que se trata de «um programa de carácter informativo que procura consciencializar os espectadores para as grandes agressões que actualmente todos nós sofremos e levam os Governos de quase todo o mundo a reunir-se em Estocolmo...» etc. etc. Acaba-se com a inevitável referência ao diálogo que deseja entabular...

Ótimo, ótimo. Vamos lá dialogar. Vamos dialogar com Poppe, com Correia da Cunha, com os moços de «Conversando». Vamos a isso.



SERVIR ALMADA NEGREIROS OU SERVIR-SE DE?

1 - Almada Negreiros (José) faria hoje 79 anos. Bonita idade. Parabéns, onde quer que estejas. Fazer anos é uma coisa boa quando já não nos servem de empecilho. Quando eras vivo, José (a propósito: nunca ninguém te chamou Zé?) quando estavas vivo ouvi eu muitas vezes chamarem-te Mestre Almada Negreiros. E tu não protestavas, nem nada. Talvez então já começassem a estar um pouco velho.

José de Almada Negreiros faria, perdão, faz hoje 79 anos. A televisão deu-lhe como prenda a teatralização de «Pierrot e Arlequim, personagens de Teatro». Jorge Listopad encarregou-se da asneira e para isso chamou-lhe teatro de ensaio porque o «teatro de ensaio» tem as costas largas: parte-se do princípio de que, como ensaio, tudo é legítimo. Ninguém deve impedir ninguém de ensaiar porque no constante ensaiar é que está o segredo. Da ciência. Da arte. Da vida.

2 - Não vamos agora dizer que «Pierrot e Arlequim» e mais o seu comentário não são obra para televisão. Não se sabe ainda o que é e o que não é para televisão. Podemos dizer até que o texto de Almada Negreiros encontra possivelmente na televisão mais do que no palco, razões para vir ao nosso encontro pois a leitura em casa encontra mais ambiente, do que numa sala pública, incómoda e barulhenta, com as palavras a jogar às escondidas com a tosse, o espirro, o catarro, o bolo de arroz e o amendoim. Simplesmente: o ideal para o texto o seu melhor palco é a folha do livro.

O tratamento que lhe deu Jorge Listopad foi servido, de onde em onde, com inteligência. Colocar na boca dos palhaços algumas frases de Almada, foi um achado e está perfeitamente de acordo com a função ideal que o autor atribuiria aos palhaços. O mesmo se dirá ao longo dos longos intermédios lá mesmo onde Jorge Listopad fugiu às indicações de Almada Negreiros e colaborou com a sua própria imaginação.

Fundamentalmente a ineficácia de «Pierrot e Arlequim», no que respeita à possibilidade de conquistar a adesão de público telespectador, resultou de um equívoco. Listopad tomou demasiadamente a letra as palavras de Almada Negreiros segundo as quais «não é apenas a arte dramática que pode ser considerada como teatro». Ou: «Estimando a origem desta palavra, ficamos sabendo que toda a arte ou qualquer outra linguagem que passa do particular ao geral faz imediatamente teatro.»

Listopad estava assim, aparentemente autorizado pelo próprio, a fazer teatro do texto. Foi tão longe na aventura que pôs no palco aquilo que era apenas a indicação de estar no palco. Arlequim movimentava-se no «palco» acompanhado, em off, das palavras com as quais Almada definia essa definição. Listopad esqueça-se de outras palavras de Almada Negreiros escritas noutra ocasião: «Perguntaram-me se tinha modo meu para julgar teatro. Respondi que sim: tapo os ouvidos e se no fim do espectáculo fico a saber contar a história, bate certo».



Por MARIO CASTRIM

3 - Se o equívoco pertenceu a Listopad, o paradoxo (mais um...) coube a Almada: se tapássemos os ouvidos, nada compreenderíamos - e mesmo

assim, sabe Deus... Ao incluir os «comentários» na representação Listopad puxou demasiada pela corda da atenção do público porque puxou demasia-

do pela capacidade de Glicínia Quartin. Aproxima-se da crueldade, abeira-se da incoscência obrigar um actor a empinar (sabe-se lá em que condições de trabalho...) catorze páginas de um texto cerrado, confuso, baladeiro, blá-blá, com débeis (e por vezes infelizes) pontos de apoio. Para além das inevitáveis quebras de ritmo da fadiga, dos enganos — aconteceram as inevitáveis falhas no interior do próprio texto. Se se julgasse conveniente «dramatizar» o comentário, outros processos deveriam ser procurados que defendessem simultaneamente o texto e a actriz. A imobilidade,

o despejar torrencial de palavras, transformaram a presença de Glicínia Quartin em algo de penoso.

Por outro lado, o realizador procedeu a uma acumulação de materiais e de pormenores de tal modo que acabaram por se anular por se perder, por se desobrigar de todo o significado. A capacidade da televisão é grande - e disso pareceu Listopad não se lembrar; o écran do televisor é pequeno - e disso pareceu Listopad esquecer-se.

4-E lembrar-se a gente que José Almada Negreiros tem uma peça chamada «Preciosa-se mulher...»

Há longos anos que os 'DS' vêm nascer e morrer os outros carros

Desde que foi criado o DS, não houve um único construtor de automóveis que não tivesse ficado obcecado pelo seu sucesso. Tudo foi experimentado na esperança de reproduzir qualquer coisa que pudesse assemelhar-se a esta aventura única na história do automóvel. E olhando para todos os modelos que nasceram e morreram desde que o DS existe, cada um pergunta a si próprio como pode esta viatura viver tão serena simultaneamente no tempo e para além do tempo.

CARACTERÍSTICAS COMUNS A TODOS OS "DS"

Tracção dianteira; direcção assistida; distribuidor de travagem agindo em função da carga e localização da mesma; 2 circuitos independentes de travagem, discos à frente e tambores atrás, servo-freio; suspensão hidropneumática, 4 rodas independentes; correctores de posição assegurando uma altura constante do carro ao solo, qualquer que seja a carga, o que oferece, na estrada, um comportamento inalterável. Possibilidade de reboque: 1800 kg; volante acolchoado, conta-rotações, visor central de segurança, velocímetro com indicação das distâncias de travagem, luz avisadora do desgaste das placas dos travões; bloqueio automática das portas traseiras (protecção para crianças); faróis de iodo, comando direccional dos faróis auxiliares; banco do condutor regulável em afastamento e altura (9 posições) e bancos da frente fazendo cama;

vidro traseiro desembaciado electricamente; aerodinamismo perfeito; sistema anti-roubo de série.

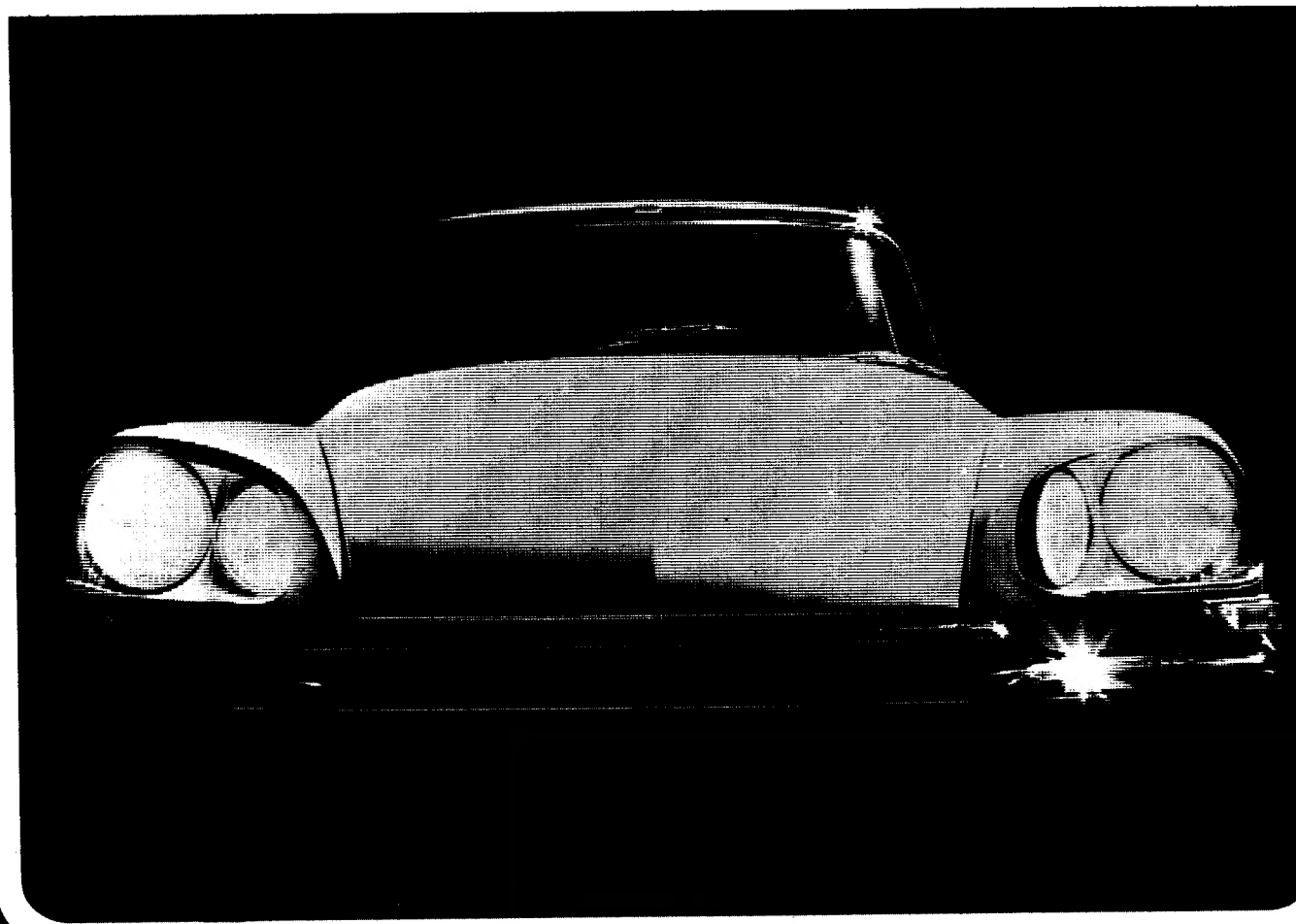
UMA GAMA "D" EXCLUSIVA PARA PORTUGAL

DSPECIAL S — Diversos melhoramentos permitiram elevar a potência do DSspecial que na versão "S" dispõe agora de 98 HP S. A. E. Esta versão beneficia de todo o conforto Citroën. Mais de 160 km/h. Um carro "fora de série" ao preço dos carros vulgares.

DS 20 — Dispõe da versão de 108 HP S. A. E. do motor de 1985 c. c. alimentado por um carburador invertido de duplo corpo Weber (ou Solex). Caixa de 5 velocidades sincronizadas. Velocidade máxima: 169 km/h. Luxuosos acabamentos interiores, tipo "Pallas" em Jersey ou Coiro, faróis de marcha atrás, bancos da frente reguláveis em altura (9 posições) e todo o restante conforto Citroën.

DS 21 INIECÇÃO ELECTRONICA — É equipado com o famoso motor de 2175 c. c. que debita 139 HP S. A. E. Caixa de 5 velocidades sincronizadas. Conforto e acabamentos impecáveis tanto na versão normal como na luxuosa versão "Pallas". Atinge os 190 km/h. Prémio de segurança dois anos consecutivos.

Experimente-os e ficará assustado com a ideia de conduzir outro carro



CITROËN ^ DS

Acampamento da Primavera

Iniciando as suas actividades de ar livre para o corrente ano, o Clube de Campismo de Lisboa promove nos dias 15 e 16, no parque de Almornos, o tradi-

cional Acampamento de Primavera, para o qual foi elaborado variado programa, que inclui a eleição de «Miss Camping» e um «fogo de campo».

WILD LIFE: Simplicidade intencional

Após a dissolução dos «Beatles», longamente anunciada mas quase sempre desmentida, cada um dos elementos do grupo decidiu trabalhar por conta própria, fazendo a música que até então não pudera ser feita. Curiosamente George Harrison, um dos elementos menos em evidência na formação, até porque compunha pouco, começou a ganhar um destaque assinalável com uma série de títulos colocados em cheio no top. Lennon, por seu turno, sempre acompanhado pela japonesa Yoko, também não se desligou da sua actividade, continuando a compor temas de qualidade por vezes muito discutível. Uma coisa, porém é certa no seu caso:

mais produtivo que Harrison, Paul começou, pouco tempo depois da dissolução do grupo, a cantar e a gravar com sua mulher, Linda. Marginalmente, Paul movia um pesado processo à Apple por desrespeito de direitos autorais.

Apercebendo-se provavelmente da insuficiência da sua música quando praticada a duo e das fragilidades do seu repertório mais recente, Paul decidiu constituir um grupo próprio, o qual passou a chamar-se «Wings». Compõem-no: Denny Laine (viola solo), Linda (piano e voz), Paul McCartney (baixo) e Denny Seivell (bateria). A este excelente bloco instrumental juntou-se recentemente um dos melhores guitar-

senta. Portanto: um retorno cheio de prudência. Tudo nos leva aliás a crer que a simplicidade do disco é deliberada: Paul sabe (ou devia saber) como poucos o que está a fazer. Nisso devemos estar de acordo.

Na posse de todos os recursos vocais que fizeram dele um dos melhores cantores de Inglaterra, o ex-beatle, dá com este álbum uma prova cabal do seu talento. Sem o «génio» do período aureo dos «Beatles» «Wild Life» é, voltamos a dizê-lo, um disco a ouvir.

Compõem-no oito títulos, que levam na sua quase totalidade a dupla assinatura do casal McCartney. O disco tem selo «Apple» e foi inteiramente produzido por Paul e Linda. Na contracapa Clint Harrison conta-nos que «Wild Life» foi feito em tempo quase record, com um reduzido período de ensaios.

OS TEMAS

«Mumbo» — Composto por Paul e Linda, possui um apreciável balanço «rock». A vocalização (talvez até deliberadamente) recorda por momentos o figurino característico de Little Richard. O fim da canção é um verdadeiro delírio vocal.

«Bip-Bop» — vale essencialmente pelo excelente exercício vocal de Paul que nos chega a surpreender com um novo timbre de voz. «Love Is Strange» — é uma das mais interessantes faixas do disco. Trata-se de um velho tema dos «Everly Brothers» que aqui nos surge inteligentemente recuperado.

«Wild Life» — Dá o título ao disco e foi composto por Paul e por Linda. É, pela violência da interpretação, uma apologia da liberdade, do movimento e do ar livre.

FACE B — «Some People Never Know» — Vale principalmente pela parte de viola executada com grande apuro e gosto.

«I Am Your Singer» — Embalado e rotulado como «canção de amor», este tema recorda-nos por momentos frases de «Foll On The Hill», o que não deixa de ser curioso.

«Tomorrow» — É um dos bons momentos do disco: tem muito a ver com os «Beatles» dos velhos tempos.

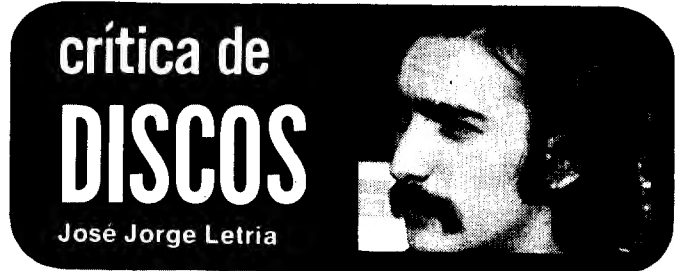
«Dear Friend» — Este tema surge-nos visivelmente comprometido pelo «dramatismo» inútil de Paul.

ristas britânicos do momento. Recordamos, entretanto, que Denny Laine, foi quase na pré-história do «rock», um dos fundadores dos (então) magníficos «Moody Blues» de «Boulevard de la Madelaine» e de «This is my Life».

Com o seu novo grupo, McCartney fez o álbum «Wild Life», que está já em circulação no mercado nacional. Para além deste trabalho, Paul compôs «Give Ireland Back to the Irish» o qual em virtude da apologia feita à autodeterminação irlandesa ganha um cunho marcadamente político, que as autoridades britânicas se apressaram a assinalar proibindo a sua passagem na B.B.C.

WILD LIFE

Atacado de forma por vezes impiedosa pela crítica musical francesa e britânica, este álbum, de uma grande simplicidade e clareza de processos, não envergonha, quanto a nós, o famoso elemento dos «Beatles». Feito e pensado com grande frescura e naturalidade, «Wild Life» tem, apesar da muito a ver com os padrões melódicos da década de ses-



crítica de DISCOS

José Jorge Letria

bem ou mal, de canção para canção, foram-se manifestando determinados compromissos de carácter social que o levaram por exemplo a compor «A Working Class Hero» e a participar em processos reivindicativos, quer nos Estados Unidos quer na Grã-Bretanha, já que a sua vida se encontra agora distribuída entre estes dois países.

Enquanto isso, Ringo Star, muito mais discreto e reservado, e de certo modo mais empenhado no cinema do que na música, fazia esporadicamente um LP com uma razoável dose de «fifas». E assim, por exclusão de partes chegamos a Paul McCartney:

GRUPO PRÓPRIO

Tão activo como Lennon e

Isabel da Nóbrega na «Opinião»

No próximo sábado, a partir das 16 horas, a escritora Isabel da Nóbrega, nossa prezada colaboradora, estará na Livraria Opinião para assinar o seu livro «Viver com os Outros», publicado em terceira edição pela Prelo Editora.

O concurso de Fado no Mercado da Primavera

No intuito de descobrir novos valores para a chamada «canção nacional», a Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos vai promover pela terceira vez, um Concurso de Fado, entre Amadores.

Para o efeito foram instituídos cinco prémios pecuniários sendo quatro de igual valor, destinados a distinguir o vencedor de cada uma das séries em que se irão agrupar os concorrentes de ambos os sexos. O quinto prémio a atribuir-

consoante o número de concorrentes inscritos.

A classificação dos concorrentes será feita pelo público (mediante boletins de voto distribuídos quando da aquisição de bilhetes de ingresso), havendo no entanto um júri que acompanhará o andamento do concurso e ao qual assiste o direito de intervenção e desempate.

Das deliberações do Júri não há recurso.

Esta a notícia posta a circular. Dela partimos directamente

ao nível das finais, até merecem a atenção de editoras e portanto beneficiam de uma promoção que pode levá-los até a uma eventual e futura carreira profissional. Quem sabe?

E afluí muita gente ao concurso?

«O número de concorrentes tem crescido de ano para ano. O ano passado este número cifrou-se em algumas centenas, com predomínio de inscrições masculinas. Em relação ao primeiro ano, houve, portanto, um acréscimo na ordem das centenas. Uma grande maioria são da periferia de Lisboa, embora acorram de todos os lados e até do Porto e Norte do País.»

Quem foi o vencedor absoluto do ano passado?

Ao cabo de onze eliminatórias, finalmente apurou-se o concorrente Júlio Domingos Filipe. Neste último concurso os concorrentes foram agrupados em quatro séries de A a D, (sendo esta última, feminina) consoante sorteio. Os vencedores de cada uma das séries têm, automaticamente, um prémio pecuniário. Depois, há uma finalíssima disputada pelos 4 finalistas dos respectivos grupos e portanto o grande prémio resulta desse quadro de 3 homens e 1 mulher.»

E este concurso tem despertado qualquer movimento de simpatia por parte de organizações particulares?

«Desde o início deste concurso que as casas típicas de fado aderem à iniciativa, colaborando de vários modos conosco, fornecendo artistas ou empresários para o júri e oferecendo taças, convites para jantares, actuações e até contratos das casas que representam, isto quanto aos vencedores.»

«As eliminatórias decorrem na «Feira dos Petiscos», dentro do Mercado da Primavera, local onde também se decide a finalíssima. Esta finalíssima conta com a presença do dr. Caetano de Carvalho, Director Geral da Cultura Popular e Espectáculos e do Eng.º Alvaro Roquette, Director Geral do Turismo.»

«Os prémios pecuniários são um estímulo. 5 prémios entre séries e vencedor absoluto. A Taça Mercado da Primavera é só para o vencedor da finalíssima, isto além, é claro, das outras taças particulares que possam eventualmente ser oferecidas ou atribuídas.»

«Aqueles que ficaram para trás, possuindo real qualidade, podem ser beneficiados com taças por nós distribuídas, para lá dos próprios preceitos do regulamento. Tudo depende do número de concorrentes e da qualidade dos mesmos.»

«Os dias das eliminatórias efectuam-se todas as segundas, terças e quintas-feiras.»

RUBINSTEIN EM LISBOA

Realiza-se amanhã, no Coliseu dos Recreios, o anunciado recital que o pianista Arthur Rubinstein vem fazer a Portugal. Destina-se o concerto aos sócios da Juventude Musical Portuguesa e aos membros da Sociedade de Concertos de Lisboa. O programa, que se iniciará cerca das 21 e 30, é composto pelas seguintes obras: «Dois Improvisos», op. 90, de Schubert, Sonata op. 5 em fá menor; de Brahms, «Scherzo» em dó sustenido op. 39, Barcarola, op. 60, Chopin e a Rapsódia n.º 12 de Liszt.



Raul Durão: «Os prémios pecuniários são um estímulo»

buir ao vencedor absoluto, constará além de uma quantia em dinheiro, de uma taça com a inscrição «Mercado Primavera, 1972».

Os interessados, devidamente munidos de uma fotografia tipo passe, deverão inscrever-se até ao dia 18 do corrente mês de Abril, no serviço de Festivais, Palácio Foz, Restauradores, das 10 às 12 e das 15 às 17 e 30 horas.

O concurso decorre no âmbito do Mercado da Primavera, iniciando-se no dia 22 de Abril, com a apresentação dos concorrentes.

As provas serão prestadas em dias e horas a determinar,

te para o organizador deste certame, o conhecido locutor Raul Durão elemento afecto ao Serviço de Festivais da SEIT, para sabermos mais pormenores.

«É a terceira vez consecutiva que se realiza este concurso. A 1.ª foi em 1970. Esse primeiro ano constituiu uma experiência que teve uma dupla finalidade, não só atendendo aos interesses do Mercado da Primavera e sua valorização para aqueles que o visitam, mas também quanto à promoção de todos aqueles que se interessam pelo facto de terem uma oportunidade de se revelarem. E quando chegarem

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO
VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

4.ª MES
Hoje, «matinée» às 16 h. Noite, às 21 h. e às 23 h.
Amanhã, às 21 h. e às 23 h.

Tartufo

RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEIRO
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de «Dorina»

DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES

VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
8.ª MES

Empresta-me o Teu
Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO

6.ª FEIRAS e SÁBADOS
2 SESSÕES — 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 844756

VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
6.ª MES

Quem tem medo
de Virginia Woolf?

Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUIS MATA

Encenação de JOAO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo
Fundo de Teatro

50 % de desconto aos estudantes
beneficiário da Fundação Gulbenkian
ÚLTIMOS DIAS

TEATRO
CAPITOLIO
TEL 327493

GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA
POPULAR

ORA BOLA P'RO' PAGODE!

com
JOSE VIANA — LIGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA, LEAL

A atracção nacional
CIDALIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA —
EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES

GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS À TARDE
às 16 HORAS

3.ª Feiras, descanso da companhia

No número de Abril
do magazine
VIDA
(à venda nas tabacarias
12\$50)

Quais os criminosos mais temíveis? • A tragédia da emigração • Igreja e música moderna • Argentina de ontem e de hoje • Pilula anti-concepcional para homens • Para evitar a cegueira • Dieta e gripe • Charlatães e curandeiros • O IX festival da «Cantiga», etc., etc.

Numerosas gravuras a preto e cores, tudo a off-set.

Para assinaturas e pedidos de espécimes de números anteriores. Av. Oscar Monteiro Torres, 45-1. — LISBOA-1.

Paris visto em 16 milímetros

TÍTULO: PARIS VISTO POR...
(Paris Vu Par...)

1. SAINT-GERMAIN-DES-PRÉS

REALIZAÇÃO: Jean Douchet

INTERPRETES: Barbara Wilkind, Jean-François Chappey, Jean Pierre Andreani;

2. ÉTOILE

REALIZAÇÃO: Erich Rohmer

INTERPRETES: Jean-Michel Rouzière, Marcel Gallon;

3. GARE DU NORT

REALIZAÇÃO: Jean Rouch

INTERPRETES: Nadine Ballot, Barbet Schroeder, Gilles Quéant;

4. MONT-PARNASSE ET LE-VALLOIS

REALIZAÇÃO: Jean Luc Godard

INTERPRETES: Joanna Shimkus, Philippe Hiquily, Serge Davri;

5. LA MUETTE

REALIZAÇÃO: Claude Chabrol

INTERPRETES: Stephane Audran, Gilles Chusseau, Claude Chabrol;

6. SAINT-DENIS

REALIZAÇÃO: Jean-Daniel Pollet

INTERPRETES: Micheline Dax, Claude Melki.

França, 1965.

DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castello Lopes.

ESTREIA: Cinema Satélite

(4-4-1972)

Filmado em 16 milímetros, a

cores, **Paris Visto Por...** agrupa

os nomes de seis realizadores

ligados à renovação do cinema

francês na década de 60.

Jean-Luc Godard, Claude Chabrol,

Jean-Daniel Pollet, Erich Rohmer e Jean Douchet uni-

ram-se para filmarem peque-

nas histórias que a designação

Paris Visto Por... deixaria fácil-

mente englobar numa mesma

obra, arquitectada como filme

em episódios. O resultado não

ultrapassa a despretenhosida-

de dos propósitos, reconhecen-

do-se unicamente como auto-

res verdadeiramente importan-

tes Jean Rouch e Claude Cha-

brool que conseguem, num pe-

queno quarto de hora, definir

um ambiente, sobrando-lhes

ainda tempo para penetrar nas

figuras, criticando e demolindo

sistemas. Mais superficiais,

mas ainda assim não destitu-

ídos de interesse, são os

sketches de Jean-Luc Godard

e Jean-Daniel Pollet, sobretudo

o deste último que vive básica-

mente do humor e do compor-

tamento de duas figuras encer-

radas entre quatro paredes.

Sem qualquer densidade huma-

na ou cinematográfica, as res-

tantes duas anedotas que tra-

zem as assinaturas de Jean

Douchet e Erich Rohmer.

A importância de **Paris Visto**

Por... é, porém, muito grande,

visto que, historicamente, foi

dos primeiros filmes que pre-

tenderam romper com o circui-

to viciado da produção cinema-

tográfica de estatuto comer-

cial. Recusando os 35 milime-

tros e optando por um formato

reduzido, os seis realizadores

que aqui nos surgem rompem

abertamente com o sistema de

exploração cinematográfica

dominante em França (e em to-

do o mundo) na época (1965)

e ainda hoje. Essa ruptura é

particularmente importante pa-

ra cinematografias pobres que

vêm nos 16 milímetros um ca-

minho possível para uma pro-

dução não necessariamente

deficitária. **Paris Visto Por...**



abriu um caminho, ou pelo me-
nos reavivou uma esperança,
depois retomada em vários
países, como a Suíça, a Bélgi-
ca, a Espanha, os EUA, ou até
Portugal. Só por isto o seu lu-
gar na história do cinema será
recordado.

Resumindo: pelo seu lado
histórico, pelo tom espontâneo
e directo de uma realidade co-
lhida sem artifícios, pelos dois
episódios de Jean Rouch e
Claude Chabrol, **Paris Visto**
Por... é um filme que vale a

pena ver. Lamenta-se, todavia,
que isso só seja possível sete
anos depois de estreado em
França. E não acreditamos que
a demora tenha sido causada
por qualquer censura...

Importará referir que a cópia
apresentada se encontra em
péssimas condições e nem tu-
do se deverá à ampliação dos
16 para os 35 milímetros. Para
além do processo, ainda em
fase experimental, fica a in-
cúria de alguém.

Reposições Bíblicas (e outras...)

TÍTULO: OS DEZ MANDAMEN-

TOS (The Ten Commandments)

REALIZAÇÃO: Cecil B. de Mil-

le, (EUA)

INTERPRETES: Charlton Hes-

ton, Yul Brynner, Anne Ba-

ter, Edward G. Robinson, Debra

Paget, John Derek, Vincent Pri-

ce, etc..

DISTRIBUIÇÃO: Filmes Luso-

mondo

ESTREIA: Cinema Berna

a931-3-1972)

TÍTULO: 55 DIAS EM PE-

QUIM (55 Days at Peking)

REALIZAÇÃO: Nicholas Ray,

1963 (EUA)

INTERPRETES: Charlton Hes-

ton, Ava Gardner, David Niven,

Flora Robson, John Ireland,

Harry Andrews, Paul Lukas,

etc..

DISTRIBUIÇÃO: Filmes Luso-

mondo

ESTREIA: Cinema Mundial

(31-3-1972)

TÍTULO: PEDRO, O PESCA-

DOR (The Big Fisherman)

REALIZAÇÃO: Frank Borzage,

1961 (EUA)

INTERPRETES: Howard Kell,

Susan Kohner, John Saxon,

Martha Hyer, Herbert Lom,

Frank Borzage, etc..

DISTRIBUIÇÃO: Sif

ESTREIA: Cinema Eden

(31-3-1972)

A quadra festiva fez regres-

sar os ecrãs de Lisboa meia

dúzia de filmes antigos sobre-

tudo de inspiração religiosa e

monumental. A vida de Cristo,

o seu tempo, os casos históri-

cos (ou não) que constituem

a lenda, de tudo isso houve,

com a reposição de **Os Dez**

Mandamentos, Pedro, o Pesca-

dor, A Maior História Jamais

Contada (S. Jorge), A Vida de

Cristo (Coliseu), etc.. Ao lado

destas reposições e, para além

de **O Ladrão de Bagdad** (de

que já aqui falamos) houve ain-

da o regresso de **55 Dias em**

Pequim, outra superprodução

mastodôntica que nada, nem

ninguém, recomendava.

A recente reposição destas

obras levanta de novo o proble-

ma da legitimidade do reapre-

cimento de certos filmes inca-

cterísticos, enquanto tantos

e tantos filmes de inequívoco

interesse histórico, sociológico

ou cultural permanecem igno-

rados ou esquecidos. Mas, en-

fim, isso é uma outra história

e os distribuidores fundamen-

tam a legitimidade destes re-

gressos no facto do público

ainda ocorrer à sua passagem.

Dos três exemplos agora em

causa, será possivelmente **Os**

Dez Mandamentos aquele que

maior justificação encontra pa-

ra uma revisão crítica. Cecil B.

de Mille, para além de toda

a sua inteligência cultural, era

um cineasta com certa intuição

e uma ingenuidade notável. **Os**

Dez Mandamentos, a meio ca-

minho entre o milagre e a blas-

fémia é um exemplo curioso

do que pode o cinema em ma-

téria de espectáculo. Em com-

pensação, **Pedro, o Pescador**,

de Frank Borzage (e não de

Howard Estabrook e Rowland

V. Lee como a publicidade

anunciava), é um filme do

período senil de um homem

que nos anos quarenta havia

realizado filmes importantes.

Quanto a **55 Dias em Pe-**

quim, de Nicholas Ray, é uma

película perfeitamente des-

truída pela intervenção ditato-

rial de um produtor (Samuel

Bronston) que, com estas e ou-

tras, arruinou completamente

a sua carreira. A revolta dos Bo-

xers e a reacção dos embaixa-

dores estrangeiros em Pequim,

essa parecia ser a direcção es-

colhida por Ray. Mas os produ-

tores cedo optaram pelo cami-

nho da falsa monumentalidade

e a fita, ao que consta termina-

da por outros oficiais do mesmo

ofício de Nicholas, espalhou-se

ao comprido.

No tocante a reposições não

são famosos os tempos. Volte-

mos-nos, portanto, para o que

de novo e interessante ainda

existe entre nós.

Concerto de câmara na Gulbenkian

No edifício do Museu Gulbenkian, realiza-se no dia 9, às 12 horas, o 4.º concerto de música de câmara integrado no novo ciclo das suas actividades culturais, com o seguinte programa: «Duo Op. 27, n.º 1, em dó maior», para clarinete e fagote e «Duo Op. 27, n.º 3, em si bemol maior» para clarinete e fagote, ambas de Beethoven, pelos artistas Artur Moreira (clarinete) e Álvaro Machado (fagote); e «Quarteto Op. 96 em fá maior «Americano» de Dvorak, pelos artistas Gligino Maestri (violino), Ilídio Gomes (violino), Antonieta Maestri (viola) e John Sharp (violoncelo). A entrada é livre.

LATINA



GATÃO

um vinho verde
de alta qualidade



ASSEMBLEIA DO BANCO FONSECAS & BURNAY

Presidida pelo eng. José Frederico Ulrich, reuniu-se a assembleia geral ordinária do Banco Fonseca & Burnay, para apreciação do relatório e contas da gerência do ano findo e eleição da comissão prevista no artigo 16.º dos estatutos.

Iniciados os trabalhos, o dr. José Gonçalo Correia d'Oliveira, proferiu uma exposição na qual, dada a «acentuada dependência da economia portuguesa face ao mercado internacional», começou por analisar o clima em que se vêm processando as relações económicas e financeiras internacionais, referindo-se, depois, à conjuntura interna e seus aspectos mais revelantes.

Disse, nomeadamente, a certa altura:

«Se nos preocupa a fragilidade do conjunto económico unitário português, nem vale a pena considerar o que sucederia se, contra os ventos ciclónicos que varrem os mercados externos, oferecéssemos, dividida, a força de cada uma das regiões integrantes da Nação, mesmo a força isolada do território europeu.

Acresce que por satisfatórios que venham a ser os resultados finais da difícil negociação em curso com o Mercado Comum, o enquadramento de Portugal na nova fase da organização europeia, seja ele qual for, não poderá deixar de constituir mais um argumento a impor ritmo acelerado ao processo de integração do espaço português - a única via capaz de nos levar a uma dimensão do mercado interno, válida como suporte de crescimento económico e social de todos e de cada um dos territórios».

MERCADO MONETÁRIO

Passando mais adiante, à análise da conjuntura interna,

o dr. Correia d'Oliveira afirmou que persistiram, em 1971, as tendências inflacionárias que, «com vincos anunciadores de perturbação grande, marcam a face da economia do mundo», tendo depois referido os aspectos mais salientes da situação.

Disse em certo passo:

«A acumulação das disponibilidades líquidas do Banco Central, em ouro e divisas, não foi contrariada por contracção do crédito e situa-se na origem do aumento considerável de recursos confiados aos institutos bancários, particularmente sob a forma de depósitos a prazo.

Para este aumento, as regiões fulcro dos mais fortes movimentos emigratórios podem afirmar ter dado contributo superior à média. Por seu turno e a par dos demais institutos de crédito, a banca comercial, dinâmica e persistente, poderá orgulhar-se de ter conseguido dominar hábitos de entesouramento. tão enraizados nessas regiões, como, nelas, é superficial e débil a propensão para investir.

Da análise deste estado de

coisas, mais uma vez ressaltam, evidentes, duas tendências de grande significado para qualquer reajustamento da política de crédito: a poupança líquida afluente a todos os estabelecimentos de crédito determinando-se por um conjunto de factores que não só a remuneração; o depósito a prazo continua a ser o mais utilizado veículo de transporte desses recursos financeiros para o campo de crédito».

O orador focou outros aspectos, nomeadamente os relacionados com a política de crédito, o ajustamento das taxas, a evolução do mercado financeiro, a Bolsa, os pagamentos interterritoriais e a contenção dos gastos. Disse a terminar:

«A unidade do espaço português e a unidade da zona monetária do escudo são dois pontos fixos, de partida e de chegada, para quem, em nome da única garantia interna e internacional dos interesses de cada um dos territórios, anda a continuar Portugal».

Sobre a exposição do dr. Corrêa d'Oliveira falou elogiosamente, o prof. Adelino da Palma Carlos.

Lisboa na Imprensa brasileira

RIO DE JANEIRO, 7 — (ANI) — Lisboa foi escolhida para a primeira página do «caderno de turismo» do «jornal do Brasil».

Um trabalho de Ely Azeredo e Maria Helena Viana, mostra cinco fotos de Lisboa: o centro com vista da Praça dos Restauradores, a Ponte Salazar, uma rua de Alfama, «testemunho da Lisboa antiga» do Beco do Pocinho, o imponente Mosteiro dos Jerónimos e a Estátua de D. José.

A reportagem é, todo um

cântico a Lisboa e aos lisboetas, e ensina aos brasileiros várias coisas que podem ser úteis em visita à capital portuguesa, «onde a condução é fácil», os restaurantes e hotéis são recomendados, há endereços de várias casas de especialidade e um pequeno «dicionário» de palavras e termos, como se usam em Lisboa e no Rio de Janeiro. Tais como: autocarro que aqui é onibus, bica, que é cafésinho; demassa (troco), ementa (cardápio), gelado (sorvete), montra (vitrina), prego (sanduiche de carne) e outras mais.



COM BOAS
ADUBAÇÕES
EVITAM-SE
PREOCUPAÇÕES



VIVERÁ MAIS TRANQUÍLO
ADUBANDO COM

SULFATO DE AMÔNIO

A.P./21



motocomeçou A PUBLICAR
A ORIGINAL SÉRIE
«GRAND PRIX»:
OS «BÓLIDOS»
DA FÓRMULA 1
REPRODUZIDOS
A QUATRO CORES
EM GRANDE FORMATO
COM OS DADOS TÉCNICOS,
PILOTOS E PALMARÉS.



O BENFICA TEM MÃ INSTALAÇÃO SONORA

A Portuguesa está sendo transmitida em muito más condições no Estádio da Luz o que é verdadeiramente «de lamentar» segundo as palavras do nosso leitor Juvenal Garcia. Com efeito, parece que a instalação sonora do território benfiquista é muito deficiente ou o disco já deu as voltas que tinha a dar. Talvez que a presente «campanha» holandesa proporcione ao Benfica dinheiro suficiente para se equipar sonoramente. Talvez até que a televisão para gáudio de milhões pudesse dar uma ajuda no próximo dia 19. Mas passemos a palavra ao nosso leitor:

«Certamente aqueles que assistiram ao jogo de futebol realizado no Campo do Sport Lisboa e Benfica entre as equipas de Chipre e Portugal e que tenham o mínimo de amor Pátrio ficaram entretidos como eu e como muitos dos que seguiram pela TV ao espectáculo.

«Não se trata do futebol em si. Antes o fosse. Trata-se, sim, de uma representação mais séria: o Hino Nacional! Tomaram atenção? Que tristeza de gravação! Teriam os direitos compreendido o nosso Hino? Eu não. Teria a mesma representação julgada ser alguma canção do festival da TV?

«Pois se estava presente a Banda de Música da P.S.P., porque não executou este bom agrupamento artístico (se era de executar) a maravilhosa Portuguesa? Sempre o tocava

sem comparação alguma muito melhor do que se ouviu e daria até mais calor ao reduzido público presente. E é de perguntar: se o S.L.B., tem tantos milhares de contos para dar aos jogadores não angariará umas dezenas para adquirir uma aparelhagem sonora de forma a que semelhante «Cena Triste» se não repita? Espera afirmativamente o simpatizante benfiquista.»

ALMIRANTE AMERICANO EM LISBOA

Esteve em Lisboa o almirante Horácio Rivero, da Armada dos Estados Unidos e comandante das Forças Aliadas do Sul da Europa, que foi recebido no Comando da Área Ibero-Atlântica, em Oeiras, pelo contra-almirante Eugene B. Fluckey e pelo comodoro Décio Braga da Silva, respectivamente comandante e comandante-adjunto do IBERLANT.

O almirante Rivero combateu, no Pacífico, durante a guerra de 1939-45, tomou parte nas campanhas de Iwo Jima e Okinawa e serviu em vários navios, em lugares de chefia, no Hawai e no Ministério da Marinha, em Washington.

Condecorações brasileiras

O embaixador do Brasil após esta manhã ao dr. Baltazar Rebelo de Sousa, ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência, e ao eng. Eduardo Arantes e Oliveira, antigo titular da pasta das Obras Públicas, as insígnias da Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul e do Ordem do Rio-Branco, respectivamente.

LAGOTAINER LINE

SERVIÇO TOTALMENTE CONTENTORIZADO PARA A SUÉCIA, NORUEGA E BÉLGICA

porta-contentores «Monika Bos» em 16 e 30 do crte.

para:

GOTEMBURGO
OSLO

ANVERS

— recepção permanente de carga em contentores.

Os Agentes Gerais:



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4
LISBOA 2

TEL. 366056 362266

PORTUGAL

END. TELEGR. ANTUNITA TELEX 1181 - OREY P
APARTADO 2233



**ASAHI
PENTAX** O SISTEMA FOTOGRÁFICO REFLEX
MAIS VENDIDO EM TODO O MUNDO

AERÓDROMOS DE TIMOR

Está aberto concurso, no Ministério do Ultramar e na província de Timor, para a elaboração de projectos e execução da empreitada de construção de terraplenagens, obras de arte e pavimentação dos seguintes aeródromos e estradas na referida província: aeródromos de Dili (Maudohé); Sual, Maliana, Viqueque e Lospalos; e estradas nacionais n.º 1.2 — Dili-Manatuto-Baucau, n.º 2.2 - Dili - Ermera Maliana, e 3.3 — Dili-Maubisse-Same (cruzamento para o Sual).

O depósito provisório é de 6 000 000\$00.

ESCOLA FRANCISCO ARRUDA

Por motivo de força maior, não pode realizar-se amanhã a anunciada reunião da direcção da Escola Preparatória de Francisco Arruda com os encarregados de educação dos alunos da sede e da secção do Conservatório, efectuando-se a mesma no dia 15, às 18 horas, na sede da Escola, Calçada da Tapada, 152.

escape

ASSISTÊNCIA AUTOMÓVEL PERMANENTE, S. A. R. L.

Serviços rápidos de electricidade, mecânica, pneus e baterias

Preparações, afinações e transformações

Estação de serviço e alinhamento de direcções

O mais completo e variado stock do País em acessórios

R. Castilho, 72-A — Tels. 561616/561919
LISBOA

marcontur



Amplie os seus horizontes profissionais

...com o crédito pessoal BPA. Modernize o seu escritório. Adquirir o novo equipamento que lhe proporcionará maiores rendimentos. Frequente o curso que anseia e representa uma oportunidade de vida melhor. Em todos os seus passos para o futuro, conte com o Crédito Pessoal BPA.

crédito pessoal BPA/confiança no seu futuro
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO



FLORES PORTUGUESAS NO "DIA DO TURISTA"

A Direcção-Geral do Turismo decidiu programar para o «DIA DO TURISTA» deste ano, que será assinalado em 20 do corrente, várias manifestações inéditas no sentido de pôr em prática uma «experiência-piloto» que poderá fornecer indicações muito úteis em relação ao futuro. O «Dia do Turista» destina-se a estimular entre os portugueses o gosto de receber bem, ao mesmo tempo que proporciona aos estrangeiros que nos visitam naquela data uma afirmação de hospitalidade, a qual constitui um efeito promocional do mais alto interesse. Efectivamente, tem-se verificado que a curva ascensional de entrada de turistas no nosso País começa a acentuar-se precisamente no mês de Abril.

Na Direcção-Geral do Turismo têm-se efectuado reuniões com hoteleiros, técnicos de turismo, agentes de viagens e dirigentes do Clube dos Chaves d'Ouro, do Club de Barmen de Portugal e da Associação Portuguesa de Escanções, com vista a estabelecer a base de um programa destinado ao «Dia do Turista». Para a zona de Lisboa encontram-se já previstas manifestações coordenadas com a Câmara Municipal de Lisboa; um concurso de montras com motivos florais realizado em estreita colaboração com a União de Grémios dos Lojistas de Lisboa; acções integradas no 4.º Centenário da Publicação de «Os Lusíadas»; promoção das especialidades vinícolas portuguesas com provas de vinhos que vão ter a colaboração da

Associação dos Escanções e da Junta Nacional do Vinho etc.

O «Dia do turista» deste ano terá como motivo central as flores portuguesas que serão oferecidas aos turistas, quer à sua chegada às fronteiras, quer nos hotéis onde vão instalar-se, restaurantes, agências de viagens, etc. Haverá visitas especiais a museus e jardins, organizações graciosamente pelas agências de viagens, exposições de artes plásticas e um grande espectáculo de «ballet» na Estufa Fria.

Entretanto, a Direcção-Geral de Turismo, para além de outras publicações, mandou imprimir um cartaz especial com base na flor e alusivo ao «Dia do Turista», o qual vai ser distribuído por todo o País.

Governador substituto de Faro

Vai ser nomeado governador civil, substituto, do distrito de Faro o eng.º António Américo Lopes Serra, presidente da Câmara Municipal de Loulé.

Pinto Eliseu em Vila Real e Bragança

Em visita de trabalho, encontra-se hoje e amanhã, em Trás-os-Montes, o secretário de Estado das Obras Públicas, eng.º Pinto Eliseu, que nos governos civis de Vila Real e de Bragança preside a reuniões destinadas à apreciação de problemas respeitantes às instalações escolares para o ensino primário e às cantinas e residências para professores dos dois distritos.

Participam nessas reuniões os governadores civis e os presidentes das câmaras municipais dos concelhos de ambos os distritos, o subdirector-geral das Construções Escolares, o director da mesma Direcção-Geral para a Região Norte e outros técnicos do Ministério das Obras Públicas.

GRITOS DE ANGÚSTIA



O Reverendo Billy Graham enfrenta diariamente centenas de casos dramáticos de pessoas profundamente atormentadas por angústias para as quais não conseguem encontrar saída. Não deixe de conhecer as respostas a seis das perguntas mais frequentemente formuladas, publicadas no número de Abril de Seções do Reader's Digest.

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

AVISO

FORNECIMENTO DE ÁGUA

Por motivo de ligação de condutas na cidade de Lisboa o abastecimento de água a todo o Concelho poderá ser afectado entre as 17 horas do dia 8 do corrente até às 17 horas do dia 9.

As zonas em que poderão verificar-se maiores perturbações são Queluz, Cacém, Rio de Mouro, Rinchosa, Casais, Mem Martins e Algueirão, embora possam vir a sentir-se reflexos nas restantes zonas, que se espera serem diminutas.

No próprio interesse dos Senhores Consumidores solicita-se que seja restringido ao máximo possível o consumo de água, a fim de evitar faltas durante o período prolongado. Serviços Municipalizados, em 6 de Abril de 1972.



...Felizmente moro em Miraflores LUX!

Números, Percentagens, Cálculos, esquemas, gráficos... Produção, Mão-de-obra, tempo-máquina, linha de montagem... Um turbilhão de números desgastando o cérebro, fustigando os nervos. Uma luta diária de muitas horas... Mas felizmente o Industrial mora em **Miraflores-Lux!** Onde a cidade termina e a alegria de viver recomeça!

Monsanto, as praias da linha do Estoril e Caparica, ali à mão, para refazer energias perdidas. — E esse gosto bem sentido de viver no prestigioso ambiente social a que pertence: **Miraflores-Lux!** Construção e acabamentos do mais alto nível: Piscinas, garagens privativas e um Centro comercial. Escola, Jardins... Equipamento completo.

MIRAFLORES LUX merece a sua visita

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL — Algés
Informações e vendas: Avenida das Tulipas - Lote 10
Telefs. 215756-216749-216768

- ADVOGADOS 8%
- AGENTES TÉCNICOS 1%
- ALTOS FUNCIONÁRIOS 6%
- DIPLOMATAS 4%
- COMERCIANTES 6%
- DIRS DE EMPRESAS 5%
- ECONOMISTAS 4%
- ENG. E ARQUITECTOS 10%
- INDUSTRIAIS 7%
- INVESTIDORES 11%
- PROFESSORES 2%
- PROPRIETÁRIOS 12%
- MEDICOS 15%
- DIVERSOS 9%





Temos um estilo
de trabalhar os temas,
de criar imagens
gráficas e escritas.
Ao serviço do futuro
do vosso futuro.



AGENCIA DE REALIZACOES PUBLICITARIAS
Rua D. Pedro V 60 1.º D. Telef. 33354 326573
LISBOA

ASSEMBLEIAS GERAIS

COOPERATIVA PORTUCALE

Em assembleia geral realizada na sua sede, a Cooperativa Portucale do pessoal da Companhia Portuguesa Rádio Marconi aprovou o relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal, relativos ao exercício de 1971, tendo tam-

bém procedido à eleição dos corpos gerentes para o corrente ano, que ficarão assim constituídos:

Assembleia geral: presidente, Eduardo Ferreira de Andrade; secretário, João Velez de Figueiredo; secretário, José Maria Horta Baptista.

Direcção: presidente, José Neves Teves Costa; vice-presi-

dente, Francisco Lopes O. Monteiro; 1.º secretário, Fernando Anjos; 2.º secretário, Graciano Gaspar Neves; tesoureiro, Carlota Cândida M. Lopes; Vogais, António Garcia Belchior Ricardo e César Baeta Matias.

Conselho fiscal: presidente, dr. António Costa Veiga Moura; secretário, Artur Dias Maia; relator, Fernando César Gomes.

COMPANHIA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Em assembleia geral a que

presidiu o dr. Bustorff Silva, a Empresa Insulana de Navegação aprovou o respectivo relatório e contas e parecer do conselho fiscal.

Por aqueles elementos, verifica-se que a E. U. N. teve um lucro de 90 000\$00, facto que é de realçar, visto na última década se terem verificado, de um modo geral, prejuízos avultados. Para esta situação concorreu a actual participação da empresa no tráfego internacional.

A assembleia elegeu presidente do respectivo conselho de administração o dr. Manuel Prego e para o cargo de administradores os eng.ºs Horácio Frazão de Freitas, José Carlos Gonçalves Viana e Frederico de Magalhães Villas-Boas, tendo sido reeleito o eng.º José Luís Blanco Nogueira.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos na nossa redacção as seguintes publicações:

Guarda Fiscal, revista trimestral, n.º 3.

Associação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda (Cruz Verde) — relatório e contas do exercício de 1971.

Vita Italiana — N.º 3.

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Da-fundo — relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal referentes ao ano de 1971.

Colectânea de Leis Corporativas, por César d'Araújo. Volume que reúne os diplomas legais corporativos de consulta mais frequente.

O Porta-Bandeira, n.º 3.

Notícias da Rodésia, n.º 69.

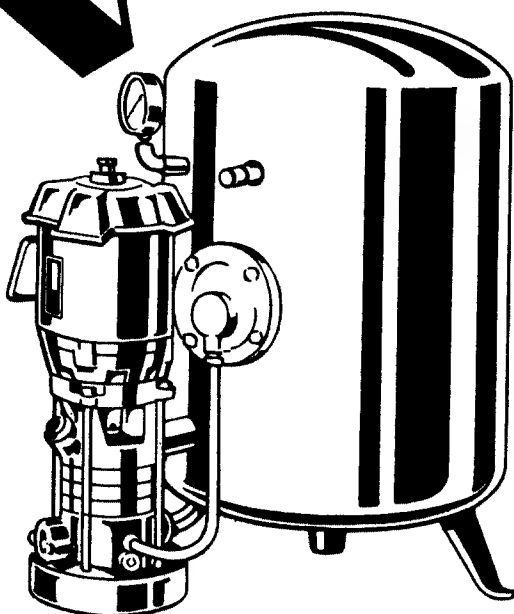
Cinema de Amadores, n.ºs 157 e 158.

Mais Alto, n.º 154.

A Vencedora — Associação de Socorros Mútuos — relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal relativos ao exercício do ano findo.

BOMBAS GRUNDFOS

- * Funcionamento automático ou manual
- * Água sob pressão para todos os fins
- * Caudais de 2 a 36 m³/h
- * Pressões até 20 kgs/cm²
- * Execuções especiais para água quente e líquidos corrosivos



DISTRIBUIDOR

BONNEVILLE OLIVEIRA

PORTO

LISBOA

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

ESPÓLIO DE ANTIGUIDADES E OBJECTOS DE ARTE

LEILÃO

— NOS SALÕES DA —

AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 194-1.

(Junto ao Cinema Tivoli)

AMANHÃ, SÁBADO E DOMINGO, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

Leilão do bom recheio a vender com urgência pelas maiores ofertas constando em especial de: Mobiliário Antigo e Género Antigo nos estilos D. João V, D. José, Império «Bouille» Renascença, Luiz XIV e XV e D. Maria, Mobílias Completas de rico trabalho e boa construção, Muitos Móveis Desirmanados, de estilo, Bons Cristais, Quadros a Óleo, aguarelas, desenhos e gravuras, Bronzes Assg.ºs, Boas Pratas Marcadas, Louças Orientais e Europeias, Sala Oriental em Madeira de Tamarino, Jogos e Maples em veludo e tapeçaria, Muitos Bibelots e Velharias e muito mais conforme anúncios a publicar no jornal «Diário de Notícias» de amanhã e domingo.

Pedimos a boa atenção aos Ex.ºs Clientes a esta venda a fazer pelas maiores ofertas.



AGÊNCIA DE LEILÕES

“ANTIQUÁRIA”

de ANTÓNIO JOSÉ, LDA.

AV. 5 DE OUTUBRO, 15-1.º — TEL. PPC 56 22 68/9 - 71 79 59 — LISBOA

SOC. DE CRISTAIS, LDA.

25, R. DO ALMADA, 29 - PORTO

Telef. 21416

VIDROS

INSTALAÇÕES ROCHEDO

ESPELHOS

COM BUZINAS

MIXO

ESTRADA LIVRE!

REPRESENTANTE

AUTO SERVIÇOS AVENIDA
Av. da Liberdade, 67—Lisboa

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º — Sector — **Concelho de Lisboa**: Largo do Cantinho, Est.ª dos Marcos (parte), Ruas 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 20, 22, 24 e 26 ao Bairro Alto da Ajuda. (Das 8 às 12 horas).

1.º — Sector — Rua do Galvão 1 a 31, Cd.ª do Galvão de 119 a 121, Rua do Galvão de 2 a 6-A. (Das 8 às 12 horas).

4.º — Sector — Rua Dr. Rafael Duque, Rua Dr. João de Barros, Av.ª do Uruguay, Est.ª Poço do Chão. (Das 8 às 12 h.).

5.º — Sector — Av.ª da Liberdade de 245 a 259 e o lado Ponente da Praça Marquês de Pombal até à Rua Braancamp. (Das 8 às 12 horas).

5.º — Sector — Rua Nova do Carvalho de 8 a 50. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Av.ª Almirante Reis de 108 a 136-E e de 80-A a 88-F. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — R. Tomás Ribeiro de 30 a 58, Rua Filipe Folque, de 5 a 25. (Das 8 às 12 h.).

8.º — Sector — Quinta das Figueiras, Az.ª das Figueiras, C. A. de Lisboa e imediações. (Das 8 às 12 horas).

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

1.ª — Zona — **Concelho de Oeiras**: Oeiras: Rua da Figueirinha, Espargal, Rua Augusto de Castro e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª — Zona — **CRUZ QUEBRADA**: Rua Sociedade Cruz-quebradense, Rua Santa Sofia, Travessa Pinto Correia, Estrada Nacional 6/5, Cd.ª do Conde de Tomar, Est.ª para Linda-a-Pastora e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª — Zona — **AMADORA**: Rua Elias Garcia entre a Rua António Sardinha e a R. Afonso de Albuquerque, Av.ª Gago Coutinho, Rua António Feijó, Praceta Pedro Ivo, Av.ª Lourenço Marques, Rua 1.ª de Dezembro, Rua Alexandre Herculano, Praceta Antero do Quental, Rua Antero do Quental, Rua Narciso Leal, Rua Afonso de Albuquerque e imediações. (Das 8 às 14 horas).

4.ª — Zona — **Concelho de Sintra**: VILA VERDE. (Das 8 às 14 horas).

5.ª — Zona — **Concelho de Cascais**: PAREDE: Av.ª da República, Av.ª dos Príncipes, Rua José Carlos da Maia, Rua Cidade de Évora, Rua Cidade de Coimbra, Rua de Santa Terezinha, Rua Cidade de Braga e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª — Zona — Alcoitão, Est.ª entre Alcoitão e Manique e imediações. (Das 8 às 14 horas).

7.ª — Zona — **ABÓBODA**: Quenena, Ribeira das Parreiras, Talaide, Leão, Leceia, Quinta da Ponte em Barcarena, Quinta de St.º António do Sol Posto, Lameiras, Porto Salvo. (Das 8 às 14 horas).

8.ª — Zona — **PAREDE**: Rua Vasco da Gama, Rua de Cabinda, Rua St.º António do Zaire, Rua Jacinto Nunes, Rua Camilo Dionísio Alvares de 1 a 27 e imediações. (Das 8 às 14 horas).

9.ª — Zona — **Concelho de Mafra**: Mafra: Rua Ilha da Madeira, L.ª da Ilha da Madeira e imediações. (Das 7 às 15 h.).

10.ª — Zona — **VENDA DO PINHEIRO**: Rua Dr. Oliveira Salazar, Rua do Mercado, Rua das Glicínias, Rua de Moçambique, L.ª do Freixo e imediações. (Das 7 às 15 horas).

11.ª — Zona — **Concelho de**

Vila Franca: VILA FRANCA: Rua 1.ª de Dezembro, Rua Vasco da Gama, Rua do Algrete, Bairro da Mata, Bairro Quinta do Paraíso. (Das 8 às 14 horas).

12.ª — Zona — Alhandra (toda a vila). (Das 8 às 14 horas).

13.ª — Zona — Povos (parte), Castanheira, Vala do Carregado. (Das 8 às 14 horas).

14.ª — Zona — **Concelho de Vila Franca**: Trancoso de Baixo, Trancoso do Meio, Trancoso de Cima, Arcena, Calhandriz. (Das 8 às 14 horas).

15.ª — Zona — **Concelho de Arruda**: S. Tiago dos Velhos, Carvalha, Mata, Louriceira, Camões, Arranhó, Alcobela (Das 8 às 14 horas).

16.ª — Zona — **Concelho de Alenquer**: Toda a rede de B. T. de Abrigada. (Das 8 às 14 h.).

17.ª — Zona — Olhalvo (parte), Pocariça, Pousoa, Cruzeiro. (Das 8 às 14 horas).

PRÉMIOS CRÉDITO PREDIAL DE TELEVISÃO

Os prémios Crédito Predial de Televisão foram atribuídos, no mês findo, aos programas «Se bem me lembro...», produzido pelo prof. dr. Vitorino Nemésio e realizado por Carlos Tudela e Vítor Manuel, e à peça, incluída na Noite de Teatro, «O Pensamento», de Andreiev Semprum, com produção de Américo Ribeiro e adaptação e realização de Oliveira e Costa.

Na votação para prémio popular, classificaram-se em seguida os programas «O Tempo e a Alma», «Jogo do Galo», «A Terra, o Mar e a Gente», e em 5.º lugar o espectáculo da eleição de «Miss Portugal».

O Chefe do Estado inaugura a exposição

A exposição denominada «Povos e Culturas», que inclui cerca de seiscentas peças do artesanato de vários países africanos, do Brasil e da Indonésia, além de grande representação de trabalhos dos povos dos territórios ultramarinos, é hoje inaugurada pelo Presidente da República, na Galeria Nacional de

Arte Moderna, em Belém.

Esta exposição, promovida pelo Museu de Etnologia do Ultramar, ficará patente ao público, de Abril a Junho. Serão proferidas durante a abertura da mostra de arte algumas conferências por especialistas estrangeiros da etnologia africana e oriental.

TERMINA HOJE O CONGRESSO DE MEDICINA MILITAR

O Comité Internacional de Medicina e Farmácia Militares, que durante quatro dias reuniu em Lisboa delegações de 36 países, encerra-se esta tarde, às 17 e 45, no auditório 2 da Fundação Gulbenkian, onde decorreram os trabalhos do congresso.

Após a sessão de trabalho desta manhã realizou-se, às 11 e 30, uma reunião administrativa

dos membros do CIMPM.

Enquanto decorre a última sessão do congresso, o programa reservado às senhoras prevê uma visita guiada à cidade de Lisboa e ao Museu dos Coches e Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo.

Amanhã efectua-se uma excursão (por inscrição) em autocarro ao centro do país com almoço em Leiria.

Presidente da Gulbenkian

O dr. José de Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, acompanhado de sua esposa, chegou ao fim da manhã de hoje ao aeroporto de Pedras Rubras para uma visita à cidade do Porto.

O ilustre visitante, que aqui se desloca a convite da Associação Cultural dos Amigos do Porto, após uma visita de cumprimentos ao Governador Civil do Distrito, dirigiu-se aos Paços do Concelho onde foi alvo dum recepção.

Depois do almoço que lhe foi oferecido pela Câmara Municipal o dr. Azeredo Perdigão visitou a Associação de Jornalistas e inaugurou, na sua sala Calouste Gulbenkian do Ateneu Comercial, a 1.ª Exposição de Jovens Artistas Portugueses e na cooperativa de actividades artísticas «Arvore» uma exposição de pintura e escultura inglesas.

Pelas 20 horas, aquele presidente assistirá num hotel da cidade a um jantar «em família» que lhe é oferecido pela associação cultural «amigos do Porto».

TEATRO AMADOR

Integradas nas 1.ªs Jornadas de Teatro Amador, que aqui estão a decorrer por iniciativa do grupo de «Módestos», efectuar-se-ão hoje à noite a partir das 21 horas sessões de trabalho com os dirigentes e associados de diversas colectividades que participam naquelas jornadas.

Estas sessões terão lugar na Associação Recreativa Valboense «Luz e Vida», com a colaboração de Márcia Breia, Júlio Cardoso e José Adriano, em «A Vencedora» de Vilar de Andorinho, com Alzira Ferreira e António Santos, e na Associação Dramática e Recreativa «Os Leais de Pedrouços» com Timoteo de Carvalho e Luis de Monte Empina.

Amanhã, à mesma hora, prosseguirão as sessões de trabalho na Associação Reereativa «Os Restauradores de Brás-Oleiro».

MORTO EM COMBATE

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate, na província de Moçambique, o soldado n.º 09068771, António Leal Mansilha, natural de Peso da Régua, filho de Manuel Mansilha (falecido) e de Lucília Conceição Leal.

costa do sol
PORTUGAL



AS SUAS FÉRIAS E O SEU FIM-DE-SEMANA CARCAVELOS-CASCAIS-GUINCHO

Hotéis de Luxo, de 1.ª e de 2.ª

Estalagens e Pensões

Casino Monumental com Variedades Internacionais
Jogos de Roleta, Bacará, Banca Francesa e Craps,
Slot Machines, etc.

TEATRO E CINEMAS

Exposições Permanentes

Boîtes e Restaurantes Típicos

Todos os desportos
e um sem-fim de atracções que lhe proporcionarão
uma estadia agradável

INFORMAÇÕES:

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

ESTORIL

TEL. 26 01 13

um banco no dia a dia



FONSECAS
& BURNAY



o banco para toda a gente

TINTAS  **VERNIZES**

MÁRIO COSTA & Ca., Lda.

RUA DO ALMADA, 30 PORTO RUA DE S. PAULO, 12-3.º LISBOA

1947
1972

Dardo

25
anos

OFERECE UMA MOEDA OLÍMPICA DE PRATA



NA COMPRA DO NOVO TELEVISOR SIEMENS OLYMPIC

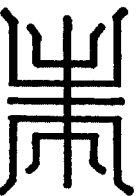
O MELHOR NA TÉCNICA E NO PREÇO

7

LOJAS DARDO

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AV. ALMIRANTE REIS, 124
PRAÇA DE LONDRES, 7
RUA DE S. BENTO, 53-57
RUA D. ESTEFÂNIA, 193, D-E
R. GONÇALVES CRESPO, 26-B
R. 1.º DE MAIO, 146 (S. Amaro)

Dada a dificuldade na obtenção de moedas olímpicas, o prazo desta campanha é limitado.

 **EXÓTICA**

Especializada em arcas de cânfora
Todos os artigos de arte oriental

Av. de Roma, 48-A Telefone: 71 53 99

PRÉDIO NO CAÇÉM

RENDE 68 400\$00

Construção moderna situado no melhor local, boa construção em cimento armado, entrada a seixo envernizado, bom volume, com habitação de 4 grandes assoalhadas por inquilino. Óptimos acabam. ntos. PREÇO 990 000\$00. Bom empte de capital.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

EM LISBOA, A "DANÇA DO FOGO"

Marcos Maphato, 33 anos, uma vida agitada. De Moçambique para os Estados Unidos da América. A desistência do «sistema» americano e, depois, Lisboa. Nasceu na vilazinha do Búzi, no actual distrito da Beira, em Moçambique, onde fez a instrução primária. Filho de trabalhadores de uma companhia açucareira radicada naquela vila. O avô, já reformado, auferia mensalmente 70 escudos.

Ajudava os pais na cultura do arroz e do algodão. Marcos fez várias tentativas para conseguir matricular-se num estabelecimento de ensino secundário. Contudo, não o conseguiu. Os tempos eram difíceis. A cultura do algodão, na altura obrigatória na área por imposição da autoridade administrativa, reclama a sua assistência, os pais a exigiam e ele compreendia perfeitamente o problema.

MUDAR DE VIDA

Em 1957 Marcos decidiu (de acordo com os familiares), partir para Lourenço Marques com a intenção de estudar na Missão Suíça. Como o pai não pertencia àquela missão religiosa, não foi possível ser admitido. Entretanto, sem emprego, agravava-se a sua situação.

Finalmente:
Tive de arranjar emprego. Estava desesperado. Foram dias difíceis. Que queria vencer.

Surgiu, então, uma oportunidade como jardineiro no consulado-geral dos Estados Unidos da América na capital moçambicana.

Agentei-me lá cerca de três anos. Adaptei-me bem. Precisava de trabalhar, não podia viver de esmolas. Terminada a comissão de serviço do Consul-Geral William Wight, este convidou-me para ir com ele para a América, o que aceitei. Eu queria conhecer outras terras, queria apenas aprender mais acerca do mundo e das pessoas.

A saída de Moçambique (fins de 1959) processou-se através da repetição dos Negócios Indígenas (hoje extinta) que o aconselhou a tirar um salvo-conduto, o mesmo que era utilizado pelos magaiças (emigrantes) nas minas sul-africanas. Complicaram-se as coisas, a velhíssima burocracia, os males de sempre. Para uma viagem daquela natureza, Marcos não podia servir-se de simples salvo-conduto, mas de um passaporte como para qualquer cidadão. Ao fim de uma série de meses de espera, lá conseguiu o ansiado passaporte (para a felicidade?) que lhe



No tempo da escravatura era eleito chefe aquele que conseguia-se passar pela parte mais baixa da vara...

daria uma possibilidade «diferente» na vida.

A partida para Nova Iorque, de barco.

Foi uma viagem bastante agradável. Conheci durante a viagem uma professora de inglês da Universidade de Massachusetts que me ensinou algo da língua inglesa. O suficiente, pelo menos, para não me atrapalhar na América.

Passou seis dias em Nova Iorque. Dali seguiu para Washington.

Nos primeiros meses estive a trabalhar em casa do consul William Wight, depois arranjei emprego numa casa comercial.

LIMBO, NOVA EXPERIÊNCIA

E o convívio com os negros americanos:

Convivia imenso com eles. Tornei-me amigo de alguns. Foi útil esse contacto. Eles têm uma maneira diferente de ver as coisas, de as apreciar e ajuizar. Vêm de outras experiências. Sentem e amam a África. Admiram e respeitam os africanos. Viajei, conheci várias cidades e Estados. E comecei a praticar o «limbo».

O «limbo», conhecido também por dança do fogo, é um malabarismo extremamente difícil. Ao ritmo de tambores e de folclore afro-americano, o «limbista» efectua o espectáculo passando entre labaredas, exigindo muito controle e domínio. No tempo da escravatura era eleito chefe aquele que conseguisse passar pela parte mais baixa da vara. Como começou?

Porém nada consegui. Foi um Vogal da Companhia do Búzi que me arranhou colocação nas obras de acesso à ponte sobre o Tejo, como apontador intérprete. Mais tarde, através da Casa de Moçambique, fui colocado no ministério do Ultramar.

Em diversas festas em Portugal voltou a fazer o «limbo». Para fins de beneficência com o grupo dos «Josés», em Albergaria-a-Velha, Ferreira do Zêzere, Coimbra, Lisboa e arredores e outras localidades.

Fez parte do conjunto «Topázio», como vocalista.

Apreciam o «limbo» em Portugal?

Pouco. Em África já se apreciou mais. Para a maioria do público português prevalece a ideia de que o «limbo» é uma dança da selva.

Marcos Maphato não desistiu e, assim, vai mostrando como é o «limbo». Dar a conhecer-lo é, por natureza, conhecer as raízes de África. Entendendo-o, é respeitar as velhíssimas culturas africanas. Marcos, na sua bagagem americana, trouxe também o «limbo» para o divulgar a um público que pouco ou nada sabe a seu respeito.

Frequentava a área de emigrantes oriundos da Jamaica e do Haiti, grandes especialistas do limbo, conheci alguns indivíduos na altura em que aprendia dança. O gosto veio daí, desse contacto.

Em que locais o praticou:
Em «night-club's» e ganhava cerca de 7 dólares.

AMÉRICA ADEUS

1962. Entendeu abandonar os Estados Unidos.

Fiz viagem no «Independence» até Nápoles. Durante a viagem promovi sessões de «limbo» que foram muito apreciadas.

Breve cruzeiro turístico pela Itália. Depois, de Roma para Lisboa.

Contactei a Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos, pensando que seria fácil conseguir alguma bolsa de estudo.

ACABA DE SAIR:

Colectânea de

Leis Corporativas

A venda nas Livrarias

Pedidos a:

CÉSAR ARAÚJO

Av. Elias Garcia, 82-5.º

Telefs. 76 78 62 / 77 87 12

LISBOA

ARCÁDIA

PASTELARIA — SALÕES DE CHÁ
FABRICO ESPECIAL DE BOMBONS

ARCÁDIA

63 — PRAÇA DA LIBERDADE — 65
PORTO

IMPERLUZ



AV. ALM. REIS, 172-A — TELEFS. 533592/3

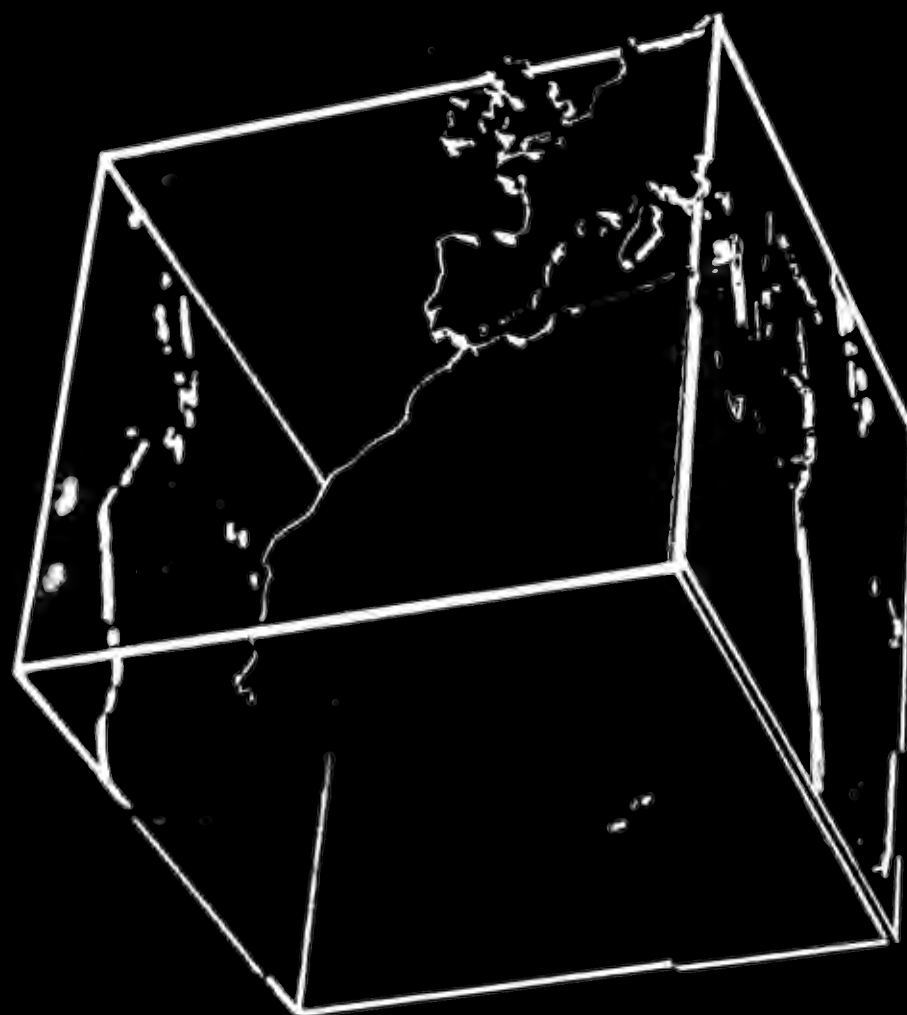
• TELEVISORES

• MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA

• FRIGORÍFICOS

• GIRA-DISCOS — FOGÕES — ESQUENTADORES

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO
EXPOSIÇÃO PERMANENTE



TORRALTA

uma sociedade de milhares de portugueses

o nosso universo é multiforme

Começámos no Algarve e agora também estamos em Troia

Somos uma empresa turística virada ao futuro

De ano para ano o nosso universo adquire novas formas, preenche novos espaços
organiza-se para satisfazer as necessidades de ocupação dos tempos livres

Compasso morto pelas ruas do Porto?

FESTA DE RUA EM CIDADE SUFOCADA

Nem tão importante que faça esquecer os problemas de todos os dias nem tão bizantino que nos faça sorrir, o «compasso» divide os ânimos na cidade do Porto, conforme «DL» assinalou em reportagem recente. Fractura cultural do burgo onde Portugal nasceu — é, quanto a nós, a justa dimensão deste fenómeno sócio-religioso, que um dos nossos leitores analisa de fora, em termos muito próximos da antropologia da cultura.

«Sábado de Aleluia», nas páginas centrais sobre o «compasso» no Porto. Falo com gente nova de Lisboa. Que é o Compasso? Desconhecem o termo, do mesmo modo que esqueceram o rito em tempos entrevisto em rápida escapadela à aldeia.

Compasso lembra foliar. Que é o foliar? Será o ovo de confeitaria dentro de bolo de supermercado, bola de carne que dizem ser regional, galinhas e mimos arrecadados no saco do sr. Abade?

Onde estão as flores, as vestes brancas, os miúdos a saltar, as campainhas e os beijos devotos no Senhor ressuscitado? Onde está o respeito, a alegria, a festa, o drama das prestações obrigatórias ao abade que ao longo do ano distribuía benções e unções, esperanças e terrores?

Anha com a sua igreja fechada e o seu povo que discute os direitos adquiridos pela votação maciça da sua vontade e Aquilino mostrando o lado rebentado do abade estendido após as libações abundantes da jornada, foram nos jornais desta Páscoa, e portanto no espírito dos leitores de vespertinos, as duas faces esfrangalhadas de uma festa que passou.



Um compasso de outros tempos percorrendo ruas novas que já não conhece nem o reconhecem.

Festa que vinha para a rua, que transbordava, tilintava e invadia as casas. Festa de regueifas e ameaças de sorrisos e de vinganças, de censuras e de palmadas nas costas, em que se beijava o crucifixo e se dava o pão da terra. Tudo isto é o compasso.

Como todas as festas vindas da terra, isto é, do passado, do tempo em que nascemos e os outros morreram, a festa do compasso era forte. Salgava-se nas lágrimas e sorria nas flores. Era aleluia encarnada num povo, sublimada pelos olhos românticos de quem via mais para além, enraizada no húmus de um tecido social que na Primavera da religião dava os

seus cactos e as suas flores. O compasso é coisa séria dos tempos em que o ano tinha estações, em que os homens cultivavam a terra e faziam eles próprios a sua festa, não de celulósides mas de carne e osso, movidos não pelas octanas que conduzem aos engarrafamentos, mas pelo amor e pelo ódio que fazem correr os homens. O compasso era festa rija.

SINAIS DESGARRADOS

Releio os testemunhos vindos do Porto e lá encontro, ora a queixa pelos sinais desgarrados, ora a saudade de um sentido disponível que não encontra vias de se exprimir, ora a

perda de sentido e a ânsia por uma festa que ainda passa mas que deixará em breve de vir à rua. O Porto discute o compasso e variam as soluções encontradas. Fazem-se inquéritos, justificam-se impressões, mantêm-se a festa, evoca-se a passagem da cultura agrária ao «ghetto» de betão. Lá vem o abade idoso, que só neste dia se sente mal de batina na rua, do mesmo modo que obriga o acompanhante a fazer estatísticas dos sinais verdes, como vemos o comerciante indiferente. O compasso voltou este ano a descer à rua, mas agora olha decididamente para a rua que há anos o discute. São novas as ruas que este ano o compasso percorreu, ruas de hoje e não de ontem. E as ruas tiveram voz.

Não duvido de que visto de longe o compasso fará dizer a muitos: «Deixai passar o folclore». O que acontece, porém, é que uma tradição assim discutida é costume que o povo chama seu e não espectáculo fictício. Sejam quais forem os bastidores espapaçados a que se passa, é de novo coisa rija e coisa séria que mobiliza o desejo de viver.

INVENTAR UMA FESTA DE HOJE

E se deixássemos a rua inventar o seu compasso? Na cidade de betão não haverá lugar para o ódio ou para o amor? Estaremos definitivamente condenados às discussões em casa, por uma trica?

Deixemos a rua inventar a sua festa, agarrar os sinais que se perderam, inventar novos sinais para o mesmo desejo de simbolizar uma vida que ultrapassa o andar em que vivemos.

Onde está o poeta capaz de inventar uma nova poesia para



Com a presença de 63 deputados, a Assembleia Nacional continuou ontem a discussão na generalidade da proposta de lei sobre o Fomento Industrial. Como expediente, foi apenas dado conta da recepção de uma carta do Sindicato dos Caixeiros acerca da homologação do contrato colectivo com o Grémio dos Editores e Livreiros.

No período antes da ordem do dia, o deputado Bento Levy, entre outros assuntos relacionados com Cabo Verde, sugeriu que o chefe do Estado, na sua visita ao Brasil, inaugurasse o complexo de aproveitamento de água salgada, já em funcionamento em S. Vicente.

O deputado Max Fernandes falou dos problemas relativos à reforma e aposentação dos funcionários ultramarinos. «Não se trata de privilégios nem de exageradas ambições materiais — esclareceu — mas apenas de um justo anseio à atualização de pensões». E terminou pedindo a publicação da lei que se espera venha regular 30 assunto com justiça.

Ainda antes da ordem do dia, o deputado Alberto Meireles voltou a levantar o problema da discriminação que leva à «recusa de admissão de filhos ilegítimos num estabelecimento oficial de ensino, gerido pelo Ministério do Exército». (Trata-se do caso do Instituto dos Pupilos do Exército, em tempos referido pelo deputado Barreto Lara).

Aquele parlamentar, que na altura afirmou, em aparte, «que tal discriminação merecia a sua repulsa», fez reparos à nota «dimanada do gabinete do Ministério

a rua? Se as ruas tivessem o olhar e a voz dos poetas, andaríamos na rua com alegria e com dor renovadas. O mal da rua surge quando ela se torna incapaz de cantar e de sofrer.

Andava um crucificado pelas ruas, coberto de flores, depois de andar vestido de roxo com uma coroa de espinhos. Estamos condenados a vestir uma farda anónima em todas as ruas da cidade?

Dizem-nos que porque o homem vai à Lua, o compasso se tornou ridículo. Na cidade que sabe da ida à Lua pelos jornais e pela janela da televisão, nada há mais importante que sair a porta de casa para saber que ainda há luar.

Se o compasso se tornou ridículo, inventemos uma ma-

neira nova de sermos gente que ama e que sofre fora das paredes da sua casa.

Farei, portanto, uma reinvenção de romantismo que para muitos é ridícula? Prefiro levantar a bandeira do direito de respirar na cidade sufocada. Se como se diz passámos de acontecimentos de massas a factos de minorias, o nosso problema é sobretudo o de não nos tornarmos ainda menores por aceitarmos a condenação de viver enclausurados.

Que as ruas da cidade agora vistas tais como são, se tornem outras pelas dores e pelas alegrias de hoje. Entre homens, a rua não se aceita, inventa-se.

MICAEL PEREIRA

o acaso e a necessidade

JACQUES MONOD

Terá a biologia alguma coisa a ensinar nos acerca do destino do homem e da origem da vida?

Eis uma pergunta a que doravante não poderá dar uma resposta sem que tenha lido este livro.

Uma obra eminentemente polémica apaixonadamente louvada e combatida.

Prémio Nobel

publicações europa-américa



DÃO FELICIDADE

Os anéis de Pedido, as Alianças de Casamento e de Compromisso das OUIVESARIAS

BARATEIRO DE S. DOMINGOS

Rua Barros Queirós, 56

E

SANTO ANTÃO

R. Portas de S.to Antão, 44

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OUIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Alberto Simões Carvalho, Cantina da Estação dos Caminhos de Ferro de SE-TUBAL



A IDADE SEM TEMPO

Reformados, esquecidos, bebendo em púcaros de alumínio a «droga» (água) da energia eterna, eles conduzem a ritmo de caracol entrevado, as obras crónicas desta Lisboa turisticamente esburacada. (Foto de Nelson de Vasconcelos)

José Teodoro dos Santos

A família de José Teodoro dos Santos participa que, amanhã, dia do primeiro aniversário do seu falecimento, se celebram missas de sufrágio na igreja de S. João de Deus, às 12 e 30 horas, e na igreja de Santo António do Estoril, às 18 horas.

ENSINO E DISCRIMINAÇÃO

do Exército» e publicada na imprensa. E acrescentou: «Constitui, segundo crelo caso novo sem precedentes na nossa história parlamentar contemporânea, que um Gabinete Ministerial venha discutir através da imprensa juízo ou opinião expendida por um deputado no exercício do seu mandato. Rectificação ou esclarecimento de actos, de actividade concreta, ou de conclusões deles extraídos, tem sido objecto de publicações ministeriais deste tipo. E nenhuma objecção me parece levantar-se contra esta prática, correcta e em princípio útil. Mas competindo à Assembleia Nacional «vigiar pelo cumprimento da constituição e das leis e apreciar os actos do Governo ou da Administração» (art.º 91.º n.º 2) é para mim pelo menos duvidosa a legitimidade deste tipo de intervenção de cada um dos membros do Governo ou dos seus Gabinetes que não através das vias normais e constitucionais, pois abre caminho a debates públicos extra-parlamentares entre o poder executivo e os deputados, diálogos que poderão revestir aspectos da maior inconveniência política. Seja como for o conteúdo e tom da «Nota» em causa, abre um precedente que reputo grave, para a independência da Assembleia Nacional e dos seus componentes pondo em causa o princípio da inviolabilidade dos deputados pelas opiniões e votos que emitirem no exercício do seu mandato (art.º 89.º a). Mas este é aspecto que diz respeito mais à Assembleia Nacional como Corpo e Poder do Estado, do que a mim próprio e por isso me abstenho de nele insistir».

Depois de uma interrupção do «leader», dr. Almeida Cotta, a lembrar que as entidades visadas também tinham o direito de esclarecer, o dr. Alberto Meireles comentou: — Mas não por este processo.

O orador, prosseguindo, e tendo em atenção que a «nota» em causa confirmava a existência de uma lei que estabelece «só sejam admitidos filhos legítimos de pais portugueses» nos três estabelecimentos de ensino secundário do Exército, declarou então o dr. Alberto Meireles: «Ora se é da lei e não de regulamento burocrático que resulta a discriminação apontada pelo senhor deputado, pois o termo que usei: «disparate» já

não é o adequado, pois então melhor teria dito que tal lei que impõe a «disparidade» de tratamento, «a reputo inaceitável por repugnar à consciência cristã, ser aberrante do nosso sistema educativo oficial e contrária ao espírito que informa o art.º 5.º da Constituição ao negar qualquer privilégio resultante de nascimento ou condição social».

Numa intervenção que, no final, foi apoiada pela quase totalidade dos parlamentares e pelo próprio presidente da Assembleia (que lamentou o precedente aberto), o deputado Alberto Meireles rebateu e lamentou os termos da «nota» e, a certa altura, disse: «Estranha discriminação essa, por parte das nossas Forças Armadas, que recebem nas suas fileiras todos os mancebos sem curar da legitimidade da sua filiação».

Na ordem do dia (sobre Fomento Industrial), usaram da palavra os deputados Salazar Leite, Coelho Jordão, Pontífice de Sousa e Trigo Pereira.

De um modo ou de outro, todos deram a sua aprovação na generalidade à proposta de lei. «Considero o acréscimo anormal do fenómeno migratório extremamente grave, mas julgo que poderá vir a ser muito mais grave se não se conseguir estruturar uma economia que torne aliciente uma estabilidade que contrarie a tendência de fuga», disse a certa altura o dr. Salazar Leite.

Hoje inicia-se a discussão na especialidade da proposta de lei sobre Fomento Industrial.

Filosofia da Ciência do Direito

Inicia-se dia 11, às 21 e 30, no departamento de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, um curso de extensão universitária, em forma de seminário, sobre «Filosofia da Ciência do Direito».

O curso, que é regido pelo

dr. José de Sousa e Brito, assistente da Faculdade de Direito de Lisboa e se destina a licenciados e a estudantes com pelo menos dois anos de frequência de Direito, prolongar-se-á até Junho, com uma sessão quinzenal.

ASSEMBLEIA GERAL DA UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

Evocada a memória do dr. João Ruella Ramos

A Assembleia Geral da União Eléctrica Portuguesa reuniu-se para apreciação do relatório e contas de 1971, tendo dirigido os trabalhos o presidente efectivo, sr. Eduardo Furtado que é também presidente do conselho de administração do Banco Pinto e Sotto Mayor, accionista da companhia.

Após a abertura da sessão, à qual compareceu elevado número de accionistas, o sr. Eduardo Furtado, visivelmente emocionado, evocou a morte recente de um dos administradores da empresa, o dr. João Pedro Ruella Ramos, «vinculado por mais de cinquenta anos de uma operosa e dedicada presença à União Eléctrica Portuguesa e com cuja ausência é difícil conformar-se os que, para além do seu alto prestígio, conheceram o humanismo do seu trato».

O Comandante José Francisco Correia Matoso referiu-se ao relatório de 1971 — elaborado ainda com a colaboração do dr. João Ruella Ramos — comovendo-se ao exprimir de novo o seu «profundo pesar pela morte do mais antigo e prestigioso administrador da empresa».

O sr. D. Victor Urrutia também traduziu, com palavras de muita saudade, a pena de, pela primeira vez em mais de 50 anos, não estar presente o sr. dr. Ruella Ramos.

Na sua qualidade de presidente do conselho fiscal, o dr. Arnaldo Pinheiro Torres, renovou igualmente perante a assembleia as expressões de grande apreço pela excepcional figura do dr. Ruella Ramos, já consignadas no relatório e parecer.

Na discussão do relatório, o Comandante Correia Matoso expôs os aspectos fundamentais daquele documento, pondo em relevo o esforço de mais de meio século ao serviço da electrificação nacional desenvolvido pela empresa por cujas redes se escoam cerca de um terço da produção metropolitana de electricidade.

O accionista sr. António Monteiro Soares da Silva elogiou o conselho de administração pela orientação seguida, afirmando o seu apreço pela forma por que as contas são normalmente apresentadas pela U. E. P.

O relatório foi aprovado por unanimidade, bem como a proposta de aplicação dos resultados de 1971, fixados em 57.579.435:63.

GELMAR

Empresa Distribuidora de Produtos Alimentares, Lda.

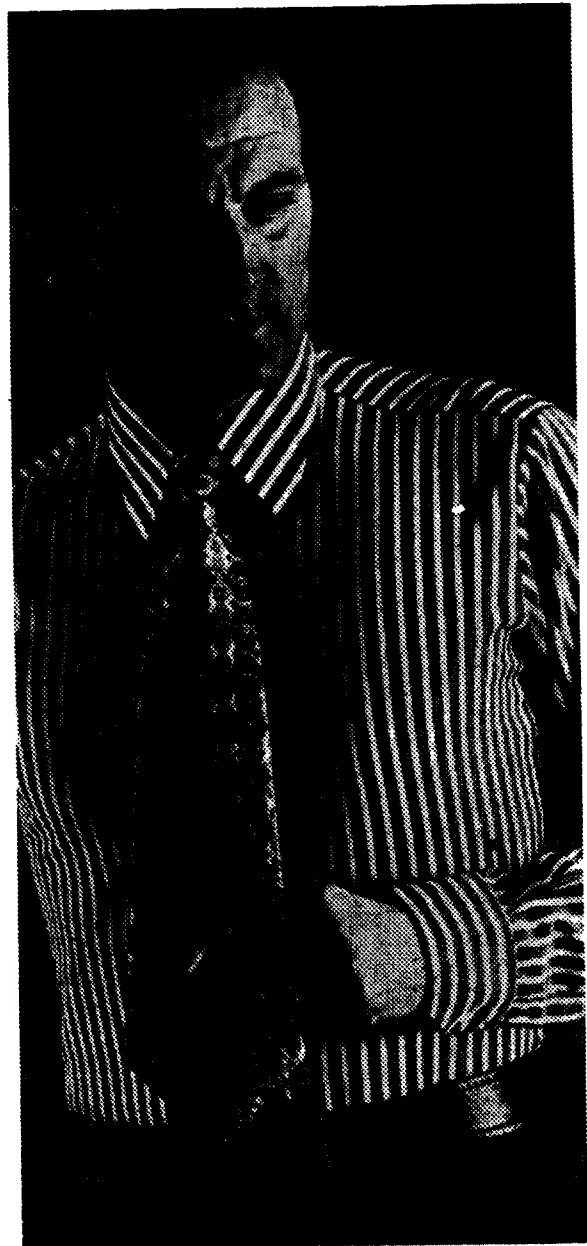
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM ALIMENTOS CONGELADOS

PEIXE, CARNES, AVES, LEGUMES E
PRÉ-COZINHADOS

DELEGAÇÕES EM: PORTO, COIMBRA, MONTEMOR E OLHÃO
ESTABELECIMENTOS EM TODO O PAÍS

RESTAURANTE «O PEIXE» NO ESPELHO DE ÁGUA

PRAÇA DO IMPÉRIO EM LISBOA



OFERECEMOS MAIS CONFORTO E APRESENTAMOS A MELHOR TÉCNICA EM CAMISAS QUE TRADUZEM UMA COMODIDADE NÃO ALCANÇADA ATÉ HOJE

ADÃO, CAMISEIROS
Rua Augusta, 240 LISBOA

Os americanos vão consumir Charlot

NOVA IORQUE, 7 — (F.P.) — Charlie Chaplin recebeu ontem a medalha de Handel, (como se vê na foto) a mais alta distinção cultural da cidade de Nova Iorque que o «maior» de Nova Iorque, John Lindsay lhe entregou perante uns cem convidados presentes. Amanhã Charlie Chaplin parte para Los Angeles para a cerimónia dos «Oscars».

«Esta notável visita privada-pública» diz o «New York Times» foi arranjada por Mo Rothman «O Poderoso Mo», segundo as palavras de Chaplin, não sem considerações de ordem financeira, como ele próprio confessa francamente. Rothman que, (com os seus sócios) comprou os direitos por 15 anos de nove filmes de marca de «Charlot» por cinco milhões de dólares (13 500 contos) mais uma percentagem sobre os lucros, conta com a visita para iniciar uma «corrida ao ouro».

De origem canadiana mas vi-

vendo em Londres, Rothman é o antigo vice-presidente encarregado da distribuição mundial da «Columbia», companhia detentora dos filmes de Chaplin nos Estados Unidos.

Aproveitando a publicidade gratuita feita, «Tempos Modernos» vão ser exibidos - a partir de 12 do corrente - em 40 cidades ao mesmo tempo. «Chaplin estará convosco nos cinemas da

América, através de toda a América, durante os próximos seis anos, proclama o «Poderoso Mo». É uma mina de ouro.

Rothman criou duas companhias depois do arranque do seu «negócio Chaplin». A «Black Inc.», para os filmes e a «Rubbles Inc.» para comercializar a imagem do célebre do vagabundo.

Tem a intenção de inundar os Estados Unidos de bonecos e de chocolates com a imagem de «Charlot», de fatos para petizes e de blusas com a sua efígie, com bandas desenhadas, etc. Desejo dos promotores: que todas as crianças do mundo reclamem para o Natal um chapéu de coco, uns bigodes falsos, uma bengala ou um par de sapatos estafados.

PROCLAMAÇÃO DE GIAP ÀS FORÇAS POPULARES

SAIGÃO, 7 (F.P.) — Rádio Hanói e Rádio «Giai Phong» difundiram ontem e na noite seguinte uma proclamação do comandante em chefe das Forças Armadas Populares — o general Nguyen Von Giap — anunciando que «as forças populares sul-vietnamitas passaram à

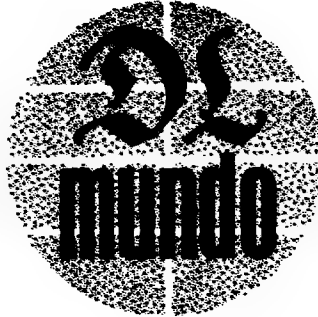
ofensiva e estão a obter a vitória, com pesadas baixas para o inimigo».

Esse texto, datado de ontem, dirige-se a «todas as forças populares vietnamitas». Pede-lhes que continuem «vigilantes» e compreendam bem que os bombardeamentos americanos no Vietname do Norte, nos sectores de Quang Binh e Ha Tinh, constituem «a reacção de um inimigo em estado de fraqueza que, numa situação de vencido, quer cobrir as derrotas com a agressão».

Giap recomenda, em especial, que «se garantam, em qualquer circunstância, os transportes e as comunicações para as primeiras linhas, a fim de vencer».

«Para a missão sagrada de libertar o Vietname do Sul, proteger o Norte e reunificar o país — acrescenta a proclamação — todos os quadros e combatentes de todas as forças armadas devem estimular o espírito combativo, vencer com decisão, aniquilar o inimigo, sejam quais forem os seus ataques, os seus métodos e forças, e cooperar com a Frente heroica para rechazar todas as tentativas dos agressores americanos».

«Todas as forças — conclui o general Giap — devem abater numerosos aviões, capturar o maior número possível de pilotos, afundar navios americanos e destruir todos os comandos inimigos».



CHILE: O PIR SAI DA UNIÃO

SANTIAGO, 7 — (ANI) — O Partido Radical da Esquerda (PIR) retirou-se do governo, e os seus dois ministros demitiram-se do gabinete do presidente Salvador Allende, numa luta sobre reforma constitucional.

O senador Louis Bossay, presidente do PIR, declarou que a decisão foi tomada como protesto contra o plano, anunciado por Allende, de vetar uma reforma constitucional aprovada pelo Congresso e que limitaria severamente o seu poder de nacionalizar as indústrias.

Os membros do PIR que se demitiram são o ministro da Justiça, Manuel Sanhueza, e o ministro das Minas, Guillermo Junk.

NÃO HÁ TRÉGUAS — DIZ O IRA

DUBLIN, 7 — (FP) — O comando «provisório do IRA, em Dublin, desmentiu mais uma vez e categoricamente as informações relacionadas com a existência de uma trégua ou com a redução das operações militares no Ulster.

Após uma reunião dos dirigentes de Dublin com os chefes de várias unidades a actuar na Irlanda do Norte, o IRA tornou público um comunicado no qual reafirma que as operações militares só serão suspensas após a satisfação das três exigências por eles já enunciadas quando das tréguas unilaterais de 72 horas no mês passado.

Estas três exigências são: a abolição do Stormont (já satisfeita por Londres), uma declaração de intenção do Governo britânico sobre a reunificação das duas Irlandas, e a recolha dos soldados britânicos aos aquartelamentos.

Companhia das Águas de Lisboa

AVISO AOS CONSUMIDORES

Obras inadiáveis de beneficiação da Rede de Distribuição de Água poderão motivar deficiências e irregularidades importantes de abastecimento de água, com particulares incidências nas partes mais elevadas e nos seguintes arruamentos, entre as 17 horas de sábado 8 e as 12 horas de Domingo, 9 do corrente:

Bairro dos Olivais-Sul

Bairro dos Olivais-Norte

Bairro da Encarnação

Bairro da Quinta do Morgado

Av. Cidade do Porto

Av. Marechal Gomes da Costa (no troço compreendido entre a Praça do Aeroporto e as instalações da Companhia Carris de Ferro de Lisboa).

Lisboa, 6 de Abril de 1972

Pela COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Os Administradores

CAFÉ PURO



O café preferido dos principais Hotéis, restaurantes, pastelarias, «cafés» e outros estabelecimentos onde se consome o melhor.

O CAFÉ PURO
CHAVE D'OURO

é o melhor,
evidentemente!

FILMES CASTELLO LOPES



apresenta

AQUELA SEXTA-FEIRA...!

(PERFECT FRIDAY)

Uma sexta-feira perfeita para um roubo deliciosamente perfeito!

URSULA ANDRESS
STANLEY BAKER
DAVID WARNER



GRUPO C-14 ANOS

COLORIDO

Realização de PETER HALL

HOJE ESTREIA NO

ROMA

Centenas de ataques aéreos contra o Vietname do Norte

SAIGÃO, 7 - (R.) - Anunciou-se hoje que as forças de libertação mantinham ainda as suas posições ao longo das duas frentes da sua grande ofensiva contra o Vietname do Sul, quando aviões americanos efectuavam centenas de ataques contra o Vietname do Norte.

As primeiras notícias da situação em terra indicavam não se registar qualquer mudança apreciável na frente da província sul-vietnamita de Quang Tri, abaixo da zona desmilitarizada ou a norte de Saigão, onde tropas da 5.ª divisão da F.N.L. bloqueavam ainda a estrada a apenas 57 kms. da capital.

«Atacai os comunistas com tudo o que tiverdes à mão e não regresseis com qualquer coisa para atirar», declarou aos pilotos o major-general americano James Hollingsworth, comandante de todas as forças americanas em Saigão e províncias vizinhas, que se encarregou pessoalmente da operação.

Centenas de aviões das Forças Aéreas Americanas, cujos efectivos atingem cerca de 400 caças bombardeiros, têm estado a atacar o Vietname do Norte, desde que o presidente Nixon ordenou ontem essas missões a fim de conter o ritmo da ofensiva desencadeada contra Quang

Tri, por aproximadamente 30 mil a 50 mil soldados das forças de libertação.

Anunciou-se, em Washington, que mais aviões americanos estavam a caminho do Vietname do Sul, a fim de aumentarem o poderio aéreo americano na Indochina.

Hanói comunicou em radio-difusões que 10 aviões americanos foram abatidos durante o dia de ontem e mais três hoje. Transmitiu também pela rádio ordens às suas forças para «abaterem mais aviões», capturarem mais pilotos e afundarem mais navios de guerra americanos.

O comando norte-vietnamita transmitiu essas ordens pela rádio numa emissão que foi escutada em Saigão.

Rádio Hanói afirmou: «Estamos a obter grandes vitórias e o inimigo está a sofrer baixas pesadas».

Hanói que não admite que o seu exército se encontra no sul e que denomina as tropas comunistas que participam na invasão como «Forças de Libertação», disse ainda que era dever sagrado das forças armadas libertarem o sul e protegerem o norte.

O comunicado do comando dos Estados Unidos dizia que os dois aviões americanos abati-

dos foram atingidos por mísseis terra-ar perto de Dong Hoi, a cidade mais meridional do Vietname do Norte. O piloto de um dos viões mergulhou com o seu aparelho no Mar do Sul da China e foi salvo por um helicóptero. O outro piloto foi dado como desaparecido.

Um contra-torpedeiro foi atacado por baterias norte-vietnamitas, disparando da costa. Foi identificado como sendo o «Lloyd Thomas», que operava a 16 kms. A nordeste de Quang Tri. Três marinheiros ficaram ligeiramente feridos, embora o contra-torpedeiro sofresse apenas estragos ligeiros.

Cinco contra-torpedeiros, cada um deles equipados com canhões de cinco polegadas, capazes de atingirem o alvo a uma distância de 11 kms., estão agora a operar ao largo da costa, juntamente com alguns porta-aviões americanos.

Ao longo da frente de Quang Tri, caçadores especiais sul-vietnamitas mataram 17 elementos da F.N.L. apenas a 6 kms a sudoeste daquela cidade. As baixas governamentais foram um morto e um ferido.

Tropas governamentais travaram uma batalha de cinco horas a menos de quilómetros e meio da cidade de Dong Ha, ao longo do rio Cua Viet, que está situado a 16 kms abaixo da zona desmilitarizada e constitui quase a linha da frente da luta em Quang Tri. Sete soldados governamentais e vinte do Exército Nacional de Libertação foram mortos - anunciaram informadores militares em Saigão.

Soldados do Exército Nacional de Libertação penetraram nessa frente, atravessando ontem a vau de Cua Viet em vários locais, mas ao fim da tarde tinham sido repelidos, segundo anunciou o comandante da divi-

são militar setentrional do Vietname do Sul.

Na frente perto de Saigão, aviões e helicópteros armados desencadearam um grande ataque, numa tentativa para salvar cinco americanos e um francês, cercados na área de uma plantação de borracha por forças de libertação que atacam Loc Ninh, a 100 kms. ao norte da capital.

Anunciou-se, esta manhã que Loc Ninh estava a ser atacada por todos os lados.

Tropas da Frente Nacional de Libertação dominavam eficazmente a auto-estrada NR. 13, a via principal de Saigão, pela qual reforços podem ser levados por terra.

Tendo os aeroportos de Loc Ninh e de An Loc, nas proximidades caído em poder das forças de libertação ao serem atacados, o transporte aéreo de soldados era, também difícil.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

Aviso aos senhores consumidores de água

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos da Companhia das Águas de Lisboa, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de água será interrompido a partir das 17 horas do próximo dia 8 (sábado), até às 12 horas do dia 9 (domingo), nas localidades a seguir indicadas e que tal corte pode originar perturbações naquele abastecimento nos primeiros dias que se seguem:

Sacavém, Figo Maduro e Prior Velho.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 5 DE ABRIL DE 1972

O Presidente do Conselho de Administração — Dr. Luiz Filipe da Cunha de Noronha Demyon.

PORTUGAL—BRASIL

O Embaixador Negrão de Lima nos Corpos Gerentes da Interhotel

O dr. Negrão de Lima, que de 1959 a 1963 desempenhou o cargo de Embaixador em Portugal, tendo regressado ao Brasil, para tomar posse da Governação do Estado de Guanabara, foi eleito Administrador da Interhotel na última Assembleia Geral daquela Empresa. São seus pares o dr. Mário de Gusmão Madeira, D. Fernanda Pires da Silva e dr. Abel Pinheiro e Matur-Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira. Os outros corpos gerentes ficaram assim constituídos: Conselho Fiscal, Jorge de Melo e Faro (Conde de Monte Real), Aristides Sain, Eng. António Duarte Silva (efectivos); dr. Luís Alberto Carvalho Fernandes e Leonel dos Santos Lourenço Capucho (suplentes). Mesa da Assembleia Geral: Presidente dr. António Duarte Silva, vice-Presidente Joaquim Dias de Sousa Ribeiro; secretários João Paulo Teotónio Pereira e Eng. Manuel Cândido Sena Rego.

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

S. A. R. L.

- PASTAS QUÍMICAS
- PAPÉIS KRAFT
- CARTÃO CANELADO
- FITA GOMADA
- SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

Instalações Fabris: Cacia

Telegramas: Celulose — Cacia

Telex: 2644 — CELOSE P

Telefones: 034 91287/88/89

Sede: Lisboa, R. Joaquim António de Aguiar, 3

Delegação do Porto: Rua de Ceuta, 43-4.º, Esq.º

Telefs. 35496 - 36330 - 36986

Telegramas: Celulose — Lisboa

Telex: 1140 — CELOSE P — Telef.: 53 88 57



TEMPO DE MARKETING ? TEMPO DE BRUXAS ?

Concordamos consigo. Claro que é tempo de Marketing. Mas, se pensa assim, não nos obrigue a agir como bruxos: — a adivinhar os seus problemas, a visionar-lhe processos mágicos de solução.

Quando nos procurar, forneça-nos dados con-

cretos sobre o seu negócio. Indique-nos quais são os seus objectivos comerciais. Assim, poderemos conceber e executar a campanha de publicidade mais adequada, tirando dela o máximo rendimento. E a máxima satisfação: Para si, para nós, para o consumidor.



PUBLICIDADE Av. Marquês de Tomar, N.º 7, 4.º — Telefs. 53 49 39 / 53 49 07 / 53 48 58



MARCA

Um gesto de personalidade!
-para quem usa,
para quem oferece.

Isqueiros MOVENTA
- em todo o mundo
para as pessoas
de bom gosto.



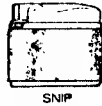
MEN DE LUXE



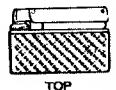
PETIT



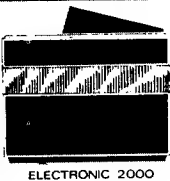
SNAP



SNIP



TOP



ELECTRONIC 2000

Mais de 100
modelos diferentes
desde 165\$00
a 1750\$00

Novidades Neconsar
Rua do Telhal, 43
Telef 366478

Rowenta

UM NOME QUE SE IMPÕE
DRAGÃO VERMELHO
PASTELARIA
PRAÇA DA RENOVAÇÃO, 11-A
ALMADA

máquinas de calcular electrónicas

TOSHIBA

Cálculos exactos à velocidade do relâmpago!
Agora ao alcance de todas as empresas.



CALCULADORA ELECTRÓNICA
MODELO BC-1414



CALCULADORA ELECTRÓNICA
MODELO BC-1002

Agrega convenientemente as teclas de «constant», «redondamento» e pré-selecção do ponto decimal para uma maior facilidade de cálculo. Capacidade 14. Uma memória. Decimização flutuante. Avisador de sobre-capacidade.

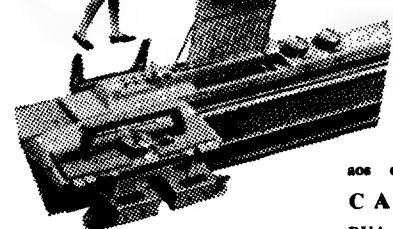
De preço extremamente módico, ela é de uma enorme versatilidade. Capacidade 10, mas extensível até 14. Ideal para a grande maioria de todos os cálculos comerciais ou científicos.



Toshiba em contacto com o dia de amanhã, cuja qualidade e pericia electrónicas, são famosas em 130 países.

Repres. exclusivos em Portugal - ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES, JR. S.A.R.L.
LISBOA, PORTO, AVEIRO, BRAGA, BEJA

**MÁQUINAS DE TRICOTAR
TOYOTA**



Automáticas, robustas e simples. Pontos de fantasia instantâneos. A única que faz deslize na obra e double-face.

Põe uma demonstração sem compromisso aos distribuidores para Lisboa:

CASA BERNINA
RUA GOMES FREIRE, 3-B

Representantes gerais para Portugal: Representações **DIEGMONT**
Rua Santo António, 62 - 1.º - Telef. 38 12 88 - Porto
AGÊNCIAS DISPONÍVEIS EM ALGUNS CONCELHOS

WIESE & C.ª, LDA.

ESTABELECIDOS EM 1865
AGENTES DE NAVEGAÇÃO

DA METRÓPOLE:

Carreiras regulares de navios para Norte da Europa, Mediterrâneo, África, Extremo Oriente, Américas (Norte, Central e Sul), Canadá, etc.
Possibilidade de aceitação de carga para todos os portos mundiais via Holanda em regime de frete-corrido.

DO ULTRAMAR:

Carreiras directas para todos os pontos do Globo.

Rua do Alecrim, 12-A
LISBOA - 2

Telef. 37 02 41/2
Telegr. Wieseco

PRÉDIO À MORAIS SOARES

Construc. moderna, com comunicações internas, com excel. acabamentos, esmerada construção, composto de grande loja c/cave e 4 pisos com habitaç. de 4 div. ass. por inq. Bem situado. RENDE 362 400\$00. PREÇO 5 800 000\$00. Escrit.ª na mão.

MOSTRA E TRATA

« A CONFIDENTE »

Rua do Ouro, 292 - Telef. 369384-5-6 - 328232-3 - 361756

ALVES RIBEIRO, LDA.

Avenida 28 de Maio, 49-A
Telef. 77 15 12 e 76 18 60
Lisboa-4

**EMPREENTEIROS
DE
OBRAS PÚBLICAS
E
CONSTRUÇÕES CIVIS**

**CERVEJARIA
FAROL**



de **MENDES & PINTO, LIMITADA**

VINHOS • CERVEJAS • MARISCOS

LARGO COSTA PINTO, 1 - TEL. 27 22 48
CACILHAS

baterias **TUDOR** pilhas

RUA RODRIGUES
SAMPÃO, 69, 1.º-D.º
TELS. 53 65 69 - 4 46 02
L I S B O A

**PREDIAL
ROBREL, L.DA**

MEDIADORA OFICIAL DEC. LEI 43.767

PROPRIEDADES
COMPRA • VENDA • HIPOTECA
HIPOTECA • SOBRE AUTOMÓVEIS



**DECIDA-SE HOJE MESMO POR
STº ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
(JUNTO À PLACA DE FLAMENGA)**

100 apartamentos, 4 assoalhadas alcatifadas, paredes revestidas a papel, 2 casas de banho, cozinhas com equipamentos modernos, construção de primeira.

A PARTIR DE 395 CONTOS

Com 30 % até à entrega das chaves e o saldo em 3 ou 8 anos:
CORRETORES DE PLANTÃO DIARIAMENTE NO LOCAL

A NOSSA DECORADORA ESTUDARÁ COM OS CLIENTES
A SOLUÇÃO IDEAL PARA CADA CASO

INFORMAÇÕES: Rossio, 74-3.º Telef. 3 55 21 3 54 38 38 62 57
LISBOA 2



AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FÉRIAS
atendemos pelos telefones
253-10 02 e 21 31 02

SPOC - Sociedade Portuguesa de Obras de Construção, Lda.

**OURIVESARIA NOGUEIRA
& SOUSA, LIMITADA**

OURO - PRATAS - JÓIAS

Rua Braamcamp, 74 - Tel.: 47807 - LISBOA

Foram os protestantes os primeiros a desencadear a violência na Irlanda

LONDRES, 7 (F.P.) - A responsabilidade do desencadeamento das perturbações na Irlanda do Norte, em 1969, cabe aos protestantes e aos católicos, mas nessa época não houve qualquer tentativa organizada para derrubar o regime do «stormont».

Tais são as duas conclusões essenciais do volumoso relatório publicado, ontem, em Londres e em Belfast pelo tribunal Scarman, que foi criado em fins de 1969 para estudar os problemas da acção violenta no Ulster de Março a Agosto do mesmo ano.

Ao longo de cerca de 300 páginas do seu relatório extremamente pormenorizado, sir Leslie Scarman, um britânico e os seus dois adjuntos, um protestante e um católico da Irlanda do Norte, esforçam-se por manter a balança equilibrada entre as duas comunidades. Deste modo, atribuem a extremistas protestantes os primeiros actos de violência em Março e Abril de 1969, e depois a «elementos republicanos» a série de ataques que se seguiram com bombas.

Por outro lado, se o papel

do exército não consta do relatório, visto que a sua intervenção maciça data apenas de Agosto de 1969, a polícia regular ulsteriana é criticada por ter cometido «erros sérios», tal como os seus auxiliares, os famosos «B Especiais», acusados de terem desrespeitado a disciplina, «especialmente no uso das armas de fogo».

Salientando o carácter espontâneo das manifestações, o relatório afirma que nem o «IRA», nem qualquer organização protestante nem qualquer outra organização tinha nessa época posto de pé uma campanha sistemática de violência.

O Relatório Scarman também não atribui aos dirigentes da minoria católica qualquer responsabilidade nos acontecimentos destes primeiros seis meses de violência.

O Relatório Scarman evita lançar azeite no fogo e de voltar a abrir feridas antigas, o que aliás não pode deixar de favorecer a restauração do clima de entendimento intercomunitário indispensável ao sucesso da nova política da Irlanda do Norte do Governo de Londres.

A CONFEDERAÇÃO DE POMPIDOU

O referendo do próximo dia 23 em França irá mais longe do que se pensava inicialmente: na realidade, embora a pergunta que será apresentada não inclua o termo «confederação», o presidente Pompidou já tornou bem claro que os franceses serão chamados a aprovar uma futura confederação europeia, que deverá nascer do Mercado Comum, acerca de cujo alargamento para dez países versa formalmente o referendo.

Assim, o sucessor do general de Gaulle ultrapassa o falecido general no que diz respeito à maneira como continuará a processar-se a unificação europeia. Atribui-se mesmo a Pompidou a ambição de vir a ser o primeiro de uma Europa Ocidental unificada. «De Gaulle II» ficaria, portanto, com um lugar assegurado na História e com um destaque que não deixaria de ser invejado pelo general-presidente.

Isto quanto a um futuro que talvez não esteja ainda muito próximo. Quanto ao presente e ao futuro imediato, não há dúvida que a realização do referendo é de molde a reforçar a posição do chefe do Estado francês no seu país, pois concorre para dividir a oposição política ao regime do herdeiro do general de Gaulle, exactamente na altura em

que essa oposição mais precisa de se unir com vista a tentar bater a actual maioria governamental, nas eleições gerais do ano que vem.

Socialistas e comunistas procuravam conjugar os seus esforços no sentido da constituição de uma frente única antigaulista, mas o referendo transformou-se numa cunha entre os dois partidos franceses, estando Pompidou a aproveitar habilmente o facto do Partido Socialista de François Mitterrand ser tradicionalmente a favor da unificação da Europa Ocidental e o Partido Comunista de Georges Marchais teimosamente contra, por considerar que a nova Europa é essencialmente capitalista e estranha aos interesses dos trabalhadores. O presidente joga portanto socialistas contra comunistas e vice-versa, enfraquecendo a posição de uns e de outros, devido à atitude que estão a adoptar perante a aspiração multicentenária europeia de unificação.

A questão complica-se para a oposição porque, se bem que o referendo seja apenas sobre o alargamento do Mercado Comum, Pompidou utiliza-o também para fazer plebiscitar (à de Gaulle) toda a sua política, interna, o que obriga os socialistas pró-europeus a abs-

ter-se, enquanto os comunistas se mantêm decididos a dizer «não» à política gaulista e a uma Europa não-socialista que, ainda por cima, deixa de fora a União Soviética e os restantes países da Europa Ocidental. Contudo, a noção de «Europa do Atlântico aos Urais» do general de Gaulle parece ter sido definitivamente sacrificada por Pompidou, em proveito de uma nova superpotência limitada ao Ocidente da Europa. (Aliás, o sonho do general era irrealista na medida em que incluía uma URSS que, para aderir, teria de abandonar o seu prolongamento asiático).

Para o Partido Comunista Francês a situação afigura-se particularmente difícil. O seu «não» à Europa capitalista coincide com uma viragem soviética relativamente ao Mercado Comum, que o chefe do PC soviético, Leonid Brejnev, reconheceu agora como uma «realidade». Eis, portanto, os comunistas franceses em riscos de se desactualizarem, o que aumenta a importância da manobra de Pompidou ao aproveitar o tema da unificação europeia para isolar especialmente o principal sector oposicionista francês, que corresponde a cerca de 20 por cento do eleitorado. Por seu lado, os socialistas encontram-se numa



NUNO VIEIRA

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL

encruzilhada; após o mau augúrio para a unidade da esquerda representado pelo malogro em chegarem a um entendimento com o Partido Comunista, acerca de uma atitude comum relativamente ao referendo. A hora é manifestamente de Pompidou, a menos que o resultado do plebiscito se revele uma surpresa idêntica ao referendo que levou o presidente de Gaulle a abandonar definitivamente a cena política.

A TÊXTIL DA MAIA, S. A. R. L.

POLIMAIA—SOCIEDADE INDUSTRIAL QUÍMICA, S. A. R. L.

SOCIEDADE TÊXTIL DE S. CAETANO, LDA.

WANDSCHNEIDER & CIA. LDA.

Comunicam a todos os s/ Amigos e ao comércio em geral a mudança dos s/ SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E COMERCIAIS, a partir de 10 de Abril, para instalações próprias sitas em

VILA NOVA DA TELHA/PEDRAS RUBRAS/MAIA
TELEFONES N.º 994.577/578/605/606.



ROLETA / BANCA FRANCESA / BACARA
CHEMIN DE FER / BACARA BANCADO
BACARA PONTO E BANCA / BLACK /
JACK-21 / CHUCKLUCK E CRAPS.

SALA DE JOGOS

RESTAURANTE / MUSICHALL. CINEMA / WONDERBAR.

AMBIENTE CLIMATIZADO

RECLAMOS LUMINOSOS

NEON

Plastécnica

LISBOA AV. MARCOMI 124-125 - P. da Glória - T. 21 92 49 5
PORTO R. VILA MEL 49-51 - P. da Garagem - T. 5 33 06

CATODO FRIO E PLÁSTICOS
PARA ILUMINAÇÃO
DECORAÇÃO E PUBLICIDADE
PALAS METÁLICAS
CLARABOIAS ARILUX

BOOTH'S-BOUTIQUE

Participa a Todos os Seus Clientes e
Amigos que Acaba de Receber a Nova
Colecção para Primavera e Verão
AV. Estados Unidos da América, 48-A

AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA CIVIL E MINAS

ADMITE IMPORTANTE EMPRESA MINEIRA DE ANGOLA

CONDIÇÕES OFERECIDAS

- BOM VENCIMENTO CONTRATUAL
- CONTRATO DE 3 ANOS, RENOVÁVEL, COM AUMENTO DE REMUNERAÇÃO
- ALOJAMENTO COM ÁGUA E LUZ
- MOBÍLIA, ROUPAS DE CASA, LOICAS E OUTROS UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS
- GRATIFICAÇÃO ANUAL
- SUBSÍDIO DE ESTADIA
- SUBSÍDIO DE FAMÍLIA
- ASSISTÊNCIA MÉDICA E MEDICAMENTOSA
- FÉRIAS PAGAS NA METRÓPOLE, NO FIM DE CADA CONTRATO

(GUARDA-SE RIGOROSO SIGILO)

PEDE-SE RESPOSTA INDICANDO EXPRES-
SAMENTE IDADE, ESTADO E PRÁTICA
PROFISSIONAL, A ESTE JORNAL, AO N.º 542

AMONÍACO PORTUGUÊS, S. A. R. L.

PRODUTORES DE

Sulfato de Amónio
Ácido Sulfúrico/Oleum
Oxigénio
Hidrogénio

Azoto
Amoniaco
Amónia
Cinzas de Pirite

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO:

Linha de ácidos e adubos (Estarreja — III Fase)

Investimento	370 000 000\$00
Início dos trabalhos	Abril de 1972
Data da conclusão	Março de 1974

PRODUTOS: Ácido Nítrico, Nitrato de Amónio e Adubos Compostos

Linha Petroquímica (Estarreja — IV fase)

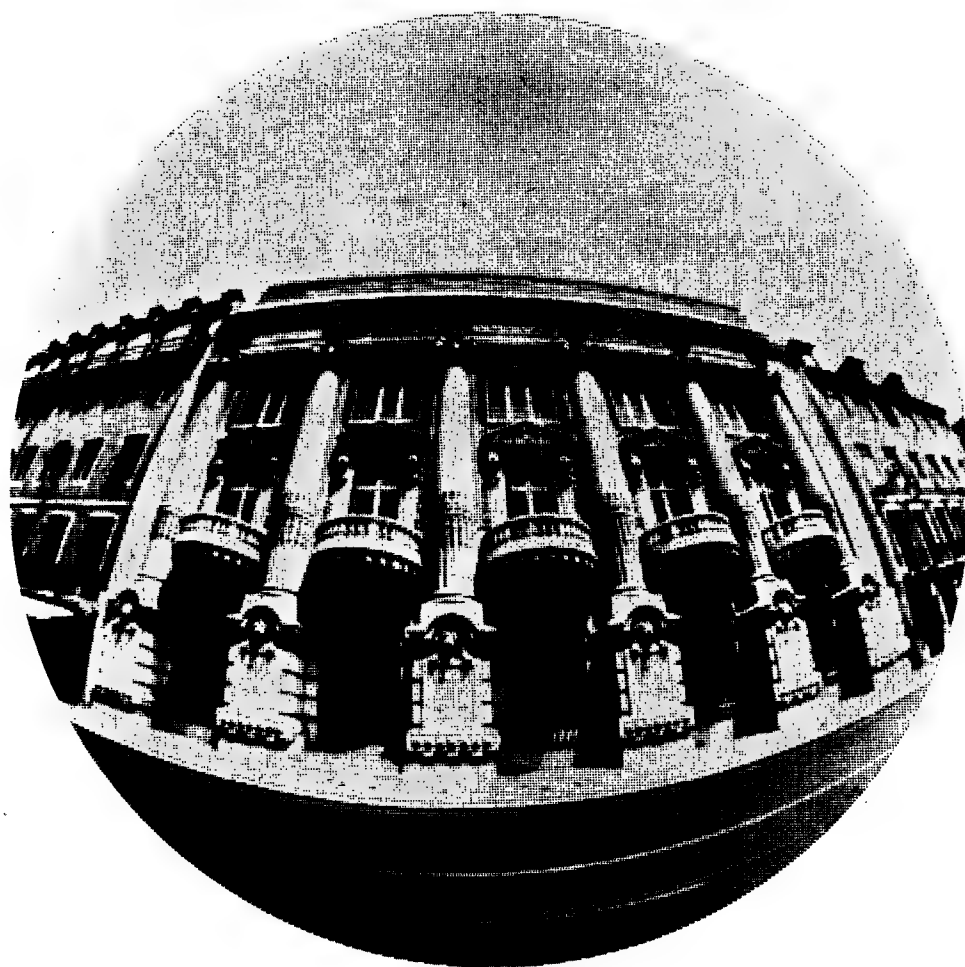
Investimento provável	2 750 000 000\$00
Início dos trabalhos no terreno do 1.º Escalão ...	2.º semestre de 1973
Data da conclusão do 1.º Escalão.....	30 meses depois do início dos trabalhos

Produtos Petroquímicos Aromáticos

Sede — Rua Silva Carvalho, 234 — Lisboa — (Telex: 1525 AMPORT P)
Fábrica — Estarreja — (Telegramas: (AMONÍACO))

SCHAUB-LORENZ

TELEVISORES COM GARANTIA

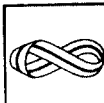


somos uma presença
que se projecta
no futuro
dos nossos clientes

GARAGE BOA VIAGEM

RUA SAMPAIO E PINA, 56-60 — LISBOA — TELEF. 68 37 37

ESPECIALIZADA NA COMPRA
E VENDA DE AUTOMÓVEIS
E FURGONETAS



BANCO TOTTA & FIGURES

Medidas preventivas em zonas de urbanização

Tem a Câmara Municipal de Lisboa em estudo os planos de urbanização da zona da Alameda das Linhas de Torres, e da zona envolvente da Igreja da Memória e, tornando-se, por isso necessário estabelecer medidas preventivas para as áreas abrangidas pelos mesmos, um decreto pelo Ministério das Obras Públicas, estabelece que, durante o prazo de um ano, fica proibida nas áreas da capital representadas nas plantas anexas ao referido diploma, a prática de actos ou actividades seguintes:

Construção, reconstrução ou

ampliação de edifícios ou outras instalações; instalação de explorações ou ampliação das já existentes; alterações importantes, por meio de aterros ou esca-

vações, á configuração geral do terreno; derrube de árvores, em maciços de qualquer área.

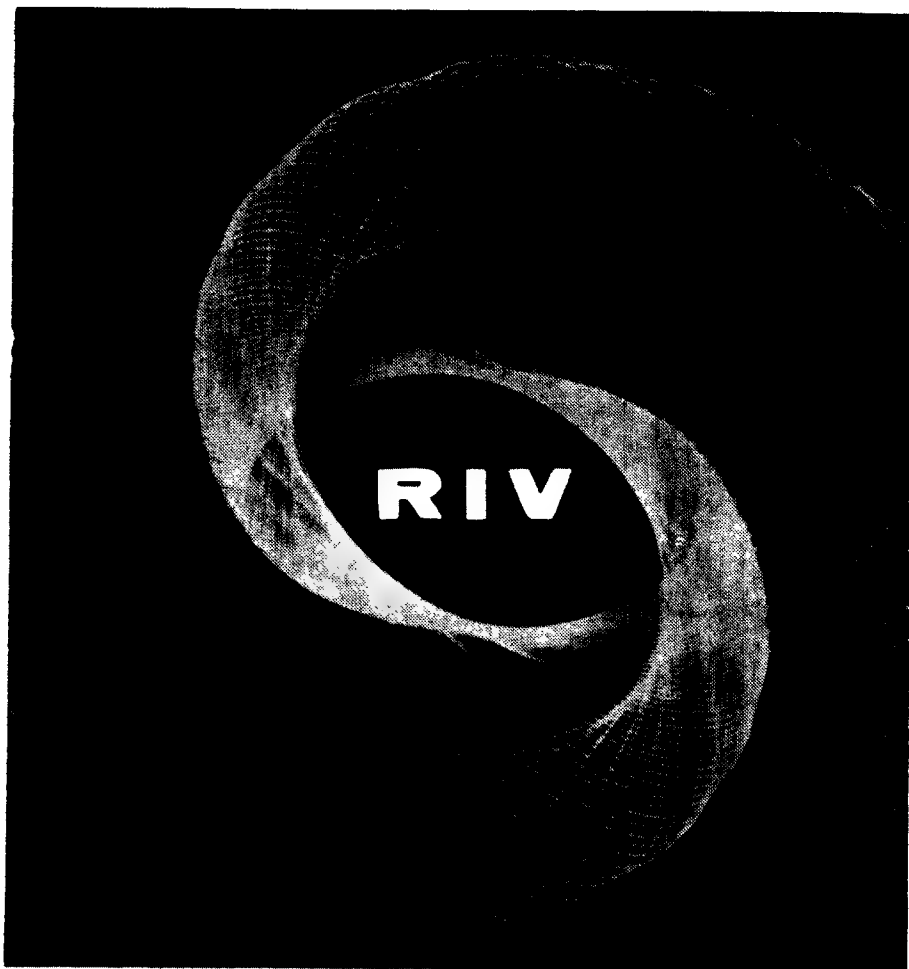
O decreto referido entra imediatamente em vigor.

Conferência sobre Gago Coutinho

Subordinada ao tema «Gago Coutinho Historiador» efectua-se esta noite, às 21 e 30, no Elos Clube, uma conferência proferida pelo prof. Luís de Albuquerque, da Universidade de Coimbra, membro da Comissão

Nacional para as Comemorações do 50.º Aniversário da Travessia do Atlântico Sul.

O embaixador do Brasil, prog. Gama e Silva, presidirá à sessão.



rolamentos

■ 60 anos de experiência na produção de rolamentos de todos os tipos e dimensões

■ um produto de alta qualidade que satisfaz a técnica mais avançada



AUTO~LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA



GATUNOS MILIONÁRIOS

Larápios milionários não são coisa muito vulgar. Pelo menos no nosso País, o roubo está montado em pequena escala. Rouba-se tudo, desde amuletos a portachaves e daí para cima. Mas a média anda à volta de alguns contos de réis e raramente vai mais além. Tudo o que ultrapasse essa baixa média figura como façanha singular. Daí que se espantem as pessoas, quando a acção dos ratoneiros, uma vez feitas as contas, venha a somar qualquer coisa como mil contos.

Pois foi o que se concluiu da prisão pela Polícia Judiciária duma quadrilha que há bastante tempo vinha actuando com certa sem-cerimónia, de preferência em casas de electrodomésticos de Lisboa e arredores. Mas os gatunos, agora a ferros, têm mais por que responder do que os mil contos dos roubos levados a cabo.

Na madrugada de 27 de Fevereiro último, um automóvel atropelou mortalmente o operário sr. Laurindo Leal. Os ocupantes do veículo puseram-se em fuga, sem prestarem assistência à vítima, acto que levantou as maiores suspeitas e acabou por pôr a polícia no encalço duma activa quadrilha de gatunos, quatro dos quais seriam presos dias mais tarde. Soube-se, então, que o carro que atropelara o infeliz Laurindo havia sido roubado ao locutor Marques Vidal e que os ocupantes do veículo eram ao todo cinco. Faltava, pois, prender ainda um elemento da quadrilha, implicado no

atropelamento mortal. Não tardaria, porém, que a Polícia Judiciária, por intermédio do sub-inspector Gomes coadjuvado pelo agente Carlos Gomes, deitasse a mão ao homem que andava a monte.

Os elementos detidos pela polícia são José Machado, Francisco José Henriques Ventura, António Maria Gonçalves Vieira Pescada, Nelson Fernandes Rafael e José da Ressurreição Martins. O processo, bastante volumoso, segue os seus trâmi-

tes. Decerto que os quadrilheiros vão ter umas largas «férias», em compensação de tão cansativa actividade.

CARRO ROUBADO

Agentes da Polícia Judiciária encontraram, perto de Odivelas, abandonado e bastante danificado, um automóvel que há tempos havia sido roubado ao sr. Luís Gonçalves Alves, residente na Rua Marques Leitão, 12, a quem vai ser entregue.

Pensões de reserva a oficiais graduados

No Conselho Consultivo da Procuradoria-Geral da República votado, e homologado pelo secretário de Estado do Orçamento, um parecer sobre pensão de reserva a oficial graduado do Exército que, antes de se apresentar ao curso de promoção tenha passado à reserva, por incapacidade física para o serviço activo.

As conclusões do referido parecer são as seguintes:

«O Estatuto do Oficial do

Exército constante do Decreto-Lei n.º 176/71, de 30 de Abril, não revogou o Decreto-Lei n.º 48865, de 14 de Fevereiro de 1969.

«Deve ser calculada com base no vencimento do posto de graduação a pensão de reserva de um oficial graduado ao abrigo do Decreto-Lei n.º 48865, que, antes de se apresentar ao respectivo curso de promoção, tenha passado à reserva, por incapacidade física para o serviço activo.»

Condecorados pelo Brasil dois políticos portugueses

Em cerimónia que decorreu hoje, ao fim da manhã, na residência do embaixador do Brasil em Lisboa, foram condecorados com as insígnias da grã-cruz das Ordens do Cruzeiro do Sul e do Rio Branco respectivamente, os srs. dr. Baltazar Rebelo de Sousa, ministro das Corporações e da Saúde e eng.º Arantes e Oliveira, antigo ministro das Obras Públicas e Governador-Geral de Moçambique e ac-

tual presidente do Conselho do Fomento Ultramarino.

Estiveram presentes ao acto várias individualidades portuguesas além de funcionários superiores da embaixada do Brasil.

O sr. prof. Gama e Silva disse da sua satisfação em desempenhar tão honrosa incumbência do Governo que representa em Lisboa e teve palavras elogiosas para cada dos condecorados, os quais, por sua vez, agradeceram.

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

CONCURSO para o fornecimento de três Estações Terrenas de Telecomunicações por Satélites, a instalar em Portugal Continental, Angola e Moçambique

Dando satisfação ao solicitado por grande número de concorrentes, comunica-se que esta Companhia decidiu adiar, em definitivo, a abertura das propostas referentes ao concurso em epígrafe, para o dia 25 do próximo mês de Maio.

As propostas, devidamente fechadas e lacradas, deverão ser entregues na Sede da Companhia Portuguesa Rádio Marconi — Praça Marquês de Pombal, n.º 15-4.º andar — até às 13.00 horas do referido dia 25 de Maio.

A abertura das propostas terá lugar pelas 16.00 horas do mesmo dia na Sede da Companhia, no 7.º andar.

Lisboa, 6 de Abril de 1972.

A Administração da CPRM

um carro é um carro! **SIDIAL** é uma garantia!

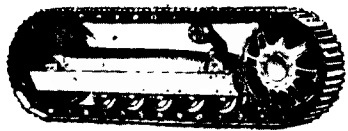


há horas de sorte...

Calcule! decidimos oferecer aos nossos clientes, a partir de 1 de Fevereiro de 1972, a possibilidade tentadora de por sorteio, no fim do ano, virem a receber em barras de ouro, o valor total do carro comprado. Tente-se! a nossa oferta pode ser sua. Há horas de sorte...

CONCESSIONÁRIO **CHRYSLER DE PORTUGAL**

baterias **TUDOR** pilhas



**MATERIAL
DE
RASTO**

CORRENTES — ROLETOS — SPR KETS
PARAFUSOS — VEIOS

PARA TODOS OS TRACTORES

CONSULTE A:

SIPEMA

LISBOA — Rua de Arroios, 87 - A
Telef. 53 46 30 e 4 68 94
BEJA — Rua do Vale, n.º 13 — Telef.
23560

Caravanas rolores

AR LIVRE, LDA.

NOVAS E USADAS

Largo Hintze Ribeiro, F.A.
(Rato) — Tel. 65 09 67

Lisboa

**TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?**

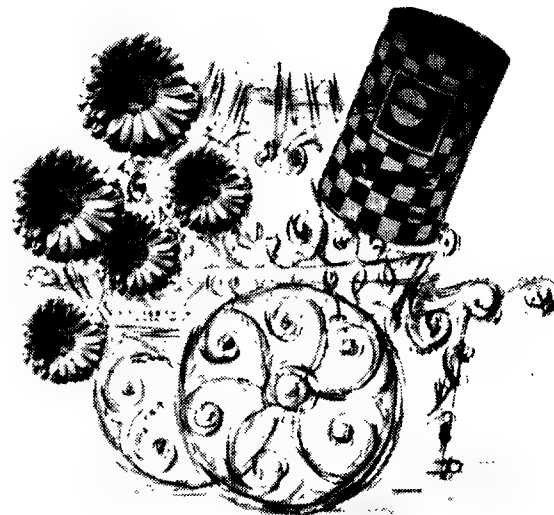
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telef. 367444/323172
Rua 1.ª de Dezembro, 45

primavera

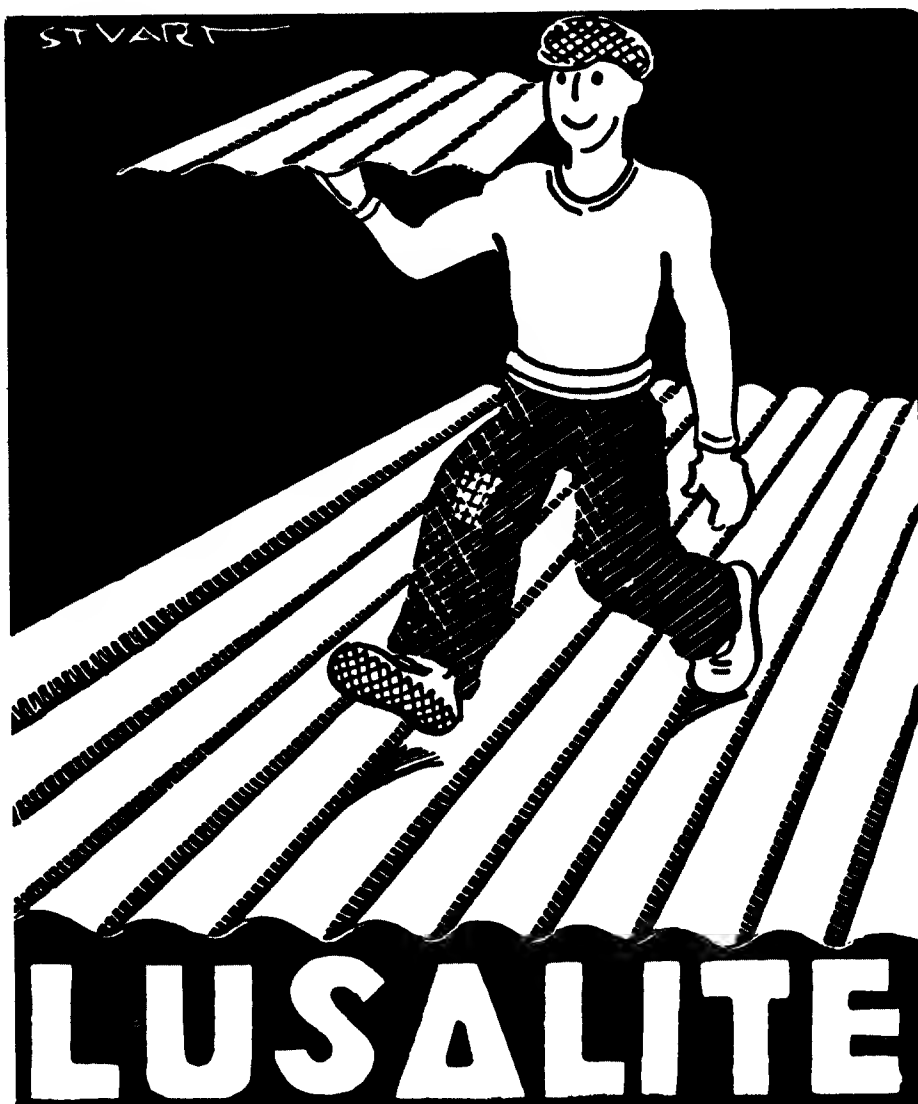
tempo de flores



nós não fazemos flores
a maravilha existe

temos
maravilhas para si

sonap



LUSALITE

LUSALITE — Sociedade Portuguesa de Fibro-Cimento, S.A.R.L.

SEDE E FÁBRICA: CRUZ QUEBRADA

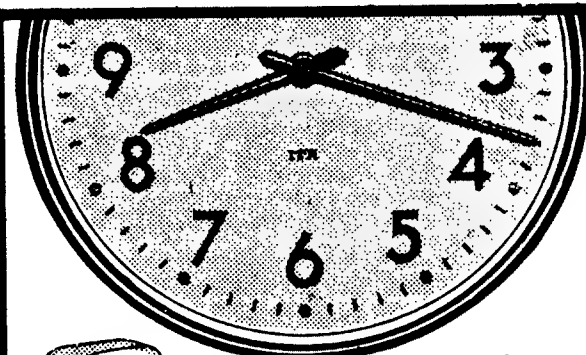
Escritórios: Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA - 2 — Telef. 322091/5



**COMPANHIA DO
CAMINHO DE FERRO
DE BENCUELA**

para o progresso
da
África Central

SEDE E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO ATAÍDE, 7 — LISBOA
DIRECÇÃO-GERAL EM ÁFRICA — C.P. 32 — LOBITO — ANGOLA



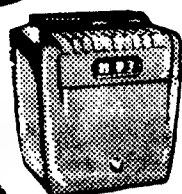
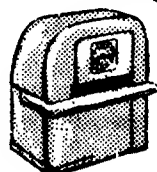
ITR
EQUIPAMENTOS DE CONTROLE
DE TEMPO

RELÓGIOS DATADORES, DE PONTO, CUSTOS,
MÃO DE OBRA ETC.

ANTERIORMENTE
COMERCIALIZADOS
SOB A MARCA IBM

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
J. GONÇALVES LDA.

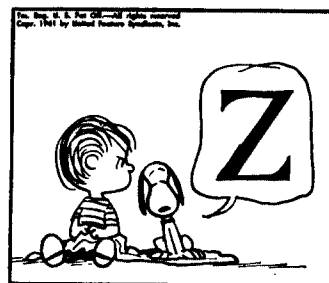
R. BRAAMCAMP, 15A
TELEF. 533270 — 47006 — LISBOA



INGLÊS POLAR



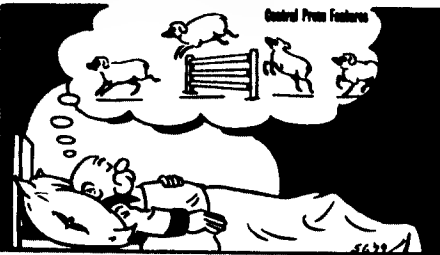
Foi a primeira apresentação pública do ursinho «Kayak». E, para o efeito, houve festa muito concorrida no Zoo de Whipsnade, Bedfordshire. Razão da festa: «Kayak» é o primeiro ursinho polar nascido em Inglaterra. Efectivamente nasceu em Setembro passado naquele Jardim Zoológico, de que é agora a maior atracção (TelefotoUPI/Telimprensa/DL.)



CAROL DAY — Emergency!



by David Wright

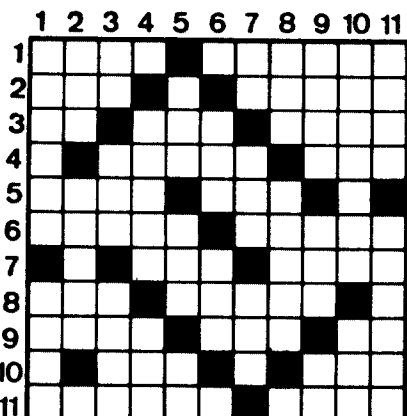


palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 10 055

HORIZONTAIS

- 1 Pronome relativo. Hilotes
- 2 O mesmo que fula-fula (Prov. alg) Espesso.
- 3 Preposição e artigo definido. Rate. O mesmo que outar.
- 4 Económico. Vazia.
- 5 Comboio. Heroína francesa que foi queimada viva.
- 6 Naípe das cartas de jogar. Gole.
- 7 Fecha as asas para descer mais depressa. Ligar.
- 8 Fruto de ateira. Defeito.
- 9 Nome de fruto. Dê mios. Pronome reflexo.
- 10 Fileira. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- 11 Espalha (fig). O fundo do crivo ou da peneira.



VERTICAIS

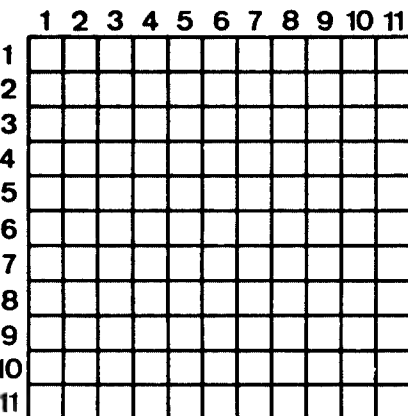
- 1 Que quantidade. Bolo de farinha de arroz e azeite de co usado na Ásia. (pl).
- 2 Grito. Peça de ferro em que o cavaleiro apoia o couro da lança quando investe.
- 3 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Preposição. Lavram.
- 4 Apelido. Ice.
- 5 Maior. Consentimento. Nesse lugar.
- 6 Língua do grupo tibetano, falada ao N. do Tibete. Medida de líquidos na Alemanha.
- 7 Prefixo de afastamento. Romancista espanhol autor de «A Arte de Goya». Ninho.
- 8 Título honorífico na Índia. Alcança.
- 9 Pronome demonstrativo. Esteiro. Ruim.
- 10 Carregava. Ilha do arquipélago de Cabo Verde.
- 11 Bebida usada no Peru. Regulo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6213

HORIZONTAIS

- 1 Senhor. Cidade e porto do Líbano. Basta.
- 2 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Artigo indefinido. Pronome pessoal.
- 3 Montão. Cidade da Polónia.
- 4 Caminhei para cá. Fileira.
- 5 Investigue.
- 6 Cidade da antiga Caldeia. Serra de Portugal. Ba-tráquio.
- 7 Conjunção. Bigorna de ourives. Nome de astro.
- 8 Uma das ilhas Jónias. Querida.
- 9 Mulher nobre. Rei de Israel, marido de Jezabel.
- 10 Furiosa. Presa.
- 11 Filólogo norueguês autor de uma Gramática e de um Dicionário da língua Norueguesa. Curar.



VERTICAIS

- 1 Ruído. Região da África antiga entre Cartago e a Maurítania.
- 2 Cidade da Rússia. Roera.
- 3 Acrescentar. Uma das Espórades.
- 4 Estimem. Uma por casamento.
- 5 Ouro (sq). Busca. Prefixo de privação.
- 5 Ouro (sq). Busca. Prefixo de privação.
- 6 Suplica.
- 7 Oferece. Amofina. Artigo definido.
- 8 Sossego. Freguesia do concelho de Castelo Branco.
- 9 Casa de campo. Arrancar.
- 10 Espécie de luquês de madeira, usada pelos penteeiros. Vestigio que deixa a roda.
- 11 Membro de ave. Parte do Indosão, na costa do Decão, banhada pelo golfo ou mar de Omana.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 054

HORIZONTAIS:

- 1 Atroa. Firam.
- 2 QUEM. NADA.
- 3 Ura. FAZ. Sir.
- 4 Emita. Orgai.
- 5 Mas. Lua. Ara.
- 6 Paira.
- 7 Posar. Ilama.
- 8 Erara. Aotos.
- 9 Rei. Mós. Res.
- 10 NADA. VALE.
- 11 Arada. Pisam.

VERTICAIS

- 1 Aquém. Perna.
- 2 Turma. Orear.
- 3 Reais. Saida.
- 4 Om. Par. Ad.
- 5 Falaram.
- 6 Ba. Ui. Ou.
- 7 Zoarias.
- 8 In. Alo. Vi.
- 9 Rasca. Moás.
- 10 Adiar. Altras.
- 11 Maria. Assem.

PROVÉRBO Quem nada faz nada vale

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6112

HORIZONTAIS

- 1 Destonar.
- 2 Troaras.
- 3 As. Árido. Ac.
- 4 Sol. Maé. Apa.
- 5 Abale. Natas.
- 6 Cavam. Amara.
- 7 Art. Dor.
- 8 Só. Aotos. Ba.
- 9 La. Sés. Pó.
- 10 Sela. Boca.
- 11 Soito. Beras.

VERTICAIS

- 1 Casacos. SS.
- 2 Soba. Óleo.
- 3 Te. Lava. Ali.
- 4 Sra. Lara. Ai.
- 5 Tormentos.
- 6 Raia. Teu.
- 7 Ordenados.
- 8 Não. Aмос. Be
- 9 As. Alar. Pór.
- 10 Apar. Boca.
- 11 Acaala. As.



«Vê se consegues alertar os engenheiros para alertar os consertar o telefone!»



«Quero dar uma palavrinha a São Cristovão»



Cuidado, Lúcia, aí vem aquele velho lobo com pele de carneiro»

YUSTRICH VENCEU TOSTÃO

1 — Juarez Lima, que no mês passado combateu em Lisboa contra o americano Gene Carter (a quem derrotou por pontos) acaba de vencer em Marselha, também por pontos, o ex-campeão francês dos «médios», Pascal di Benedetto.



INFORMAL

Mário Nobre

2 — Entretanto, em São Paulo, Eder Jofre derrotou (por «KO», ao 5.º assalto) o mexicano Memo Morales. Seu pai Kid Jofre, ficou muito contente com a exibição do filho e comentou: «Preparemo-nos, agora, para irmos dia 14 ao Ibirapuera aplaudir João Henrique, na sua última apresentação entre nós, antes da peleja com Bruno Arcari, em Milão, a contar para o título mundial».

3 — O Governador do Estado de São Paulo, dr. Laudo Natal, ao deixar o Autódromo de Interlagos, após Emerson Fitipaldi perder para o argentino Carlos Reutemann o «Grande Prémio do Brasil» (por acidente no carro quando faltavam poucos quilómetros para o final e corria destacado na frente) teve esta exclamação: «Nunca vi tanto público na minha vida. Impressionante, como o automobilismo se transformou num dos desportos mais populosos do

Brasil. No momento só perde para o futebol».

4 — Quando, em Curitiba, o Atlético e o Jandaia disputavam animado encontro de futebol, eis que surge no campo enorme enxame de abelhas africanas, invadindo o Estádio «Joaquim Américo». Logo, desenfreada correria se verificou por toda a parte, gerando-se autêntico pandemônio. Os 22 jogadores, acedendo a uma ordem do árbitro, deitaram-se, imóveis, sobre a relva... numa cena inédita na história do futebol em terras de Santa Cruz. A propósito: o Atlético ganhou por 5-1.

5 — Na cidade de Pelé (Três Corações) Yustrich fez o seu debate como orientador técnico do Cruzeiro de Belo Horizonte, empatando com o Atlético local a zero bolas. Tostão e Piazza, que antes declararam publicamente que não jogariam sob as ordens do «homão», alinharam pelo grémio mineiro e foram os melhores em campo. Que razões os teriam levado a mudar de ideias? Talvez os «argumentos» do decantado «homem forte» do futebol montanhês...

ram pelo grémio mineiro e foram os melhores em campo. Que razões os teriam levado a mudar de ideias? Talvez os «argumentos» do decantado «homem forte» do futebol montanhês...

PS — Só quem conhece o ambiente de frenesi de uma tipografia de jornal compreende como possam suceder enganos, aparecerem «gralhas» inoportunas e muitas outras coisas. Foi um desses acidentes que aconteceu no passado domingo com esta coluna. O paginador, em vez de lhe dar o seu verdadeiro nome, colocando na mesma a gravura do «Informal», ilustrou-o com o «Livre e Directo», do Cagica, que deve ter ficado muito intrigado com o tratamento dado a Tostão e as confidências que me fizera Artur Jorge, em Itália, quando em Agosto ali estive com o Benfica. Aos nossos leitores (bem como a Cagica, Artur Jorge e Tostão...) sinceras desculpas.

"MUNDIAL" DE HÓQUEI A VISTA

Alemanha: um "tanque"

Havia umas velhas contas a ajustar com a selecção alemã: fora ela, no último campeonato da Europa que venceu a de Portugal, fazendo muitos desacreditarem no triunfo final.

Neste Torneio do Estoril (organizado pela Federação Portuguesa de Patinagem para comemorar os seus 50 anos de actividade e também para substituir o certame de Montreux) o primeiro jogo da nossa selecção foi exactamente contra os germânicos. E as contas ficaram saldadas...



A selecção alemã. De pé: Manfred Kipp, Gunther Gockel, Gillesen Gerd e Herbert Gortner. Em baixo: Herbert Klein, Harro Strucksberg, Hermann Klein e Wolfgang Jex.

Não foi fácil esse acerto. Porque esta selecção alemã que veio a Lisboa era (praticamente) a mesma do último Campeonato da Europa: e nos meses passados os seus jogadores não esqueceram a forma de actuar. Uma particularidade caracteriza o jogo germânico: a força física na base de todos os lances, quer sejam de ataque, quer sejam de defesa. Sempre, durante os 50 minutos de luta, o vigor atlético é o denominador comum de todas as jogadas, braços e tronco a ajudarem o «stik» na conquista da bola. E, de tal forma, que em alguns lances os adversários foram lançados pela vedação, projectados pelo «físico» dos germânicos...

A selecção alemã tem três louros e dois barbudos na sua formação. Este pormenor, embora possa parecer estranho, empresta à equipa uma presença fora do habitual, pois o público, sempre atento às características dos jogadores, aceita essa reali-

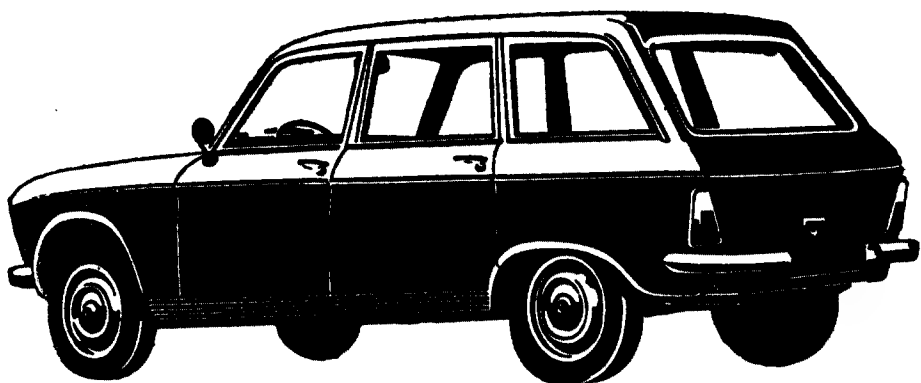
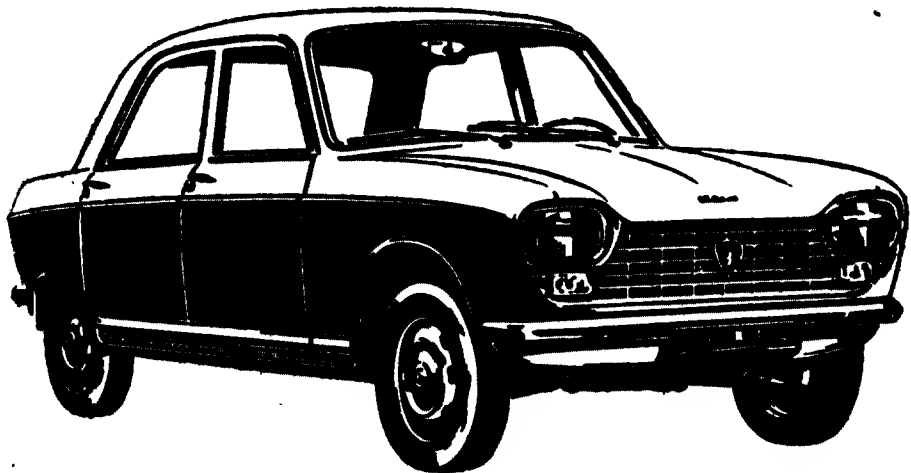
dade com o seu quê de tipicismo, facilmente se identificando com uma simpatia generalizada. Não fora a dureza empregada na maior parte das jogadas e a turma alemã teria ganho, sem favor, as simpatias maiores do público que foi ao Estoril. Isto, não obstante todos ainda se lembrarem da derrota sofrida no Pavilhão dos Desportos, de Lisboa em Maio último.

Mas, para além desse particular, a selecção germânica sabe jogar hóquei em patins tal como tem conhecimento perfeito da forma como pode descobrir os fracos dos seus adversários. No seu último jogo, contra a Espanha, essa particularidade veio bem ao de cima, pois foi com muita dificuldade que os espanhóis conseguiram vencer. Para

isso, tiveram de marcar seis golos: pois sofreram cinco...

Têm um defesa muito seguro: Gortner. Um médio que sabe socorrer a extrema defesa e bem apoiar o ataque: Gunther. E, igualmente, dois avançados fofos: Erhardt e Jex, este em especial pela codícia e oportunidade com que se demarca para o toque final ou para a recarga vitoriosa.

Conclusão: embora estejam certas as nossas contas com a Alemanha, convém não confiar em demasia no nosso melhor hóquei, na nossa indiscutível superioridade no aspecto técnico. Em Espanha, no Campeonato do Mundo, todas as selecções vão querer conquistar o «bonito» de nos vencer. E, como equipa prevenida vale por duas...



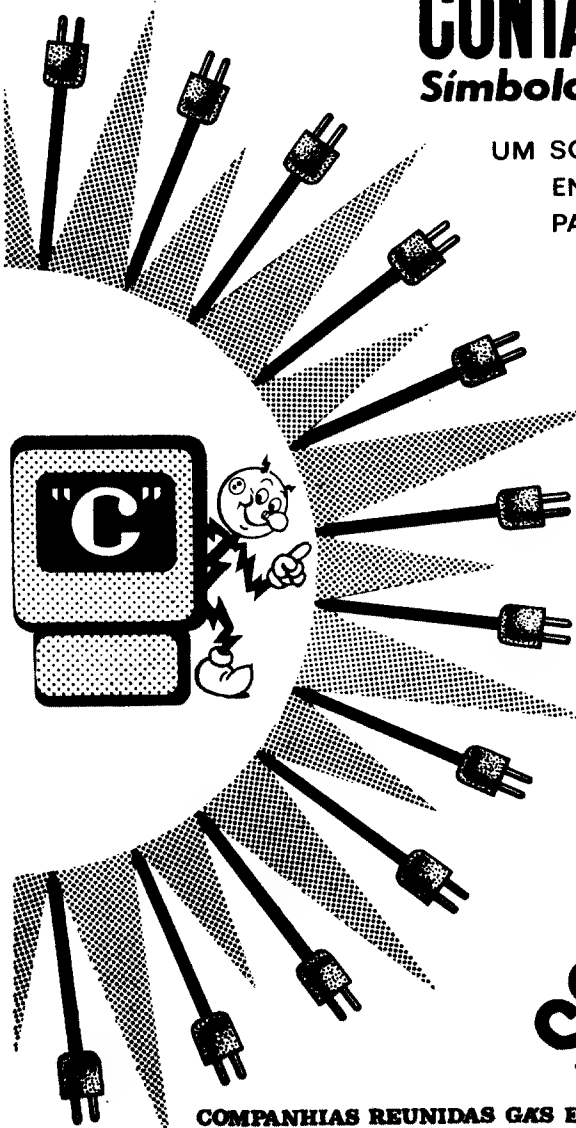
204 PEUGEOT

MOTOR disposto transversalmente inclinado a 20°
Suger quadrado — 4 cilindros
Cilindrada — 1130 c.c.
Taxa de compressão — 8,8/1
Potência — 58 HP
Regime — 5800 r.p.m.
Cabeça em alumínio de câmaras bi-hemisféricas
Válvulas a cabeça
Cambota de 5 apoios
EMBRAIAGEM de comando hidráulico
CAIXA DE VELOCIDADES — 4 velocidades para a frente, todas sincronizadas
SUSPENSÃO — traseira e dianteira independentes
DIRECÇÃO — de cremalheira
TRAVÕES — de disco a frente, e de tambor, acionados com servo-freio
PNEUS — 145 e 14
CONSUMO — entre 6,5 e 8,5 l/100 Km, segundo carga, potência e velocidade
VELOCIDADE MÁXIMA — 140 Km/h

MOGAR, Lda.
Av. Ant. Ag. de Ag. 10-1, 10-2 - LISBOA

CONTADOR "C" Símbolo do Conforto

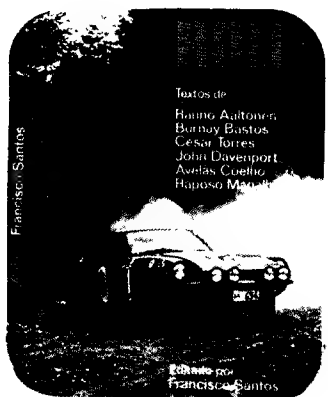
UM SOL ABUNDANTE DE
ENERGIA ELÉCTRICA
PARA OS SEUS



ELECTRODOMÉSTICOS

COMPANHIAS REUNIDAS GAS E ELECTRICIDADE-LISBOA

TELEFONE — 5370 21



"RALI".. obra (muito útil) de Chico Santos

Foi esta semana preenchida uma lacuna há muito existente no nosso automobilismo desportivo. Com o lançamento do livro «Rali», editado pelo conhecido automobilista e jornalista da especialidade Francisco Santos, passam os entusiastas pelo desporto automóvel (e o público em geral) a ter uma publicação que será, ao mesmo tempo, um manual e um guia. Na realidade, este livro preenche as três grandes funções de uma publicação: informar, formar e recrear.

Em capítulos escritos por especialistas nacionais e estrangeiros destacamos os respeitantes à técnica de condução (o finlandês Rauno Aaltonen considerado como o mais completo «rallyman» em todo o mundo), preparação mecânica dos carros (Eng. Burnay Bastos), organização de provas (César Torres) e navegação e assistência (Francisco Santos). «Rali» poderá, inclusivamente, ajudar a formar e desenvolver novos conhecimentos entre muitos adeptos da modalidade, além de dar indicações úteis a todos os automobilistas em geral. Citação especial ainda, para John Davenport, conceituado jornalista europeu de «ralis», escreve sobre o «Mundo dos Ralis», contando episódios e facetas curiosas das provas internacionais dos últimos anos.

Os quatro apêndices que terminam a publicação dão especificações técnicas de todos os carros competitivos em 1972, biografias e «palmarés» de pilotos e navegadores portugueses e estrangeiros, resultados de provas, campeonatos nacionais e estrangeiros e, ainda, moradas de organizadores, preparadores e fábricas.

«Rali» é ilustrado com mais de duzentas imagens de fotógrafos portugueses, ingleses, franceses e japoneses.

SPORTING NO BARREIRO: Laranjeira definitivo Rocha muito provável

Este Sporting de Mário Lino ainda não parou de correr, no caminho para o reencontro consigo próprio e na procura de vitórias concretas nos domingos de futebol. Agora é a deslocação ao Barreiro, para defrontar a Cuf; para tanto, a semana foi de trabalho. Mais intenso que habitualmente.

Ontem efectuou-se a sessão de conjunto, que era o segundo treino formal (com bola) para muitos dos jogadores, já que a formação reservista havia defrontado o Luso do Barreiro no começo da semana. Lino dirigiu o apuramento de conjunto, alinhando na equipa principal (que, aliás, se manteve inalterável durante os 100 minutos de treino) os onze futebolistas seguintes: Damas, Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos e Hilário; Manaca e Peres; Chico, Nelson, Yazalde e Dinis. Como se vê, Lino insiste com Laranjeira a defesa central, ao lado de José Carlos e no lugar de Caló, uma experiência que deverá manter-se até final da temporada, pois o Sporting (e ainda antes de pensar na equipa do futuro) quer empregar-se a fundo na competição mais

importante em que ainda tem «chance» — a «Taça de Portugal».

Para a concentração, que principia hoje e vai prolongar-se até domingo, foram chamados (ainda) os profissionais Botelho, Caló, Gonçalves, Márinho e Joaquim Rocha. Joaquim Rocha está em forma apurada e é quase certo que vai jogar no estádio «Alfredo da Silva»: não no princípio, mas na segunda parte, no lugar de Nelson ou Yazalde. Rocha é um dos futebolistas que mais tem beneficiado com o novo ritmo de trabalho em Alvalade, embora Lino nos diga que começa a haver abundância de jogadores para escolher os 16 que estagiam cada semana. Neste momento há cerca de vinte elementos em perfeitas condições, sendo de destacar os casos de Dani (a caminho da sua grande condição) e de Tomé (recuperado da rotura de ligamentos no ombro e já a treinar normalmente).

A propósito da fraca exibição dos «leões» no derradeiro sábado, contra o Sintrense, disse-nos Lino que foi apenas

reflexo da anormalidade dos jogos no último fim de semana, mormente por culpa do intenso calor que se fez sentir, numa mutação brusca de temperatura que não podia deixar de influenciar os jogadores. Foi assim nos jogos de juvenis, foi assim no Vitória-Beira-Mar e em outros campos do país.

Hoje, os futebolistas do Sporting foram escalados para duas sessões de treino. A primeira foi cumprida da parte da manhã (e limitou-se ao trabalho de ginásio). Ao fim da tarde, o prof. Moniz Pereira orienta a preparação física e, logo de seguida, há apuro técnico, com exercícios individuais, controle de bola e remate.

Esta semana o Centro de Estágio de Alvalade volta a ser utilizado prevendo-se que, quando o calor apertar, os jogadores passem a acolher-se noutra local mais climatizada. Uma notícia, ainda: correm boatos (sem confirmação plena de que o ex-árbitro Borges Leal, que desempenha funções directivas nos «leões», está de missionário. Esperemos a notícia final.



Com José Carlos no comando, o Sporting de Mário Lino, ainda não parou de correr.



FUTURAS VEJETAS DA BOLA



Oeiras: o amanhã do futebol. Eis a prometedora equipa de juniores da Associação Desportiva de Oeiras que segue em segundo lugar na série C, da II Divisão Distrital, apenas a um ponto do primeiro classificado. Em 17 jogos a turma da Costa do Sol marcou 55 golos e consentiu 17. Vamos vê-la na próxima época no escalão superior.



«RECORD»: durante 84 horas e 10 minutos jogaram bilhar dois jovens neo-zelandeses. O anterior máximo era de 72 horas, mas não se sabe ainda se este poderá ser homologado pois os dois «heróis» fizeram a sua partida num bilhar americano com oito bolas.

CICLISMO: no próximo domingo, a Associação do Sul organiza provas de preparação para amadores populares, juniores e profissionais. As corridas iniciam-se às 7 e 45, 8 e

às 7 horas e 30 respectivamente e a partida será dada em Olival de Basto, para um percurso de 150 quilómetros, com final no Estádio de Alvalade.

ESTAFETA: o Farense organiza, a 16 deste mês, a «V Estafeta Olhão-Faro», com a colaboração da Associação de Atletismo de Faro. A prova será dividida em quatro percursos de 2, 2, 5; 2,5 e 3 quilómetros, respectivamente.

NATAÇÃO: o Ginásio Clube Figueirense organiza pela 6.ª vez, o Torneio Nacional de Natação «Primeira Braçada».

DIRIGENTES: o Maria Pia elegeu os novos timoneiros da colectividade. Ficam a presidir Augusto Amaro (assembleia geral), Mário Tomé (direcção) Joaquim Lima (conselho fiscal) e Manuel Machado (representantes nas colectividades de Cultura e Recreio).

VETERANOS: no Barreiro (de 10 de Junho a 30 de Julho) vão realizar-se jornadas desportivas destinadas a maiores

de 35 anos. Modalidades: basquetebol, futebol de cinco, badminton, atletismo, ténis de mesa, xadrez e natação.

BASQUETEBOL: já não será na Póvoa de Varzim (por reparo de um clube interessado) a final do campeonato nacional feminino da primeira divisão.

DESISTÊNCIA: a equipa masculina de basquetebol do Juventude Sport Clube afastou-se da «Taça de Portugal». Entretanto, o clube foi multado em 500 escudos e suspensos os seus atletas Jerónimo Matias (60 dias), José Borreico e António Trabuço (8 dias).

ATLETISMO: campeonatos regionais de iniciados (rapazes e raparigas) marcados pela Associação de Lisboa para os dias 15 e 16 do corrente, no Estádio Universitário. Por seu lado, o «Torneio de Abertura» prossegue amanhã e domingo, no Estádio Nacional a partir das 16 horas.

ROMAGEM: os admiradores de Rogério Fustcher foram ho-

je à sua campa, no cemitério do Alto de São João, depor flores. A iniciativa pertenceu ao Hockey Club de Portugal.

SETUBAL: a Comissão Organizadora dos II Jogos Desportivos Juvenis realiza, no próximo dia 16 pelas 10 horas, um torneio de corta-mato orientado por Adelaide Marques, Henrique Silva e o técnico Fernando Marques. Podem concorrer maiores de 9 anos.

«TAÇA DE PORTUGAL»: jogos para mais esta competição basquetista. Resultados: Barreirense, 74-Cuf, 62; Cruzquebrandense, 56-Atlético, 57; Lisgás, 63-Luso, 41; Sacavenense, 65-Internacional 57; Farense, 47 - Física de Torres; 44; Académica da Amadora, 66-Académica de Santarém, 58; Algés, 44-Benfica, 76 e Queluz, 45-CDUL 53. O Sporting de Torres faltou ao encontro com o Nacional.

RÁQUEBI: num jogo de juniores, Direito venceu (21-12) o CDUL.

LIVRO SEM FIM

Contaram-me que, num país esquecido, havia um rei. Era um desses países: que estava ninguém conhecia: que estava no mapa só porque faltava preencher um pequenino espaço de terra pegado ao mar. E o rei, que nascera modesto súbdito, fora colocado no trono por vontade de uma legião que só nele via as qualidades para bem governar e bem orientar os negócios do Estado, o espelho das virtudes e dos talentos.

A fama desse rei foi correndo mundo. Enquanto outros soberanos perdiam o tempo e o dinheiro fazendo longas calçadas oratórias, o bom do nosso rei, rei pela graça do Povo, preocupava-se em assinar obras e em deixar aos vindouros coisas que dele falassem através das épocas e das idades.

Um dia, muito antes de estar velho, fez reunir o conselho do reino e perguntou se todos os veneráveis estavam de acordo com a sua política. Que sim. Com o seu reinado. Que sim.

Com a sua abdicação. Que não. Com o seu recuo no tempo, com a sua volta para o seio da tribo. Que não. Com a sua renúncia ao trono. Que nunca. À noite, o rei meteu-se a magoar. Mas, sem conseguir dormir, pegou-se à janela e espreitou a lua. E os montes. E as ameias do castelo. Na rua, caso estranho, passeava (bamboleante e atrevido, gingão e ma-

POR NEVES DE SOUSA

landro) um miúdo de pés descalços, de calções rasgados, de camisa às tiras. O garoto espreitou o rei e, sem mais aquelas, piscou-lhe o olho. Na noite cúmplice, o luar bateu de alto no rosto do traquina: e o rei bem teve tempo de fixar o gesto, a irreverência, a atitude que contrariava protocolo e vassalagem.

Mas, bondoso e alegre, contente e sem beliscadura, o rei achou piada. E por seus laicaos mandou que se procura-

se, antes do virar da esquina, o pequeno sem fronteiras. Quando o miúdo pôs os pés no alcatifado da corte teve um leve receio, coisa de pouca dura porque logo, como se sempre tivesse pisado tapeçarias e mármore, continuou com o mesmo azougue sem peias a fustigar de atrevimentos as paredes austeras. Voltou a piscar o olho ao rei, mal o entendeu a um passo. E, sem mais, poisou o corpo numa cadeira e ficou à espera.

Bem: a história podia prolongar-se até não sei quando. Mas, para abreviar, arranque-mos direitos ao fim. Pela leitura da última página, estabeleça o leitor o enredo que o historiador omitiu. E pela assinatura do rei, mais pelo garatujado trémulo do outro menino de rua que o soberano já quer como sucessor, adivinhe o leigo o processo seguido pelos acontecimentos nas linhas que ficaram em branco.

Rei Eusébio e menino Jordão moram no fim do livro.

FICAMOS ASSIM

Aniversário é festa. É alegria: mas, também, é ponderação e reflexão no que ficou para trás e no que está para vir. Pois eu também tenho o meu aniversário, o primeiro a trabalhar diariamente com os meus colegas nessa labuta insana e maravilhosa que é o jornalismo.

Nesta altura, não sei se deverei falar do passado ou do futuro: lembrar-me que, um dia (muito envergonhado) entrei na redacção, abri a boca e exclamei cá para mim: Um jornal! Depois, quase um ano passado sobre essa entrada, era enviado especial desse mesmo jornal a Paris.

Confesso: nunca acreditei que algum dia pudesse gostar tanto de uma profissão como esta a que me atirei com alma e coração. Lembrar-me do dia em que fiz a minha primeira entrevista. E a primeira reportagem. E desse dia (inesquecível) em que me disseram que tinha possibilidades, que continuasse a trabalhar, que podia fazer umas flores. Sim,

não há nada igual a recompensa de um serviço diário, sem se pensar em A ou B, mas apenas em bem servir.

Poucos leitores de trabalhos assinados por Carneiro Jacinto deverão saber quem é «esse tipo». Pois eu digo: é um rapaz que estudou todos os outros meninos, que teve sonhos como todos os meninos, que quis ser jornalista como alguns meninos, e que acabou por en-

POR CARNEIRO JACINTO

contrar a sua verdadeira vocação como a maior parte dos meninos. Agruras: muitas. Aborrecimentos: milhentos. Mas, que mais poderá querer um menino do que saber que escreve para milhares, que tenta servir milhares, que pensa que poderá ser útil a milhares? Não, não é imodéstia: ser jornalista é maravilhoso. Quanto me custou a compreender que nem tudo eram alegrias, que só com trabalho se poderia ir longe, que de ingratidões está o mundo cheio? Quando com-

preendi tudo isso, foi lindo poder afirmar: valeu a pena.

Meus amigos: críticas, oíças em toda a parte, comentários menos agradáveis fazem-se em todo o lado. Porém, ter a consciência do dever cumprido, isso talvez seja mais difícil. Enfim: é aniversário do jornal, e meu (também). Grande, enorme. Quando penso, que um dia pensei escrever aquilo que lia nos jornais e (hoje) consigo fazê-lo... Compreendam: disse-lhes isto porque encontrei neste dia a ocasião propícia para o fazer, mas não julguem que, por isso, vou deixar de ser aquilo que sempre tenho sido. O mesmo rapaz que albergou em miúdo o sonho de ser jornalista.

Em data de aniversário, vamos pensar no futuro. Pois eu prometo: aquele menino que muitos conheceram não deixará de ser o mesmo. E continuará (sempre) a pensar que é lindo, muito lindo, servir bem quem nos lê. Contem comigo, pois eu sei bem quanto vos devo.

DESRESPEITO, MOEDA CORRENTE

São muitos e variados os aspectos em que se pode notar, no ambiente desportivo nacional (ou mais exactamente, no meio viciado da futebolite profissional) um total desrespeito pela imprensa, que chega a atingir as raízes do inconcebível com frequência indesejável e rotineira.

1 Por exemplo o caso do técnico húngaro que neste momento está suspenso pelo Leixões. Botou «faladura» na cidade da Beira, disse o que muito bem lhe apeteceu (e ao que consta nos meios desportivos, até com verdades espalhadas na entrevista). Simplesmente (depois) viu o ordenado ameaçado e negou. Felizmente que a entrevista foi gravada e os desmentidos do húngaro ficaram no chão. E se o repórter apenas tivesse tomado notas manuais? Que aconteceria? Desrespeito à imprensa? Houve. Felizmente foi punido como deve, pois não acontece tal nos dois exemplos que vão a seguir.

2 E velho assunto das entrevistas dos jogadores de futebol dos principais clubes, Benfica e Sporting, com triste evidência à imprensa na sua generalidade e a alguns jornais em particular. Chega-se ao ponto de sugerir, e talvez as pessoas não estejam devidamente in-

formadas disso, cortes em entrevistas dadas por profissionais e devidamente autenticadas e assinadas como verídicas. Chega-se ao ponto de, veladamente, ir dizendo que se os cortes não forem realizados o jogador sofrerá consequências, entrando pela sua honra e haveres com a maior desfaçatez, sem que alguém ponha cobro à prepotência (vem aí a acção do Sindicato, felizmente!). E o jornalista visado pergunta: que fazer? (Soluções há muitas): pode ignorar (pura e simplesmente) esse clube e os seus jogadores, mas vai concertar contra os inte-

POR DANIEL REIS

resses económicos da sua entidade patronal. Pode aceder ao que lhe pedem, mas vai certamente contra a sua noção de honestidade e dignidade profissionais. No fundo (e ainda que cada um vá resolvendo o impasse como melhor achar e de acordo com a sua maneira de ser, quando uma tomada de posição conjunta se impõe) reflecte apenas esta atitude um generalizado desrespeito pelas funções da imprensa. O que, não sendo novidade no país, é de repudiar.

3 — A terceira (e porque estamos situados mais den-

tro do campo futebolístico e com as instalações no estádio de Colômbes, velho de dezenas de anos) há só duas salas de redacção equipadas com mesas excelentes e duas dúzias de cadeiras confortabilíssimas; há um bar fornecido a preço e doze cabines com telefone e escrivaninha. E: NÃO É NADA DE ANORMAL; POIS NOS ESTÁDIOS MAIS MODERNOS (por essa Europa fora) estas condições são ainda ultrapassadas.

Pois o nosso Estádio Nacional não tem uma única cabine de imprensa, não tem telefone que possa ser utilizado sem favores da Comissão Directiva, não tem telheiro para abrigar da chuva quem escreve. Na Luz, há dois acanhadíssimos camarotes, uma cabine pública na antecâmara dos balneários e uma mesa recente, instalada num corredor. Em Alvalade, situação quase idêntica: só com vantagem na dimensão do camarote e no apetrechamento da salinha nos baixos do estádio.

Julgamos que as comparações dispensam comentários para aprovar o que por essa prosa fora está igualmente referido.

Desrespeito pelas funções da imprensa; moeda corrente no país.



OS RESISTENTES DO VOLEIBOL

A equipa de voleibol do Clube Nacional de Ginástica, uma das mais sérias candidatas à vitória no Campeonato Nacional. No primeiro plano: António Resende, Aguiar Buisel, Plácido Martins e Manuel Andrade. De pé: Vítor e José Pimpão, Vilar Moreira, Teixeira e José Nunes.

ANDEBOL PORTO-ALMADA: QUEM SERÁ O SEGUNDO?

Depois das interrupções motivadas pela disputa do torneio pré-olímpico e da primeira eliminatória da «Taça de Portugal», o campeonato metropolitano de andebol de sete da 1.ª divisão prossegue amanhã com a 19.ª jornada. Jogos previstos: Beira-Mar-Académico, Benfica-Paroense, Porto-Almada, Sporting-C.D.U.P., Vitória de Setúbal-Belenenses e Campo de Ourique-Técnico.

O encontro do Porto é o mais importante pois defrontam-se os segundos classificados: os portistas (derrotados em Lisboa pelos «azuis» da capital) atravessam uma fase menos boa, mas o Almada deverá sentir os efeitos de uma época desgastante, com sucessivas presenças em torneios e provas succeias. Difícil uma previsão: e, por isso mesmo, mais aliciente o embate.

No restante calendário, calma absoluta: com os «setes» visitados numa vantagem aparente

que poderá ser contrariada no campo da luta. O jogo de Setúbal poderá ser bastante interessante porque se defrontam duas equipas jovens com excelentes possibilidades de oferecerem um bom espectáculo. O Sporting, já com o título praticamente assegurado, não deverá ter dificuldades frente ao último da tabela, bem como o Benfica ao receber o Paroense. O Campo de Ourique (em subida de forma) decerto não vai encontrar problemas perante a turma dos futuros engenheiros, enquanto que o Beira-Mar querará manter o ciclo de vitórias intra muros que tem registado ultimamente.

Ao fim e ao cabo: mais uma jornada para cumprir de uma prova que (pela sua irregularidade) deixou de merecer a atenção dos amantes da modalidade, a partir da altura em que, por dá cá aquela palha, se travava a sua marcha.

EM LISBOA

COMO EM TODO O MUNDO

ÊXITO FULGURANTE!!!

MILHARES JA' VIRAM 3 VEZES

AGORA SÓ NO AVIS

11ª semana

TRINITA'

CON-BOY insolente

FILMES OCCIDENTE

ADEPTOS DO F.C.PORTO QUEREM

Novos na equipa e bom treinador



Teresa Maria.



Eduardo Faustino.



Florência Beleza.

Têm andado descontentes os adeptos do Futebol Clube do Porto. Motivo: a principal equipa de futebol não tem tido uma época como era desejo dos seus admiradores. Alguns dos resultados ao longo do campeonato e, muito especialmente, as exibições em «casa», decepcionantes. Nem mesmo as constantes mudanças de técnico evitaram fraude número de desaires.

É sobre a equipa «azul-branca» (e modificações possíveis) que falam alguns apaniguados (do clube portuense).

Francisco Xavier Sampaio Vieira (sócio n.º 5545):

«Entendo que terá de encontrar-se imediatamente um técnico capaz: para que veja a equipa, estude os pontos fracos e procure solucioná-los com a aquisição de novos elementos. Depois disso e atendendo a que a equipa já nada tem a perder, prepará-la convenientemente para a época futura. Parece-me que as dificuldades não seriam muitas, pois o «plantel» futebolístico do F. C. Porto está recheado de bons valores. Luta, isso sim, com a falta de um técnico de crível».

Mário Mano (associado n.º 11636): «Actualmente, nada há a esperar da actual equipa. Por isso mesmo entendo que havia necessidade de contratar, o mais urgentemente possível, um bom treinador. Neste pormenor e a nível nacional parece-me que só há um: Pedrito. Depois disso, trabalhar de maneira a preparar a equipa com vista à próxima temporada e rectificar os seus pontos fracos».

Florência Beleza (sócia n.º 13437): «Julgo que a equipa necessita urgentemente de ex-



Mário Mano.



Francisco Vieira.



António Ferreira.



Augusto da Silva.

tremos e de um treinador de categoria que nos leve a conquistar o título há tantos anos desejado por toda a massa associativa».

Eduardo Faustino (associado n.º 15084): «Antes do mais

ria tarefa que ele teria de ver em primeiro lugar, para depois se tentar remediar os pontos mais fracos. Presentemente vive-se do imprevisto e isso parece-me que não será a melhor situação para a equipa do clube».

António Ferreira (sócio n.º 37460): «Primeiramente, entendo que há necessidade de preparar o material humano em relação ao futuro. E isso só seria possível depois da vinda de um treinador de prestígio internacional. Só assim se evitaria que a equipa estivesse a viver de rasgos individuais e passasse a praticar um futebol de mais conjunto».

Augusto Beleza da Silva (associado n.º 3978): «Uma vez que o «onze» do Porto chegou a esta situação, entendo que se deveriam lançar os jogadores mais jovens, vindos das equipas inferiores. Também me parece que o conjunto necessita de um defesa central e de dois extremos. Mas não é a mim que compete estar a fazer um juízo sobre a equipa. Acho que se deveria contratar um técnico de primeira água que visse o que faz falta e fizesse obra válida, de modo a levar a Porto a conquistar um campeonato».

Teresa Maria Pinto da Silva (espectadora): «Há muito individualismo neste «onze» do F. C. do Porto, o que não é nada bom. Além disso, entendo que outros jovens deveriam, nesta altura, ser lançados, para se avaliar melhor das suas possibilidades. Mas, deixe dizer: o presente treinador está a fazer um trabalho válido. Aliás, outra coisa não seria de esperar, pois considero Feliciano um dos melhores técnicos portugueses».

são uns metralhas... pela minha saúdinha! E o voleibol para hoje e que devia ter saído ontem. O Vítor Hugo que sai amanhã e já devia estar pronto na semana passada. Atenção: às dez horas é preciso ir ao Restelo... Então e a columbofilia? (A propósito: obrigadinho ó Fernando!) E o Chana? E o Atlético do Cacém? E o Pietra? E o Queijas? E o Valeijas? Ainda não está tudo

pronto? Olhem: o diabo que os carregue!

E, depois, aquele chinfrim por causa dos manos Pimpão?! Que não se lhes podia chamar moicanos, que isso era não sei onde, que não vem no dicionário, que mais isto e aquilo... Então eu tenho de gramar esta ignorância, este recusa de títulos inspirados? Vou continuar a esbanjar a tinta rara duma

LINGUAGEM DE REDACÇÃO

POR ORLANDO DIAS AGUDO

Chefe Neves (camisa azul, gravata às bolas amarelas, caindo como guardanapo no estômago que não pára de crescer) pede-me «linguado e meio» de prosa desportiva para o número de hoje do «DL». Olho à volta e vejo camaradas; Alexandre (barba mais crescida, desengonçado na cadeira), Jacinto (alisando o cabelo que continua a adiantar-se lá para a nuca) e Daniel (por um minuto calado a esgotar inspiração na máquina de escrever) pendurados no mesmo objectivo. Não é o pedido que me atrapa-lha: antes a urgência da prosa, o tamanho rígido da peça. O tema, já o esperava: gastando desporto, ao ritmo de quatro páginas por dia, a tarefa lá se vai cumprindo. Com mais boneco, menos boneco.

Chefe Neves (cedendo a máquina a Jacinto, sujando a dedos noutros jornais) está atento às manobras. Nos 4x4 metros que é a sala da nossa secção escreve-se sobre futebol, atletismo, basquetebol, andebol. Só o hóquei em patins está esquecido: porque esta prosa é urgente.

Aproveito a oportunidade para contar aos leitores um pouco do ambiente que se vive aqui durante todos os dias: entrada conforme as exigências do serviço (mas nunca depois das oito) saída breve para a bucha que espera, fumegante, sobre a mesa. E, de novo, a secretária, o papel, a máquina à espera da peça que «era para ontem». E, entre dois lingua-

dos a dois espaços, uma legenda ainda mais urgente: ou a anedota ouvida ontem ou a marcação dos jogos para o próximo domingo.

Apesar deste peso redactorial, gosto dos camaradas de sala: Neves, solicitando o impossível na esperança de conseguir o viável; Jacinto, mirando o recente carimbo do passaporte; Alexandre, votado de alma e coração às colectívidades populares; Daniel, coçando barba ruiva antes de se decidir pelo termo mais válido. Depois, resto eu, pobre profissional da informação que tenta alinhar (no teclado nacional) as ideias de uma mente que julga saber ajuizar, que pensa poder passar à estampa aquilo que os olhos de todos puderam ver.

Este trabalho de redacção é um autêntico desporto: uma corrida constante contra o tempo (a oficina não se compadece com demoras), um salto diário sobre o obstáculo que é a notícia, um pontapé na bola que quase sempre chega ao golo (o interesse do leitor).

Enquanto o chefe conta os anúncios e multiplica as respectivas alturas pelo número de colunas, Jacinto vem ao pé de mim e espreita o linguado já batido. Escondo: é quando me apercebo de que a tarefa está cumprida. E é tempo de terminar.

Daniel grita que já está. Olha: pelo menos nesta peça a vantagem foi só no tamanho da barba... Até já.

Atenção, jovens pilotos, ao Mini-Austin 1275 GT!

Perfeitamente integrada no surto de desenvolvimento que atravessa o automobilismo desportivo, a firma J. J. Gonçalves anunciou uma nova forma de apoio aos jovens concorrentes do Campeonato Nacional de Velocidade, proporcionando-lhe vantagens várias e apoios diversos, desde que concorram com o mais recente triunfador da sua linha de carros de competição. Para isso foi elaborado um programa de incentivos destinado aos pilotos com pouca experiência que queiram experimentar as suas possibilidades ao volante do «Austin Mini 1275 GT», um carro que nas três primeiras provas do Campeonato Nacional de Ralis já obteve um primeiro lugar na Geral, dois primeiros em Turismo Especial

e três triunfos na respectiva classe.

Assim, aos concorrentes em «Austin 1275 GT» que participarem pela primeira vez nas provas do Campeonato Nacional de Velocidade, J. J. Gonçalves oferece os seguintes prémios no final: 15 000 escudos ao melhor classificado, 10 000 ao segundo melhor, 7 500 ao terceiro, 5 000 ao quarto e 2 500

escudos ao quinto melhor classificado. J. J. Gonçalves resolveu igualmente apoiar os demais concorrentes em «Austin», de qualquer modelo, durante o referido campeonato, concedendo aos volantes, 50 por cento de desconto em peças de competição, 30 por cento de desconto em peças de origem e 50 por cento em afinações e verificações antes das provas.

Este bater de tecla feito...

Pensava eu, um tanto ou quanto ingenuamente (convenhamos) que isto de trabalhar na redacção de um jornal era uma vidinha cheia de rosas, como aquelas que a Rainha Santa trazia no manto. Cedó, porém, me fugiram as ilusões quando fiquei a braços (e mais tivesse,

mais tivesse...) com a reportagem sobre a «doença do século». Mas esse padecer, essa autêntica arteriosclerose da tola, acabaria por certo com a transferência aqui p'rá turma dos futebolistas. Sempre seria outro bater de tecla, outra alegria no ir vivendo... Qual quê! Estes tipos

ficado? Ah, é verdade... pois era giro se eu lhes dissesse isto, não era? Mas não. Por ora vou guardar os meus recalcamentos, apresentar como sempre a fachada da tolerância, organizar umas excursões à região dos três castelos, meter-me na construção civil e quando subir na vida, então sim, escusam de cá vir pedir batatinhas: vocês vão ver o que é um homem!



Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	29-3-73	6-4-72	7-4-72
GERAL	183,2	183,9	184,9
METROPOL	184,2	185,0	186,1
ULTRAM	176,0	176,2	176,2

De Seguros

Alentejo	145\$	144\$	148\$
Bonança	1.295\$	1.290\$	1.300\$
Mundial	1.800\$	1.760\$	-
Soberana	-	-	-
Tranquilidade	-	-	-

Eléctricas

C. P. E. p.	1.145\$	1.145\$	1.147\$
C. P. E. n.	-	1.118\$	1.130\$
E. Beiras	1.830\$	1.820\$	1.840\$
G. Elec. c.	362\$	361\$	362\$5
H. E. A. A.	191\$	191\$	192\$
H. E. N. P.	235\$	235\$	240\$
H. E. S. E.	-	-	1.950\$
U. E. P.	204\$	203\$	205\$

Ultramarinas

Ag. Casqueiro	1.290\$	1.280\$	1.300\$
Ag. Incomat	-	2.750\$	2.850\$
Ag. S. T. e. P.	-	175\$	-
Ag. Angola	-	-	-
Alg. Angola	-	220\$	225\$
Ang. Agric.	720\$	710\$	730\$
Boror	-	-	-
Boror. Com.	-	70\$	77\$
Buzi	-	83\$	84\$
Cabinda	140\$	140\$	145\$
Com. Lobito	-	845\$	850\$
D. A. T. 100	2.000\$	1.980\$	2.020\$
H. E. Revue	-	-	590\$
I. do Princ.	-	-	-
Moçambique	-	-	170\$
Sonete. n.	-	-	-
Sonete. p.	-	-	395\$
Zambézia	-	63\$	65\$

Diversas

Ag. Lx. ant.	-	-	-
Ag. Lx. 34	-	420\$	450\$
Ag. Lx. 36	400\$	390\$	-
Cel. Guadiana	-	-	-
C. Leiria p.	5.300\$	5.300\$	5.400\$
C. Tejo p.	13.300\$	13.200\$	13.500\$
F. Ramada	-	-	-
Fornos Elect.	138\$	138\$	139\$
P. Celulose	-	3.950\$	4.000\$
Siderurgia p.	-	4.520\$	4.600\$
Siderurgia n.	-	-	-
Socel	3.770\$	3.770\$	3.790\$
Cidra	-	6.850\$	6.900\$
C. U. F.	3.130\$	3.120\$	3.150\$
Intar	545\$	543\$	545\$
Nitratos	-	1.100\$	1.150\$
Petroquímica	-	1.150\$	1.170\$
Sacor	-	3.160\$	3.200\$
Tab. Portugal	-	1.620\$	2.000\$
Tabaqueira	7.400\$	7.400\$	7.450\$
U. F. Azoto	90\$	90\$	910\$
Empor.	-	-	-
Ind. Aliança	-	-	-
J. P. Colón	1.000\$	1.000\$	1.050\$
Nac. Naveg.	7.100\$	7.100\$	7.150\$
Naveg. (Col.)	2.450\$	2.450\$	2.480\$
P. Pesca	-	-	-
R. Marconi	2.100\$	2.080\$	2.150\$
T. A. P.	-	1.240\$	1.250\$
Salvor	1.530\$	1.530\$	1.550\$
T. Penina	-	-	-
Compal	-	-	-

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	-	226\$00	233\$50
F. I. D. E. S.	-	-	-

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	30\$00	33\$00
Alemanha - Marco	8\$35	8\$65
América	-	-
Dollars de 1 e 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina - Peso Novo	-	-
Austria - Schilling	1\$16	1\$21
Belgica - Franco	\$60	\$63
Brasil - Cruzeiro	3\$70	4\$70
Canada - Dólar	26\$50	27\$30
Dinamarca - Coroa	3\$70	4\$00
Espanha - Peseta	\$40,7	\$42,7
Francia - Franco	\$630	\$660
Holanda - Florim	\$630	\$660
Inglaterra - Libra	70\$00	72\$00
Italia - Lira	\$04,45	\$04,75
Marrocos - Dirhan	\$610	\$660
Noruega - Coroa	3\$90	4\$20
Suecia - Coroa	\$645	\$675
Suiça - Franco	6\$93	7\$18

Ouro	-	-
Inglaterra - Libra Isabel	350\$00	370\$00
Inglaterra - 1/2 Libra	30\$500	32\$500
Ouro fino - Barra	42\$50	44\$50

FUNDOS DE ESTADO

	Elec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	-	-	435\$
Cons. 3	456\$5	-	456\$5
Cons. 3 1/2	557\$	-	557\$
Centenários	-	-	1284\$
Tes. 5 1/2 57	100\$5	100\$5	100\$5
Tes. 5 1/2	-	100\$5	100\$5
Exter. 1 a s	590\$	-	-
Exter. 1 a c	-	590\$	-
Exter. 3 a s	-	775\$	800\$
Exter. 3 a c	-	810\$	-
Caul. 3 a s	-	165\$	-

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx. 6	950\$	950\$	-
C. M. L. 5 3/4	-	1000\$	-
C. P. 5 5/8	-	-	940\$
C. P. 5 5/8	-	-	970\$
C. P. 5 5/8	-	-	970\$
Corr. 5 3/4	-	-	950\$
Met. 5 3/4	965\$	-	970\$
Tur. 5 3/4	100\$5	100\$5	100\$5

ELÉCTRICAS

G. 5 1/2	800\$	-	800\$
G. 5 1/2	-	-	-
G. 5 1/2	-	950\$	985\$
G. 5 1/2	-	-	985\$
G. 5 1/2	-	-	985\$
G. 5 1/2	-	-	985\$
G. 5 1/2	-	-	985\$
G. 5 1/2	-	-	985\$
G. 5 1/2	-	-	985\$
H. E. A. A.	780\$	780\$	780\$
H. E. C. 5	-	780\$	-
H. E. C. 6	-	975\$	-
H. E. D. 5	-	-	800\$
H. E. D. 6	-	-	975\$
H. E. N. P. 5	-	-	920\$
H. E. S. E. 6	-	-	950\$
H. E. Z. 5	-	-	-
H. E. Z. 6	-	-	-
N. Elec. 5	-	-	800\$
N. Elec. 6	-	-	950\$
Termoelec. 5	-	-	815\$
U. E. P. 5	-	-	750\$
U. E. P. 5	-	-	60
U. E. P. 6	-	-	980\$

DIVERSAS

A. P. T. 5	-	-	-
A. P. T. 5	-	-	-
Lisnave 6	-	965\$	980\$
Nitratos	-	810\$	-
Pet. 2 a e 3 a	880\$	880\$	890\$
P. Celul.	-	-	-
Sacor 5	-	945\$	-
Sacor 5	-	840\$	-
Sid. 5	-	-	800\$
Sid. 5	-	-	800\$
Sid. 5	-	-	800\$
Socel 5	-	910\$	-
U. Fabril 67	-	950\$	960\$
U. Fabril 68	-	945\$	950\$

ULTRAMARINAS

Carbonif. 5	-	600\$	-
Rev. 5 1/2 57	-	700\$	-
Rev. 5 1/2 60	-	700\$	-
Moçamb. 5	-	470\$	650\$
Sonete 5	810\$	810\$	815\$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2.830\$	2.830\$	2.840\$
Alentejo	1.306\$	1.305\$	1.707\$
Angola	3.590\$	3.580\$	3.600\$
Cred. Predial	6.700\$	6.700\$	6.750\$
Esp. Santo	8.775\$	8.750\$	8.800\$
Fomento	-	4.350\$	4.400\$
F. & Burnay	-	35.000\$	38.000\$
N. Ultr. m.	5.460\$	5.450\$	5.480\$
N. Ultr. c.	5.960\$	5.960\$	5.970\$
Portugal n.	4.880\$	4.850\$	4.900\$
Portugal p.	-	6.020\$	6.400\$
P. Atlântico	9.400\$	9.400\$	9.500\$
Totta & Açores	6.140\$	6.140\$	6.160\$
Borges & Irmão	7.850\$	7.800\$	8.000\$
Algarve	1.600\$	1.595\$	1.600\$

J. BURNAY, LD^a

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.^a

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel. 365066/7

Teleg. ALMEIRO Telex 470 ALAPIP

televisão

HOJE
1.º Programa (22.30)
Série do Oeste
«Lancer»
O episódio desta noite intitula-se «O Ajuste de contas» e será interpretado por James Stacey, Wayne Mauder e Andrew Duggan.
2.º Programa (22.00)
Noite de ópera
«Os Palhaços»

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa	
12.45	Abertura e desenhos animados.
13.00	Feminino singular
13.15	Série filmada — «Nanny e o Professor»
13.45	Telejornal — 1.ª edição
14.00	Conheça o Portugal desconhecido
14.25	Logo à noite
2.º Período	
14.40	Ciclo Preparatório TV
19.00	TV Educativa
19.25	Filme infantil «Os Poucetofes»
19.30	Telejornal
19.45	Convergência
20.30	50 anos de História
21.30	Telejornal — 3.ª edição
22.00	Fronte a frente
22.30	Série do Oeste «Lancer»
23.30	Telejornal — últimas notícias
23.40	Meditação e fecho

2.º Programa

20.30	Abertura e desenhos animados
20.45	Vária
21.00	Série filmada — «Nanny e o Professor»
21.30	Telejornal — 3.ª edição
22.00	Noite de ópera «Os Palhaços»
23.25	Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa	
12.45	Abertura e desenhos animados
13.00	O caso da semana
13.15	Viver no campo
13.45	Telejornal — 1.ª edição
14.00	Dó Lá Si
14.25	Hoje pode ver
14.35	TV Educativa
15.00	Eurovisão — Hipismo — Transmissão directa de Aintree do Grand National
15.35	Teledeporto
16.00	Reportagem do exterior
17.45	As flores e o seu mundo
18.20	Programa feminino
18.45	E a vida continua
19.00	Danças e cantares
19.30	Telejornal — 2.ª edição
19.45	Skippy
20.10	TV Mundo
21.00	Se bem me lembro
21.30	Telejornal — 3.ª edição
22.00	A mulher vestida de branco
22.30	Canzonissima
23.30	Telejornal — últimas notícias
23.40	Meditação e fecho

2.º Programa

20.30	Abertura e desenhos animados
20.45	O caso da semana
21.00	Viver no campo
21.30	Telejornal — 3.ª edição
22.00	Sabe quem foi Machado de Castro?
22.45	A viagem do pequeno Jaime
23.35	Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C. V. P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

Situação do tempo:

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco dos quadrantes Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13°
PENHAS DOUR.	13°
COIMBRA	6°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	11°
FARO	18°
FUNCHAL	16°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Elvas

Máxima23,5°

Montalegre

Mínima 4,9°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,2°
Atmosfera	14,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

10.12	2.9 m	3.30	1.6 m
22.44	3.1 m	16.01	1.7 m

Dia 8

11.37	3.0 m	4.54	1.5 m
		17.22	1.6 m

Dia 9

0.01	3.3 m	6.04	1.3 m
12.43	3.2 m	18.26	1.4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos muito nublado para Norte do sistema nebuloso Montejunto-Estrela; e geralmente pouco nublado a Sul; possibilidades de chuva fraca nas regiões do Norte. Vento fraco amoderado de Nordeste.

AMANHÃ

Nascer às 7.12
Ocaso às19.07

farmácias de serviço

LISBOA

ALCANTARA:
Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (Telef. 680187)

ALFAMA:
Pereira Suc., Rua do Paraíso, 88-100 (Telef. 863224).

ALMIRANTE REIS:
Cândido Monteiro, Avenida Almirante Reis, 121-B (Telef. 45751).

ALTO DO PINA:
Ibérica, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (Telef. 728277).

ALVALADE:
Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (Telef. 717505); Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (Telef. 721409).

AMEIXOEIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (As Galinheiras) (Telef. 790969).

AREIRO:
Algarve, Av. de Roma, 7-B (Tel. 731478).

AVENIDAS NOVAS:
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (Telef. 44995); Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (Telef. 418845); Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (Telef. 44324).

BAIRRO ALTO:
Pinharanda, Rua da Rosa 94 (Telef. 321534).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Telef. 311216).

BAIXA:
Lima Amaro, Praça da Alegria, 27 (Telef. 321149); Valadas, Rua da Madalena, 235 (Telef. 872060); Cortez, Rua de S. Nicolau, 93 (Telef. 325378).

BELEM:
Gomes, R. da Junqueira, 326 (Tel. 638193); Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (Telef. 611454).

BENFICA:
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (Telef. 704828); Ribeiro, Estrada da Luz, 199 (Telef. 780969).

CAMINHOS DE FERRO:
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (Telef. 381279).

CAMPO DE OURIQUE:
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (Telef. 686640); Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 5 (Telef. 662838); Elma, Rua Maria Pia, 358-A (Telef. 686176).

CAMPOLIDE:
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Telef. 684424).

CONDE REDONDO:
Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73 (Telef. 42239).

ENTRECAMPOS:
S. Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (Telef. 771469).

ESTEFANIA:
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A e 32-B (Telef. 534027).

ESTRELA:
Tagus, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (Telef. 689485); Rodrigues e Aires, Rua da Lapa, 54 (Telef. 682246).

GRAÇA:
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (Telef. 842725).

INTENDENTE:
Intendente, Largo Pina Manique, 50-51 (Tel. 47838).

LUMIAR:
Central, Rua do Lumiar, 77 (Telef. 790480).

MARQUÊS DE POMBAL:
Ribeiro e Castro Lda., Rua Braamcamp, 52-C (Tel. 43409).

OLIVAS:

Anlunes Rosas, Praça Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais-Sul) (Telef. 313610); Central, Rua Alferes Barrilero Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Telef. 315539).

S. BENTO:
Confiança, Praça das Flores, 59 (Telef. 690401).

S. PAULO:
Africana, R. Bernardino Costa, 45 (Telef. 389120).

SETE RIOS:
Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (Telef. 778439).

LINHA DE CASCAIS

ALGES:
Almeida Nifo, Av. C. o m b. G. Guerra, 64 (Telef. 212070).

CAXIAS:
Nova Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Telef. 242839).

PAÇO DE ARCOS:
Trindade Brás R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034).

DEIRAS:
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090).

PARADE:
Aisir B. das Caixas de Previdência-Bloco A (Telef. 2472948).

S. JOÃO DO ESTORIL:
S. João (Telef. 261186).

MONTE ESTORIL:
Suíça Cruzeiro (Telef. 260087) 260087.

CASCAIS:
Cordeiro Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170); Nova Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044).

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Amadora P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518); Carmelo R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303); Helenica R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); S. Jorge R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Telef. 938703).

DAMAIA:
Lemos R. de Goa, 21-A (Telef. 971121).

QUELUZ:
Zeller Rua da República, 83 (Telef. 950045); Correia L. do Mercado, 3 (Telef. 950906).

CACÉM:
Garcia Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181).

MEM MARTINS:
Químia Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Telef. 980456)

SINTRA:
Misericórdia L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391).

COLARES:
Colares, Abreja (Telef. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137).

ALHOS VEDROS:
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250).

ALMADA:
Cristo Rei Av. do Cristo Rei, 31-A (Telef. 273498).

BAIXA DA BANHEIRA:
Nova Fátima Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141).

BARREIRO:
Higiênica R. D. Manuel I, 178 (Telef. 2273017).

COVA DA PIEDADE:
Rainha Santa, Est. das Barracas, 50-A (Telef. 2760182).

MOITA:
União Moitense Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025).

MONTIJO:
Montepio R. Almirante Reis, 93 (Telef. 230035).

SESIMBRA:
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028).

SETUBAL:
Bocagiana R. do Romeu (Telef. 23425); B. Santos Nicolau (Telef. 23330).

SEIXAL:
Godinho L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580).

PORTO

SUB-TURNO A
Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73; Contumil, Rua de Contumil, 540; Guerra, Rua Costa Cabral, 43; Guimarães, Rua de Francos, 37; Lemos e Filhos, Lda., Pr. de Carlos Alberto, 31; Liga Assoc. Soc. Mútuos, Rua do Bonjardim, 286.

SUB-TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A; Moreno, Lda., Largo de S. Domingos, 44; Sanil, Rua do Paraíso, 21; Sampaio, Rua de Serpa Pinto, 645; Vasques, Rua das Condominhas, 784.

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moada, 106-108 (tel. 23738); Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); S. José, Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697).

cinemas

CONDES (Tel. 322523)

14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45 (Grupo D - 18 anos) Colorido 2.ª Semana «O SALTO DO ANJO» com Jean Yanne e Senta Berger

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15 - 21.30 (Grupo D - 18 anos) «A NOITE FEZ-SE PARA AMAR» com Warren Beatty e Julie Christie «QUINZENAS DO BOM CINEMA Hoje às 18.30 (Adultos) com Handy Kruger Stanley Baker em «ENCONTRO FATAL».

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15-21.30 (Grupo D - 18 anos) «A DÉCADA PRODIGIOSA» com Orson Welles, Marlene Jobert, Michel Piccoli e Anthony Perkins. Hoje às 18.30 (10 anos) «O CÉREBRO» com Jean Paul Belmondo, David Niven, Bourvil e Silvia Monti.

LYZ (Tel. 48560)

15.00-21.00 (Grupo D-18 anos) «DUAS MULHERES...UM DESINO» em 3.ª Semana com Debbie Reynolds e Shelley Winters «NÃO PERCA A CABELÇA» com Sidney James e Joan Sing (Sábados e domingos 3 espectáculos).

ROMA (Tel. 727778)

21.45 (ESTREIA) (Grupo C-14 anos) «AQUELA SEXTA-FEIRA...!» com Ursula Andress e Stanley Baker. As 15.30 (10 anos) última de «TRINITA».

ODEON (Tel. 326283)

15.15-18.15 e 21.30 (Grupo C (4 anos) 8.ª Semana NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º A comédia mais atrevida e escandalosa do ano a história de um costureiro eliminado com Alfredo Canda, Jean Borel, Ira de Fustenberg e Isabel Garças

POLITEAMA (Tel. 326305)

15.15 - 21.45 (Grupo D - 18 anos) 7.ª Semana de êxito com Renato Rascel, G. Granata e C. Giuffrè «A TRANSPLANTAÇÃO» Hoje às 0.30 (Adultos) «TERROR NA CAÇA SUBMARINA» Amanhã «O ENIGMA DA SERPENTE NEGRA» Domingo às 11 horas: Cinema infantil (6 anos) — «O MEU AMIGO ROCK».

BERNA (Tel. 776098)

15.15 e 21.00 (Grupo B-10 anos) 2.ª Semana «OS DEZ MANDAMENTOS» uma realização de Cecil B. de Mille no maior e mais sensacional filme de todos os tempos com Charlton Heston e Yul Brynner.

LONDRES (Tel. 730579)

14.15 - 15.30 - 18.45 - 21.45 (Grupo D - 18 anos) 10.ª semana. Um filme de Andres Cayatte «MORRER DE AMAR» c/ Annie Girardot. Grande prêmio do Cinema Frances Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sítio só.

APOLLO 70 (Tel. 763319)

14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45 (Grupo D - 18 anos) O último filme de Milos Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente) Hoje às 24.00 h. (Adultos) «EL DORADO» com John Wayne e Robert Mitchum Hoje às 24.00 horas (Adultos) «A RAPARIGA DA PISTOLA» com Monica Viti

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.30 - 18.30 - 21.45 (Grupo C 14 anos) 5.ª semana A FONTE DA VIRGEM. O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de ouro de Hollywood

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00 - 21.00 (Grupo D - 18 anos) «OS ASSASSINOS TAMBÉM CHORAM» com Lou Castel e Mark Damon com Anthony Garder e Rafael de Córdova «AMOR BRUXO» Domingo às 18.30 espectáculo infantil

EUROPA (Tel. 661016)

15.15 - 21.30 (Grupo D - 18 anos) 5.ª Semana «O GOLPE» com Jean Paul Belmondo e Omar Sharif. Sábado e Domingo às 18.15 (6 anos) «VIAGEM AO OUTRO LADO DO SOL» A mais excitante aventura da exploração do infinito.

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15-21.30 (Grupo C-14 anos) «A SOLTEIRONA» com Annie Girardot e Philippe Noiret.

LIDO

21.30 (Grupo D-18 anos) «KLUTE» com Jane Fonda (candidata ao «Oscar»).

S. JORGE (Tel. 5453)

15.15-18.15-21.30 (Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana Sidney Poitier em «A ORGA-NIZAÇÃO» Domingo às 11 horas (Adultos) «OS CAVALLS TAMBEM SE ABATEM» com Jane Fonda

CASINO ESTORIL (Tel. 264945)

17.00-21.30 (Grupo C-14 anos) «ROMANCE DE UM LADRÃO DE CAVALOS».

ESTUDIO 444 (Tel. 779095)

21.45 (ESTREIA) (Grupo B-10 anos) «A MANTA VERMELHA» com Oleg Vidov e Gitta Haenning As 15.30-18.30 últimas de «VEJO TUDO NÚ» (Adultos)

EDEN (Tel. 320768)

15.00-18.15-21.30 (Grupo B-10 anos) «PEDRO O PESCADOR Um Tema bíblico cheio de verdade, coragem e grandeza com Howard Keel e Herbert Lom

ROYAL (Tel. 885037)

15.00-21.00 (Grupo D-18 anos) «CRIME NO BOSQUE» com Suzi Vendal e Frank Finlay «A FESTA» com Peter Sellers

VOX (Tel. 720808)

15.15 - 18.30 - 21.45 (Grupo C-14 anos) 2.ª Semana «O RECADÃO» O drama de uma geração com Maria Cabral e José Viana

AVIZ (Tel. 47173)

15.30-21.45 (Grupo B-10 anos) 3.ª Semana. O Western do ano «TRINITA» «COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope.

TIVOLI (Tel. 50595)

15.00-18.15-21.30 (Grupo D - 18 anos) «CASANOVA 70» com Marcello Mastroianni e Virna Lisi

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15 - 18.30 - 21.45 (Grupo B - 10 anos, 2.ª Semana «55 DIAS EM PEQUIM» com Charlton Heston, Ava Gardan e David Niven.

SATÉLITE (Tel. 562632)

15.30 - 18.30 - 21.45 (Grupo D-18 anos) «PARIS VISTO POR «com Erich Rohmer, Claude Chabrol Jan-Lue Godard, Jean-Daniel Pollet, Jean Rouch e Jean Douchet

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL

20.45 - 23.00 (18 anos) «Uma cama para toda a gente».

VARIEDADES

20.45 - 23.00 (18 anos) «Empresta-me o teu apartamento».

LAURA ALVES

21.45 - 18 anos «Quem tem medo de Virginia Woolf».

TRINDADE

21.45 - 18 anos «A Gavota».

CAPITÓLIO

20.45 e 23. (18 anos) «Ora bolas pró pagode!».

VILLARET

21 e 23 (18 anos) «Tartufo».

MARIA VITÓRIA

20.45 - 23.00 (M. 18 anos) «Pronto a despir».

VASCO SANTANA

21.45 - 18 anos «LAR».

CASA DA COMÉDIA

22.00 (18 anos) «Dança da morte em doze assaltos».

LISBOA/Cinemas

RESTELO

21.30 (18 anos) «O Mensageiro».

PARIS

21.30 (18 anos) «O Mensageiro».

PROMOTORA

21.00 (14 anos) «Missão na União Soviética».

JARDIM

21.00 (14 anos) «Choque de gerações».

MAYER

21.00 (17 anos) «Golpe sobgolpe».

CINEARTE

21.00 (14 anos) «Numa árvore empoleirado».

OLÍMPIA

21.00 (10 anos) «10 000 dólares por Sabata».

LINHA DE CASCAIS

ALGES

Stadium 21.30 (18 anos) «A doce vida de Casta Susana».

ESTORIL

Casino 17.00 e 21.30 (14 anos) «Romance de um ladrão de cavalos».

Palácio

21.30 (14 anos) «Imitação da vida».

CASCAIS

S. José 21.30 (18 anos) «Corações impacientes».

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Lido 21.30 (18 anos) «Klute».

AMADORA

Recreios Desportivos 21.15 (14 anos) «Black Jack».

SINTRA

Carlos Manuel 21.30 (10 anos) «Os condenados».

OUTRA BANDA

ALMADA

Incrível 21 15 (18 anos) «A valsa do medo».

ARANJEIRO

Instrução e Recreio 21 30 (10 anos) «Alegria e ritmo».

COIMBRA

TIVOLI

21.30 (10 anos) «Os dois magos da bola».

AVENIDA

21.30 (14 anos) «O Doce sabor da vingança».

GIL VICENTE

21.30 (18 anos) «Macho Callahan».

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoador, Trina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Azautes. Tocam: Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Julieta Brigue Zélia Lopes e Maria João. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. R. da Barroca, 133. Tel. 369760.

ADEGA MESQUITA Cantam: Fernanda Pinto, Natália Bizarro e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo: 60\$00. Encerra ao domingo. Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307.

ARREDA — Fado amor, oia e canção o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Indácio. Encerra às 3.ªs feiras Consumo mínimo: 62\$00 (taxa incl.) Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Tel. 263864.

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinees» todos os dias Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.

SANZALA — Um pouco de África em Lisboa. Música constante. Encerra às 03.30 horas. Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.

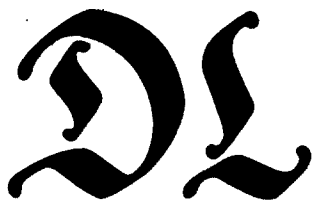
TIMPANAS — Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo: 62\$50 (taxas incl.) Rua Gilberto Rolz, 24. Telef. 676655 e 672431.

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. Rua S. Tomé, 86. ABC, A Namã, Lisboa. Telef. 861633.

HIPOPOTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAXADOR) — Conjunto Oliver. Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

DANCING



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2, 3, 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEF. 1363
LISBOA-PORTUGAL

REUNIDA EM LISBOA A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ARTES GRÁFICAS

Com a presença de representantes de nove países europeus decorre, em Lisboa, uma reunião de directores da I.I.M.P. (Associação Internacional de Artes Gráficas), que se destina a preparar o próximo congresso daquele organismo que se realizará em Munique, de 11 a 15 de Junho próximo.

A I.I.M.P., de que Portugal faz parte através do Grémio Nacional de Industriais Gráficos, é uma organização que funciona

como elo de ligação entre os países filiados, tendo como objectivo a actualização de informação sobre aspectos sociológicos, económicos, estatísticos, técnicos e sociais relacionados com os problemas dos sindicatos de artes gráficas.

A reunião termina hoje com um passeio à serra da Arrábida, oferecido aos participantes pelo Grémio Nacional dos Industriais Gráficos.



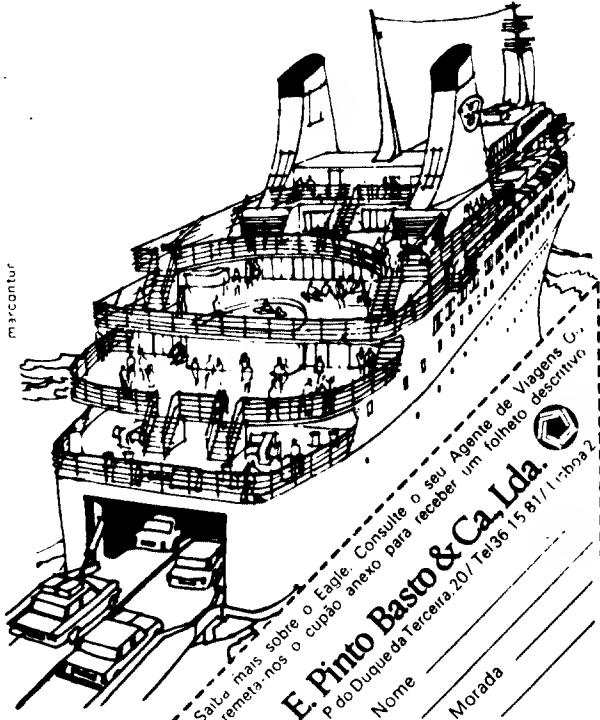
leva-o a Inglaterra e Marrocos Com o seu carro. Ou sem ele

Menos de dois dias chegam ao «car liner» Eagle para o transportar até Southampton. E apenas 15 horas até Tânger. Oferecendo-lhe, ainda, o prazer de uma viagem por mar num paquete de cruzeiros. Camarotes com ar condicionado e casa de banho privativa, piscina, solário, lojas «duty free», cinema, discoteca, salões. Este é o maravilhoso mundo do EAGLE. Completado por dois magníficos restaurantes... e as refeições estão incluídas. Escolha o Eagle para a sua viagem de férias ou de negócios. Se quiser levar o seu carro — o Eagle tem espaço para mais de 200 automóveis.

inglaterra 2.847\$ tanger 562\$

preço de uma viagem de ida e volta, incluindo camarote, alimentação e o transporte gratuito do carro, quando em conjunto com 4 bilhetes inteiros

Mini-cruzeiro de 3 dias, incluindo alojamento e refeições a bordo. Tarifas de excursão com validade de 14 dias, ao mesmo preço



THE EAGLE. SOUTHERN FERRIES
Maravilhosa auto-estrada flutuante

O Serviço de Formação Profissional vai ser reorganizado

- anunciou o Secretário de Estado do Trabalho

As empresas não têm colaborado devidamente com o Estado, no campo da formação profissional dos trabalhadores — depreende-se do importante discurso pronunciado esta manhã pelo secretário de Estado do Trabalho, dr. Silva Pinto, no Centro de Formação Profissional, em Xabregas, por ocasião da cerimónia da homologação do adicional ao protocolo do C. F. P., para o pessoal da indústria eléctrica.

Referindo-se à acção do Ministério das Corporações no campo da formação profissional programada para 1972/73, o dr. Silva Pinto disse que «se vai cuidar da melhor coordenação entre o Fundo do Desenvolvimento de Mão-de-Obra e o Ministério da Educação Nacional», ao mesmo tempo que se vai reorganizar o Serviço de Formação Profissional, articulando-o com o Serviço Nacional de Emprego.

As despesas previstas para a instalação e funcionamento dos Centros de Formação orçam em cerca de 226 mil contos. Mais adiante o secretário de Estado das Corporações, afirmou:

«Em 31 de Dezembro de 1972 devemos passar de 9 centros para dez, de 59 secções para 95 e de 24 especialidades para 34».

FALTA DE COLABORAÇÃO DO SECTOR PRIVADO

O dr. Silva Pinto apontou a seguir as principais dificuldades de execução deste projecto, a primeira das quais é a escassez de recursos financeiros motivada pela desactualização das verbas previstas, pela expansão da actividade dos Centros, e pelo facto de os organismos corporativos outorgantes nem sempre terem acompanhado o aumento dos encargos nem correspondido aos compromissos financeiros previamente consignados

nos respectivos protocolos. Depois, o secretário de Estado acentuou:

«Por outro lado, mal se compreende que o sector privado, sobretudo as empresas, declaradamente reivindicativas em face da carência de mão-de-obra especializada, não deem aos Centros directamente ligados aos respectivos sectores todo o apoio financeiro conveniente.

«Mas para além dos já citados problemas de ordem financeira, outros existem de natureza socio-económica, cuja solução se torna mais difícil, mas que importa igualmente equacionar. Referimo-nos, designadamente, à colaboração das empresas no sentido de facilitarem aos elementos dos seus quadros a frequência de estágios e o reconhecimento da categoria profissional o correspondente enquadramento salarial dos estagiários, uma vez terminada a sua formação, aspectos estes que estão na origem das dificuldades, por vezes sentidas, no recrutamento de interessados.

Tem constituído preocupação dos centros protocolos incluir na sua programação estágios não apenas em regime pós-laboral, mas igualmente durante o período normal de trabalho, para um integral aproveitamento de todas as suas estruturas. Como, porém, as disponibilidades financeiras nem sempre lhes permitem o lançamento de cursos dirigidos a jovens ou adultos desempregados — aos quais é imprescindível conceder subsídios de manutenção — têm esses centros tentado promover estágios, sobretudo, para jovens já ao serviço das empresas às quais se solicita a cedência desses aprendizes, durante algumas

horas, assegurando-lhes o pagamento dos salários por inteiro. A receptividade a uma colaboração deste tipo tem sido frouxa o que denota por parte das respectivas empresas menor compreensão pela importância da valorização profissional dos seus colaboradores. Talvez, aliás, que esta questão só possa ser solucionada no dia em que existir a regulamentação geral da aprendizagem, actualmente em estudo para cumprimento de medida consagrada no programa de execução do III Plano de Fomento, para este ano.

Quanto ao aspecto salarial dos ex-estagiários o problema não é único dos centros protocolares, mas nestes põe-se ainda com maior agudeza. Na realidade, não se verificam os necessários estímulos por parte das empresas, para aqueles que, nos respectivos centros de formação profissional, obtiverem a sua classificação ou aperfeiçoarem os seus conhecimentos.

A terminar o dr. Silva Pinto disse:

«Com o novo adicional hoje homologado limita-se a actualização por parte do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, quer na interferência directa na gestão económica e financeira, que deixa de existir, quer no exercício de direito de voto, que será só usado no caso de empate entre os outros dois outorgantes.

Reconhecimento do bom funcionamento do Centro de Formação da Indústria Eléctrica, do ambiente de cooperação existente entre o Grémio e a Federação dos Sindicatos, desejá-ria-se que estas medidas se pudessem progressivamente es-

tender a outros sectores, de forma a minorar a intervenção do Estado em centros cuja natureza corporativa se pretende crescente.»

DIFICULDADES DOS ELECTRICISTAS

Falaram ainda o sr. Carlos da Silva Antunes, vogal da direcção do Sindicato dos Electricistas de Lisboa e membro do conselho técnico do Centro de Formação Profissional para o Pessoal da Indústria Eléctrica, e o presidente do Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade, sr. dr. Correia Figueira. Este, a dada altura, referiu-se às dificuldades com que o grémio se debate para fazer face às despesas a que a sua participação nessa actividade pedagógica obriga, terminando as suas palavras por manifestar a esperança de que as modificações nas estruturas do ensino venham a possibilitar uma adequada formação técnica e científica do pessoal das empresas num futuro próximo.

Além destes oradores, encontravam-se também presentes, entre outras individualidades, o Director do Serviço de Formação Profissional, dr. Cipriano Miranda, o Presidente do Conselho Superior da Acção Social, dr. José Carlos Ferreira, o Director-Geral do Trabalho, dr. Cid Prouença, o dr. João de Moura, Director do Gabinete de Planeamento do Ministério das Corporações, o Presidente da Federação dos Sindicatos dos Electricistas, sr. Mário Gonçalves e o Director do Serviço Nacional de Emprego, dr. Luís Morales.

Defesa do Comércio dos Países Pobres

- propõe a assembleia-geral da OIC / COCCEE

No Palácio dos Congressos, no Estoril, terminou hoje a assembleia-geral da OIC/COCCEE, tendo sido rejeitada qualquer espécie de discriminação entre os países da E.F.T.A. Assim, numa resolução das associações comerciais europeias foi pedido, ao Conselho Ministerial da Comunidade Económica Europeia, que abandone a sua atitude proteccionista e perfeccionista, adaptando o mandato para negociações da Comunidade Europeia a um tráfego comercial europeu verdadeiramente generoso. Neste âmbito se incluem, sobretudo, a ausência de excepções quanto à estrutura aduaneira referente aos chamados produtos sensíveis, a ausência de um sistema de origem perfeccionista que anule a distribuição de trabalho europeu e o emprego de cláusulas protectoras em conformidade com o GATT. Seria absolutamente necessária, para ambas as partes, uma

integração satisfatória dos produtos agrícolas, isto no interesse de um território europeu unitário.

Tomando em consideração o peso económico dos associados, uma associação sem restrições dos restantes Estados da E.F.T.A. não traria quaisquer vantagens económicas à comunidade europeia. A integração dos países em vias de desenvolvimento na repartição integral do trabalho é questão primordial abordada na assembleia-geral encerrada no Estoril, e durante a qual foi formulado um apelo explícito para a divulgação das decisões da 3.ª conferência sobre comércio mundial, recentemente realizada em Santiago do Chile. Foi tornada pública também a resolução da OIC/COCCEE que exprime a esperança de o sistema pautal preferencial outorgado pelos países industriais às nações em vias de desenvolvimento ter estabelecido ou concebido de tal modo que dê reais possibilidades aos produtos acabados ou semi-acabados provenientes de tais países nos mercados industrializados, de forma a contribuir para uma diversificação do comércio mundial.

Cafeicultura no Brasil

Ao fim da manhã de hoje, na Estação Nacional Agronómica, em Oeiras, o director-adjunto do Instituto do Café de Angola, eng.º A. Bettencourt, proferiu uma conferência sobre problemas relacionados com «A ferrugem alaranjada e a cafeicultura no Brasil».

mo previsto e para conferir um concerto unitário aos critérios de origem, de forma a permitir o seu funcionamento prático. Uma multiplicidade de conceitos de origem na Comunidade Económica Europeia seria impraticável. Não é possível uma política comercial com base em diversos critérios de origem.

«No que se refere ao sector agrícola é de esperar um actual alargamento da actual oferta comunitária no que respeita a produtos que os países em vias de desenvolvimento também poderão fornecer. Neste âmbito há que referir ainda a descida das contribuições relativas à regulamentação destes produtos.

«A OIC fez prevenções contra concessões fictícias relativas a acordos sobre matérias-primas, acordos que possam ameaçar o comércio mundial e o possam submeter a situações que os países industriais e as nações em vias de desenvolvimento possam controlar. Como consequência desse facto, existe o perigo de tornar-se necessário formular permanentemente novas atitudes de planificação económica. Os ensinamentos colhidos da carência do sector agrícola da Comunidade Económica Europeia deveriam ser conhecidos por todos os Estados participantes na conferência de Santiago» — foi ainda acentuado na assembleia geral da OIC/COCCEE.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

11.º CONCERTO

9 DE ABRIL
ÀS 18 H.

GRUPO A — M/6 ANOS

10 DE ABRIL
ÀS 21.45 H.

GRUPO B — M/10 ANOS

ORQUESTRA
FILARMÓNICA
DE LISBOA

MAESTRO:

Manuel Ivo Cruz

SOLISTA:

Christa Ruppert
(VIOLINO)

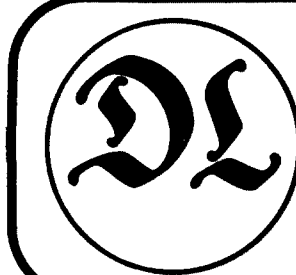
PROGRAMA
SUITE DE S. PAULO
GUSTAVE HOLST
ABERTURA N.º 3
JOLY BRAGA SANTOS

CONCERTO
PARA VIOLINO
BRAHMS

BILHETES DESDE 12\$50

JOSÉ SARAMAGO: Do princípio do mundo

MARIA
JUDITE DE
CARVALHO



ANIVERSÁRIO

CHIANCA
DE
GARCIA

BORGES COELHO: Reivindicar Espinosa

JOSÉ CARDOSO PIRES

A morte burocrática

ISABEL
DA NÓBREGA

MÁRIO
VENTURA

Como roubei
o azul de Veneza

O dia
em que não estive

FERNANDO NAMORA

“Os clandestinos” (excerto)

MANUEL
FERREIRA

URBANO
T. RODRIGUES

A solidão
de uma noite

Estará a nossa geração
perdida para o teatro?

ATTICUS: o drama de Chipre

ARMINDO
BLANCO

FERNANDO
DACOSTA

CALVET DE
MAGALHAES

MANUEL DE
AZEVEDO

TORQUATO
DA LUZ

JOSUÉ
DA SILVA



ANIVERSÁRIO

CALVET DE MAGALHÃES

A XI DIDÁCTICA

A Eurodidac (Associação Europeia de Fabricantes e Revendedores de Material Didáctico) promoveu em Março deste ano, em Hanover, a XI Didacta, feira internacional dedicada ao equipamento escolar de todos os géneros, que se tem realizado de dois em dois anos alternadamente em Basileia e Hanover. Em 1974 haverá a novidade da exposição ser realizada em Bruxelas. A XI Didacta foi a maior feira realizada até agora. De 14 a 18 de Março, mais de 800 expositores de 25 países expuseram toda uma série de auxiliares de ensino convencionais, audiovisuais e electrónicos e paralelamente novos métodos de construção escolar e mobiliário escolar (o forte das exposições de Basileia) altamente avançado e a novidade da «sala de aula aberta» (solução para o aproveitamento máximo do espaço das construções escolares pela utilização de salas e material polivalentes e ainda de vários aglutinados em tarefas diversificadas).

Pela primeira vez estiveram representados na exposição dois fabricantes portugueses (Foc e Molin), e, também pela primeira vez, a República Democrática Alemã quebrou a cortina de ferro da educação com a República Federal e exibiu-se em Hanover. Anote-se a representação inglesa com 73 expositores e 12 firmas coordenadas por funcionários públicos do Reino Unido e o maior número de observadores portugueses (Direcção-Geral do Ensino Básico, Secundário, Administração Escolar, Construções Escolares, empresas, etc.).

Na demonstração do material didáctico foi evidente a grande preocupação pelos auxiliares técnicos de ensino sendo também notório que muitos expositores se preocupam em oferecer produtos que não se limitem só a um tema escolar mas que possam ser usados na coordenação de várias disciplinas, encontrando-se entre estes 153 expositores com material de novas variações (alguns atractivos mas dispendiosos), máquinas de ensinar, laboratórios de línguas (notável a simplificação mecânica, custo, montagem e assistência), projectores e outros. Neste capítulo o que se vende em Portugal está ultrapassado.

Algumas das mais interessantes inovações referem-se ao trabalho administrativo das escolas, como seja por exemplo a forma de elaborar a planificação rápida de horários escolares e a solução para se poupar o custo da limpeza das escolas.

No campo do livro escolar nota-se a influência do Mercado Comum. Observa-se, nos livros de texto de geografia e história, que podem ser utilizados para todos os países da Comunidade.

Paralelamente à exposição da XI Didacta, foram promovidos programas de conferências e demonstrações por autoridades de renome em todo o mundo, como por exemplo: simpósio dedicado às crianças atrasadas e à sua educação (organizado pelo Departamento de Educação da B. B. C., de Birmingham, dirigido por L. P. Ball); simpósio organizado pela Sociedade Internacional de Actividade de Grupo na Educação (meios técnicos em actividade de grupo) e demonstrações práticas com «crianças ao vivo» (formação de grupos, entradas e saídas das aulas, perguntas colectivas, arrumação e limpeza da sala de aula, distribuição de material, gestão escolar ao nível da aula, etc.).

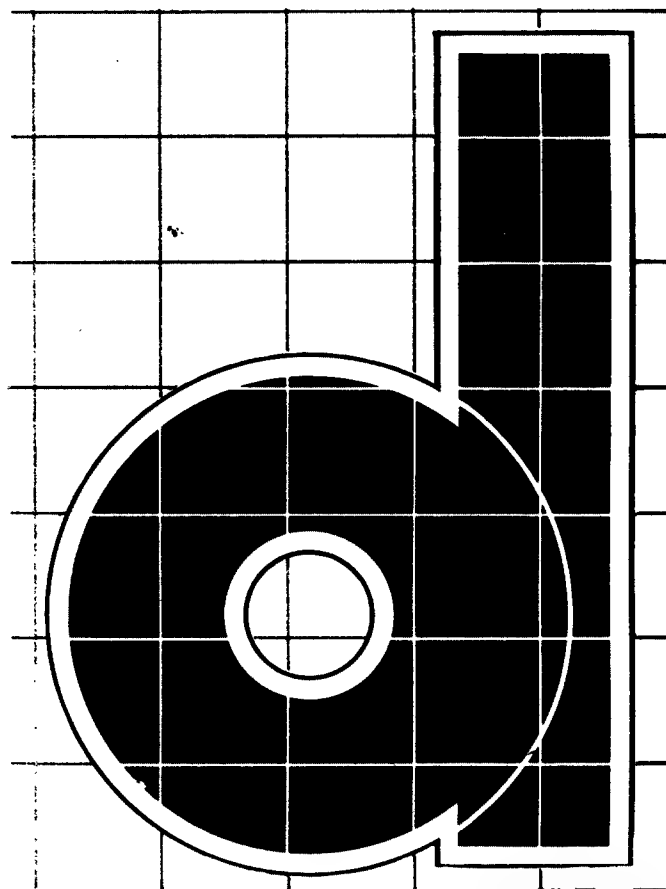
tem o assento móvel, podendo descer ou subir a carteira, igualmente móvel, em sentido vertical, horizontal e oblíquo».

Esta citação da carteira Velvée, inserida na nossa legislação oficial, retrata igualmente certa ignorância sobre o seu significado. Contemos a história.

Henrique Osório de Castro, aluno que abandonou o curso de engenharia quase no fim, tornou-se empregado comercial da firma Monteiro Gomes. Engenhoso, mecânico hábil e estudioso, empreendeu em 1930, a pedido do médico dr. Carriço (Junta de Construção Escolar) a execução de uma carteira que depois de aprovada fez baixar o custo dos bancos-carteiros portugueses de 220 para 70 escudos. Nos seus moldes gastou 300 escudos e foi o Mestre Trindade (mecânico de roletas de jogo, da árvore metálica do Café Cristal, da autoria do arq. Cassiano Branco, hoje loja Dardo) que os executou.

A cadeira Velvée é então apresentada na Exposição Industrial de 1932 e causa sensação (continha um grupo de excêntricos que permitia acomodá-la aos alunos anormais) e entra-se numa produção em linha (2000) e pela primeira vez, em Portugal, a cunhar-se chapa. Tinha-se criado o embrião da firma Henrique Osório de Castro (Foz).

A patente Velvée é vendida por 150 contos para os Estados Unidos da América e os americanos fabricam e vendem 2 000 000 de unidades. O banco-carteira Velvée é, pois, de concepção integralmente portuguesa, o que a nossa legislação oficial desconheceu.



SÍMBOLO DA DIDACTA

pam já hoje salas de aula com carteiras ou mesas de tamanho médio mas com dois ou três tamanhos médios.

Se por outro lado o mobiliário escolar moderno é mais agradável ao olhar mas esta elegância não foi suficiente para fazer fugir as inscrições nas carteiras ou mesas. Se o estudo destas leituras é interessante pois supõem horas de aborrecimento, é necessário baní-las, o que somente se consegue com um ensino activo, um estilo de boa camaradagem, uma sociedade escolar organizada.

Para se conseguirem esses objectivos é necessário ter uma orientação sobre equipa-

Uma mesa para cada aluno constitui a solução que se está adoptando pois permite que o trabalho individual quer o trabalho por grupos, por meio de uma distribuição adequada do mobiliário.

As mesas e cadeiras devem ser leves, resistentes, fáceis de manejar e de preferência sobreponíveis de modo a arrumarem-se num curto espaço quando houver necessidade de libertar de móveis a maior área possível. Por outro lado devem adoptar-se, como dissemos, não uma única média em cada sala de aula mas 2 ou 3 médias de alturas. No ciclo preparatório por exemplo encontram-se alunos de 1,30 a 1,72

vações antropométricas ou por meio de modelos reguláveis. Como se sabe as mesas de diferentes alturas têm inconvenientes no caso de trabalhos por grupos.

Além deste mobiliário, que representa uma substituição das tradicionais carteiras, são necessários armários e armário-vitrinas, para guardar todo o material didáctico necessário a um ensino realmente activo, modelos, aparelhos, maquetes, livros, discos, diapositivos, filmes fotografias, etc.

E evidente que uma sala de aula assim aparelhada poderia considerar-se uma unidade de classe de equipamento diferenciado.

Agupando num mesmo sector as salas destinadas ao ensino de uma disciplina, ou de disciplinas afins, haveria onde recolher em boas condições o material.

Não basta no entanto utilizar uma arrecadação geral onde ninguém sabe o que existe, nem o que existe se sabe para que serve. É necessário que esteja à mão, junto daqueles a quem vai servir, tornando-o parte integrante do ensino. Nada melhor, pois, do que enquadrá-lo em instalações diferenciadas.

Todas estas soluções de mobiliário não se coadunam com ambientes falsos, isto é, mobiliários inadequados. Para uma utilização consciente é necessário ter em conta a configuração do ambiente escolar, escolha do convívio escolar, aspecto económico, o que invalida a hipótese de, quanto ao ensino, partir-se de conceitos esquemáticos.

E por isso que a forma deve seguir a função escolar. Função, é aliás, um termo complexo que se refere a vários aspectos: sociais, sociais simbólicos e às necessidades do uso. Assim é que os diversos factores que determinam a forma industrial escolar na actividade se relacionam muito estreitamente para nos surpreenderem com as soluções de nítida validade.

Conceitos actuais

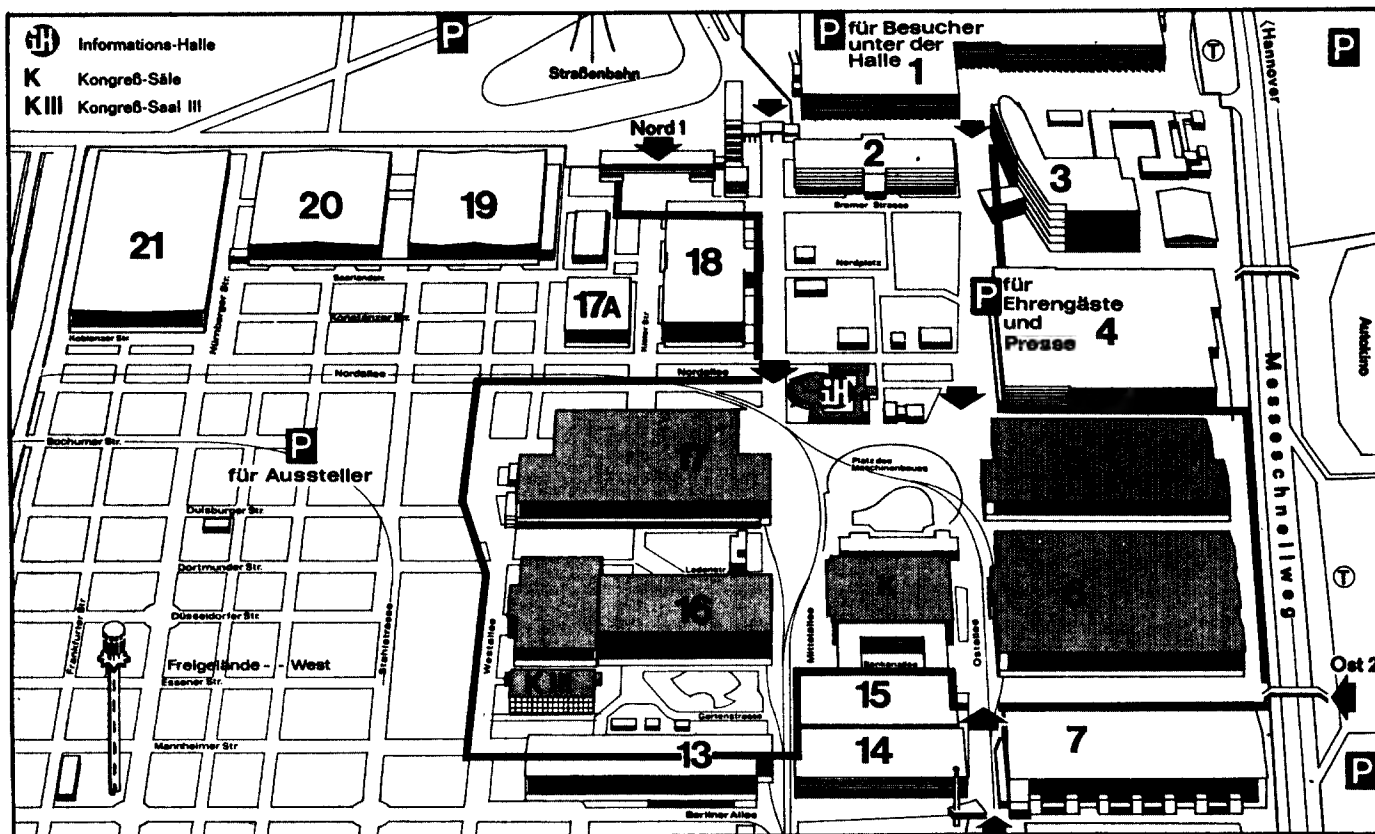
Os objectivos actuais do fabrico de mobiliário escolar pretendem actualmente pôr à disposição de todos uma teoria de mobiliário e material didáctico, para que cada um pudesse familiarizar com a utilidade e as suas possibilidades de melhorar os métodos activos do ensino, tirando proveito apreciável para o ensino sem sacrificar coisa alguma da sua evidente utilidade. Está a generalizar-se o fabrico de material polivalente, em módulos, nada inserido ou pregado em paredes.

Procura-se reunir todas as boas vontades, a fim de se poder oferecer aos interessados sugestões capazes de tornar o ensino mais acessível e adequado a grande número de educandos, capazes também de suscitar o interesse dos alunos e de lhe dar gosto para aprender.

Pede-se pois um exame com simpatia dos achados, por vezes engenhosos, e que pretendem insuflar mais vitalidade no nosso ensino, pois os métodos só valem pelo espírito que os anima sem esquecer que o instrumento pode valorizar imenso a destreza e a experiência daquele que o utiliza.

E evidente que qualquer progresso pedagógico é sempre acompanhado de grande incremento relativamente ao material escolar, de maior requinte na sua elaboração, de mais cuidado nos seus usos e de maiores e mais abundantes reflexões sobre o seu valor.

A evolução dos métodos de ensino e a atenção crescente



«Croquis» da Feira Europeia de Material Didáctico.

preocupação da fachada e até mesmo os programas se ressentem. Os bancos devem acomodar-se à estatura do aluno e permitir o encosto em atitude erecta. Devem ter a altura e a largura exigidas pelo desenvolvimento da criança. O banco-carteira Velvée parece satisfazer as necessidades porque

Mobiliário escolar

Como se sabe o mobiliário escolar fez muitos progressos desde há alguns anos. Chega mesmo a considerar melhorias económicas e úteis: em cada turma há - e cada vez mais - alunos maiores do que os da idade, pelo que não se equi-

mento e tomar conhecimento das linhas gerais da orientação sobre o assunto.

Como se sabe é hoje quase geral a opinião de que se devem adoptar mesas e cadeiras individuais, embora haja educadores que preconizam a mesa de dois lugares para habitar o aluno à cooperação.

m de altura e de 38 a 80 quilos de peso.

Para satisfazer todas estas condições há soluções muito variadas pois, por exemplo, em relação às alturas dos alunos as directrizes vão desde a escolha de diferentes dimensões observadas em relação às percentagens extraídas de obser-

A XI DIDÁCTICA

pelos problemas da educação trouxeram sempre como consequência maior amplitude, abundância e perfeição dos meios materiais auxiliares de ensino.

A função do material adquiriu assim uma importância excepcional pois compete-lhe permitir aos alunos que graças aos modelos e, por consequência, multipliquem, estudam e variem os meios de acção.

É por meio do material que o aluno faz os descobrimentos importantes que lhe dão conhecimento progressivo do que o cerca, que descobre as relações dos objectos entre si e em relação a si mesmo, a cada nova observação, e que reflecte a sua compreensão e afirma os seus dotes de observação, e assim se forma a si próprio.

O recurso à experiência concreta é decerto um dos meios de esclarecer qualquer espírito moço e de lhe facultar uma base de partida para atingir a abstracção. Esta deve ser precedida de considerações concretas que lhe servirão de introdução.

As noções abstractas serão tanto melhor compreendidas quanto tenham assentado sobre bases intuitivas, mais simples e mais sólidas.

O primeiro contacto do moço estreante ou mesmo do adulto com um modelo concreto realiza-se ao nível sensorio-motor das percepções imediatas; aquele em que os resultados empíricos, verificados imediatamente, servem de provas às demonstrações.

O material didáctico que temos de conceber para mostrar aos alunos, aliás como aquele que eles mesmo possam construir, têm de servir de apoio à abstracção e ao raciocínio. Nos métodos activos as realizações materiais provocam actividade intelectual incessante, pelo que os alunos terão de ir ao encontro dos problemas impostos pela realização do material didáctico.

Assim o emprego de material didáctico adequado justifica-se por motivos profundos e o desejo de utilizá-lo não constitui a última moda pedagógica.

O que é necessário realizar não é a acumulação de material arrebatado ao acaso das compras, mas a selecção entre os inúmeros materiais variados que podem convir aos alunos.

O material didáctico não é constituído unicamente por objectos propostos à contemplação e à reflexão. São construções frutos de actividade pessoal. Num material didáctico não basta simplesmente ver aquilo que se deseja realizar. Convém examiná-lo estudá-lo com toda a liberdade conceptual dum inventor. Segundo o material que se contempla ou maneja, há diferentes aprendizados que permitem adquirir os meios de comunicar com ele e entrar num diálogo aproveitável.

Mas a possibilidade de levar os alunos a beneficiar das trocas entre o pensamento e a realidade material apresenta ao espírito inúmeras questões práticas e teóricas:

— qualidades do material: solidez, aspecto agradável, variados empregos, tamanhos diversos dos elementos que o constituem; corresponder às necessidades dos alunos; necessidade de actividade dos alunos; satisfazer a curiosidade dos alunos, o seu instinto de construção, a sua necessidade de expressão, o seu gosto de invenção e de criação pessoal, continuidade de esforço, a correcção, o rigor, a análise e a ordenação das noções adquiridas.

Quem tem de fabricar os modelos tem, pois, que ter em

atenção com que meios e como se deve coordenar a construção do material didáctico.

A necessidade de material, conhecer o verdadeiro auxílio que pode prestar, a vantagem de certos modelos e certos materiais, o que se entende por material didáctico, a renovação que o material exige, as características dos modelos individuais e colectivos, a utilização simultânea de material didáctico, a coordenação das disciplinas, a utilização de material lógico e intuitivo, etc., são passos fundamentais para se construir e utilizar o material didáctico.

Material audiovisual

Em 15 de Agosto de 1916 abriu no átrio do Teatro Nacional uma exposição, digna da visita dos interessados, pelo progresso educativo e amor patriótico e que se relacionava com as aquarelas de Roque Gamero e Alberto de Sousa, expressamente executadas para os Quadros da História de Portugal, obra altamente pedagógica e patriótica de dois distintos professores — Chagas Franco, do Colégio Militar e João Soares, dos Pupilos do Exército. Era uma edição de Paulo Guedes.

Para o tempo os documentos eram altamente progressivos e meritórios; documentos gráficos que comunicavam ideias e factos de maneira clara e sucinta, por meio da combinação de estampas coloridas, palavras e gravuras. Foram realizados para a apresentação de informações históricas em maneira condensada, informações quantitativas para ilustrar relacionamentos, como em mapas murais no tipo de combinação de vários meios gráficos e pictóricos, destinados a visualizar as relações entre factos ou ideias-chave de maneira ordenada e lógica. Não é propriamente o cartaz educativo.

Mais tarde alguém indicou que havia determinada estampa em que um bispo recebia um correctivo físico do rei e lembraram-se de dizer que não era educativo apresentar esses «factos históricos». Houve quem desse ouvidos!

Os que criticam superficialmente os meios audiovisuais esquecem os aviltamentos que, nas técnicas tradicionais, sofreram a utilização do quadro preto (mesmo na televisão ainda se observa quem não sabe utilizar e escrever num quadro preto, embora num antigo programa das Práticas Pedagógicas o inspector Baptista Martins se tenha ocupado dos respectivos preceitos que a Higiene Escolar manda cuidadosamente observar), os mapas, cartazes e ilustrações e que não deixou de contribuir poderosamente para a renovação e utilização insistente, e até maior valorização, de alguns meios audiovisuais tradicionalmente mal aproveitados.

De facto, é corrente observar-se nos contraditores das técnicas audiovisuais, e ninguém nega que estas têm as suas evidentes limitações, a maior ignorância e descuido na utilização de um dos mais antigos recursos de instrução visual ou gráfica — o quadro negro, recurso de ensino universalmente disponível. E é melhor ficarmos por aqui, para não falarmos na organização dos apontamentos ditados, que já vimos denominar como excelente exemplo de ensino directo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Bruno de José A. Carreira — VOUZELA

Comissão Regional de Turismo do Algarve

A VISO

Para os devidos efeitos se anuncia que está aberto, pelo prazo de trinta dias, o concurso de provas práticas para o preenchimento da vaga de Topógrafo-Chefe existente no quadro de pessoal do Plano de Obras desta Comissão que funciona na Rua Rebelo da Silva, n.º 69, em Faro.

A admissão ao concurso deverá ser feita mediante a apresentação de requerimento em papel selado, dirigido ao Administrador-Delegado da Comissão Regional de Turismo do Algarve, podendo os interessados dirigir-se àqueles Serviços para mais esclarecimentos.

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE, EM 28 DE MARÇO DE 1972.

O ADMINISTRADOR-DELEGADO,

ENG. JOÃO LUIS OLIAS MALDONADO

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

CONCURSO DOCUMENTAL PARA 2.ª BARRELEIROS

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Secção de Pessoal — Hospital de S. José — aceitam-se inscrições até ao dia 18 de Abril próximo para o concurso documental relativo ao provimento de lugares de 2.ª barreleiros.

Os candidatos deverão obedecer às seguintes condições:

- Idade: Mais de 21 e menos de 35 anos;
- Habilitações literárias: 2.º grau do ensino primário;
- Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Senhor Mário Gomes Brinca e Fernando Nunes Lopes. ARROTEIAS ALHOS VEDROS

SRS. CAPITALISTAS

COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES!

A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre hipotecas de propriedades, ao juro da Lei.

Trata de toda a documentação, registos, etc., e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta toda a assistência até total reembolso do capital emprestado.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
FUNDADA EM 1933

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 40.000.000\$00

LISBOA — R. do Ouro, 292-1.º (Esq. com o Rossio) — Telef. 36 93 84/5/6
PORTO — R. Passos Manuel, 14-1.º — Telef. 2 03 44/5/6

O volume exterior

relativamente ao grande espaço interior de que dispõe.

O rendimento

Apesar da sua excepcional habitabilidade e das suas elevadas «performances» o 127 inclui-se na vantajosa categoria dos «menos de 1000».

O consumo

Para a sua categoria, este carro tem um consumo excepcionalmente baixo, como foi comprovado nos testes das mais importantes revistas especializadas de automobilismo.

A sua habitabilidade

Dispõe de 5 cómodos lugares e de um porta-bagagens maior do que o de muitos carros europeus de maior cilindrada.

A segurança

Tracção anterior, e suspensões anterior e posterior independentes. Alternador. Duplo circuito de travagem. Coluna de direcção em três segmentos. Depósito colocado em zona de segurança. Carroçaria de estrutura monobloco e cabina reforçada e protegida.

As «performances»

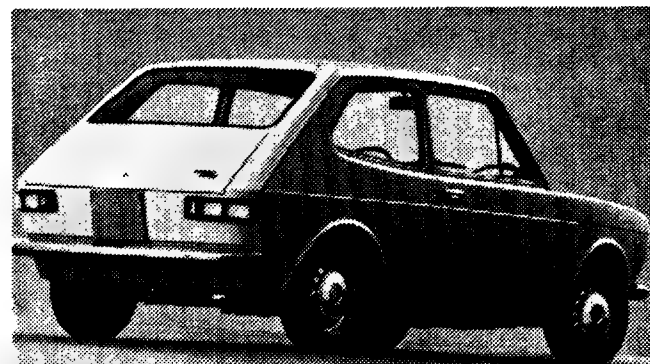
O motor do 127 é o mesmo 903 cm³ do 850 Sport Coupé. Isto explica o seu temperamento desportivo e a sua elevada velocidade (mais de 140 km/hora).

O preço

Apesar da sóbria funcionalidade dos seus acabamentos o 127 é um carro «de valor» porque para as soluções técnicas, que são as mais importantes, não se olhou a gastos.

Aquilo que é pequeno

FIAT 127



Aquilo que é grande

EM EXPOSIÇÃO E VENDA NA FIAT PORTUGUESA, S.A.R.L. E EM TODA A SUA REDE DE AGENTES



O que é que se passará, hein?



ANIVERSÁRIO

JOSÉ SARAMAGO

DO PRINCÍPIO DO MUNDO

Tínhamos conversado durante horas, daquela nossa conhecida maneira dispersiva, exagerando o valor das banalidades e discutindo sobre elas como se na discussão decidíssemos empenhar a vida ou desempenhar (sentido duplo) o destino do universo. Os pensamentos acertados (que também os havia...) vinham acaso ao de cima, rompiam um instante como o dorso esplêndido de um golfinho, e depois, perdidos na retórica flamejante, afundavam-se resignados. Não tinha muita importância. Todos nos conhecíamos bem e não iríamos condenar-nos mutuamente pelo modo desconexo como havíamos procurado vencer naquela pequena batalha verbal que ninguém sabia já como começara. Felizmente, a conversa deslaçara-se e morrera no ponto que a cada um de nós convinha para a convicção própria de que a vitória lhe coubera... Nada melhor para principiar nova discussão. Mas não iria ser assim...

Durante todo o tempo pairava por ali esquecido um fundo musical, liso e humilde sob a carga de cavalaria que andara cá e lá no diálogo, a perder tempo e ferraduras... E agora,

no meio silêncio que vencera, a música começava a ouvir-se melhor, a ter opinião, derradeiro argumento para conciliar os pontos de vista ainda divergentes. Um Beethoven veio ca-

lar-nos a todos, ao entrar pela porta do corredor, curvado como contam as biografias, de cabeça despenteada e pouco limpa, as mãos atrás das costas, o sobrolho dirigidamente carregado para quem assim dispunha da sua música. Presumi que não lhe desagradámos de todo, pois ali se deixou ficar até ao fim do disco, encostado à ombreira, de braços cruzados.

Depois veio um Mozart feliz que se sentou na alcatifa, batendo o compasso, enquanto bebia do copo de vinho que colhera das mãos de uma amiga nossa. Um rapaz contente... Mas perto do fim, porque não sei, Mozart pousou devagarinho o copo, baixou a cabeça sobre os joelhos dobrados e começou a chorar... Daí a pouco fui eu que dei por mim a pensar se não teria bebido em excesso, quando pelo corredor vi adiantar-se Monteverdi, com a sua barba de talhe mefistofélico e a sua música de júbilo celeste, ao mesmo tempo que as vozes do coro se materializavam em rostos que vinham cantando do fundo do espaço e explodiam em silêncio sobre a minha cabeça, como uma onda gigantesca vista de longe...

Não sei se os meus amigos viam exactamente o mesmo que eu, mas estavam todos calados, com um ar de compenetração metódica que de certeza disfarçava a convicção de serem os únicos beneficiários daquelas visitas... O mais desinteressado ainda era o dono da casa, que ia mudando os discos, talvez porque fosse costume, ali, invocarem-se os espíritos assim...

Foi nesta altura que principiou a ouvir-se uma música nova, qualquer coisa que era campo aberto, mato, desfiladeiro, montanha nevada. Uma flauta, um tamborim que pelo som diríamos feito de pele de cobra, um chocalhar de areia grossa no interior de uma cápsula vegetal, nada que se dissesse: é Mozart, é Beetho-

ven, é Bach, é Monteverdi... Desta vez ninguém avançou pelo corredor iluminado. Os meus amigos não viraram a cabeça, não miraram de sosleio a ver se chegava alguém. Incapazes de nos olharmos, fitámos todos o chão da sala, à espera, ao tempo que a música dizia coisas intraduzíveis, as dizia de um modo entrecortado, como quem aprende a própria língua enquanto fala, como quem, hesitante, cria tudo a partir de nada... Isto sabíamos nós sem o dizermos uns aos outros. Mas, evidentemente, faltava ali quem nos explicasse, de viva voz (ó maravilhosas palavras, essas que só a viva voz sabe dizer!) o que tudo aquilo significava...

Não foram palavras. Quando a música se tornou ameaça e gritou como um animal bravo no meio das selvas, como um falcão entre duas escarpas verticais, uma das nossas amigas — animal longo, delgado, escuro de pele, forrado de uma túnica longuíssima — avançou para o meio da sala e começou a dançar sôzinha, deixando primeiro que a música a envolvesse, apoderando-se dela depois, num acto sucessivo de absorção que se exprimia num discurso infinito de gestos, de movimentos, de flexões, que eram o som tornado visível da flauta, o coração do tambor, a chuva empurrada pelos campos fora, sob o vento que transformava os grãos de areia em gotas de água...

O primeiro som a morrer foi a flauta: um levíssimo eco se desfez como uma sombra ao afastar-se de um rosto. Depois a grande chuva diminuiu, varreu ao longe, e, por alguns instantes, ficou apenas o coração da cobra, batendo cada vez mais espaçado, até parar, injustamente.

A nossa amiga negra dobrou o joelhos, ofegando. E quando, vencidamente, deixou pender a cabeça para trás, a sua cabeça, palpitante, era um sol nocturno do princípio do mundo.



PARA ALÉM DESTES RISO CONFIANTE...

... para além, está a vida. Está a alegria. Está o sonho. Está uma impetuosa força que é mais forte que o vento. Mais forte que o mar. Para além deste riso confiante está a esperança. Está o amor. Mas está também a tensão. A luta. O acidente. As inúmeras situações de competição que é preciso enfrentar e vencer. E mais para além, ainda, estarão outras vidas que dependem da protecção que lhes for dispensada, da lucidez com que for planificado o seu futuro, da serenidade e confiança

que caracterizar os seus primeiros anos. Agora e além estamos nós. Porque estamos onde está o sonho. Onde está a esperança. Onde está a vida. Estamos onde é necessário garantir o sonho. Manter a esperança. Viver a vida. Estamos onde for preciso lutar por esses valores. Ou, pelo menos, assegurá-los. Estaremos sempre onde precisarem de nós e quando for mais urgente que estejamos. Basta chamar. Estaremos com ele. Com ela. Convosco. Toda a vida.



FIDELIDADE • SEGUROS

uma companhia para toda a vida



VANTAGENS DA VITAMINA C NATURAL

"A vitamina C natural é a cura e a prevenção contra as constipações vulgares." Prémio Nobel da Química e Prémio Nobel da Paz. Linus Pauling



ACEROLA

A mais rica fonte natural de Vitamina C, defende o organismo contra as infecções, os resfriados, as constipações e as gripes tão vulgares nesta época. Com ACEROLA a sua capacidade física e intelectual mantém-se intacta.

embalagens de 50 e 200 caps a 80\$ e 300\$ - se não encontrar na sua mercearia ou supermercado envia-se a cobrança - pedidos a **dieta** Av da República 46 - Lisboa 1

No momento importante

No momento em que se liga um terminal, desencadeia-se um mundo de potencialidade, de força, de actividade, as máquinas inertes ganham vida, apressam-se, trabalham, produzem: é um momento importante.

Escolher o momento exacto para a frente uma empresa é um dos segredos do sucesso, mas o estudo de ampliação de uma indústria, requer longo e exaustivo trabalho em que a compra de mais máquinas, o recrutamento de pessoal, a ampliação de instalações, a conquista de novos mercados, se equacionam.

Para os responsáveis, a escolha do momento exacto é um momento importante.

Ao rever todos os sistemas, ao ponderar todas as hipóteses, ao verificar todos os cálculos, ao tomar a decisão final, não esqueça que o BANCO NACIONAL ULTRAMARINO está ao seu dispor para o servir.

Não esqueça que para nós, servi-lo, é o nosso MOMENTO IMPORTANTE.



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO



ANIVERSÁRIO

MANUEL DE AZEVEDO

HORA DE CINEMA

Entre as actividades artísticas portuguesas, só de quando em quando acontecia alguma coisa, que não chegava para sacudir a modorra e a rotina que envolvem, de um modo geral, as preocupações quotidianas dos nossos intelectuais. Começaram, porém, a ser exibidos os primeiros filmes do chamado «cinema novo português» e logo toda a intelectualidade se debruçou, alvoroçada, sobre as obras que iam surgindo. Assim, o cinema português, que só excepcionalmente era considerado uma actividade digna de interesse, ganhava de um dia para o outro verdadeira dimensão cultural e preocupava, excepcionalmente, a inteligência e quantos escrevem em jornais e gazetas.

Claro que este problema preocupava, há quase dez anos, os cineastas, cineclubes mais activos, críticos de cinema e quantos se interessavam pelo cinema nacional. Os esforços por criar condições concretas conducentes ao nascimento de um «cinema novo» foram feitos por um grupo restrito, mas interessado.

A luta, difícil e penosa — dada a desconfiança desinteressada do público, há muito desenganado pela falta dominante de qualidade da maioria da nossa produção fílmica — foi-se processando, e um primeiro resultado foi obtido numa primeira fase (que diríamos experimental

e de sacrifício), de que surgiram filmes como «Verdes Anos», de Paulo Rocha; «Belarmino», de Fernando Lopes; «Domingo à Tarde», de António Macedo e poucos mais. A este esforço ficaria ligado, como produtor sacrificado, o nome de Cunha Telles.

Sem um verdadeiro apoio financeiro e sem o correspondente apoio do público, do «grande público» (legitimamente desconfiado do cinema português), esta primeira fase fracassou, apesar de alguns acenos de boa vontade vindos daqui e dali.

Entretanto a «gente de cinema» não desanimava e, apesar dos erros cometidos e de algu-

mas e naturais desinteligências surgidas, a luta foi ganhando corpo. A Fundação Gulbenkian decidiu-se, finalmente, a apoiar estes esforços por um «cinema novo», constituiu-se uma cooperativa e, vencidos alguns vícios demasiado individualistas (que também se verificam entre os cineastas), começaram a surgir as primeiras obras desta segunda fase: «O Passado e o Presente», de Manuel de Oliveira; «O Recado», de Fonseca e Costa; «A Abelha na Chuva», de Fernando Lopes, esta como obra de transição entre a primeira e a segunda fases e ainda produzida sem apoio da Gulbenkian.

Aguarda-se agora o lançamento de «Pedro Só», de Alfredo Tropa, e filmes em acabamento de António Pedro de Vasconcelos, António Macedo, Seixas Santos, etc.

A cultura portuguesa está na hora do cinema. Momento de extraordinária importância que começou por interessar a crítica especializada (como era natural) mas a que ninguém (mesmo os mais distraídos ou distantes destas actividades) quis ficar alheio. E todos vieram dar as suas opiniões, participar em po-



Maria de Saïssel: «O Passado e o Presente»

lémicas e deitar a sua acha na fogueira.

E a fogueira cresce e arde festivamente, como nunca. A produção fílmica nacional ganha, pois (e felizmente), foros de grande acontecimento cultural e artístico. Conquista primeiro a atenção da intelectualidade por-

tuguesa e estrangeira (a propósito de Nice...) e, depois, o interesse ou a curiosidade do público mais atento a estes fenómenos.

Estamos, pois, na hora do «cinema novo português». Se no meio de uma desusada atenção polémica alguns disparates de

bradar aos céus foram ditos, desculpem-nos como fenómeno natural de um interesse crescente pelo cinema nacional, que está a conquistar — finalmente — a dimensão intelectual e artística que sempre lhe desejamos e que, ao fim e ao cabo, todos merecemos.

OBRECOL

OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA.

CONSTRUÇÃO CIVIL

CONSTRUÇÕES INDUSTRIAIS

ESTRUTURAS DE BETÃO-ARMADO

OBRAS PÚBLICAS



RUA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 41-4.º D.

TELEFS. 58362 - 530922

LISBOA-1



ANIVERSÁRIO

TORQUATO DA LUZ

A CRÔNICA VERDADEIRA DO MEU AMOR POR LISBOA

Não foi amor à primeira vista, este meu por Lisboa, longe disso! Quando, vindo do Algarve, quinze anos acabados de completar, a vi, barulhenta, no Terreiro do Paço, detestei-a: «Não vou conseguir viver aqui», pensei. Vinha amarrado à continuação dos estudos, em internato, pelo que não me preocupei demasiado: poucas oportunidades haveria de nos encontrarmos, já que férias que tivesse seriam férias algarvias.

De Almada, onde vários meses vivi, olhava-a, de manhãzinha, por detrás da capa de nevoeiro que quase me encobria. Não a desejava, nem a temia: era-me indiferente. E não há sentimento pior que a indiferença, seja pelas pessoas, pelas coisas ou pelas cidades. Amar ou odiar/ ou tudo ou nada/ o meio termo é que não pode ser, lá diz o poeta. E é verdade.

O sétimo ano já o fiz do lado de cá do rio. Mas como o sistema não mudara (continuava enclausurado), persistia o meu desamor por Lisboa. Hoje sei: não a amava porque a não conhecia. E, assim, mutuamente ignorantes um do outro, fui um dia forçado a entrar na sua vida: quando se me deparou (ao que a existência nos obrigou) um emprego de estagiário num organismo oficial, ali à Avenida do Brasil, onde, para mal dos meus pecados, passava os dias a medir vagas e marés, eu que nunca sentira qualquer atracção especial por tal géne-

ro de actividade. Não fora o facto de haver um engenheiro medianamente interessado por problemas literários e com quem conversava sobre poesia no meio, por exemplo, da montagem do modelo reduzido da baía do Guanabara, ali então em estudo, e teriam sido os dois anos mais horrorosos da minha vida, que não se vira, longe disso, isenta de sacrificios até ali.

O tempo passava e mantinha-se a situação: entre mim e Lisboa, a indiferença. Não me atraía porque continuava a desconhecer-lá. As mãos vazias ao fim de cada mês de trabalho (não esquecer: era funcionário público e, ainda por cima, eventual) não me davam qualquer «chance».

Foi de braços abertos, portanto, que, com dezanove anos feitos, aceitei o convite de José Barão, esse saudoso jornalista que viria a ser um dos meus mestres, para ir trabalhar no jornal que dirigia na sua terra



meio-algarvia, meio-espanhola, à beirinha do Guadiana. Só as obrigações da tropa me arrancariam (hoje digo: felizmente) desse lugar que, por acaso, também nunca amei.

REENCONTRO

Vinte e dois anos, cadete em Mafra. O levantar ainda de noite, para a ginástica, na parada gelada, em Janeiro. As ins-
truções nocturnas. Para com-

pensar, as escapadas à Ericeira e a descoberta da «açorda de marisco». Os fins-de-semana em Lisboa, qualquer coisa de maravilhoso, único pensamento susceptível de amenizar

as agruras de uma longuíssima semana, que ia da madrugada de segunda-feira ao meio-dia de sábado.

Foi então que, verdadeiramente, descobri Lisboa e comecei a amá-la, porque a desejava. A especialidade militar, tirada no regimento de engenharia do Campo Grande, viria dar o golpe-mestre no meu empedernido coração: a cidade já era minha quando, mandado com armas e bagagens para Leiria (a outra urbe que eu também amo), ali estive durante um ano a ensinar a marcar passo, a apresentar arma, a fazer continência...

A transferência para a capital, por requerimento feito nesse sentido, foi o corolário lógico de um amor que já não era só desejo - passara a posse. Amámo-nos loucamente, ao ponto de não podermos viver separados - nenhuma outra terra do mundo, penso, me será jamais tão propícia.

A vida de repórter (forma ideal de conhecer uma cidade, em toda a sua grandeza e, também, sua miséria) só veio ajudar. Hoje, conheço-a por dentro e por fora, nas suas baixezas, na sua vida à vista e na que se esconde, no dia e na noite, quando dorme ou quando se entrega, inteirinha e sem reservas, à vertigem de existir. É inapelável: estamos os dois apaixonados. Irremediavelmente. Só nos falta casar na manhã de Santo António.

uma mensagem
de
felicitações...

no
51º aniversário
do
DIÁRIO DE LISBOA

... uma mensagem amiga
da

TAP



ANIVERSÁRIO

ISABEL DA NÓBREGA

DE COMO ROUBEI O AZUL DE VENEZA

Quando julgamos que o mundo está todo ele descoberto e que andar de país em país não é mais do que calcar terra mil vezes pisada, este mesmo mundo sem mistérios põe-nos diante dos olhos uma nova cidade velha, onde, por sua vez, se poderão fazer todas as descobertas e todas as invenções. E, na parte que me toca, um roubo.

A cidade é Veneza. Há com certeza cidades mais antigas, mas não creio que haja alguma cidade mais velha... Veneza morre como se fosse o lugar onde se reuniram todas as decrepitudes possíveis. Os canais reflectem fachadas conjuntamente de ouro e podridão, e as águas arrastam um lodo ácido que vai correndo os alicerces saturados e amolecidos, que são, ocultos, um abandono total, uma despedida.

A cidade é Veneza, um lugar onde tudo pode acontecer. Até um roubo feito por quem não foi lá para roubar. Até o roubo do azul de Veneza.

O tempo estava cinzento, e a cidade era toda composta de tons grisalhos, com toques de azul e tijolo, com aquela melancolia que se derrama nos quadros célebres ou nas baladas que a evocam.

Faltava um dia para partirmos. Os meus companheiros tinham voltado, enérgicos, ao parque da Bienal, mas eu recusara-me a abandonar o centro da cidade, as ruelas ru-
morosas, as pequeni-

nas pontes em corcova, os silenciosos braços de água verde-opaca, onde a cada esquina gris ou rosa, surge, balançando, uma gôndola negra, misteriosa e macia.

Muito tempo me dei para ficar debruçada, vendo deslizarem de baixo de mim os barcos e os seus ocupantes incongruentes. Um bando de andorinhas baixou como quem brinca, para lugar subir, de raptos. Fugiam assustadas pelo grito que dobrava a pedra musgosa: «Ói-i-i!...» - era o gondoleiro que assim preferia o canto antigo à buzina plangente e agressiva.

Ora, a minha recusa de voltar à Bienal tinha também outro fim: queria ir aos serviços de turismo, onde, por informação que colheira, talvez pudesse adquirir o belíssimo - poster - a z u l que se espalhava pela cidade, anunciando a regata histórica que daí a poucos dias se faria no Canal Grande. Dei-xei as gôndolas e as andorinhas, e fui. Mas ali me desenganaram: o cartaz não era para venda; só o encontraria nos escritórios da

comissão organizadora, os quais funcionavam num palácio (Veneza, tudo palácios) do outro lado da Praça de S. Marcos. Teria de atravessá-la e seguir depois pela Calle dell Ascension... Mas não valia a pena nem a canseira: eram já cinco e meia, e os escritórios tinham fechado às duas horas. E não tornavam a abrir senão no dia seguinte, quando eu já estivesse longe...

Tenho uma lógica particular, segundo a qual ascoisas que desejo não são nunca impossíveis, nem estas demonstrações, de regras e horários, impe-cilho. Nas vésperas do cortejo (todos sabemos muito bem o trabalho que estas festas dão), era certo e sabido que alguém estaria ainda nos escritórios.. E estava.

O fegante da caminhada, do nervosismo, dos degraus subidos a correr, disse ao que ia, no italiano de alguém, que vivesse sentado na fronteira com a França e não conseguisse decidir-se por uma língua só... Os dois homens que me atendiam entreolha-ram-se e sorriram. «Está bem, está bem, se tanto quer o nosso cartaz, damos-lho. E até mais do que um. Não é para vender nem para dar, mas... Como foi que soube que estávamos aqui?»

Respondi com um sorriso que apanharia uma décima no piano. E desci a escada devagar. Debaixo do braço, o rolo comprido, o alvará da minha vitória...

Cheguei à rua, chovia. As primeiras horas da tarde bem tinham andado a anunciar essa morna chuvinha de prata. Ninguém acreditava.

E agora não podia atravessar a Praça de S. Marcos. Dar-lhe-ia a volta, sempre sob as arcadas. Num repente, a chuva modificara tudo. As mesas estavam empilhadas, empilhadas as cadeiras, e debaixo dos arcos a gente toda se refugiara, os que vagarosamente passeavam pelo espaço imenso que faz doer de beleza os olhos, os que apenas davam milho aos pom-bos ou inevitavelmente tiravam fotografias ou se davam a fotografar... A praça vazia, alagada, debruada a toda a volta pelas pilhas de verga, estava triste.

Mas eu avançava, agora com cuidado, pelo meio da multidão que se comprimia para fugir à chuva. Não queria amarrotar o meu rolo azul, dentro o gondoleiro e a sua gôndola num risco branco, matissiano. Ia andando entre os empurrões e os risos, sentindo como que um cheiroso fervilhar de lâ'molhada.

E é neste procurar

de caminho, ora para um lado, ora para outro, que de relance vejo do lado de fora, à chuva, encostado ao pé de uma cadeira desalinhada, um objecto de vidro intensamente azul. Esquecido, abandonado, um sifão. Estaquei bruscamente, hipnotizada. Olhei para o lado, para ver se no interior havia algum restaurante, uma pastelaria, um possível dono do sifão. Só lojas de ouro e vidros de Murano. A chuva caía como uma cortina de pérolas. Agarro, não agarro, levo, deixo ficar... Eu hesitava, hesitava, e estava assim com o coração a bater forte, quando um rapaz parou junto de mim. Espreitei pelo canto do olho: devia ser estudante, tinha uns livros debaixo do braço. Nas minhas costas, continuavam a deslizar filas de pessoas, rumorejando...

Compreendi que o rapaz também fitava o sifão, disfarçadamente. Não, não é para ti, é para mim - e mergulhei sob a chuva. Colho a garrafa como quem arranca da terra uma planta azul, e levantando-a bem ao alto, bem à vista de toda a gente, por cima da minha cabeça (o braço esquerdo apertava o rolo) recolhi-me às arcadas e segui o meu caminho.

Mais adiante, para o lado da catedral, vejo um restaurante, descu-

bro os casacos brancos dos empregados. Será dali? Eu levo-o assim. Se alguém me interpelar, entrego-lhe o sifão. Se não me dizem nada, é meu. O rapaz desaparecera. Bate-me o coração descompassado e ansioso. Em que me vim eu meter? Que aflição, aquele criado olha para mim, vem falar-me, não! atendia alguém ali mesmo, ao abrigo da arcada...

Saí finalmente da praça, enfiei num galope esbaforida e molhada, pela rua que levava ao hotel. Ninguém me perseguia, ninguém gritava, ó maravilhosa segurança da inocência!

E foi ainda brandindo o sifão azul-turquesa (azul de Veneza) bem ao alto como um archote cintilante, que atravessei o átrio do hotel onde acabavam de chegar os meus amigos. Não entenderam nada da minha alegria explosiva, mas depois juraram que eu não pisava o chão, que entrara a voar, com um halo muito azul em redor do rosto.

O sifão de Veneza é hoje um candeeiro. A luz derrama-se sobre o vidro canelado, envolve-o, enche-o de imagens. Se eu quiser, sou capaz de ver dentro dele toda a Praça de S. Marcos, os cavalos dourados, a chuva caindo como pérolas... Mas aqui não há melancolia. Há esta alegria talvez violenta, este súbito aperto de coração que se chama felicidade.

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

TUDO COM GARANTIA

TELEVISORES

2 programas

51 cm	3.450\$
61 cm	4.750\$
Gravadores de cassetes	1.200\$
Rádios bolso	120\$

FRIGORÍFICOS

140 litros	2.100\$
175 »	2.950\$
210 »	3.450\$
270 » (2 portas) ...	4.450\$

MÁQUINAS

LAVAR ROUPA automáticas

4.350\$00

LOIÇA

6.450\$00

ESQUENTADORES

1.390\$

FOGÕES A GÁS

3 lumes..... 1.190\$

MOBÍLIAS COMPLETAS — MÓVEIS SOLTOS — ALCATIFAS — CARPETES

A pronto ou em 36 mensalidades SEM FIADOR

M. L. FERREIRA — RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A



ANIVERSÁRIO

URBANO TAVARES RODRIGUES

ESTARÁ A NOSSA GERAÇÃO PERDIDA PARA O TEATRO?

Estarão os portugueses de hoje — os que contam nesta altura vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos — perdidos irremediavelmente para o teatro, como espectadores? Recuso-me a aceitá-lo. Mesmo num quadro desfavorável como é o nosso, há que dar duas batalhas paralelas (por um teatro de qualidade estrita, e por um teatro de todos.) E ambas essas batalhas têm de travar-se, cada vez me convengo mais de que só poderão travar-se à margem dos circuitos comerciais, que arrastam consigo o fabeu do descrédito, ainda quando realizam excelentes espectáculos (o caso de Ivone Princesa de Borgonha, entre tantos, que o recente Festival Gulbenkian, deambulando pela província, comprovou).

Mas como levar a efeito, em condições de penúria económica, semelhante empresa aqui, e agora?!

Será a melhor via a das sociedades recreativas, animadas por grupos jovens, culturalmente mistos, com ambições de transformação do espectáculo através do espectador, pelo espectador? Ou será de preferir, com todos os entraves que haverá que enfrentar, o caminho árduo do espectáculo que vai para a rua, para a fábrica, para o campo, visando concentrar assistências muito numerosas de espectadores? E com que reportórios poderão esses auditórios ser atingidos? O teatro-provação servirá para as plateias populares? Deve ir-se ao encontro do mau gosto fortemente ainda radicado ou buscar, através da distanciação e do didactismo do teatro épico brechtiano, a consciencialização dessas massas?

O teatro é um fenómeno eminentemente social. Os encenadores e actores que devotadamente queiram chegar ao povo têm de preparar-se para suportar a chacota, o doesto, porventura o insulto.

Sim, é possível que muitas assistências populares prefiram, numa fase inicial de séria ressurreição do teatro entre nós, «O Vison Voador» ou «Empresta-me o teu Apartamento» (realizações de boulevard que nada têm de popular) a peças como «A Ópera de Três Vinténs», «O Percevejo» ou «Marat Sade». Outro tanto talvez não suceda já com «O Avançado Centro Morreu ao Amanhecer», de Agustin Cuzanni; «Histórias para serem contadas», de Osvaldo Dragun; ou «O Vagabundo das Mãos de Ouro», de Romeu Correia. Isto porque teatro para o povo, na fase actual do nosso povo, tem de ser festa, explosão de alegria ou de raiva, com a simplicidade dos grandes contrastes. Admito que possam fazer-se até, em situações limitadas, acrescentos de natureza explicativa, como se de uma aula se tratasse. De resto, as discussões públicas informais (já que a palavra «colóquio» começa a suar o visco da retórica) poderão cumulativamente contribuir para o esclarecimento das clientelas rurais ou operárias. Não vejo inconveniente, dada a grandeza do fim visado, em que este teatro-choque se torne algumas emergências mais directo, mais agressivo, mais tosco do que o seria se obedecesse rigorosamente ao texto e às suas indicações.

A demonstração, que certas obras didácticas levam a fazer em cena, presumo que seja extremamente eficaz como forma de mentalização. Para esse efeito, um Gil Vicente renovado com talento por encenadores avisados não valerá menos do que o autor do «Círculo de Gil Caucasiano». Estou pensando especialmente no «Juiz da Beira», na «Farsa dos Almocreves», no «Velho da Horta».

Shakespeare, Goldoni ou Molière não são propriamente

dramaturgos culturais. Pelo contrário.

Ora de todas elas (ou de quase todas) é possível extrair uma versão popular: a da anti-solidão, a da participação-união.

Convinha que o teatro popular incorporasse, até à fronteira do realizável, o canto e a dança.

Num seu recente artigo sobre «Categorias do Teatro Po-

pular» (Travail Théâtral, Hiver, 1972) escreveu Augusto Boal: «... O povo é formado por homens e nada que seja humano lhe é estranho. Todos os assuntos são válidos, pois todos eles são passíveis de diversas encenações. É certo, todavia, que nem todos os temas são sempre oportunos. O argumento mais fácil e mais utilizado pelos críticos consiste em condenar o teatro popular pela sua insistência em tratar certos assuntos, dissimulando que, paralelamente, o teatro burguês insiste nos seus...»

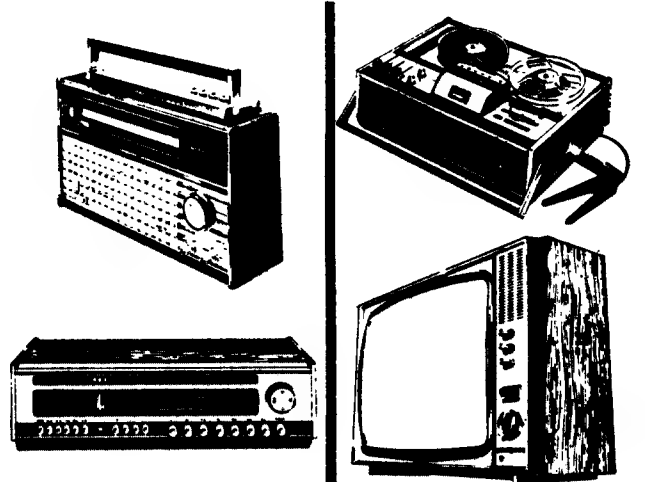
Além do teatro destinado ao povo, há o teatro a que, por comodidade de definição, chamei já teatro de qualidade e teatro de laboratório, ou seja, aquele que funciona como cadinho de experimentação estética, de avanço de meios, de

aventura no desconhecido. Contudo, se quisermos fundar solidamente os alicerces de um teatro popular, terá de ser ainda popular a perspectiva (não já os processos) deste teatro «superior», isto é, apontar na direcção da desalienação do homem, em toda a sua complexidade.

Resta considerar o aspecto extremamente importante da criação-fundação entre as crianças de novas camadas de público de teatro. Parece-nos evidente que, dependendo tal empresa da organização escolar, o campo de acção será tanto ou mais reduzido do que para os adultos, recuperáveis ou não. Mas que é de tentar, mau grado essas dificuldades previsíveis, lá isso é. E, valha a verdade, os «Bonecreiros» punxaram já nesse terreno a sineta da esperança e da confiança.



GRUNDIG



GRANDIOSA CAMPANHA

SUPERMANOS

Largo do Mastro, 3-9 - Lisboa

NOVALIS

Av. Almirante Reis, 21B - Lisboa

MUNDILAR

Rua 1.ª de Maio, 138 - Lisboa

Vendas em 36 prestações
Sem entrada - Sem fiador

TV GRUNDIG '72

a qualidade... e a forma perfeita

longo...
longo...
longo...
Deliciosamente
longo...

O gosto. O aroma. O prazer.

Novo RITZ KING SIZE.
Dimensão Real.

Resistivelmente RITZ



ANIVERSÁRIO

JOSUÉ DA SILVA

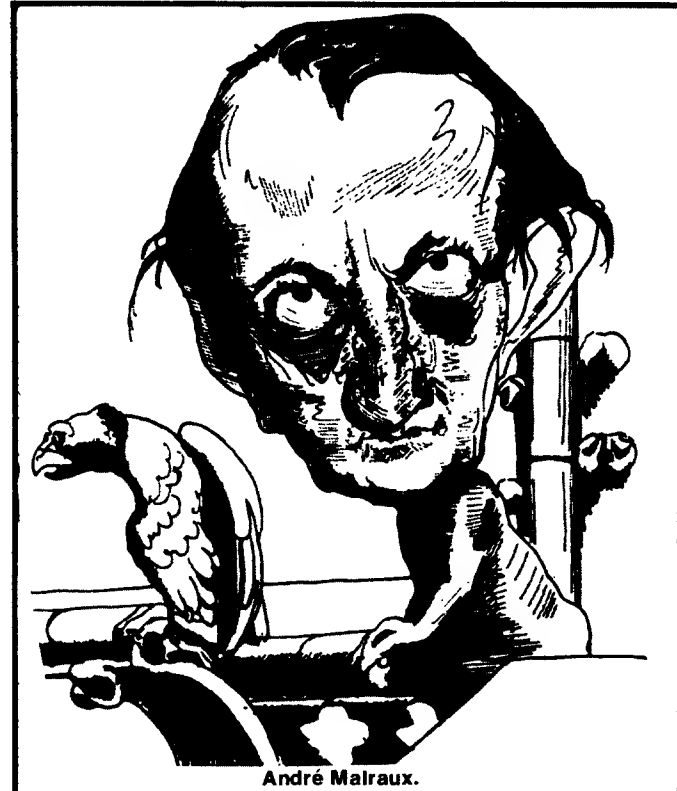
OS DEUSES PERDERAM A VOZ

André Malraux esteve em Lisboa. Apenas umas horas. O tempo de paragem, no nosso porto, do navio em que está a gozar um curto cruzeiro de férias. Para nós, o facto desse navio vir a Lisboa pela primeira vez, era mero pretexto para notícia de rotina. Não assim, quando ao chegarmos a bordo do «Ville de Grasse» avistámos o grande escritor e político francês, porventura um dos homens mais extraordinários do nosso tempo. E, naturalmente, tentámos aquilo que era de tentar: uma entrevista. Uma entrevista rápida, informal, que é assim que os autores de «condições humanas» devem falar segundo a nossa humilde opinião.

Mas Malraux não era, ali, nos faustos salões daquele luxuoso paquete um herói comunitário de «A condição Humana» ou de «A estrada real». Tão pouco o polémico galvanizante das «Anti-memórias». Malraux estava, até, irreconhecível. Da sua gente, ou da gente que soube mostrar ao mundo com

grito do desespero e da esperança como bandeira, não havia ali nem sombra. Rodeado de milionários, rostos marcados pelo estigma da voracidade, fósseis ideais para uma comédia dramática que talvez Malraux nunca escreva, nada tinha do revolucionário arriscado nos barrocis duma Espanha mártir ou nas florestas de bambu de um Vietname a estalar de violências. Morno, alapado na vida, a imagem que dele trouxemos enquanto conversava com a marquesa não sabemos de quê, no «Jardim d'Hiver» de um paquete de luxo, encheu-nos o olhar de tristeza.

O Malraux que trazíamos connosco não era este personagem dúbio, ainda de olhar duro como o dos verdadeiros combatentes, mas já dominado. Malraux irreconhecível, verdadeiramente. E tão irreconhecível que incapaz de comunicar.



André Malraux.

A ordem era taxativa: «O sr. Malraux não quer que, sob qualquer pretexto, os jornalistas se aproximem dele».

Bem o tentámos. Mas André Malraux manteve-se à distância, esfíngico, intocável.

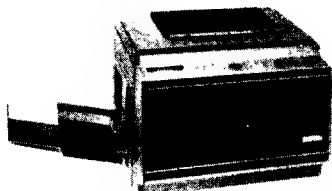
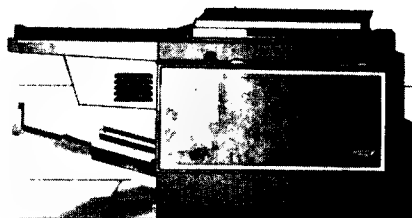
Diz-se que os seus deuses não falam, porque a sua condição lhes fez perder a voz. Ou talvez porque «As vozes do silêncio» os estigmatizaram. Não foi o vermos fugir à entrevista possível — bastava apenas que ali ainda existisse o Malraux de outros

tempos — o que nos entristeceu. Foi, sim, o que Malraux não disse aos tantos deste canto da Europa que o admiram e até o mantêm como ponto de referência de muitos ideais, que encontram nele a figura ímpar de um homem e de um escritor que marcou profundamente o tempo que vivemos. E só por isso, só porque há neles, nesses tantos, uma fusão de sentimentos com o autor de «A Estrada Real», valia a pena ouvir Malraux. Mas ele não quis falar. Boa viagem.

APECO

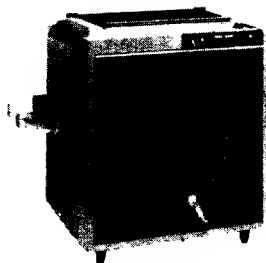
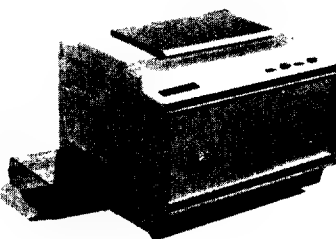
APRESENTAMOS UMA NOVA E VASTA GAMA DE FOTOCOPIADORES ELECTROSTÁTICOS

INTEIRAMENTE AUTOMÁTICOS 10 a 25 CÓPIAS POR MINUTO



CÓPIAS DE LIVROS, OBJECTOS, ETC. EM QUAISQUER CORES, SEM PERIGO DE INUTILIZAÇÃO DO ORIGINAL

CÓPIAS SECAS EM PAPEL ELECTROSTÁTICO BRANCO — CORES TRANSLUCIDO CARTOLINA E OFF-SET



ECONÓMICOS CORTE DA CÓPIA À MEDIDA DO ORIGINAL MODELOS COM FORMATO DE CÓPIA ATÉ 42 CM.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL

REP. PEREIRA, Lda

RUA DO TELHAL, 6 1.º-OTO, E FRENTE
TELEF. 36 78 19 F. 36 78 06 - LISBOA 2

A saúde e o bem estar começam com



O Bévita moderno alimento suíço dissipa a fadiga produzindo uma incomparável sensação de bem-estar, dinamismo e juventude.

Bévita mantém o organismo sadio, limpo de todas as impurezas e venenos que minam a saúde e roubam o bem-estar.

Normaliza as funções do estômago e dos intestinos
Ajuda o fígado
Mantém a linha
Dá-lhe uma vida nova

Veja como é económico

1 dl de leite*
+ 1 colher
de Bévita
= 1\$00

*Se o leite não lhe cai bem, pode substituí-lo por água, sumo de fruta ou pelo concentrado proteico Diesine.

Económico.
Saboroso.
Eficaz!

único no Mundo.

nas boas mercearias e supermercados

diese ALIMENTAÇÃO RACIONAL

Av. da República, 46 - Lisboa 1



ANIVERSÁRIO

ARMINDO BLANCO

DA POLÍTICA À BOLSA

No actual contexto brasileiro o papel da grande imprensa diária está longe de ser tão significativo como logo depois da segunda guerra mundial, quando os liberais da UDN, o partido do Brigadeiro Eduardo Gomes, chegaram ao poder, para logo o perderem para as velhas raposas mineiras do PSD.

A UDN — ou Unidade Democrática Nacional — tinha o apoio de alguns dos mais importantes jornais brasileiros daquela época, desde o «Diário de Notícias» do Rio ao poderoso «Estado de São Paulo», cujo director, Júlio de Mesquita, conhecera as agruras do exílio durante o consulado getulista. Em 1945 poder-se-ia, para simplificar definições, classificar a UDN como um partido de centro-esquerda moderado e o PSD — ou Partido Social Democrático — como agremiação de centro-direita, devido às suas notórias ligações com o latifúndio. O PTB — ou Partido Trabalhista Brasileiro — de João Goulart, viria batalhar este quadro, forçando a UDN a um recuo para posições estritamente centristas e tornando mais maleável o jôgo do PSD, sobretudo sob a vigência do dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

A ala **udenista** extremada, sob o comando de Carlos Lacerda, transformaria a «Tribuna da Imprensa» no mais aguerrido órgão jornalístico dos anos 50. O PSD contava, em todo o país, com o apoio da então influente cadeia dos «Diários Associados» de Assis Chateaubriand. Em São Paulo, o «Estado» de Júlio Mesquita, defensor dos interesses cafeeiros, opunha-se à renovada aura política de Getúlio e do seu «delfim» Jango Goulart.

O aparecimento da «Última Hora» de Samuel Wainer, já com Getúlio na presidência, tornara-se um dos polos candentes do debate político, quase sempre travado em tom emocional. Wainer era amigo de Carlos Lacerda desde o tempo em que este militara no Partido Comunista de Luis Carlos Prestes. Amigo e compadre. Mas a «UH» tornou-os inimigos mortais. No seu jornal, a «Tribuna», Lacerda, panfleitário de extraordinário talento, levantou o grande escândalo: os financiamentos do Banco do Brasil a «UH» caracterizavam um «dumping» estatal contra outras empresas jornalísticas que não tinham acesso às benesses oficiais. Escândalo igualmente grave: Samuel Wainer nascera na Bessarábia, logo não poderia ser director de

um jornal brasileiro. O jornal deveria ser cassado e o seu director punido por ter burlado as leis nacionais.

Por trás desta guerra havia, evidentemente, questões que só eventualmente eram afloradas. Debates e denúncias visavam sobretudo as pessoas. Falava-se no «mar de lama», agitava-se a bandeira da luta contra a corrupção. Mas o fundo das divergências era outro: na realidade, o país estava numa encruzilhada e as opções que se lhe deparavam sacudiam os alicerces de uma economia tradicionalmente baseada na monocultura. Tratava-se de escolher entre destruir um mundo velho e carcomido ou impulsionar para a frente um país que não podia continuar à margem da era industrial.

Getúlio assumiu as palavras de ordem da esquerda, mas sem jamais se comprometer com esta. Na realidade, foi até o fim um homem do PSD, suficientemente hábil para simular de petebista.

O equívoco prolongar-se-ia até 1964, quando a esquerda esperou baldamente a ordem de Jango para desencadear o assalto ao poder. Jango era um grande criador de gado, um dos maiores da América Latina. Politicamente cortejava a ocultas os interesses conservadores enquanto fazia demagogia com a classe trabalhadora e especulava com o sentimento nacionalista desenvolvido em torno da criação do monopólio estatal do petróleo.

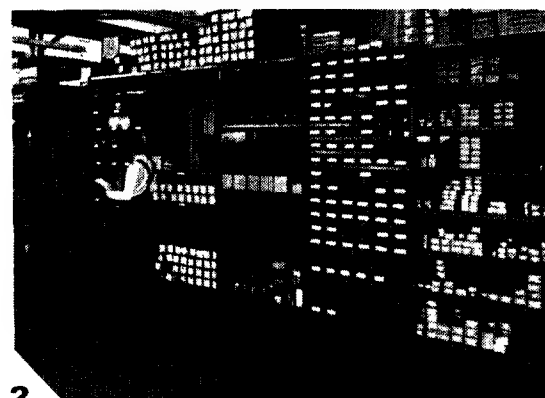
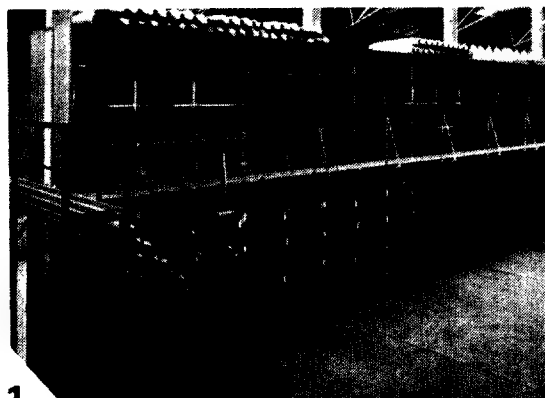
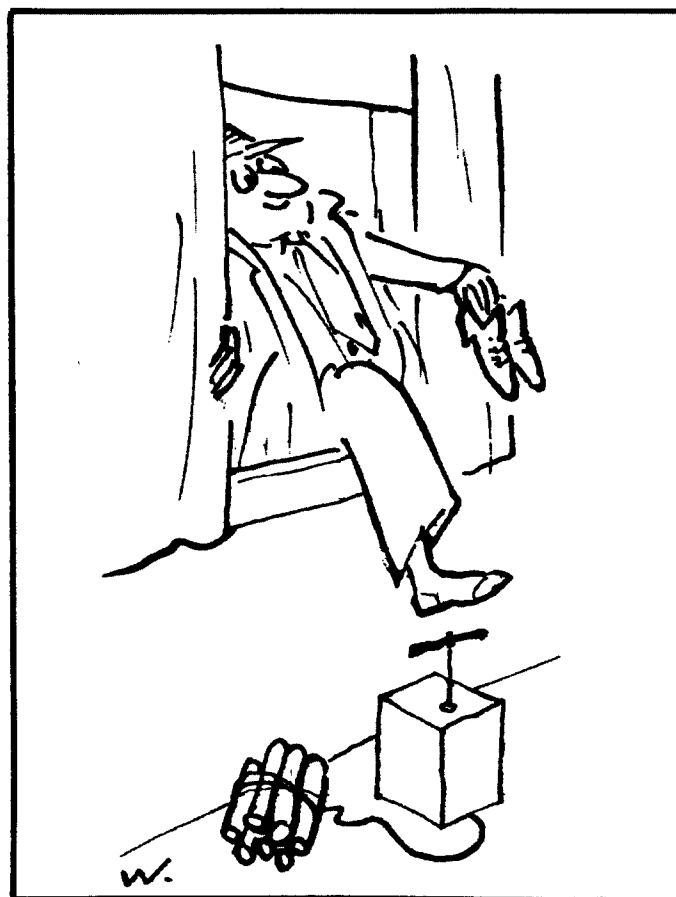
A «UH», ligada umbilicalmente à sorte de Jango, adoptou do seu patrono um comportamento ambíguo que se acentuaria quando das eleições para os governos estaduais, já no fim do mandato de JK: no Rio, o candidato da esquerda era o deputado Sérgio Magalhães, o de centro-direita Carlos Lacerda. Para enfraquecer o primeiro e minar-lhe a condição de liderança que poderia vir a caber-lhe no PTB em detrimento de Jango, foi prestigiada a candidatura divisionista de Tenório Cavalcanti, um político suburbano que, por manobrar na área popular onde construíra uma reputação de **machismo**, só poderia tirar

votos de Sérgio Magalhães. Lacerda bateu Magalhães por apenas dois por cento de vantagem. Ficou amarrado ao apoio de «governador dois por cento». Hoje está nas mesmas condições de Sérgio Magalhães: é um político aposentado, com a diferença de que viria a fazer carreira brilhantíssima no mundo dos negócios, sobretudo no ramo imobiliário.

UDN e PSD acabaram por acasalar-se na actual ARENA, sobrando para o MDB meia dúzia de liberais da escola de JK. Do PTB, literalmente, nada restou das grandes safras castórias que se prolongaram de 1964 a 1970.

Com a desapareição das anti-

gas agremiações e a criação de uma dicotomia partidária artificial (ARENA/MDB), os jornais remanescentes passaram a caracterizar-se pela linha de interesses económicos que sempre defenderam. Aos grandes choques da vida política sucedeu a paixão pelo jôgo diário na Bolsa: as promessas da sociedade de consumo e do neo-capitalismo galvanizaram todas as classes sociais. Hoje compra-se o jornal para acompanhar as cotações e as tendências dos papéis fortes. O noticiário político nacional ocupa um espaço cada vez mais reduzido. Os colunistas parlamentares dos anos 50 parecem fósseis em vias de extinção.



Ramada Dexion

especialistas em armazenamento e movimentação de materiais

4 soluções :

DEXION — cantoneira perfurada

IMPEX — estantes ajustáveis

APTÓN — sistema de construção de tubo quadrado

SPEEDLOCK — estruturas para cargas pesadas

Deixe que Ramada-Dexion, o ajude...

F. RAMADA
Aços e Indústrias S. A. R. L.
OVAR



**tesa cola bora consigo
fitas adesivas**



ANIVERSÁRIO

RICHARD NORTON-TAYLOR

COMECON E MERCADO COMUM

Reunidos em Bruxelas para discutir a política externa do Mercado Comum e as suas responsabilidades perante o resto do Mundo, os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Económica Europeia acolheram favoravelmente, no passado dia 20 de Março, as declarações de Leonid Brejnev, secretário geral do Partido Comunista soviético, segundo as quais os russos estão dispostos a reconhecer o Mercado dos Seis.

Brejnev declarou, num discurso proferido nesse dia, que a União Soviética não podia desconhecer a realidade do Mercado Comum, acrescentando, porém, que as relações entre a Europa Oriental e a Co-

munidade Europeia dependiam do reconhecimento, por esta última, da realidade do Comecon, unidade económica do bloco comunista, com sede em Moscovo.

Consta que Walter Scheel,

ministro dos negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental, assim como os seus colegas escandinavos e italianos reagiram muito favoravelmente às declarações de Brejnev, muito embora a C. E. E. nunca tives-

Exclusivo
Los Angeles
Times DL

se gostado que a comparassem com o Comecon, dominado pelos soviéticos. Não deixa de ser interessante pensar que os dirigentes russos se decidiram a reagir no preciso momento em que os membros da C. E. E. começam a fazer da sua organização qualquer coisa mais do que um grupo puramente económico, tornando-se cada vez mais independente dos Estados Unidos.

O reconhecimento oficial do Mercado Comum pela Europa Oriental constitui uma questão muito delicada. São numerosos os observadores a pensar que os membros individuais do Comecon, como a Roménia e a Polónia, que mantêm relações comerciais com o Ocidente, já há muito teriam reconhecido o Mercado Comum, se não fosse a resistência soviética.

A União Soviética deu um passo em frente na aceitação da realidade das unidades económicas existentes na Europa Ocidental ao assinar, o ano passado, um acordo comercial com o Benelux (Bélgica, Holanda, Luxemburgo). Moscovo pensa também na conferência proposta com vista à segurança europeia, conferência essa em que o Mercado Comum estaria representado quando se tratasse de discutir a cooperação económica.

O ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Aldo Moro, propôs que a conferência sobre a segurança estabelecesse uma comissão permanente que poria em contacto a C. E. E. e o Comecon, assim como desejaria que se criasse, no que foi apoiado por Walter Scheel, uma nova instituição destinada a organizar as relações entre o Mercado Comum e os Estados Unidos.

Não se sabe ainda em que medida a França e a Grã-Bretanha estarão dispostas a aceitar aquilo que corresponde a uma proposta soviética de equivalência. A França, em especial, sublinhou a importância das relações bilaterais, em vez de bloco para bloco, com o Leste.

Sob o título de relações externas, os dez membros do Mercado Comum alargado englobam as relações com os outros países industrializados, como os Estados Unidos e o Japão, assim como as estabelecidas com os países comunistas e com os países em vias de desenvolvimento.

Para a França e a Grã-Bretanha, o melhor meio de garantir as exportações dos países em vias de desenvolvimento consiste na negociação de acordos internacionais incidindo sobre os produtos tropicais e as matérias primas. Ao mesmo tempo, o Mercado Comum não tenciona dissolver o bloco regional que estabeleceu com 18 países africanos, bloco este que está certo de poder alargar aos outros países da Commonwealth britânica.

Tais promessas criam, segundo se pensa, divisões entre os países industrializados, no decurso da conferência das Nações Unidas sobre o comércio e o desenvolvimento, que terá lugar em Abril, na cidade de Santiago. Os Estados Unidos já criticam as propostas europeias no sentido de se estabelecerem pactos com vista às trocas internacionais de mercadorias assim como a criação de blocos regionais que, segundo eles, são discriminatórios em relação aos Estados Unidos.

ESPIRAL GM 15/7/72

VAUXHALL
VIVA

Motor: 1256 c.c., 4 cilindros, válvulas à cabeça, 62,5 HP de potência máxima às 5.400 r.p.m. **Transmissão:** 4 velocidades todas sincronizadas. **Suspensão:** independente, com molas helicoidais e amortecedores telescópicos de dupla acção. **Conforto:** piso alcatifado. Aquecimento e ventilação reguláveis. Bancos confortáveis ajustáveis ao corpo. **Segurança:** carroçaria monobloco, toda em aço, amortecedora de choques. Coluna de direcção compressível. Modelos de 2 e 4 portas e Caravan.



VAUXHALL
VIVA1300



UM CARRO VIVO PARA UMA VIDA MELHOR!





ANIVERSÁRIO

JEAN LACOUTURE

SADAT RI PARA DENTRO

Um visitante estrangeiro, vindo recentemente no Cairo os retratos dos presidentes Nasser e Sadat, a par, na repartição de um ministério, observava que o primeiro sorria abertamente, enquanto que o segundo não arvorava mais do que um meio sorriso. Como tivesse feito, não sem malícia, uma observação ao facto, o seu anfitrião respondeu-lhe: «O presidente Sadate ri para dentro...»

Como quer que seja que se exprima em imagens, no caso das duas personagens, a jovialidade própria do povo egípcio, não se poderia desconhecer tudo o que estes dois sorrisos, lado a lado, exprimem de comunhão de destinos. Por desiguais que possam ser os talentos e as reputações dos dois homens, as vidas de Gamal Abdel Nasser e de Anouar El Sadate encontram-se estreitamente associadas.

Quando, em 1952, a junta de oficiais animada por Nasser (sob o comando nominal de Naguib) se apoderou do poder, qual foi a voz que deu a notícia ao povo egípcio, no alvorecer do dia 23 de Julho? A do tenente-coronel Sadate. Quando, dezoito anos mais tarde, o Rais desaparece, quem dá a conhecer a notícia ao povo? A noite de 28 de Setembro? A voz do vice-presidente Sadate. Tanto na aurora como no crepúsculo, a voz do companheiro lá está, vibrante.

A bem dizer, é o herdeiro que entra primeiro na História. Longe de ser um simples su-

cessor de Nasser, Anouar El Sadate já havia entrado antes dele na arena política, que não podia ser, para um jovem nacionalista contrário à ocupação inglesa, senão a da rebelião. Enquanto o jovem coronel Gamal, aos dezoito anos, prepara à força de estudo, na Escola de Cadetes, uma carreira de bom oficial do Estado Maior (não sem se ter batido, quando estudante, contra a polícia inglesa), Anouar El Sadate vai de conjura em conjura: já então este homem jovem, moreno, com o diabo no corpo, havia sido classificado como «muito perigoso» pela polícia do ocupante.

Em 1941-1942, enquanto o capitão Nasser se aborrece de esperar nas suas guarnições do Sudão ou do Extremo-Oeste, perto de Marse-Matruh, passando incessantemente uma guerra em que os dois antagonistas, o Eixo e as democracias ocidentais, lhe parecem igualmente perigosos para a emancipação do Egipto, o tenente Anouar El Sadate, esse, tinha escolhido claramente

o seu campo: o do Eixo, adversário do colonizador britânico.

Oficial, recolhia informações sobre os ingleses e transmitia-as aos alemães. Uma «dahabieh», uma espécie de casa flutuante amarrada à margem do Nilo, servia de esconderijo: era ali que, conduzidos e seduzidos por pessoas amáveis, os oficiais ingleses iam, às vezes, para deixar escapar informações imediatamente registadas pelo diligente Sadate. Tudo isso, e as conjuras em que ele se encontra implicado de 1945 a 1952, ele próprio o conta num livro entusiástico, *Revolt on the Nile*, publicado em 1958, no qual o seu papel é naturalmente ampliado e adornado, como faz todo o memorialista que fala de si próprio — mas em que todo o essencial é verdadeiro. Portanto, não causa espanto que, logo que foi publicada a primeira lista dos «oficiais livres», em 1952, os especialistas da Embaixada britânica não tivessem visto senão um nome, não tivessem considerado senão uma personalidade: Sadate, que eclipsava todos os outros, incluindo Nasser.

Os dois oficiais conheciam-se desde há muito. Em 1938, ao saírem da Academia Militar, são ambos enviados, para a sua primeira comissão,

para a longínqua guarnição de Mankabad, onde, indignados pelo comportamento do comandante da praça e ardendo de ardor patriótico, os dois jovens e o seu camarada Zaria Mohieddine, o futuro primeiro ministro, prestam o «juramento de Mankabad», primeira manifestação do que virá a ser, a partir de 1949, a conjura dos «oficiais livres».

O jogo das comissões de serviço e os traços temperamentais separarão os jovens oficiais. E também uma escolha senão ideológica, pelo menos estratégica. Enquanto o capitão, depois comandante, depois tenente-coronel Abdel Nasser toma contacto com os grupos da esquerda e com os elementos progressistas do Wafd, Sadate volta-se mais facilmente para os seus Irmãos Muçulmanos. Nunca pertenceu, provavelmente, à confraria de Hassan El Banna, mas a sua inclinação para o secreto, a tentação pelo terrorismo ou, pelo menos, pela acção directa, e, talvez, a sua fé religiosa, aproximam-no dos «Ikhwani» e das suas confusas violências. Por isso, quando Sadate volta a unir-se em 1950, à sociedade nasseriana dos «oficiais livres», Gamal fará dele o agente de ligação permanente entre o seu grupo e os Irmãos.

Após a tomada do poder em Julho de 1952, Gamal Abdel Nasser não confiará, no entanto, nenhum cargo essencial a Sadate. Poder-se-á encontrar, sucessivamente, o jovial Anouar, terrorista desmobilizado, em empregos contrastados, à frente do jornal do regime, *Al Goumhouriya*, no papel de juiz do tribunal revolucionário perante o qual comparecem os seus antigos amigos dos irmãos Muçulmanos, no cargo de secretário-geral do Congresso Islâmico Mundial. Mas tem-se constantemente a impressão de que o Rais Gamal não deposita confiança no seu antigo companheiro de Mankabad, como num Abdel Hakin Amer, num Boghdadi ou num Ali Sabri. Foi apenas alguns meses antes do seu desaparecimento que Nasser pensou em designar Sadate para vice-presidente e herdeiro presuntivo, nas vésperas de uma viagem a Marrocos em que lhe haviam sido revelados riscos de atentado.

Assim é que, em 1 de Outubro, Anouar El Sadate, de quem Nasser, dizia-se, falava num tom sarcástico, chamando-lhe «bikachi sah» (o «coronel de acordo»), preside ao cortejo fúnebre do seu glorioso chefe de fila. Ao lutador indolente de eloquência torrencial sucedia o antigo aventureiro transformado no mais flexível, no mais ágil, no mais ambíguo dos hierarcas da República Árabe Unida. Será preciso confessar que muitos de entre nós, testemunhas dos primeiros tempos do regime militar, da instalação no poder dos «oficiais livres» e da lenta modelação deste regime sem direito nem avesso — populista e tecnocrata — pelo homem de excepção que foi Gamal Abdel Nasser, não levamos muito a sério este beneficiário de uma herança demasiado pesada? Uns falaram de «homem de transição», outros asseguraram que o Egipto ia libertar-se do culto da personalidade através do abuso da impessoalidade...

O que era realmente o novo

Rais? Um simples reflexo? Um antídoto? Que restava nele do amigo dos Irmãos Muçulmanos, do antigo activista? Não seria ele, com o seu semblante irónico e trigueiro, à Duke Ellington, senão o oportunista sorridente, de quem Abdel Nasser havia feito o «seu pau para toda a obra»? A força de «fazer tudo» teria ele adquirido a experiência múltipla que é imprescindível ao homem de Estado? Este animador do Congresso Islâmico Mundial, seria o homem do regresso ao Islão, do fim da secularidade, começado, bastante timidamente, por Gamal Abdel Nasser?

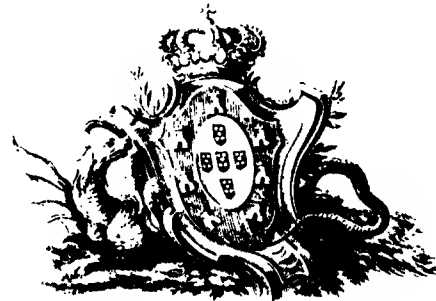
Três opções do presidente Sadate parecem dar, desde já, elementos de resposta que o classificam, aparentemente, numa linha mais «moderada», burguesa e ocidental, do que o seu predecessor: as repetidas campanhas a favor de um regresso à economia liberal e contra os rigores policiais; o apoio que recebe do homem que exprime mais inteligentemente as tendências pró-ocidentais, Mohamed Haykal; e as escolhas que ele acaba de fazer para seu primeiro ministro e para chefe da União Socialista Árabe, de Aziz Sedki e Sayed Marei, símbolo da technocracia burguesa, cujo anticomunismo não constitui mistério para ninguém.

O presidente Sadate, que tem sabido manobrar tão habilmente, até agora, entre o coro-

nel Khadafi e o Sr. Rogers, entre os seus aliados soviéticos e o general Nemeiry, entre a sua esquerda e a sua direita, que tem sabido prolongar a estratégia nasseriana do «nem paz nem guerra» para além do seu revés de 1967 e daquilo que parecia possível em seguida (não sem entreabrir, mais ousadamente do que o seu antecessor, as portas da negociação), este presidente que parecia todo ele oportunismo e habilidades e que refutou o desafio, em Maio de 1971, dos nasserianos de estrita obediência (o grupo Sabri, Charaf, Charaoui) com uma autoridade impressionante, vai, desta vez, perder o seu crédito frente à juventude, aos intelectuais, aqueles a quem seduzia um abrandamento do aparelho policial?

A dívida que ele contraiu para com o exército, que interveio de forma decisiva, no ano passado, contra o grupo Sabri, para lhe salvar a posição, deixa-lhe ainda uma autêntica margem de manobra no caso palestino ou obriga-o a tentar tudo por tudo para dar satisfação aos generais Chazli e Sadek — o que não deixará de envolver uma forma qualquer de regresso militar à margem oriental do canal? Para Anouar El Sadate, para os heróis de *Revolta sobre o Nilo*, para o companheiro e herdeiro de Nasser, todas as responsabilidades se conjugam hoje. E são pesadas.

L U Z
DA LIBERAL,
E
NOBRE ARTE
DA
CAVALLARIA,
OFFERECIDA
A O
SENHOR
D. JOÃO
PRINCIPE DO BRAZIL,
POR
MANOEL CARLOS DE ANDRADE,
PICADOR DA PICARIA REAL DE SUA Magestade Fidelíssima.
PARTE PRIMEIRA.



LISBOA,
POR ORDEM DE SUA Magestade
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCC.XC.

A VENDA NAS LIVRARIAS

é uma edição da:

LIVRARIA SAM CARLOS

Largo de S. Carlos, 11 e 12, Lisboa-2 — Telef. 32 44 52

PORTUGAL

O Hotel Estoril Sol e uma legenda turística.
Pelo seu bar passam clientes de todas as nacionalidades,
que o jovial Joe
atende sempre com um sorriso e um

VAT 69

PRODUZIDO E ENGARRAFADO NA ESCÓCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL: DELAFORCE SONS & CIA.



ANIVERSÁRIO

FERNANDO NAMORA

OS CLANDESTINOS



Após dez anos em que a sua actividade literária se orientou para outros domínios da criação, Fernando Namora regressa ao romance, que, aliás, não abandonou nunca, uma vez que esta sua nova obra — «Os Clandestinos» — teve uma elaboração que se processou ao longo de nove anos. O romance «Os Clandestinos» apresenta-se,

porventura, como o mais denso, o mais importante e o mais ousado de toda a obra de Namora, quer do ponto de vista da técnica literária, quer do ponto de vista temático. Deste romance, aguardado com a maior expectativa, temos a satisfação de proporcionar aos nossos leitores um importante ex-

certo

...A outras lembranças.

As que, por exemplo, tinham o Alberto como personagem principal. Uma personagem que, aos poucos, se tornara incómoda e, em certas ocasiões, mesmo detestada. E, no fim de contas, Alberto não passava de miúdo. Um miúdo de mãos suadas. Ele chegava ao atelier quando se via livre das aulas, que nunca lhe haviam despertado um grão de entusiasmo, e, sempre receoso de ser importuno, inquiria numa voz cautelosa:

— Posso ficar?

Como se pedisse uma mercê extraordinária.

— Podes, porque não?

— Obrigado.

O agradecimento mal se lhe ouvia. Dir-se-ia incrédulo da anuência ou repeso de a ter forçado. Ficava hesitante em estender a mão a Vasco, e o embaraço espreitava o suor, que parecia rebentar-lhe, em bolhas oleosas, das palmas muito riscadas. Se ousava levar o gesto por diante, desculpava-se:

— Tenho as mãos húmidas.

— Não faz mal.

Mas um dia Vasco observara-lhe:

— Devias tomar um remédio para isso. São nervos.

E logo o rapaz se mostrava perturbado. A face escaldava, os lábios tremeram-lhe, tal uma criança que vai chorar. Não de ofensa. Apenas de vergonha.

Alberto não vinha ali porque lhe seduzisse assistir ao trabalho de Vasco (aliás, procurava sempre tornar a sua presença despercebida, restando a curiosidade, se efectivamente a sentia, a ponto de só espreitar o que Vasco ia modelando se este o encorajava a uma opinião: «Que tal te parece?... Podes ser franco, já sabes); vinha para estar; vinha porque se sentia atraído por Vasco, por tudo o que Vasco significava para ele. Muitas vezes, ao chegar ao portão do atelier, já Alberto o esperava. E nas manhãs ou tardes frias, lá fora um vento de granizo, apedrejando as clarabóias do tecto, em que nem o calorífero conseguia suavizar aquele imenso espaço, que parecia um silo de gelos, ele, com crescente nervosismo, estava atento ao gesto de Vasco de passar as mãos pelo ombro esquerdo, seguido de um olhar distraído e antecipadamente fatigado pelos montes de ferro-velho - gessos, papéis, tintas e trapos -, onde, algures, se encontrava o capote alentejano. Alberto sabia exactamente em que sítio procurar o capote e o momento em que deveria pô-lo sobre as espáduas do escultor. E, ruborizado, desviava os olhos para não assistir ao sorriso afectuoso de Vasco, tendo sempre nos ouvidos a frase da primeira vez em que fora iniciado esse ritual: «Esta dor aqui creio que começou na prisão. Passei uma noite deitada sobre um colchão de água».

Se calhava estarem outras pessoas, e principalmente aquele par abstruso (ele, magro, cabelos de cinza e prata, dando pulinhos de desdenhoso fastio, para quem todas as artes eram excrescências do teatro e todos os ambientes um ensaio geral duma peça falhada; ela, uma chaminé de cigarros servidos como se tivesse pressa em desfazer-se do mapa, colecionando tolices de cada vez que abria a boca numa melada introdução: «Es um tipo, Vasco! Só não gosto dessa mania de, nas tuas esculturas, fazeres de conta que as mulheres são girafas! Olha para mim e diz-me se tenho um pescoço assim, como tu o puseste no barro»), se havia gente, se havia intrusos, Alberto ia à leitura próxima ler, sem proveito, umas páginas do livro de estudo, para voltar quando calculava poder usufruir, sem misturas, a companhia silenciosa de Vasco. Era no silêncio que ambos se entendiam.

Por isso mesmo, quando a fascinação se vira traída, fora-se afastando pouco a pouco, embora sem terminar de vez com as visitas ao estúdio, como se precisasse de averiguar conscienciosamente uma dolorosa suspeita e, por fim, como se necessitasse de rever os motivos do logro e da desilusão. No último Natal, Alberto enviara-lhe uma aguarela. Feita por ele. Desajeitada no traço e na cor, mas com a terrível expressividade de uma composição saída das mãos de uma criança. Uma pomba vermelha sobre um céu amarelo, torrencial e cru, que dir-se-ia uma gema esmagada. Por baixo a rarsa o limite do papel, perfis negros, emaranhados, enovelados, cativos, seres de um limbo sem redenção. Alberto escrevera uma dedicatória: «Pela cordia e pela paz. Mas toda a alba se levanta sobre escumbrós». Qual a alegoria? Que insinuavam ou afirmavam as palavras? Eram um apelo, uma dádiva ingénua e comovedora, eram um insulto? No gosto de fel que lhe refluía à boca, talvez Vasco tivesse suspeitado a resposta.

Tinham-se conhecido à entrada de um presídio. Vasco decidira visitar o Polly, depois de lhe constar que ele adoecera gravemente, - falava-se em

tuberculose - e que o haviam transferido para o hospital-prisão. Descia-se a estradinha asfaltada, à beira do muro branco que isolava todo o cárcere numa ilha-fortaleza (de todas as vezes te passava nos olhos uma nuvem escura), e depois, após uma curva, chegava-se aos portões de ferro. De quando em quando, um torreão atravessava-se na monotonia da muralha e nela se abriam janelos desconfiados, que pareciam pupilas de um farol. Em cada um deles vigiava um guarda sem qualquer preocupação de embuçar a espingarda. Toda a estrada e as suas margens eram iluminadas por candeeiros poderosos. A noite, ali, devia ser como o dia.

Logo que se adensava o cre-

púsculo, os candeeiros abriam muito os olhos, súbitamente esprevidados na sua insónia, e os feróis das torres passavam uma rajada de fogo pelos matos, alcançando depois as colinas arenosas, que num repente, ficavam a arder, varriam a estrada de uma ponta a outra e, se a viam deserta, nela se deitavam, por um momento amansados. Portão de ferro alto e espesso como a muralha, no qual se abria uma pequena porta, também de ferro, e uma fenda por onde o guarda espreitava quando alguém premiava a campainha. Dava-se o nome, punha-se o cartão de identidade bem dentro dos olhos duvidosos de quem o pedia, pagava-se a senha de entrada. A cada preso correspondia uma lista das visitas que lhe seriam permitidas. Vasco mal atentara no rapaz sardenho, que com ele aguardara junto ao portão, e só o fixou, com estranheza e suspeita, quando o ouviu dizer que também pretendia visitar o Polly. Reparou

logo no nome, Alberto Antunes, que o guarda escreveu no livro dos registos com a vigorosa minúcia de uma dissecação, depois no modo de vida - estudante -, que provocara no outro um desagradado resalto na escrita, e a sua memória, que em tempos se adestrara para essas coisas, tomou contas de vários pormenores: entre eles, o facto de o rapaz enxugar as mãos ao lenço sempre que o guarda se lhe dirigia.

Outro guarda acompanhara-o até à sala de visitas. Meia dúzia de mesas e cadeiras toscas. Havia um rádio avariado a um dos cantos, mesmo sobre o chão. Mas, ainda que os móveis fossem muitos, a sala continuaria a parecer vazia e inóspita. Talvez porque as paredes eram nuas, de uma brancura agressiva. O rádio com as tripas de fora caricaturava essa necessidade de o espaço desabrigado ser preenchido. De roda de cada mesa, um grupo de familiares ou amigos do preso visitado. As jane-

las, muito altas, terminando quase no tecto, dir-se-ia degolarem a curiosidade das pessoas, cortando-lhes a visita pelo que rasava a linha do horizonte, e pelas vidraças discretamente entreabertas insinuava-se um vento frio de Novembro. O presídio não ficava longe do mar, embora o mar não se visse dali. Viam-se colinas verdes, as cepas mutiladas das vinhas, algumas raras árvores, todas vergadas para o chão, no esforço de treparem a vertente. O vento, ali, devia ser forte. Como estavam perto do mar, o ar queimava a pele. A maioria dos presos, sobretudo os que tinham direito a um passeio na cerca apresentavam a tez bronzeada de quem regressa de uma colónia de férias. Mas as suas faces eram duras, e até reprovadoras para os que vinham do lado de fora das muralhas. Nos corredores topavam-se alguns deles uniformizados pela farpela castanha, a limpavam ocasionalmente o soalho, pois o tempo sobrava-lhes sempre ou a transportarem tarefas, sob a vigilância desinteressada dos guardas. À passagem dos estranhos arredavam-se, na mirada baixa uma ressaca de desconfiança.

Na sala, além do Polly estava outro preso. Jovem ainda, mas de uma melancolia terrível, que lhe envelhecia as feições. Logo se reparava que ele atendia simultaneamente dois grupos de familiares, tendo entre si uma fronteira de cadeiras. Numa das mesas, o pai: homem atarracado, escuro, com o nervoso a afervorar-lhe cada gesto: acompanhara-o um primo, que parecia inseguro e não tirava os olhos da porta e do guarda, que se encostara ao umbral, a palitar as unhas possantes. Na outra mesa, a noiva do preso e a mãe dele que todos os dias lhe vinha trazer guloseimas. Os pais estavam divorciados e nem ali admitiam uma breve trégua nas razões que os tinham desavindo. O preso ia de uma mesa para outra. Enquanto permanecia junto do pai, as duas mulheres nem sequer olhavam para ele. Pareciam esperar alguém que tardava. O preso adoecera no cárcere, a tuberculose disseminara-se logo em restolho de folhas secas. Tinham-lhe extraído um pulmão. Ele dissimulava o hemitórax encovado, o ombro descaído, com camisolões folgados e de gola alta. E gostava que lhe repetissem: «Mal se nota. Se não soubesse, não dava pela diferença». Ele sorria frouxamente, um pouco contrafeito de colaborar na fraude, mas aceitando-a melhor que a verdade. Uma hora depois, o guarda prevenia que a visita chegara ao fim. Já antes, porém, o preso, que tinha o exacto sentido do tempo, consultara o relógio duas vezes e acelerara o ritmo das palavras, como se quisesse dizer tudo o que ainda não fora dito no pouco que lhe restava.

«Está na hora» - insistia o guarda. «Só mais um bocadinho» - replicava o preso, mais em jeito de irritação do que de lamúria, e nesse momento viam-no dividido entre as duas mesas, uma frase daqui a misturar-se com a que já pertencia a outro lado, tentando distribuir, por igual, a sua penalizada ternura. «Vamos lá de baixo estão a apitar. Era pelo telefone interno que o guarda da entrada avisava o colega de que devia despedir as visitas. O preso deixava uma palavra ou um gesto interrompidos, no rosto uma sombra de macilento desânimo, a faúlha da reconciliação a apagar-se, devagar, até à vez seguinte. «Amanhã, se estiver frio, não venha, mãe», ou «O pai, por minha causa, não perca o futebol de domingo. Depois me conta. E ficava a observar, numa tristeza absorta, os dois grupos a descerem as escadas, a mãe a adiantar-se para chegar ao portão muito antes do ex-marido».



W. A. SARMENTO, LDA.

JOALHEIROS
1870-1970



RUA AUREA, 251

T. 32 67 74

COMECE A PRIMAVERA
COM AS NOVAS COLECÇÕES

DA

LOJA DAS MEIAS

ROSSIO, 1-LISBOA



ANIVERSÁRIO

ATTICUS

A NOVA FACE DO DRAMA DE CHIPRE

1

ANTECEDENTES

Chipre conhece de novo dias dramáticos, mas a crise actual nada tem de comum com as anteriores. O drama desenrola-se no plano nacional grego, mas sobre um fundo mais sombrio do que nunca: o da questão cipriota.

Após a grande crise de Novembro de 1967, que quase chegou a provocar um conflito aberto entre a Turquia e a Grécia, a questão parecia querer entrar numa nova fase. Tinha sido a última vez que se enfrentavam as duas comunidades da ilha, grega e turca, e, por extensão, a Grécia e a Turquia. No plano interno também a situação parecia «normalizada». Neste plano, o combate tinha cessado por falta de combatentes. O Governo turco forçara o general Grivas — considerado como o provocador da crise de Novembro — a abandonar a ilha. A rivalidade entre Makarios e Grivas — que só aparentemente deixara de existir graças a uma «coligação», que não podia deixar de ser provisória — perdera a razão de ser.

Para Ancara, o antigo chefe do movimento de libertação de Chipre — a EOKA — era o símbolo da união da ilha com a Grécia — a ENOSIS — união essa a que o Governo turco se opõe com toda a firmeza. Assim, com a partida de Grivas, os turcos declararam-se dispostos a reencetar o diálogo com Makários.

UM DIÁLOGO DIFÍCIL

As negociações desenrolavam-se agora sobre a base da independência de Chipre. Deixava de se pôr a questão da ENOSIS. Nem por isso as mesmas eram menos difíceis. O Governo queria obter a revisão do Acordo de Zurique, de 1959, acordo esse que instaurara a República de Chipre. O tratado não só punha de parte a ENOSIS como, graças a excessivas concessões feitas à minoria turca, acabava por estabelecer um Estado dentro do Estado, fazendo com que a jovem república se tornasse ingovernável.

Em contrapartida, a Turquia queria ir ainda mais longe. Reclamava novos direitos, com vista a instaurar um regime autónomo para a minoria turca. Makarios estava disposto a fazer concessões no plano administrativo, mas no enquadramento da integridade de Chipre.

Os turcos queriam, na verdade, dividir a ilha em duas. Se se tratasse apenas de evitar a ENOSIS, a manutenção da República de Chipre dar-lhes-ia inteira satisfação. Daí o conduzirem, sistematicamente, o diálogo para um beco sem saída, especulando com uma intervenção proveniente do exterior, a fim de, assim, obterem para a questão cipriota uma «solução» condizente com as suas exigências. Aquela intervenção só poderia vir da NATO, interessada em incorporar Chipre

no sistema estratégico do Mediterrâneo Oriental. A República de Chipre fazia parte do Terceiro Mundo «não comprometido». Em resumo, a política de Ancara levaria a uma «solução» que acabaria por ser uma «dupla ENOSIS», eufemismo que daria, em parte, satisfação aos gregos, dado que caberia à Grécia uma parcela da ilha, enquanto a outra iria parar às mãos da Turquia.

UM NOVO ASPECTO

Tal era a situação quando o diálogo grego-turco, com todas as suas dificuldades, se viu superado por uma nova crise interna, que mais não era, aliás, do que um aspecto da questão cipriota: o destino da própria ilha. Com efeito, tal crise não era de todo estranha à «solução» proveniente do exterior, «solução» de que nunca se deixara de falar. Os acontecimentos que iriam verificar-se em meados de Março de 1970 foram singularmente precedidos por uma viva actividade diplomática de Washington. Makarios viu-se submetido a forte pressão no sentido da cedência. Em 27 de Janeiro, acabou por denunciar publicamente a manobra, convidando a população cipriota a unir-se na defesa da integridade da ilha. Os jornais de Nicósia e Atenas nunca deixaram, até fins de Fevereiro, de se referir à «pressão» a que Makarios estava a ser submetido.

Tudo se encadeava: a referida «pressão», a ameaça que pesava sobre a vida do arcebispo e as dificuldades do diálogo greco-turco. A crise em gestação era alimentada pelas dificuldades do diálogo. Os turcos conduziam deliberadamente as coisas para um beco sem saída por razões bem conhecidas: promover a outra solução, a dupla ENOSIS. Facto ainda mais perturbador era que em tal «solução» participavam também — conscientemente ou não — os adversários de Makários, com a sua acção contra ele.

UM CASO SOMBRIO

Estes entraram, com efeito, em acção no dia 8 de Maio de 1970. Makarios conseguiu escapar, por pouco, a um atentado, em circunstâncias misteriosas. Tratava-se de um vasto «complot», cujo principal instigador tinha sido — soube-se imediatamente — o secretário geral de um partido considerado como muito chegado ao arcebispo. Tratava-se de Georgatzis. Depois de uma tentativa falhada de fugir de avião para o estrangeiro, Georgatzis foi encontrado

numa aldeia, crivado de balas. O caso deu lugar às histórias mais extraordinárias. Uma grande revista da Alemanha Ocidental — conhecida pelas suas «revelações» — pretendeu que oficiais gregos, vindos de Atenas, estavam implicados no «complot». A revista citava mesmo nomes.

Uma coisa era certa: Georgatzis tinha sido suprimido pelos seus cúmplices por motivos fáceis de adivinhar. Só Makarios se encontrava em situação de esclarecer caso tão sombrio.

em Chipre como na Grécia, atribuíam-se intuítos patrióticos aos adversários do arcebispo. Mas se este fosse suprimido, a Grécia perderia para sempre a causa de Chipre. Ao defender a integridade da ilha por meio de uma república, Makarios não deixava de visar, para o futuro, a ENOSIS. Se os seus adversários tivessem ganho a partida, deixaria de se poder pôr a questão da união de Chipre com a Grécia, dado que a ilha seria partilhada entre aquela e a Turquia. Se o Governo de Atenas



Makarios

Dizia-se que tinha em seu poder «documentos muito comprometedores». Mas o arcebispo não se manifestou. Limitou-se a desmentir os boatos que corriam, isentando Atenas de toda e qualquer suspeita. O primeiro ministro grego, por seu lado, tomou posição no caso, condenando, em termos vigorosos, o emprego da violência em Chipre. Numa declaração feita mais tarde — no dia 8 de Junho de 1970 — Makarios afirmou que os organizadores do «complot» eram estrangeiros. Estaria, sem dúvida, a pensar na C.I.A.

Entretanto, o diálogo entre as comunidades grega e turca prosseguia. Mas isso apenas servia para encorajar os adversários do arcebispo.

O DRAMA DE MAKARIOS

Nos meios da direita, tanto

insistia, perante qualquer oportunidade, em proclamar o seu pleno acordo com Makarios quanto à continuação do diálogo com os turcos, isso só aconteceria porque se pensava na política do arcebispo.

Ora, se o diálogo não dava mostras de progredir, o facto resultava de os turcos insistirem em especular sobre uma «solução» proveniente do exterior, isto é, sobre um acordo directo entre Ancara e Atenas, baseado no «plano Acheson». Mas se tais possibilidades poderiam ser grandes do lado da NATO, a verdade é que o mesmo já não acontecia no respeitante a Atenas. É impossível imaginar que um Governo grego pudesse prestar-se a tal jogo, como se estivesse pronto a sacrificar Chipre aos interesses da NATO ou à amizade greco-turca.

O «MISTÉRIO» DE LISBOA

Dava-se o caso de a sistemática sabotagem do diálogo por parte dos turcos parecer acelerar a evolução da questão cipriota no sentido do «plano Acheson». Ancara era encorajada neste ponto, dado o facto de o Governo grego desmentir, constantemente, as negociações em tal sentido, embora não rejeitasse o plano como inaceitável tanto para Chipre como para a Grécia.

Com efeito, o «plano Acheson» alimentava um curioso equívoco, o qual pesava sobre a questão cipriota. Ninguém podia afirmar, com rigor, quem era a favor e quem era contra o plano, a não ser Makarios, bem entendido. O equívoco iria ser acentuado durante a reunião do Conselho do Atlântico, que se realizou em Lisboa, em Junho de 1971. Segundo as informações da Imprensa internacional parecia que a questão do «plano Acheson» ia ser solucionada. Pretendia-se que em Lisboa se tinha decidido passar à aplicação do plano. Chegou-se mesmo a afirmar que os representantes da Grécia e da Turquia se tinham posto de acordo sobre o assunto. A insegurança da situação interna tanto em Itália como na Turquia assim como a expulsão dos anglo-americanos da Líbia dava uma certa verosimilhança à insistência da NATO em pôr termo à questão cipriota, transformando a ilha numa base segura.

Uma coisa, porém, era certa: nunca uma decisão do Conselho do Atlântico tinha sido rodeada de tanto «mistério», como a tomada na reunião de Lisboa, em Junho de 1971. Era como se os principais interessados tivessem exposto as suas razões para se guardar segredo. Em Nicósia — como é natural — mostravam-se muito inquietos. Receavam-se pela evolução da situação em Chipre assim como pelas relações entre Nicósia e Atenas,

à luz — se assim se poder dizer — do «mistério» de Lisboa.

No decurso de duas entrevistas concedidas, no dia 6 de Julho, a um jornal de Salónica e a um outro de Atenas, Makarios afirmou que certas «forças» (que não designou) estavam a trabalhar no sentido de impor, para o problema cipriota, uma solução proveniente do exterior. Confirmou, além disso, pela primeira vez, os boatos, que corriam já há muito tempo, segundo os quais se verificava divergência de pontos de vista entre Nicósia e Atenas, no atinente à questão cipriota.

Mas o mais curioso estava em que as informações que chegavam de Lisboa condiziam com o que se passava em Chipre. No dia 21 de Junho, a «United Press» e a «Associated Press» noticiavam, de Nicósia, a existência de um novo «complot», com vista a derrubar Makarios. No dia 26 daquele mesmo mês, Komoros, ministro cipriota do interior, ao falar perante os oficiais da Guarda Nacional, afirmou que a situação de Chipre era muito grave.

Importa notar aqui que o secretário geral da ONU, interveio, à sua maneira, neste caso, ao lembrar a resolução de Fevereiro de 1963, relativa à independência e integridade de Chipre, e ao propor a participação de um representante da ONU e de representantes dos governos grego e turco no diálogo entre as comunidades de Chipre. Pretendia, assim, fazer progredir um diálogo, que seria reencetado em meados de Fevereiro de 1972.

É evidente que o Governo grego não podia deixar de reagir à acusação de se ter posto de acordo com Washington e Ancara, com vista à concretização do «plano Acheson». Atenas opôs os mais vivos desmentidos a tudo quanto se dizia sobre a reunião, em Lisboa, do Conselho do Atlântico, declarando que não passava tudo de «mitos».

2

O DOCUMENTO

As coisas estavam neste pé quando a crise cipriota se reavivou em circunstâncias mais extraordinárias do que nunca. Tudo se passaria, uma vez mais, no plano interno grego.

Em Setembro de 1971, o general Grivas reaparece em cena. Há quatro anos que se não ouvia falar dele, isto é, desde que abandonara Chipre em Novembro de 1967. O governo turco exigira, então, a sua partida, após os acontecimentos que haviam provocado uma perigosa tensão entre a Grécia e a Turquia, acontecimentos esses de que o consideravam responsável.

Grivas saiu secretamente de Atenas e desembarcou clandestinamente em Chipre. Soube-se, logo a seguir, que viera para mobilizar os seus antigos parti-

dários, a fim de derrubar Makarios. O seu intento «patriótico» era, naturalmente, a ENOSIS.

O novo «caso Grivas» evoluía numa atmosfera muito perturbada. O caso inseria-se, por certo, na linha política do general.

Makarios, para fazer frente à situação, decidiu encará-la «às



A NOVA FACE DO

Continuação da página quinze

boas». Lançou um apelo a Grivas com vista a uma colaboração no interesse nacional. O apelo ficou sem resposta. Grivas manteve-se na clandestinidade. Apareceram jornais londrinos a insinuar que o general tinha sido acolhido por oficiais da Guarda Nacional. Seja, porém, como for, Makarios não se atrevia a aceitar o desafio do general. Acusava-o de ser instrumento das «forças obscuras» a que, por vezes, se refere nos seus discursos.

Dê facto, não era possível nenhuma espécie de colaboração entre os dois homens. Grivas queria derrubar Makarios por este defender a independência da ilha, afastando, por consequência, a ideia da ENOSIS. O general não perdia o seu tempo a tentar compreender as razões da política do arcebispo. Insistia na sua ideia da ENOSIS, sem ter em conta que esta é impossível, dada a oposição da Turquia, e que, por conseguinte, a mesma só poderia levar a uma «dupla Enosis». Esta a razão por que Makarios defendia com firmeza a sua política.

UM ELEMENTO NOVO

A partir daqui, a crise só poderia acentuar-se, alargando-se a Nicósia e Atenas. O governo grego nunca apoiou Grivas, abertamente, eria ver-se, desta vez, implicado, pelo decorrer dos acontecimentos, no conflito que opõe o general ao arcebispo.

Makarios encontrava-se numa situação quase crítica em presença de um possível golpe de força do general. O arcebispo sabia, é certo, que tinha atrás de si a esmagadora maioria da população cipriota. Nas eleições presidenciais de 1968, recolhera 97 por cento dos votos, tendo os restantes 3 por cento cabido ao candidato da oposição, que se apresentava como representante de Grivas. Mas a verdade, também, estava em que o arcebispo não se apoiava numa força real. Makarios sabia que não podia contar com a Guarda Nacional, constituída por mil homens, e comandada por oficiais gregos provenientes de Atenas. Por outro lado, a Polícia apresentava-se muito desorganizada, por influência dos partidários do general. Se

as coisas se mantivessem neste pé, Makarios poucas possibilidades teria de resistir a uma acção subversiva provocada por Grivas. Para se defender e reforçar a sua posição o arcebispo necessitava de armas, e esta só as poderia obter nos países do Leste. Ora, desde que se soube que Makarios tinha recebido armas checoslovacas, a situação complicou-se.

O governo grego pediu, por duas vezes, por intermédio do seu embaixador em Nicósia, que Makarios entregasse aquelas armas à Guarda Nacional. O arcebispo recusou-se. A seguir à segunda recusa, teve lugar em Atenas uma reunião em que tomaram parte o regente, general Zoitakis, o primeiro-ministro, o chefe do Estado Maior de Exército, o ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros, o embaixador da Grécia em Nicósia e o comandante da Guarda Nacional. Tratava-se de tomar decisões da mais alta importância. Com efeito, o Chefe do Governo grego dirigiu, no dia 2 de Fevereiro, uma nota ao presidente Makarios, nota essa que iria provocar uma tensão, como nunca até então se vira, nas relações entre Nicósia e Atenas.

A nota tinha como ponto de partida as armas checoslovacas, mas abarcava o conjunto das relações entre Makarios e Grivas.

A propósito da referida nota, falou-se em «ultimatum». Para o Governo grego, tratava-se apenas de «recomendações». O documento insistia, desta vez, num novo pedido. Sugeria-se que as armas fossem entregues às forças da ONU estacionadas em Chipre. Além disso, Makarios era convidado a constituir um Governo de «união nacional», que compreendia partidários de Grivas — senão mesmo o próprio general. A nota do chefe do Governo grego reclamava, na sua última parte, o direito de falar em nome da população greco-cipriota, considerando Atenas como o «centro nacional» do conjunto da nação grega. O que queria dizer que competia ao Governo grego decidir daquilo que o de Chipre deveria ter em conta.

UMA TESE CONTESTÁVEL

Aquele documento punha em evidência a profundidade das di-

vergências de pontos de vista que separavam Nicósia e Atenas. A nota de 2 de Fevereiro podia prestar-se a «mal-entendidos» na capital cipriota. Após a libertação da ilha passou a existir — de certo modo — uma tradição da política do Governo grego no atinente a Chipre. O Governo grego arrogava-se o direito de decidir os assuntos da ilha, na ausência, praticamente, dos principais interessados: os greco-cipriotas. No momento decisivo em que lutavam pela sua liberdade, os combatentes viram-se, a bem dizer, sós na sua luta. O Governo de Atenas mais não fazia do que agravar-lhes a situação, pela sua desastrosa política, e, também, por não querer desagradar à Inglaterra. Um jornal de Atenas, ao falar da crise actual, afirmou que Makarios era o responsável por todas as infelicidades de Chipre. Estaríamos, porém, muito mais perto da verdade se dissessemos que sem este homem a causa de Chipre já há muito estaria perdida. E isto, precisamente, porque o chefe legítimo do povo greco-cipriota sempre procurou evitar o ponto de vista de Atenas segundo o qual os assuntos da ilha deveriam ser dirigidos sem ter em conta os principais interessados: os greco-cipriotas.

Foi o Governo de Karamanlis a impor os acordos de Zurique e Londres, de 1959 e 1960, apesar da oposição de Makarios, que teve de se inclinar perante as pressões — e as ameaças — do Governo grego. Tais acordos iriam, depois, revelar-se nefastos a Chipre, criando um Estado dentro do Estado para a comunidade turca, e permitindo a instalação, na ilha, de tropas turcas.

Foi um outro ministro grego, George Papandreou, a aceitar, tácitamente, o «plano Acheson», e a descobrir, de entendimento com o Governo turco, uma fórmula para fazer «engolir» tal plano à opinião pública grega e cipriota. Papandreou arrogava-se o direito de, na qualidade do chefe do Governo grego, agir desse modo, pois representava, segundo declarações suas, o conjunto do Helenismo. Makarios pouco se importou com tal pretensão. De outro modo, Chipre estaria hoje dividida em duas parcelas, entregues à Grécia e à Turquia. O Governo grego pretendia acabar com a questão de Chipre, que lhe criava dificuldades nas suas relações com a NATO e a Turquia.

Não é possível imaginar-se que Papadopoulos possa seguir o exemplo de Papandreou, isto é, querer impor uma solução ao problema de Chipre, passando por cima do Governo cipriota, e invocando o direito expresso por aquele político. O Governo grego actual sempre se manifestou plenamente de acordo com Makarios sobre o modo de tratar a questão de Chipre, nomeadamente pela via das negociações entre as comunidades grega e turca. O facto da reaparição de Grivas em Nicósia, com a firme vontade de pôr termo àquelas negociações, tendo em vista impor a ENOSIS, não deverá perturbar a harmonia das relações existentes, até aqui, entre Atenas e Nicósia.

Se a política de Grivas tem como objectivo a ENOSIS, e se a mesma tem quaisquer possibilidades de êxito, o Governo grego seria o primeiro a dar-lhe o seu apoio. Ainda o não fez até agora, e nem sequer se pronunciou a seu favor. O facto resulta, sem dúvida, de a política de Grivas não conduzir à

união de Chipre com a Grécia, mas a uma outra solução catastrófica tanto para Chipre como para a Grécia: a «dupla ENOSIS».

Por outro lado, o Governo grego sempre proclamou que discorda de toda e qualquer «solução» para o problema de Chi-

pre «proveniente do exterior», isto é, uma solução decidida entre Atenas, Washington e Ancara, na ausência de Nicósia. E chega-se, assim, ao ponto inicial: só pode haver uma solução a preservar a integridade de Chipre — o diálogo entre as duas comunidades da ilha.

O ministro substituto grego, Palamas, ao falar à imprensa, no dia 19 de Fevereiro, afirmou que a Grécia não aceitava qualquer espécie de intervenção externa, ainda que proveniente de amigos. Em resumo, seria impossível para o actual governo grego aceitar a ENOSIS, dado a Turquia a rejeitar. Uma «solução» que se aproximaria do «plano Acheson» e da «dupla ENOSIS» seria inadmissível, pois constituiria uma grave derrota diplomática, equivalendo a uma catástrofe nacional. Criar-se-ia, assim, uma situação explosiva no Mediterrâneo Oriental.

UMA «CAPITAL NACIONAL»

O verdadeiro drama de Chipre complica-se e agrava-se dado que se escapa, praticamente, ao «contrôle» dos principais interessados: Chipre e a Grécia, embora esta pareça desempenhar o papel principal. Isto sempre se passou assim. Makarios já se referiu, por várias vezes, às «forças» empenhadas em impor uma determinada solução — bem conhecida — ao problema de Chipre. Makarios tem conseguido, até agora, sair vencedor desta luta desigual. Acontecerá o mesmo hoje em dia?

3

O FOSSO

A situação de Chipre tornou-se inextricável assim que assumiu inquietantes proporções a tensão entre Nicósia e Atenas. Aparentemente, aquela surgira com o fornecimento de armas checoslovacas. Tratava-se, porém, do «caso Grivas» e, por extensão, do problema cipriota. Se surgiu uma «questão» de armas, isso foi porque existia um «caso Grivas». Makarios não poderia renunciar a tais armas, a não ser que o general regressasse à Grécia. Foi o que o arcebispo afirmou, segundo parece, ao representante da ONU em Nicósia, quando este levantou a questão, ao falar do assunto ao dirigente cipriota. Por outro lado, Makarios tinha de se manter intransigente na sua atitude a respeito de Grivas. Tratava-se, a seu ver, do destino de Chipre. Se o general ganhasse a partida, a causa da ilha estaria perdida.

ATENAS E GRIVAS

Ora, o conflito Makarios-Grivas tinha provocado a tensão entre Nicósia e Atenas, dado que, desta vez, o governo tomara, abertamente, posição a favor do general, através da sua nota de 2 de Fevereiro. O facto de o governo grego ter assumido tal posição não podia levar o arcebispo a renunciar à sua política, ainda que ao abrigo de um governo de «união nacional», de acordo com a proposta de Atenas.

No ponto em que as coisas se encontram, não existe entendimento nem colaboração entre os dois irreconciliáveis rivais. Se Grivas ou os seus partidários entrassem para o governo, isso só seria para aplicar a política do general. O que equivaleria à aprovação, pelo governo grego, da política de Grivas. Em tais condições, estaríamos perante um beco-sem-saída, sendo de esperar o pior: a ruptura aberta e total entre Atenas e Nicósia.

Era tudo isto de tal modo evidente que Makarios procurava evitar a ruptura com Atenas. O arcebispo recusava-se à ideia de que o governo grego considerava, efectivamente, a sua nota de 2 de Fevereiro como um ultimatum. Nesse caso, seria impossível toda e qualquer discussão entre os dois governos com vista a facilitar a solução da crise. Porque, para além da crise, o arcebispo só podia ver a divisão da ilha. Na sua ideia, a situação apresentava-se de uma maneira muito simples: se Grivas tomasse conta do governo, pessoalmente ou por interpostas pessoas — os seus partidários — não se realizaria a ENOSIS, mas a «dupla ENOSIS», fosse por que forma fosse. A ENOSIS levaria, imediatamente, à guerra entre a Grécia e a Turquia. Daí que, apoiando embora o general, o governo grego não poder seguir a política deste até ao fim, caso Grivas a quisesse aplicar assim que chegasse ao poder.

Daí o ter-se falado, tanto em Nicósia como em Atenas, de «mal-entendidos» e de «desanuiamento» entre os dois governos, dado que convinha ao interesse nacional a existência de boas relações entre ambos. Fa-



Makarios debatendo Chipre com um delegado

à multidão que se manifestava em frente do Palácio Presidencial, para o aclamar, Makarios proclamou que sem o apoio da Grécia, Chipre não podia defender a sua causa. A seu ver, porém isso não significava que tudo se deveria decidir em Atenas, na ausência do governo cipriota. Proclamou, também, na referida declaração, que nunca se submeteria fosse a que pressão fosse, certo como estava de poder contar com o povo cipriota.

Por outro lado, só seria possível restabelecer o diálogo com os turcos quando se tivessem restabelecido as relações entre Atenas e Nicósia, facto que os dois governos têm considerado, até aqui, como o único meio para se chegar à solução do problema cipriota e para o entendimento entre a Grécia e a Turquia. Só assim se evitaria, para o problema cipriota, uma solução «proveniente do exte-

Estaremos a assistir ao último acto do drama? A questão está toda aí.

Não se deve perder de vista — pois há que encarar constantemente tal facto — que se a causa de Chipre ainda não está perdida isso se deve, unicamente, ao facto de Makarios sempre ter conseguido enfrentar as pressões externas, até mesmo as provenientes dos governos gregos. A sua presença à frente do governo cipriota constitui a única garantia de que as coisas sempre se passarão em tais termos.

Vejamos como se se apresenta a situação segundo Kostantopulos, chefe do «Eleftheros Kosmos», diário governamental. Ao referir-se ao atentado contra Makarios, no dia 8 de Março, de 1970, aquele jornalista escreveu, num artigo intitulado «O crime de Nicósia»:

«Estamos de todo o coração e inquebrantavelmente do lado



Papadopoulos, inimigo de Makarios

DRAMA DE CHIPRE

e Makarios. O arcebispo constitui um capital nacional inestimável e, para Chipre, insubstituível. Makarios consagrou a sua vida à causa do helenismo, lutando com firmeza e sangue-frio, determinação e flexibilidade, entusiasmo e calma por conservar o que pode ser considerado para a nossa nação».

Os factores da crise de Chipre são múltiplos e variados. Existe um conflito permanente entre gregos e turcos, mas existiam, também as profundas divergências entre Nicósia e Atenas. Daí o falar-se agora daquilo a que se chamou a «disputa familiar» entre gregos, fenómeno que abafa o conflito greco-turco. Qual será a evolução de tal «disputa»? Pareceu, por momentos que Grivas tinha perdido a partida. Aceitará o general a sua derrota? Qual será o papel reservado à Guarda Nacional? Enarregada de assegurar a segurança da população greco-cipriota contra uma ameaça proveniente dos turcos, irá a mesma intervir no plano interno greco, tomando posição sob a forma de, ao lado de Grivas? Fala-se hoje muito, em Chipre, de «perigo comunista».

Mas a questão que se impõe a todas as outras é a seguinte: conseguir-se-á atulhar o fosso aberto entre Nicósia e Atenas?



ONU

Porque, sem o restabelecimento de harmoniosas relações entre ambos os governos pode esperar-se o pior. Ora, tudo leva a crer que nos encaminhamos para o agravamento da crise.

O ministro substituto grego dos Negócios Estrangeiros, ao falar á imprensa, no dia 26 de Fevereiro, afirmou, sem rodeios que as relações entre as duas capitais se tinham «congelado». Este facto foi sublinhado pelo atraso verificado na entrega ao presidente Makarios, das credenciais do novo embaixador da Grécia em Nicósia.

Se, por um lado, Makarios afirmou que não estava nas suas intenções «cortar as pontes» com Atenas, o governo grego, pelo outro deu mostras de endurecer a sua posição parecendo mesmo decidido a dar prosseguimento á sua nota de 2 de Fevereiro no caso de Makarios

se não submeter. O governo de Atenas tinha com efeito invocado os acordos de Zurique e Londres de 1959/1960, acordos esses

que reconheciam aos signatários (Grécia, Turquia e Reino Unido) o direito de intervir em Chipre caso o julgassem necessário.

4

A RUPTURA

A ruptura entre o Governo grego e Makarios surgiu à luz do dia quando a nota de 2 de Fevereiro, apresentada, a princípio, por Atenas, como contendo simples «recomendações» dirigidas ao arcebispo, se revelou, mais tarde, como autêntico ultimatum. Num comunicado publicado no dia 25 de Fevereiro, a oficiosa «Agência de Atenas» esclareceu que a nota de 2 desse mesmo mês devia ser aceite, na íntegra, por Makarios. Esta tomada de posição por parte do Governo grego seria reforçada, uns dias mais tarde, pelo ministro substituto dos Negócios Estrangeiros. Ao falar à Imprensa, no dia 4 de Março, aquele repetiu que o Governo grego continuava inamovível na aceitação, por Makarios, da nota de 2 de Fevereiro, tendo acrescentado que, sem isso, não se poderia pensar no estabelecimento de relações harmoniosas entre Atenas e Nicósia.

A verdade, porém, era que tal ponto se mostrava desprovido de sentido. A aceitação, por parte de Makarios, da nota de 2 de Fevereiro, comportaria a sua própria eliminação. Isto era coisa que se não afirmava na nota, é certo, mas bem depressa se ia tornar evidente. Os três metropolitas de Chipre - de entendimento, segundo se diz, com Atenas - provocaram a reunião do Santo Sinodo (26 de Fevereiro) a fim de reclamarem o afastamento de Makarios, sob o pretexto de que a sua presença, na qualidade de chefe da Igreja de Chipre, à frente do Governo, era incompatível com os cânones sagrados da Igreja Ortodoxa. Soubese no dia 5 de Março, que o arcebispo de Atenas acabava de dirigir uma carta pessoal a Makarios, pedindo-lhe que abandonasse o Governo a

a tensão reinante entre Nicósia e Atenas, procurando explorá-la em proveito dos seus interesses no atinente à questão de Chipre - o que é perfeitamente natural.

Entretanto, surgiram novos elementos que parecem jogar a favor do arcebispo. Washington — segundo se diz — ter-se-ia pronunciado pela manutenção daquele no poder, a fim de assim se evitar um agravamento da situação. Afirma-se, também, que os soviéticos estariam a agir no mesmo sentido, tanto em Nicósia como em Atenas.

Importa-nos, no entanto, conhecer a resposta de Makarios à nota de 2 de Fevereiro, que lhe foi dirigida por Atenas.

O atraso na resposta tira ao documento acima referido todo o carácter do ultimato que o mesmo poderiam ter. Seja como



Manifestação de jovens a favor de Makarios

ral não se atreverá a empreender seja o que for, sem contar com auxílio externo. O seu porta-voz, «Patris», escreveu, no dia 10 de Março, que os partidários do general se encontravam bem armados, e prontos a entrar em acção quando e onde quisessem.

Makarios não tem ilusões sobre a gravidade da situação. Considera-se condenado, políti-

de o seu colega grego ter invocado os acordos de Zurique e de Londres. Se o Ministro grego invoca os acordos em questão para justificar uma eventual intervenção da Grécia em Chipre, o governo turco, por seu lado, servia-se da oportunidade para pôr em causa o conjunto dos progressos registados, até então, no diálogo greco-turco, e, por consequência, na questão cipriota.

O diálogo assentava, praticamente, na revisão dos acordos de Zurique e Londres, revisão essa que Makarios desde sempre reclamara, considerando que tais documentos eram inaplicáveis.

Assim, ao trazerem-se os acordos à baila, estava-se não só a pôr em causa tudo o que já se havia obtido graças ao diálogo, mas o próprio princípio justificativo deste último.

Enfim, o governo turco nenhuma razão tinha para se inquietar com a presença de Grivas em Nicósia. Esta não podia, de modo algum, ser relacionada com a ENOSIS. Ao invocar os acordos de Zurique e Londres, o governo grego pusera a ENOSIS fora de questão. O governo turco podia deduzir do acordo entre Grivas e Atenas que o general não pensava na ENOSIS. De outro modo, deveria ser o primeiro a protestar contra a iniciativa de pôr em vigor os Acordos de 1959 e 1960. Procedendo deste modo, o governo grego tomava, praticamente, posição a favor da independência de Chipre, e sabe-se que os adversários de Makarios o acusam de «traição» por defender tal independência.

Em resumo, se o governo turco observar com calma e confiança a actual crise de Chipre, é porque pensa que a agitação contra Makarios não tem em vista a ENOSIS, que, de qualquer modo, não está em causa. Trata-se do afastamento do arcebispo, considerado como um obstáculo para uma outra solução do problema de Chipre, tal como se tem em vista em Ancara.

O DRAMA DO CHIPRE

A sorte de Chipre joga-se, assim, em circunstâncias confusas e inesperadas. Para a ilha, não existe escolha. Ou bem que se conseguê estabelecer um diálogo entre as duas comunidades, de modo a conseguir-se um acordo aceitável para as duas partes, ou, então será a «dupla ENOSIS», com tudo o que isso comportaria de perigos para as relações entre a Grécia e a Turquia, assim como para a paz. Uma tal «solução» não constituiria apenas uma catástrofe para a nação grega. Conterei os germes de crises e conflitos, ao criar uma situação explosiva numa zona nevrálgica, como é o Mediterrâneo Oriental.

Ora, quer se queira quer não, a presença de Makarios à frente da República de Chipre está vinculada ao diálogo e constitui uma promessa - senão uma garantia - de um remate feliz para aquele. Admitindo-se mesmo que o diálogo prosseguisse sem ele, fosse sob que forma fosse, a verdade é que não seria a mesma coisa.

Assim se nos apresenta o drama de Chipre, no seu aspecto actual. A ninguém é dado prever se este se encaminha para um remate trágico, ou se tal sorte poderá ser poupada a este infeliz país. Tudo dependerá, em primeiro lugar, da evolução da tensão reinante entre Atenas e Nicósia. Houve um momento - no dia a seguir à nota de 2 de Fevereiro dirigida a Makarios pelo governo grego - em que foi possível esperar-se o pior. Os espíritos deram, depois, mostras de se terem acalmado. Só os adversários encarniçados de Makarios - em que se incluem os três metropolitas que já citámos - continuam na sua luta contra o arcebispo. Existe, porém, um elemento novo a acrescentar: o apoio concedido a Makarios pelo Partido Comunista de Chipre. Atenas esforça-se por manter as distâncias quanto a toda esta agitação. O governo declara agora que não pede a demissão do arcebispo.



ANIVERSÁRIO

ATTICUS

fim de... reservar as suas forças e talentos para que estes pudessem ser utilizados, em tempo oportuno, na chefia do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla.

Um «mistério» que diz muito. No entanto, sem pretendermos recorrer ao paradoxo, temos de sublinhar que a atitude do Governo grego a respeito da actual crise de Chipre acaba por fazer sobre o mesmo alguma luz. À primeira vista, aquele deveria interessar-se, no mais alto grau, pelo que se passa em Nicósia. Tal interesse deveria, mesmo, manifestar-se enérgicamente e não importa de que modo. A reaparição do general Grivas em Chipre deveria ter sido o sinal para uma nova tensão entre Ancara e Atenas. Foi o Governo turco, como se sabe, a exigir, em Novembro de 1967, a partida do general, considerando, na altura, como responsável pela crise então reinante. Alegava-se que Grivas tinha desencadeado o combate com vista à ENOSIS. Como explicar este facto extraordinário? A explicação vem-nos, imediatamente, ao espírito. Nas circunstâncias actuais, o Governo turco nenhuma razão tem para se inquietar. Tem até muitos motivos para se felicitar. Deve ter a sensação de que outros trabalham para ele. Limita-se a especular com

for, parece de excluir a ideia de uma capitulação por parte do Presidente da República de Chipre, o qual fala em nome da esmagadora maioria da população greco-cipriota. Esperam-se algumas concessões de forma, relativas, em particular, às armas checoslovacas. Considerar-se-á o governo grego satisfeito? Não persistirá ele na aceitação integral, por parte de Makarios, da sua nota de 2 de Fevereiro? O ideal seria que tudo serenasse, a fim de se poder reencontrar o diálogo greco-turco.

Se a tensão reinante entre Atenas e Nicósia não afrouxar, a crise actual poderá chegar às suas extremas consequências. No clima actual, depois do atentado de 8 de Março de 1970 contra Makarios, e a presença clandestina de Grivas em Chipre, tudo é possível. Não se exclui a possibilidade do desencadeamento de uma guerra civil. O antigo chefe da EOKA não se deslocou ao seu país para passar umas férias. Se Grivas se manteve inactivo até aqui, foi por ter perdido a primeira jogada. E se manteve um estranho silêncio, isso deve-se, sem dúvida, à sua vontade de conservar uma completa liberdade de movimentos em relação a Atenas, receoso de uma «solução compromissada» com Makarios. Digase de passagem, que o gene-

ca ou fisicamente. No dia 8 de Junho de 1970, três meses depois do atentado, ao falar aos correspondentes das agências noticiosas estrangeiras, ao mesmo tempo que denunciava o «complot» como tendo sido organizado por «estrangeiros», declarou: «Vivo sob a constante ameaça de ser morto».

A situação de Chipre não se presta, como se pode ver, ao optimismo. Mesmo que a tempestade actual consiga amainar, o horizonte nem por isso deixará de se mostrar carregado de núvens negras. Longe de discordar da atitude do governo grego a favor de Grivas, o governo de Ancara decidiu alinhar com o de Atenas. O ministro turco dos Negócios Estrangeiros, ao falar, no dia 21 de Fevereiro, perante a Assembleia Nacional, declarou que as armas checoslovacas deveriam ser entregues aos «capacetes azuis». Tratava-se, para o governo turco, de tropeçar o diálogo greco-turco. Denktas, representante do governo turco em tais conversações, declarou, no mesmo dia 21, que não se poderia falar em reatamento do diálogo enquanto as armas checoslovacas não fossem entregues às forças das Nações Unidas.

O ministro turco felicitou-se, no decurso da sua declaração de 21 de Fevereiro, pelo facto



ANIVERSÁRIO

CHIANG DE GARCIA

O DESTINO IMPERIAL DO BRASIL

Pedi-me lume para acender o cigarro, e foi falando mais ou menos assim:

Quando o presidente Nixon, talvez por gratidão, afirmou recentemente que, por todas as razões, o Brasil tinha de ser o «leader» da América Latina, isso provocou como você sabe, um rumoso descontentamento por parte dos outros países deste nosso irrequieto hemisfério. Mas o que ele disse, com intenções, admito que políticas, é apenas uma realidade com profundas raízes históricas. Porque, meu amigo, sem a menor dúvida, o Brasil nasceu para «liderar». Fizeram-no assim os portugueses de antigamente quando as aventuras napoleónicas trouxeram para aqui aquele que viria a ser Sua Magestade El-Rei dom João VI. E não só foi monarquia, como durante dois terços de um século, um glorioso e vasto Império.

Ora até hoje, nós, brasileiros, jamais perdemos nosso imperial amor ao manto e à coroa. E claro, meu prezado amigo, não estou falando baseado em documentos, textos históricos, ou coisas assim. O que eu digo vive na tradição oral do povo. Tem uma latente veracidade que talvez só a psicologia possa explicar.

Não digo Freud, não, porque esse eu abomino. Mas lembro os velhos e às vezes sagrados mestres do pensamento lusitano. O Brasil precisa de Deus e do Rei...

Porquê? Duvida? Ai tem um exemplo, bem presente e vivo nesse lúcido homem de teatro, apesar de eu não gostar da arte dramática, que é Ariano Suassuna, de quem li há pouco o livro *A pedra do reino*, autêntico armorial brasileiro, baseada acima de tudo na literatura dos folhetos-de-cordel onde o passado monárquico é a chave de todos os mistérios.

Quem não conhece estes versos que têm a autenticidade de serem remotos: —

«Ah, se dom Pedro Segundo/ envolvido com um véu/ viesse de lá do Céu/ Pra governar este mundo/ A Monarquia restaurasse/ Co'a república acabasse/ Ah, se eu menino ainda fosse/ O tempo bom acabou-se/ Ah, se o passado voltasse...»

Parou para beber um tragado.

Ainda em dias recentes o autor do *Auto da Compadecida*, conversando com o senhor presidente Médici, disse-lhe à queima-roupa:

Presidente, devo confessar-lhe que, politicamente, sou um seu irredutível adversário.

Como assim? indagou surpreso o chefe de Estado:

E que, no Brasil, eu só acredito em Monarquia.

Creia ou não o amigo, o Suasuna, de quem a suave morenidade do rosto atesta a brasilidade, tem a consciência de que o Brasil precisa de um chefe enviado por Deus. Um chefe que mantenha viva a nossa necessidade de paternalismo. Está nas páginas da His-

partido dos que desejam a volta do Império?

... SEGUNDO UM SAUDOSISTA ...

Tudo isto é conversa fiada de um amigo meu, natural de Campos, bisneto de um velho barão dos tempos imperiais, ministro que foi, como ele diz, do Senhor Dom Pedro II, e dono, nesses tempos distantes, de milhares de escravos, que, na

... DE ALMA INGÊNUA ...

Sustentamos longos papos, onde o tema é sempre o mesmo:

— Sabe porque veio a República?

Finjo que não sei. E ele:

— Deve-se tudo a um acto romântico e precipitado da herdeira do trono, a princesa D. Isabel. Quando ela acabou com a escravidão, mudou a face do Brasil. E então, ressentidos, todos os homens de carácter, como

fértil família imperial, funcionando na completa ociosidade? O negócio é fácil. Fazê-los subir, de mão beijada, os degraus do trono...

Mas agora? Agora que o Brasil está entrando no clube dos grandes, agora que Nixon disse que somos a nação líder da América Latina?

— Por isso mesmo...

— Mas quando? Já?

— Bem, isso é outra conversa. Eu admiro o Governo do presidente Médici. Mas a lição do passado...

negócios, isto é a concentração da riqueza em poucas mãos. A mão dos grandes...

— Está certo, só que os grandes vão sendo outros, através dos séculos. Como vai longe a grandeza do seu bisavô...

— Nem tanto. Ainda recentemente eu ouvi este rebate de consciência na boca de uma alta autoridade: — Apesar de tudo no Brasil os ricos ainda continuam cada vez mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres...

— Eu acredito na promessa do equilíbrio...

— Também eu. Mas o caminho está na volta à monarquia, às tradições rurais do Brasil...

— Tudo isso é utopia meu caro. Nunca se volta ao passado. Estamos na era da tecnologia...

Ouvindo isto, perguntou se podia mandar vir um novo chôpe. Dos grandes. Bem gelado. Chamei o garçon.

MAS NÃO SÓ INGÊNUA, NÃO!

E ele, depois de beber:

— Questão de tempo, acredite. Eu admiro o Governo do presidente Médici. Está recriando o Brasil. Tem por isso o direito de festejar ostensivamente, ao fim de oito anos de revolução, os cento e cinquenta anos de Independência. Creia no entanto, que o momento é de transição. Aqui e agora. Mas deixemos vir o ano 2 000. E então, senão os meus filhos, mas os meus próprios netos, hão-de ver nos céus do Brasil a bandeira que foi de Dom Pedro II. A Bandeira do Império. Com o Brasil, como prevê Nixon, líder da América Latina...

OU TALVEZ COISA PIOR!

Ora como estamos em tarde de jogo importante no Maracanã, pus fim à conversa. Chega de fantasias, gritei. E parti, apressado para ver o que mais me interessava: o jogo entre o Flamengo e o Botafogo. A maioria acreditando na vitória do mais querido. Eu não. Eu sou mais Botafogo. No fim deu empate.

Mas ainda ouço as últimas palavras do bisneto do barão dos escravos:

— Até isso! Quando voltar o Império, esse negócio do futebol já estará fora de moda. A mim até me faz raiva ver o povo resignado aceitando comprar, a prestações caríssimas, as televisões coloridas. Para quê? Só para ver, no duro, as cores das camisas dos seus times favoritos. Só que os craques que as vestem mudam facilmente por mero interesse mercenário. E ou não é?



tória. Repare, por exemplo, no caso de Getúlio Vargas. A ele só faltou a coragem que acaba de ter Chiang-Kai-Chek, ao fazer do filho seu herdeiro natural. E há outros casos afins como você sabe... Olhe, não só os brancos, isto é, os que vieram da Europa, e aqui criaram a imensa família que nós somos, mantêm no coração a chama de um monarquismo latente. Não? Mas se até os escuros, e obscuros, descendentes dos velhos escravos que fazem eles, — amigo! — senão evocar, no Carnaval, os tempos felizes dos seus senhores e amos? E tem mais! Não foi criado agora, na América do Norte, um partido nazista? Porque não há- vemos de criar no Brasil o

imensidão das suas terras, trabalhavam nos canaviais e nas moedas do açúcar, de onde lhe veio a fortuna, o título e a actividade política.

Hoje o meu amigo é pobre. Depois do 13 de Maio de 1888 a fazenda foi abandonada. O Solar, agora, não passa de uma lembrança em ruínas. Reside, modestamente, num subúrbio carioca. Mesmo assim não perde o porte aristocrático. Mantém-se íntegro no uso de um velho chapéu Gelot (presente de Negrão de Lima) usando vai para meio século o mesmo puído (jaquetão, colete e calça), com gravata azul e branca onde brilha a coroa de um baronato que só rende ilusões. Mesmo assim eu gosto de ouvi-lo...

o meu bisavô, afastaram-se do palácio de São Cristóvão. Sabe porque a República foi implantada sem um tiro? Porque eles, os grandes do Império, tinham sido aliados da estrutura que os elevava e mantivera. Só por isso é que veio a república...

— Pois é. Mas, sem Império, o Brasil continuou crescendo. E vai perfeito este ano o sesquicentenário da sua independência...

— A independência foi um acto natural. Tinha de vir.

Mas eu penso que, apesar de velho, ainda hei-de assistir à volta do Império...

— Não creio, meu caro...

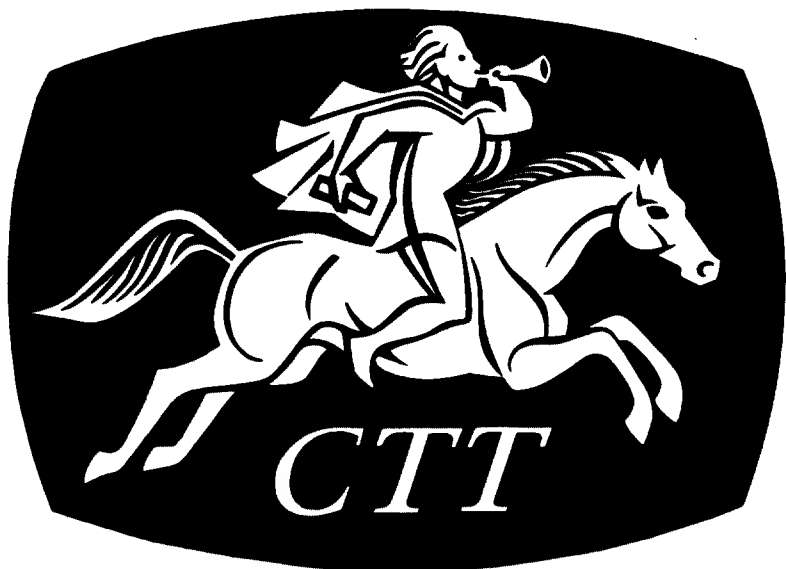
— E porque não? Não continua existindo na cidade de Petrópolis, isto para usar a linguagem dos economistas, uma numerosa e

— O passado passou... Não esqueça...

— Eu sei. Sei que os homens já foram à Lua. Sei que o Brasil cresce como nação. Sei que a Amazônia vai ser uma realidade. Eu sei. Mas não esqueça que simultaneamente reaparecem ondas de misticismo. Existe a proliferação de novas modalidades de fanatismo religioso. Tudo isto são sinais de que se retornará ao ritmo inicial. Há o fascínio exercido pela Astrologia, pelas filosofias orientais, pela vida monacal e pelo ascetismo. Acrescente a isto a desorientação da juventude. E não esqueça, note bem, a nítida amorabilidade da ciência, eu disse e repito amorabilidade, cada vez mais fora do humanismo clássico, e dominada sempre pelo poder opressor do mundo dos



BANCO
INTERCONTINENTAL PORTUGAL
O NOVO ESPAÇO ECONÓMICO
BIP



DEFENDA OS SEUS INTERESSES!

SE ESCREVE PARA LISBOA • SE ESCREVE DE LISBOA

INDIQUE A ZONA POSTAL

NO ENDEREÇO

NO REMETENTE

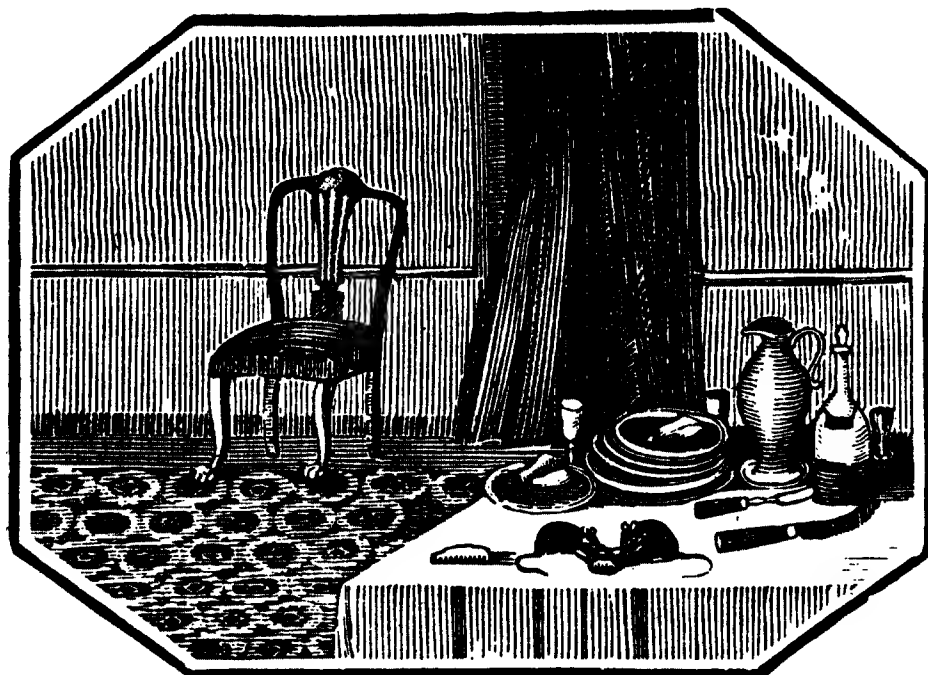


A SUA CORRESPONDÊNCIA
NÃO SOFRERÁ ATRASOS!



ANIVERSARIO

ROGÉRIO VIDIGAL



O CIRCUNSTANCIAL O CRÔNICO E O AGUDO

Juro pelas alminhas. Nessa tarde estava completamente em jejum, tinha andado a namorar as ementas de todos os restaurantes e tascos, sabedor embora da completa incompatibilidade entre o meu poder de compra e o preço dos alimentos. Respirei os odores das ruas da baixa, convenci-me, bem convencido, de que não havia qualquer hipótese, vi que nem a batatas tinha direito. Finalmente rumei para a Almirante Reis. De mãos nos bolsos, o mais convencionalmente possível. Lá fui levado (levado sim) pela fome (apetite, não se assustem) e pela necessidade de preencher o tempo, milionário de minutos. Não andar nem pensar, dizia comigo, é o que devo fazer.

Contudo, continuei subindo.

— Desculpe, por favor, onde é a Rua Maria?

Tinha chegado aos Anjos e, a meu lado, estava um homem de talvez 45 anos. A Rua Maria? A resposta não vinha. Na verdade o nome não me era desconhecido, mas agora, assim, era impossível lembrar-me. Disse isso ao homem e continuei. Dois passos, com certeza não mais, e ouço a mesma voz:

— Desculpe, outra vez. O senhor tem tempo? Sim? E sabe inglês? Um pouco? É quanto basta. Permita-me então que lhe dê uma palavra. Nós somos uma companhia inglesa, em vez de fazermos publicidade...

— Bem de que se trata?

— Olhe, damos gramofones com cursos de

inglês, livros sobre animais, todos os livros que já publicámos até à data e, ainda facilidades de pagamento.

Eu tinha andado no mesmo. A enciclopédia pois, em vez de se gastar na publicidade oferecia-se isto, aquilo e o outro mundo. Não contando com as ilusões aos desempregados de sempre.

O homem. O homem fez sim com a cabeça e perdeu por momentos o alento.

O senhor não está interessado. Mas eu também faço seguros de vida, e isto talvez já lhe interesse. O senhor é novo, é certo, mas nunca se sabe como sai o próximo passo. E além disso, fica-lhe muito mais barato agora. Repare que já ao virar da esquina...

Não, também não estava interessado. Sentia, no meu estômago, uma fome agudíssima e advinhava o deste homem, sob o casaco e a gravata, em estado crônico. Em frente dos meus olhos estava um homem já de idade, sem imaginação alguma, a querer segurar a vida de quem, nesse momento, tinha tanta como ele.

— Se era só isso...

— Já vi que o senhor não traz aliança, portanto não tem mulher. Eu também sei...

Não ouvi o resto da frase. Embalei, avenida acima, sem olhar para trás. Chegado à Praça do Chile, lembrei-me que tinha morado num quarteirão para lá da Rua Maria.

E, afinal, não disse ao homem.



CRONOGRARO

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA



EXIJA A MARCA CAUNY
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA

ANTICHOC • RESISTENTE:
100 % IMPERMEAVEL



ANIVERSÁRIO

JOSÉ CARDOSO PIRES

A MORTE BUROCRÁTICA

«Quando eu morrer quero ir de burro», disse Sá Carneiro num dos «últimos poemas» que escreveu. E ele lá tinha as suas razões: as homenagens «post mortem» são em muitos casos a apropriação abusiva de uma existência que se recusou a vénias e a submissões e, noutros, por isso mesmo uma vingança final sem contestação.

Mário de Sá Carneiro procurou fugir ao equívoco, evitar o discurso à beira do coval, para não ficar irmanado com os medíocres ilustres, mas os medíocres ilustres ou os seus procuradores vingaram-se. Em vez de romperem «aos saltos e aos pinotes», como ele tinha pedido, puseram gravado em 30 linhas de texto a uma coluna na **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**. Mais adiante, no talhão seguinte, letra D, ergue-se o retrato do Dr. Júlio Dantas em canteiro de 155 linhas de prosa florida.

Para John Mansefield (**Pompey the Great**) a morte abre portas descomensuradas principalmente, quanto a mim, nacidadosvivos). Ela possibilita a impunidade sobre a memória, alarga-se à conjectura, à torção da imagem desaparecida. Serve, se serve e tantas vezes, de pretexto para humilhar os parentes mais doridos, os que ficaram.

Daí que as academias dos generosos utilizem a morte como porta da consagração. No seu compromisso com o *statu quo*, argumentam que o juízo imparcial dos autênticos valores, etc, necessitam de distância, etc, de perspectiva histórica. Só lhes interessa o que é passado para não comprometer o presente em vigor; e, vai daí, vestem de luto a História da Literatura que se transforma numa espécie de museu com legendas de «requiem». A necrofilia literária institui-se como regra profiláctica e em resultado último preocupa-se em enterrar os vivos e comemorar os

mortos. Logo que o escritor silenciado entra no silêncio final, então, muito compreensivelmente, apressa-se a reconhecer-lhe as virtudes que antes lhe recusava, passará por cima do que lá vai, lá vai, e, aproveitando o **de profundis**, poderá exibir uma independência de critérios que lhe serve de caução para exercer prepotências de julga-

Dantas. Mário Eloi a 33 linhas de Enciclopédia, paredes meias com Eduardo Malta que está em retrato de honra e em elogio de 110 linhas.

São prevenções como estas que me ocorrem quando ouço falar agora da inauguração em Vila Franca de Xira de uma rua com o nome de Alves Redol.

Para mim, que não sou sensível a este tipo de imortalização obriga-me a um esforço de adaptação ao costume estabelecido, a encará-lo no sentido mais austero e mais digno que lhe possa ser atribuído. **Rua Al-**

são do homem que nela se evoca. E menos ainda festejar «em escritor ribatejano» um português de projecção internacional.

Daí a minha curiosidade sobre o alcance do acontecimento.

Tanto quanto eu sei, o memorial literário da Borda d'Água tem o seu lugar-comum oficial no portuense Almeida Garrett por causa das suas viagens pela lezíria. Joaninha dos Olhos Verdes, elogio dos forçados, glórias ao Tejo, e o mais que se sabe. Já que assim é talvez não deixasse de ser oportuno reler Alves Redol,



rência histórica no decorrer da ficção, certo humor ladino até, e finalmente a tentação do casticismo que em ambos ressalta com frequência e que em Redol nem sempre é dominada com felicidade. Isto é muito mais. Não é por acaso que **Olhos de Água** aparece em dedicação a Garrett e como «firme oposição a um cosmopolitismo que para aí anda a alardear fraternidade».

A aproximação de dois escritores, tão afins sob vários aspectos, seria um dos temas de circunstância para aprofundar a figura de Alves Redol. Haverá outros, evidentemente — mas este ocorre logo à partida já que o retábulo ribatejano tanto insiste em reivindicar a Garrett como sua ilustração de fachada. A efeméride ganharia solidez maior e a comemoração uma outra responsabilidade — logo, uma projecção mais consequente.

Porque, com mais lápida, menos lápida, mais rua, menos rua, a presença de Alves Redol está irremediavelmente sublinhada na história de um povo, não de uma área regional. A par de toda uma vida coerente, o que conta agora é o legado vivo de um escritor que foi pioneiro de novos caminhos da prosa, um alancista que se alargou a vários quadrantes do nosso quotidiano e um experimentador de realidades portuguesas. Da saga do Port Wine ao cerco dos pescadores da Nazaré, Redol elaborou novos capítulos do guia de Portugal para elucidação dos nossos contemporâneos daqui e

doutras fronteiras. Lisboa também lá está, e a lezíria, e as existências suburbanas, entre campo e cidade. Mas bastava **Barranco de Cegos**, esse romance que tem a grandeza dos melhores livros de Camilo, de Eça ou de Aquilino, para que os protocolos da efeméride se curvassem ao significado universal de uma obra que já não é apenas daqui, Portugal. Ele anda agora nas mãos do grande mundo, foi traduzida e estudada nas universidades da Europa e das Américas; tem caminhos mais amplos que aqueles que uma avenida comemorativa pode conceber.

A menos que a avenida, a praça ou o monumento tenham a profunda, a sentida convicção de uma glória que se festeja e que disso se faça honra conseqüente. Que seja algo mais do que uma comemoração burocrática ou gesto de regional «apreço».

«Post Scriptum» para Urbano Tavares Rodrigues:

O atlas literário e artístico de Lisboa pode servir-nos, penso eu, de meditação sobre o confucionismo cultural de hoje e de ontem. O **Who's who** que ele traduz nas esquinas e nos endereços postais obedece muitas vezes a «caprichos insondáveis e não tenho dúvidas, meu Caro, que é essa a tua opinião. Nem por isso quero deixar de te dedicar este texto de comentário, já que a tua camaradagem leal se vinculou uma vez mais à memória do nosso companheiro desaparecido.



Mais do que uma comemoração burocrática.

mento sobre os que cá ficam.

Assim fazem os consules da inteligência em certos momentos de crise. Ao morto exemplar concedem uma referência obscura no panteão dos vultos transitórios que nessa companhia ganham dimensão mais válida. E com isso promovem simultaneamente a necessária confusão de valores. Sá Carneiro no mesmo «in memoriam» de Júlio

Redol? Seja. Mas que rua? E onde e com que relevância? Cantinho à margem ou merenda de pobre na herdade paternalista?

Bem sabemos, entre mãe e madrastra a terra de origem desconhece muitas vezes o filho universal. Mas antes a ignorância do que o saber errado antes o silêncio eloquente do que a «concessão tolerante» de uma memória sem total consciência da dimen-

pensando em Garrett — e então teríamos uma luz esclarecedora da importância do escritor que se pretende homenagear. Veríamos, por exemplo, como se prolongam de um para o outro determinatas constantes do romantismo: estilo da narrativa (amaneirade contar, entremeada de desvios e de apontamentos pessoais), a apropriação vocabular regional, a paixão etnográfica, a intervenção da refe-

EM CASCAIS

RESTAURANTE
ESPLANADA
CERVEJARIA
CASA DE CHÁ

VISCONDE DA LUZ
no JARDIM VISCONDE DA LUZ
(junto ao Cinema)

•
Especialidades: LINGUADO e MARISCO

•
JOÃO PADEIRO
ESPERA POR SI!

COMPANHIA DOS ALGODÕES DE MOÇAMBIQUE

S. A. R. L.

CAPITAL: 150 000 000\$00

**ORGANIZAÇÃO INTEIRAMENTE
PORTUGUESA**

SEDE
Namialo — MOÇAMBIQUE

DELEGAÇÃO
Av. António Augusto de Aguiar, 25, 2.º-Dt.º
LISBOA

LAGOS & IRMÃO

IMPORTADORES DE ALGODÃO EM RAMA

Sede
LUANDA — Angola — Rua João de Barros, 26

Delegações
LISBOA — Avenida António Augusto de Aguiar, 25-1.º
PORTO — Rua dos Clérigos, 6

Indústrias Térmicas Nunes Correia, S.A.R.L.

AR CONDICIONADO



REFRIGERAÇÃO

LISBOA — R. do Alecrim, 29
PPCA - 30901

PORTO — R. da Firmeza, 482
Tel. 28034

*pelaria
pampas*

PELES — MALAS
GABARDINES
ARTIGOS
DE VIAGEM
ÚLTIMOS MODELOS
R. DA CONCEIÇÃO

DINHEIRO

Empréstimo ao juro da lei
sobre todos os artigos que
ofereçam garantia
Compra e vende antiguidades,
ouro, jóias, etc.
JOSÉ MAYER (HERD.)
Telefone 322891
RUA DO LORETO, 18

SANTOS & SILVA VIEIRA, LDA.

IMP. — EXP.
BRINQUEDOS — ARTIGOS PARA CARNAVAL
DECORAÇÕES E FOGOS DE ARTIFÍCIO

RUA DA BOAVISTA, 14-16 — TEL. 32 39 06 — LISBOA-2

MAISON LOUVRE

VESTUÁRIO PARA BÉBÉ
E CRIANÇA

CONFECÇÃO PRÓPRIA

ROSSIO, 106

OURIVESARIA CASA DAS BENGALAS

JÓIAS — FILIGRANAS — PRATAS — OURO
TAÇAS DESPORTIVAS
LISBOA - 2 — 87 — Rua da Prata, 91 — Telef. 32 02 56

CAIXA DE CRÉDITO CAUCIONADO

Empréstimos sobre tudo o que ofereça garantia
SIGILO — RAPIDEZ — SEGURANÇA
88, 1.º, RUA DA ASSUNÇÃO—TELEF. 325334



ANIVERSÁRIO

MANUEL FERREIRA

A SOLIDÃO DE UMA NOITE

Chamava-se o Zé das Pranchas.

Um pobre diabo que não fazia mal a uma mosca. Sempre de bem com todos, suportava os ditos, as piadas, só às vezes se mostrando sensível às travessuras das raparigas.

Dali da terra não era. De onde tinha vindo, ninguém o sabia. Caiu lá um dia, arranhou trabalho e lá ficou pregado como grude. Parentes dizia-se que nem um.

Magro, desengonçado, os pés chatos e alambazados, valha a verdade a sua figura pouco o ajudava. Quando as raparigas mais dadas à mofa se metiam com ele, umas vezes respondia torto, outras encavacava.

Chamava-se o Zé das Pranchas e poucos lhe conheciam o nome de baptismo. Esplêndido boeiro isso ninguém o negava e um trabalhador que não temia meças. Homem para toda a obra, fazia de serralheiro, de carpinteiro, de podador. Para as letras é que não puxava. De primeiro andara na escola nocturna do Afonso, depois da Lucinda e agora duas vezes por semana na do Quim Jordão. Mesmo assim pouco avançava. Conhecia as letras, decorava palavras seguidas, mas salteado nem uma para a caixa. Fazia o nome de memória e contas de somar de duas carreiras. Metera-se-lhe porém, na ideia fazer o exame da terceira e não desistia assim às primeiras.

Há uma data de anos que o senhor Marques o mantinha ao seu serviço, coisa rara numa casa onde os criados não se faziam velhos. À frente dos bois carreando ou de enxada nas unhas arroteando a terra, mesmo nas manhãs de inverno daquela boca não saía um queixume. Como se essa fosse apenas a vida a que tivesse direito.

Ninguém lhe queria mal. Todos o salvavam com simpatia: «Adeus, Zé!»

O próprio patrão, o senhor Marques, não o tratava mal. Habitava-se a ele como a um objecto de uso diário ou a qualquer animal de trabalho. Cumpria à risca as instruções da noite exterior, não esperando que lhe lembrassem as coisas duas vezes. Enfim, um pau mandado. Amor ao patrão não tinha, ódio também não. Respeito, podia ser. O patrão, homem fechado, falava para o pessoal com cara de poucos amigos. Não se podia dizer que o fizesse de propósito ou de caso pensado. Não. Feitio. Zé das Pranchas não lhe dava pelo feitio, ódio não lhe tinha, amor muito menos. Amor, sim, tinha aos animais. Principalmente à parelha de vacas. Gozava aqueles momentos em que tratava delas, as afagava, as atrelava ao carro. Como se fossem suas. Fazia-lhes a cama, punha-lhes a ração na mangedoira, carreava com elas, levava-as ao bebedeiro e até no curral dormia. O palheiro onde passava as noites ficava apenas separado por um tabique de tábuas velhas. Sentia-lhes o ofegar, o remoer, o urinar durante a noite inteira. Daí a ilusão de que eram dele. Assim as tratava, pelo menos. Na taberna, onde se deixava ficar um pouco aos domingos depois da ceia, ou no campo ou no pinhal, dizia: as minhas vacas.

Poupado, aproveitava tudo quanto encontrava. Guardava o que não presta que te virá a ser preciso, sentenciava, amiúde. De princípio, apenas pedaços de madeira a que chamava pranchas. Mas à força de guardar pranchas, a tudo quanto guardasse passou a dar-lhe o nome de pranchas. Pedaços de ferro, lataria, fios de arame, pneus velhos, pronto, eram pranchas. E tanto arrecadou pranchas que, às duas por três, tinha o nome às costas. Ficava baptizado para toda a vida. O Zé das Pranchas. Pois, sim, estava baptizado para toda a vida, seja, mas das pranchas fez uma barraquilha de madeira, um pequeno fole de ferro, uma amoladora e ainda juntou material suficiente para umas experiências; e um belo dia das suas mãos começaram a sair almotolias, baldes, tachos, alquidares, tudo em latão. E freguesia não lhe faltava nem para comprar o novo nem para mandar consertar o velho. Já se está a ver, tornando-se latoeiro deixou o serviço do senhor Marques, com bastantes saudades das suas vacas, diga-se de passagem. Mas ganhara a sua independência. Só a si dava conta do que fazia. Podia agora chamar-se-lhe o Zé das Latas, o Zé Funileiro, o Latoeiro ou coisa assim, mas o povo entendeu continuar a chamar-lhe o Zé das Pranchas. E Zé das Pranchas ficou.

Tinha um sonho, já se falou nisso: fazer a terceira classe; ou mais precisamente: escrever uma carta. Como nunca ajudá-lo-ia agora na atrapalhação. Coisas da vida. De há uns tempos uma ideia lhe adoçava a alma. Ele mesmo estranhou aquilo. Se nunca odiara ninguém, também nunca sentira uma afeição funda fosse por quem fosse. Um estranho prazer em estar ao pé dela, em vê-la. Quando se deitava na barraca, entre as palhas, só de pensar nela se deliciava. Via-a a caminho do poço, cântaro à ilharga, gorda, baixa, pernas grossas, brancas e cabeludas.

E ela? Ela não se fazia desentendida. Metedica, descarada, não se passava vez nenhuma que fosse à fonte e adregasse a vê-lo de volta das soldaduras, que não metesse conversa.

«Quer uma ajuda, senhor Zé?»

E parava a sorrir, a vida estava para ele, agora era um fidalgo. Fidalgo?, não haja dúvida, muito se engana quem cuida. Tomaria ele uma vida como a que levava a menina Arminda. Vinha à beira do caminho

vê-la seguir, pesada, roliça, as pernas brancas e cabeludas. E quando pegava de novo nos pingos da solda, nem se reconhecia. E curioso o mesmo acontecia com a Arminda Patrício. Ou seja também nela corria uma esperança, nela também corria uma vibração. Só em mais nova tivera uma espécie de namorado e mesmo assim a brincar, um tal Quim Lourenço que partira para a Argentina, e deu-lhe o sumiço. Foi crescendo, as companheiras arraniando os seus derricos, a divertirem-se com eles bailes, pelas festas, pelos serões. E ela, sem um olhar de amor, sem um matreiro que avançasse na conversa, com boas ou más intenções. Com vinte e oito anos estava tal e qual como quando veio ao mundo e ninguém tinha nada para lhe apontar, mas uma rapariga assim solteira é um fruto por colher e morto por ser colhido. E nenhum que lhe aparecesse a dizer pois se for da sua vontade.

Surgiu então o criado do senhor Marques. O Zé



Manuel Ferreira ocupa no nosso actual panorama literário um lugar em muitos aspectos ímpar. Sendo, como é, escritor de raiz metropolitana, dedica desde há muito a sua atenção de romancista e a sua capacidade de estudioso à vida e aos temas cabo verdianos. Como obras representativas desta dupla faceta criadora, citamos o seu romance «Morna» e o notável ensaio sociológico e literário que é «A Aventura Crioula». O seu mais recente livro — o romance «Voz de Prisão» — foi recebido pela crítica com os mais abertos louvores.

das Pranchas, agora feito latoeiro. Passara-lhe despercebido durante muito tempo e jamais lhe viera à ideia pudesse ter inclinação por um rapaz assim. Como as coisas são. Foi desde a descamisada do José Deboga, todos os anos concorrida e pela qual me pelava: rio final vinha a filha mais velha, de seios fartos, com um poceiro de maçãs e a cada um calhavam três ou quatro, muito sãs e amarelinhas. Ele com as pernas metidas nas camisas do milho e sentindo o calor das coxas da Arminda Patrício. A Arminda a dar conta da maternidade, vejam lá o sonsinho. Depois, a brincadeira da espiga, ele com direito de a beijar, ela afogueada, muito comprometida, e, pelo caminho, umas palavras atabalhoadas que não compreendeu, esgueirando-se para o pé das outras. Isto e os encontros futuros, de ocasião, os dias se encarregaram de fazer o resto.

As raparigas chamavam-lhe um coitado e nem para esfregão servia quanto mais. Isto as novas e gaiteras. Pois quem da vida tinha experiência era doutro parecer. A ti Maria do Vale, na vindima do senhor Moreira, fizeram-lhe ver as coisas.

«Deixa-as falar rapariga. O que tem ele a menos do que os outros? Ora, adeus! Nós não comemos bonitezas».

As duas acabaram de vindimar uma cepa e pegaram noutra, um pouco ao lado, onde poderiam conversar a recato.

«É trabalhador, não fuma. não é bêbado, não é ladrão, ora não sejas maluca».

«Só tem uma coisa, ti Maria.»

«Então querias que ele tivesse duas coisas, criatura?»

«Está sempre a desconversar. É uma doidice da minha parte, mas que quer?»

«É ser latoeiro? Melhor do que criado dos outros.»

«Nãe é isso. São os pés chatos ou lá o que é. Não vê como ele anda?».

«Olha se isso tem alguma importância, mulher. Deixa falar quem fala. Não olhes para trás se ele se chegar à fala.»

As cruces doíam da posição curvada sobre as cepas. O sol caía a pino, o carregado dos poceiros cheios para a dorna, que ficava lá no cimo, debaixo duma grande figueira, não era brincadeira nenhuma. Só as conversas metidas na vida de cada um, às vezes com humor, às vezes com bisbilhotice, às vezes malévolas ou maldizentes, aliviavam a tarefa. Os garotos, porém, deliravam com tudo. Descalços, as calças arregaçadas, saltavam galhofando em cima dos cachos bogalhudos, e estacavam-se no mosto, que bebiam aos punhados até ficarem tontos.

«Pois é verdade, Arminda», insistia a do Vale. «Uma mulher precisa de se arrumar. E tu já estás na idade.»

Sabia-o Estava com vinte e oito anos feitos ia em vinte e nove. E ficar solteira era dor de que quando em quando a apoquentava. Quantas vezes, no Lameirão, apanhando erva para os coelhos ou hortaliça para o jantar, se punha a pensar nisso. Toda a vida sem um afago, sem o consolo dum beijo ou a alegria dum filho. Mulheres havia preferirem a vida de solteiras, dizia-se, a casarem e terem uma vida de cão. Tino não lhes falecia. Tantas por ali verdadeiras escravas. Escravas do marido, escravas dos filhos. Vidas na verdade arrastadas como as da Luisa Sebastião, da Joana do Felizardo, de Júlia Marques, da, ora contá-las pelos dedos não setia fácil. Novas ainda e já crivadas de filhos, amarradas de sol a sol, pelas fazendas, correndo a casa a fazer o almoço, correndo para casa a aprontar o jantar, os trambolhos ao colo, uma verdadeira cruz, perdendo o gosto pela vida, cheias de rugas e sem arranjo nenhum. De qualquer modo solteira não, cruces canhoto.

Foi no serão do Antunes Barros que ambos se chegaram à fala. No dia seguinte, a criada do senhor Gaspar dera-lhe o sim tão apetecido. Na noite desse dia o Zé das Pranchas não se deitou logo às primeiras. Deixou-se ficar pela taberna a saborear uns copitos e depois andou a vaguear sem tento, deliciado da vida.

O dia marcado para o namoro seria no domingo, das nove às onze da noite, de conformidade com a vontade da patroa.

Daí a quinze dias havia baile no clube. Acompanhava-a desajeitado, alvo dos olhares curiosos. Mesmo assim ia vaidoso. Fatito acanhado, os pés enormes, descalço, nos olhos porém a alegria de um sonho realizado.

A entrada do baile um rapazote tomava conta das entradas. E quando o Zé das Pranchas chegou assistiu-se a este diálogo:

«Senhor Zé, não pode entrar.»

«Ora essa! Porquê?»

«É só para sócios.»

«Mas eu meti proposta.»

«Mas ainda não foi aprovada.»

«Mas eu pago a entrada.»

«Não há entradas pagas. É só para sócios.»

Estavam nisto, quando a namorada se esgueirou para dentro. Ele, ali a passar um mau bocado sob os olhares dos curiosos. Não se dava por vencido, apesar de tudo. À medida que insistia ia perdendo a calma e a humildade. Veio o presidente do clube e também não adiantou nada. Não podia, só para sócios. Que já tinha metido proposta. Pois sim, mas faltava ser aprovada. E pagando? A questão não, é pagar, Sr. Zé É uma regra. Começava a estar transtornado. Uma revolta tomava-o. Não sabia se mais lhe apetecia insultar o presidente se romper à força pela porta dentro. O presidente do clube vacilar não vacilava, agora dum problema de consciência não se libertava. Já a chamá-lo de lado, talvez para mais a recato lhe expor o embaraço da situação, porém faltou-lhe a coragem. O baile ainda não tinha começado: Lá de dentro, porém vinha alegria da mocidade esperando, inquieta, os acordes do concertinista. As pessoas iam entrando e davam conta do que se passava. O Zé das Pranchas, alvo de bisbilhotice, não suportou o embate. Sem dizer mais nada, virou as costas ao presidente e desceu as escadas.

Agora cá em baixo na estrada ouvia-se o arrastar dos pés e os acordes da concertina. Naquele momento a Arminda Patrício andaria agarrada a um, apertada nos braços de quem andou andou por ali à toa, ríido de ciúmes. Quando entrou na barraca ia arrazado. Acendeu o candieiro, sentou-se no banco e mitou-se ao espelho. Um simples conserta latas, vivendo ali na barracuita como um pobre de pedir. A obsessão não o largava. A Arminda Patrício apertada nos braços dum qualquer, agarrada a um qualquer. Nem uma ponta de ódio, nem um desejo de vingança. Nada. Ele na sua humildade condição de quem na vida está só. O pai nunca soube quem fosse e a mãe que seria feito dela? Só, entregue a si mesmo na solidão daquela noite. Mais o desejo de implorar do que a vontade de acusar. A verdade era evidente. Um enfeitado a quem chamavam o Zé das Pranchas, não o deixaram entrar. E ali sentado no mocho chourou como se fosse uma criança abandonada.

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA.

TEM PARA VENDA

N. S. U. RO-80	125 000\$00
MERCEDES 230 S	110 000\$00
PEUGEOUT 404 FAMILIAR	100 000\$00
MERCEDES 220 S	85 000\$00
ALFA ROMEO GIULETA 1600 SPRINT VELOCE	85 000\$00
MERCEDES 220 S	75 000\$00
FURGONETA CAIXA ABERTA DATSUN 1300 DE 1972	70 000\$00
VOLKSWAGEN 411-L	70 000\$00
TRIUMPH GT MK II último modelo	67 000\$00
FIAT 124-R UTILITARIA último modelo	65 000\$00
TAUNUS 17-M último modelo	65 000\$00
VAUXHALL VICTOR 2000	62 000\$00
FORD 20-M TS ARTOP	60 000\$00
VAUXHALL VICTOR	56 000\$00
TRIUMPH 1300 TC último modelo	56 000\$00
M.G. 1300 4 portas	55 000\$00
MERCEDES 220 S	55 000\$00
VAUXHALL 1600	52 000\$00
FIAT 124 recente	51 000\$00
CORTINA 1300 de luxo 4 portas	50 000\$00
TRIUMPH 1300	50 000\$00
TAUNUS 12-M 4 portas último modelo	48 000\$00
N. S. U. TT 1200	47 000\$00
OPEL KADETT 2 portas	46 000\$00
CITROEN AMI-8 último modelo	46 000\$00
CORTINA 1300 4 portas	45 000\$00
OPEL KADETT - UTILITARIA	45 000\$00
TAUNUS 17-M 4 portas último modelo	45 000\$00
VOLKSWAGEN 1500	45 000\$00
WALSELEY 1100	44 000\$00
AUSTIN COOPER 1000	44 000\$00
HONDA 360 último modelo	42 000\$00
N. S. U. PRINZ 1000 último modelo	42 000\$00
CITROEN DIANNE-6	40 000\$00
RENAULT GORDINE	39 000\$00
VAUXHALL VX-490	37 000\$00
VOLKSWAGEN 1300	35 000\$00
RENAULT R-8	35 000\$00
ALFA ROMEO 1300 GIULETA	35 000\$00
OPEL 1700	35 000\$00
CITROEN AMI-6	35 000\$00
VOLKSWAGEN 1500	35 000\$00
CORTINA 4 portas	35 000\$00
SIMCA 1000 GLS	33 000\$00
FIAT 850	33 000\$00
ANGLIA FASCINANTE	28 000\$00
TAUNUS 12-L 1500	28 000\$00
KARMANN GUIA	28 000\$00
D. K. W. 1000	16 000\$00
VOLKSWAGEN 1960	14 500\$00
D. K. W. JÚNIOR	11 000\$00

Esta Firma além destes carros tem mais para venda e está sempre compradora de carros de boas marcas, a pronto pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda sem nos consultar.

Ganhará tempo e dinheiro.

RUA DO GARRIDO, 73 - A



somélar

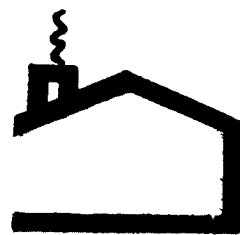
SOCIEDADE MERCANTIL DE REPRESENTAÇÕES, LDA.

Artigos para o lar: Domésticos e Electrodomésticos ★ Beixelas e Baterias de Cozinha para a indústria Hoteleira ★ Sortimento completo de vidros e Cristais ★ Talheres ★ Artigos de Menaje e de Fantasia para Brindes.

DEPOSITÁRIO DA AFAMADA MARCA ALEMA
METAL FORTEMENTE PRATEADO
E CROMAGEM INOXIDÁVEL PARA
A INDÚSTRIA HOTELEIRA



69, RUA DA VITÓRIA, 71 — TELEFONES 321274-30684 — LISBOA



medidor oficial
FUNDADA EM 1951

laranjo, alegre & garcia, lda.

Gerência de JOSÉ FERRINHO

COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

P. da Alegria, 58, 2.º — Sala E — Telefs. 328567 - 327803 - 326718 — LISBOA 2

ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, LDA.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»

GRÉS — AZULEJOS — LOIÇAS SANITÁRIAS
MÁRMORES E CANTARIAS

FIBROCIMENTO «NOVINCO»

Telefones: 66 08 79 e 66 37 08

Telegramas: RATO FILHOS

Avenida 24 de Julho, 54 - G — LISBOA



GALÉO
ELEGÂNCIA
E QUALIDADE
MALAS — PELES
ARTIGOS
DE VIAGEM
R. Augusta - LISBOA

CAMBISTA TESTA

CÂMBIOS

LOTARIAS

TOTOBOLA

Se quer festa
jogue no TESTA

74, Rua do Arsenal, 78 — Lisboa-2



A SURDEZ

A audição é recuperável, com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSON casa especializada.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-L-1-E.

PORTO: Praça da Batalha, 3

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

CASA TIROL

RUA DA PRATA, 70

É A CASA QUE MAIS BARATO VENDE BEBIDAS E QUEIJOS NACIONAIS E ESTRANJEIROS E MERCEARIAS FINAS

Móveis Janel

MODELAR ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO
DA DECORAÇÃO DO LAR

R. Rodrigues Sampaio, 76-A — Telefone 51695 — LISBOA

Associação Comercial de Lisboa

Câmara de Comércio Portuguesa

FUNDADA EM 1834

A mais importante e mais antiga
organização do Comércio Nacional

SECÇÕES TÉCNICAS DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO — INFORMAÇÕES COMERCIAIS — CON-
TENCIOSO JURÍDICO, FISCAL E ADUANEIRO —
ESTUDOS ECONÓMICOS — SERVIÇOS CULTURAIS
— BIBLIOTECA

Rua das Portas de Santo Antão, 89

LISBOA-2

Telef. P. P. C. 327179 - 327289 - 323472



EQUIPAMENTO

ELÉCTRICO
INDUSTRIAL
ELECTRÓNICO
SEGURANÇA
MOTORES

DIESEL
MARINHA
EXÉRCITO
AERONÁUTICA
PETROQUÍMICA

CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES, 11-13

Telefones: 66 80 61 / 67 31 06 / 66 80 66 / 67 80 91

(15 linhas)

JOALHARIA Mergulhão

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS
ARTÍSTICAS

CASA FUNDADA EM 1895

Rua de S. Paulo, 162 — Telefone 3 00 13
LISBOA — PORTUGAL

Jorge, Ferreira & Carvalho, Lda.

ARMAZÉM DE ARTIGOS PARA
ESTOFADORES E DECORADORES

Importação — Exportação

(Vendas só por atacado)

PRAÇA DA FIGUEIRA, 16, 2.º — TELEFONE 32 30 72
— LISBOA-2 — TELEGRAMAS JORVALHO



ANIVERSÁRIO

NAYAN R. CHANDA

BANGLA DESH, ANO ZERO

A mais nova das nações - o Bangla Desh - recentemente nascida, adoptou como hino nacional um poema de Rabindranath Tagore que evoca «O belo sorriso» dos «campos vermelhos». Não se trata de um exagero como aqueles donde transbordam frequentemente os cânticos patrióticos: sob o céu do Inverno, os arrozais exultam verdadeiramente. E se o Bangla-Desh não apresenta essa paisagem sorridente, se as suas tranquilas e verdejantes aldeias estão em ruínas, é porque foi preciso aos bengalis pagar estes preços para ganhar a bandeira tricolor - verde-vermelho-ouro - e o direito de fazer do cântico de Tagore o seu hino nacional.

Na verdade, o montante da conta a pagar - hoje e mais tarde - começa apenas a ser avaliado agora que, sobre o país devastado pelo ciclone e pela guerra, a poeira volta a cair, e, talvez, também a euforia. A tarefa não consiste apenas em construir uma nova nação, hoje no ano zero. As comunicações estão interrompidas, a agricultura está deslocada, a indústria paralísada, o comércio moribundo e, antes de poder empenhar-se na obra de reconstrução, a população fortemente diminuída, precisa, primeiramente, com toda a urgência, que se lhe dê condições de subsistência suportáveis.

Os refugiados não regressam tão rapidamente que se pudesse deixar de contar com eles, mas é exactamente por isso que uma nuvem de pesada incerteza paira sobre o Bangla-Desh. Nos campos onde se amontoam, na Índia, apesar das doenças apesar da falta de higiene, a alimentação, pelo menos, está-lhes assegurada. Para os incitar a juntarem-se aos comboios que os conduzirão para suas casas, o governo indiano instituiu uma gratificação de trinta rupias por pessoa e o xeque Mujibur Rahman, uma renúncia às rendas rústicas, incluindo as atrasadas e respectivos juros, até Abril deste ano. Mas a situação alimentar, é já crítica nos distritos de Pabana, Rajshahi, Dinajpur, Rangpur e Sylhet, e isso não acelera o regresso dos refugiados.

No imediato, segundo as estimativas de Dacca, o Bangla-Desh, tem necessidade de 2,3 milhões de toneladas de víveres, bem como de sal, de petróleo para iluminação e de fósforos. Foram tomadas disposições para assegurar o encaminhamento rápido destes últimos artigos. Porém, no que diz respeito ao arroz, a Índia não dispõe senão de uma existência de 12 milhões de toneladas das quais não está manifestamente, em condições de se privar. É uma questão de importar 130000 toneladas da Tailândia e da Birmânia, e o reconhecimento do Bangla-Desh por Rangum facilitará, por certo, as coisas. No entanto, entre o começo das negociações e a chegada dos alimentos a algumas das sessenta e cinco mil aldeias do país, será preciso enfrentar longas demoras. Durante este tempo, a situação corre o risco de se agravar.

Uma vez afastado o perigo da fome, o problema mais urgente será o de fazer arrancar novamente a agricultura. Esta fornecia ao Bengala Oriental 60 por cento do seu produto nacional

e 80 por cento das suas exportações e, actualmente, está às portas da morte. O arrendamento de gado - incluindo os búfalos utilizados nos trabalhos do campo - foi dizimado, primeiramente, pelo ciclone e, depois pelas exigências de um exército a braços com falta de provisões, e a população camponesa está, no seu conjunto desprovida de todos os recursos para começar a preparar a próxima sementeira. A Índia aceitou bem a ideia de fornecer sementes e adubos - as reservas são inexistentes - mas no que diz respeito aos animais de trabalho, as suas possibilidades são limitadas e Dacca encara a possibilidade de recorrer aos países do Leste para conseguir máquinas agrícolas em troca de juta, de produtos de juta e de peles.

Quer o Bangla-Desh opte ou não pela mecanização da sua agricultura, os camponeses sem terra, que constituem 40 por cento da população rural, não tem perspectivas brilhantes. O número dos camponeses ricos e dos proprietários de terras que os podiam empregar, foi consideravelmente reduzido pelo ciclone e pela guerra, e viu-se o começo de um movimento de concentração das terras, nas mãos daqueles que tinham meios suficientes para sobreviver e para adquirir em boas condições os domínios postos apressadamente à venda. É uma tendência para zelar pelos seus interesses, dado que, a liga Awami se desinteressou por toda a reforma agrária (sob o pretexto de que não existem grandes proprietários terrenos no Bangla-Desh). Talvez que estas apreensões não digam respeito senão a um futuro longínquo.

Pelo menos, para traçar os planos de modernização da sua agricultura, o Bangla-Desh poderia aprender a lição da experiência feita na Índia, onde o êxito da «revolução verde» arrastou tensões crescentes no mundo rural. Os maoístas do Bangla-Desh tinham lançado nos começos de 1971, uma «campanha de aniquilação» contra os «inimigos de classe»; de momento estão muito em baixo, mas uma deterioração das relações na agricultura fornecer-lhes-ia uma ocasião que elas não deixariam de explorar.

Para a indústria, o quadro não é menos sombrio. No Bangla-Desh, aquilo que merece o nome de indústria é constituído em tudo e por tudo, por vinte e nove fábricas de juta, vinte e duas instalações têxteis, quatro fábricas de adubos, uma refinaria de petróleo e uma fábrica de papel de jornal.

Contrariamente ao que se tinha acreditado, as fábricas não foram gravemente danificadas pela guerra. Todavia, à parte as instalações que continuam de pé, não resta mais nada. Ao fugir, os paquistaneses do ocidente que possuíam o essencial desta magra indústria do Bengala Oriental, apoderaram-se de alguns milhares de milhões de rupias. Falta de dinheiro, falta de matérias primas (salvo a juta) as fábricas estão na impossibilidade de trabalhar. E mesmo quando as matérias-primas estiverem disponíveis, o estado das vias férreas, a falta de locomotivas e de vagões, tornará o seu transporte quase impossível.

A burguesia nascente do Bangla-Desh libertou-se das garras das «vinte e duas famílias» oeste-paquistanesas, mas tem ainda de enfrentar a sua independência. A formação de um capitalismo autónomo está praticamente excluído devido ao nível pouco elevado da agricultura e da infraestrutura. Por outro lado, os dirigentes da liga Awami não parecem inclinados a favorecer os investimentos privados estrangeiros: a recordação do embargo do Paquistão Ocidental está ainda muito fresca. O que parece aceitável, e realizável, é a organização do controlo do Estado sobre os sectores essenciais da indústria, sendo os capitais e a «perícia» técnica importados paralelamente, à escala estatal. A apreensão, pelo governo do Bangla-Desh, de dezoito fábricas de fição de algodão e de vinte e duas plantações de chá é um primeiro passo neste caminho. Engenheiros da rede nacional dos caminhos de ferro indianos estão empenhados na restauração das linhas do Bangla-Desh e o governo de Nova Delhi comprometeu-se a entregar 250 milhões de rupias de matérias primas, aço petróleo e adubos. Por outro lado, consentiu um empréstimo de 5 milhões de libras em divisas estrangeiras. Prevêem-se acordos semelhantes, de Estado a Estado, com os países do Leste.

A Índia, é favorável a tais acordos por motivos não apenas económicos mas também políticos. O exército indiano foi acolhido com um entusiasmo delirante, mas não faltam no Bangla-Desh, pessoas dispostas a aproveitar a presença no país das tropas indianas e de alguns funcionários indianos para alimentar uma hostilidade que poderia ser utilizada contra a Índia. Nova Delhi também tem ensejo para pôr à prova uma certa circunspeção relativamente ao extremo zelo testemunhado pelos industriais indianos desde a libertação do Bangla-Desh. Alguns dias após a queda de Dacca, um grupo de grandes magnatas da indústria, encabezado pelo senhor Naval Tata, estava já a postos e percorria o país «à procura de sectores a explorar conjuntamente». Durante alguns dias, a estrada que li-



Indira Gandhi: a hora dos homens de negócios

ga Calcutá a Jessore conheceu um «desgaste» sem precedentes provocado pelo rodar dos **businessmen** indianos de bons negócios.

O Governo indiano entendeu por bem quebrar esta corrente. Nova Deli tem consciência do que se passa no Nepal e na África oriental, onde os indianos dominam o comércio local, o que os tornou impopulares e os transformou num objecto de ressentimento. Por outro lado, os chefes do Bangla-Desh deram a entender que não gostariam nada de ver o capital privado indiano fazer a sua entrada no país. Daí a advertência do senhor L. N. Mishra, ministro indiano do Comércio Externo, que chamou à ordem, nestes termos, os meios comerciais: «Seria trair totalmente os ideais e os objectivos invocados pelo nosso primeiro-ministro para explicar a intervenção indiana no Bangla-Desh, considerá-lo como um mercado em que há oportunidade para ganhar dinheiro.» Um jovem congressista pediu mesmo ao Governo para impedir IN LOCO toda a exploração do Bangla-Desh pelos capitais privados indianos, pois, esta exploração constituía «o meio mais seguro de fazer presente do Bangla-Desh à China».

Apesar dos desejos dos dois Governos de negociar num pé de igualdade, a estrita aplicação deste princípio esbarra com problemas práticos. A necessidade de reaprovisionar em bens de consumo o mercado do Bangla-Desh, totalmente despojado, é demasiado imperiosa para poder sofrer um atraso burocrático, fatalmente associado às sociedades comerciais de Estado (State Trading Corporations); e, sobretudo, na medida em que o mercado negro dos dois lados da fronteira sempre existiu em diversos graus de intensidade — pelo menos até 1965. De resto, depois da decisão de manter a paridade das moedas de ambos os países — Índia e Bangla-Desh —

e de aceitar o curso legal no Bangla-Desh da rupia indiana, deixou de haver espinhos no problema do comércio externo. Por isso, enquanto o grosso das trocas se fará através das sociedades de Estado, os Governos dos dois países serão obrigados a fechar os olhos ao mercado negro de pequena envergadura que se fará na fronteira.

Como quer que seja, não há necessidade de dizer que Nova Deli e Dacca ganharão com esta cooperação económica. Neste domínio, entre tantos outros, a criação do Paquistão Oriental revelou-se economicamente irracional. A partilha de 1947 deixou a maior parte dos engenhos de juta do lado indiano — Bengala Ocidental — e as melhores terras de cultura de juta no outro lado — Paquistão Oriental. O resultado disto foi as fiações de juta de Calcutá aguardarem desesperadamente juta de qualidade (para uma quantidade de 5 milhões de fardos por ano), enquanto que, do outro lado, as fiações não podiam absorver a produção de juta (cerca de 7 milhões de fardos por ano). Hoje, para além do problema das fiações indianas que serão abastecidas, os dois países podem pôr fim ao jogo suicida da sua política de preços no mercado internacional da juta e cooperar por forma a manterem os preços competitivos. Até ao presente, o Bengala Oriental importava carvão da China e da Polónia a preços proibitivos, quando havia carvão disponível, em profusão e a bons preços, do outro lado da fronteira, no Bengala Ocidental e no Bihar. As indústrias mecânicas e têxteis indianas — actualmente a atravessar um processo de recessão — poderiam fornecer ao Bangla-Desh produtos mais baratos do que aqueles que, durante um longo período, eram importados do Paquistão Ocidental. Por seu lado, o Bangla-Desh vê abrir-se, à entrada da porta, um vasto mercado, especialmente pa-

o seu peixe; eis o que bastará certamente aos camponeses e aos pescadores do Bangla-Desh.

A reabertura das vias fluviais do Bangla-Desh à navegação interior indiana não permitirá apenas reduzir consideravelmente o custo do transporte para o nordeste da Índia, como facilitará igualmente o comércio no interior do próprio Bangla-Desh. Deste ponto de vista, que a senhora Gandhi chamou «a complementaridade» das economias das duas nações, o único obstáculo parece ser a exportação do chá. A perda do importante mercado do Paquistão Ocidental obrigará o Bangla-Desh a procurar outros mercados em concorrência com o chá indiano. E, a menos que não seja decidida uma política comum de exportação, o chá poderá ter um gosto amargo no Bangla-Desh.

Todavia, não há dúvida que o país detém o potencial necessário para se tornar, uma vez vencidas as dificuldades iniciais, uma nação próspera. Será suficiente que tenha à sua disposição sementes de alta qualidade, adubos e um sistema de controlo de inundações, para que, em breve, esteja em condições de alimentar a sua população e de diversificar a sua agricultura. As ricas florestas dos Sunderbans poderiam fazer viver uma indústria papelreira florescente e permitir a exportação de madeira de construção. Os milhares de rios e os milhares de lagos do país fervilham de peixes disponíveis, também eles, para exportação. E as promessas do futuro são reforçadas pela descoberta, recentemente feita, de carvão e de reservas de gás natural.

As qualidades de resistência da nova nação já não precisam de ser demonstradas. O Bangla-Desh dispõe de vontade e de recursos. Se a sorte estiver com ele, e se for bem dirigido, pode tornar-se esse «Bengala dourado» com que sonhava Tagore.



ANIVERSÁRIO

JIM HOAGLAND

TANZÂNIA, UTOPIA AFRICANA



Julius Nyerere e Jomo Kenyatta

A sorte de uma ambiciosa tentativa para transformar áreas rurais enfraquecidas pela pobreza e atrasadas de África em comunas socialistas autodirigidas, corre um risco desesperado ao ser feita nas colinas poeirentas e varridas pela fome da zona central da Tanzânia.

Durante o último ano, o governo persuadiu mais de 41 000 famílias, a maioria delas compostas por gente da tribo seminómada dos Wagogos, a deixar as áridas planuras em que normalmente habitam e a instalarem-se em aldeias «ujamaa» em redor da cidade de Dodoma.

Este espectacular movimento de população deu ao presidente da Tanzânia, Julius K. Nyerere, a sua primeira verdadeira oportunidade para mostrar que a «ujamaa» — uma palavra da língua swahili normalmente traduzida por «parentesco» — é mais do que uma teoria.

Até mesmo alguns dos mais ardentes admiradores de Nyerere estão apreensivos acerca das possibilidades da experiência de Dodoma. Os Wagogos, que se situam entre os povos mais pobres e mais atrasados desta nação do leste africano de 13 milhões de agricultores, não estão a afluír às aldeias «ujamaa» ansiando por socialismo, mas fugindo ao desespero.

Duas secas seguidas levaram-nos a uma situação de fome. «Vieram, em número muito maior do que esperávamos, porque lhes prometemos água», disse um dos principais conselheiros de Nyerere. «Devemos, agora, tirar partido dessa situação.»

A necessidade de Nyerere de apoiar o êxito da sua mais importante ideia política nos esforços de um grupo de gente da mais pobremente instruída e menos produtiva da Tanzânia, sugere o que pode ser uma dificuldade ainda maior para a «ujamaa» no futuro.

Ele não foi, evidentemente, capaz de convencer agricultores mais afortunados — isto é, mais agressivos, melhor educados e tecnicamente progressivos — de que a «ujamaa» tem algo para lhes oferecer como membros da pequena população de «ricos» da Tanzânia.

Porém, os radicais predizem a falência da tentativa para seduzir os wagogos com o socialismo e criticam Nyerere por ser fantasista e demasiado brando para com os «kulaks» — o vocábulo russo que designa os camponeses ricos, e que está aqui muito em voga.

«Só é possível colectivizar os camponeses pela força», argumentou recentemente um lente exilado da universidade de Dar-es-Salaam. «Dizer que é possível consegui-lo através da persuasão suave é ignorar todas as lições do socialismo.»

O êxito ou o malogro da «ujamaa» na Tanzânia é importante para toda a África ao sul do Saará, aonde mais de 80 por cento dos 200 milhões de habitantes são camponeses. Muitos deles cultivam pequenas porções de terreno com milho e inhame que lhes serve de alimentação e, às vezes, ganham uns poucos dólares por ano trabalhando a terra por conta de outros.

É uma vida rude. Escolas, estradas e hospitais são coisas que não existem em muitas destas áreas rurais. Desde a independência, tem havido um fluxo regular de camponeses que deixam o campo para vir cair nas cidades africanas dominadas pelos casebres, apesar de ali não haver trabalho para eles.

Este afluxo urbano acentua um outro grande problema, ao qual se tem dispensado menor atenção. Os agricultores africanos estão a produzir, de ano para ano, cada vez menos alimentos per capita, pois a produtividade mantém-se estática e a população aumenta. A África é cada vez menos capaz de se alimentar a si própria, à medida que os anos passam.

Os aumentos de produtividade têm-se verificado, na maioria dos casos, nas culturas destinadas à venda no mercado externo, como, por exemplo, o café, o chá, e o algodão. Isto reflecte tanto os padrões desenvolvidos sob o regime colonialista como o desejo dos governos independentes de exportar as colheitas e constituir reservas estrangeiras — que são depois gastas nas áreas urbanas.

Até agora, os padrões principais têm sido os mesmos por toda a África, quer na Tanzânia socialista quer na Costa do Marfim capitalista. Significativamente, a produção agrícola tem aumentado quase inteiramente como resultado do aumento da área de produção, e não do rendimento.

O desenvolvimento rural tem sido considerado por quase todos os governos de África como a resposta a estes problemas. Até hoje, contudo, o desenvolvimento rural tem continuado a ser uma promessa política vazia na maioria dos países, que não têm dinheiro suficiente, potencial humano treinado ou até o desejo de o executar.

Os países que são activos nos campos, tendem a apresentar o desenvolvimento rural como a expansão de eficientes métodos de cultivo, que aumentarão os padrões de vida daqueles que querem trabalhar arduamente.

No Quênia, Ghana, Costa do Marfim, Malawi e nuns quantos outros países, os «empresários» locais que usam adubos, insecticidas ou, talvez, tractores para conseguir um lucro, são apontados como exemplos aos outros camponeses. Isto encoraja o crescimento dos cultivos que rendam dinheiro em detrimento dos alimentos.

Sómente a Tanzânia propôs, e começou a pôr em acção, uma alternativa radical. A «ujamaa» surge devido, pelo menos parcialmente, à longa associação, de Nyerere com Fabian Socialism, embora ela prefira acentuar os seus aspectos africanos.

Cerca de 95 por cento da população da Tanzânia vive em áreas rurais. Em tempos colónia alemã e, depois, território sob custódia britânica antes de obter a independência em 1961, a Tanzânia é um dos países menos desenvolvidos de toda a África e produz algodão, café, sisal e pouco mais.

Na aldeia «ujamaa» ideal, cerca de 100 pessoas viveriam e trabalhariam em conjunto, tal como Nyerere considera ser o modelo da família africana. Tenderiam para os campos comunais, comprando, vendendo e consumindo as suas colheitas colectivamente e repartindo igualmente sem qualquer preocupação pelo lucro individual.

Contudo, numa maior transição para a vida tradicional da aldeia africana, as mulheres seriam consideradas como membros completamente iguais da aldeia. Geralmente, em muitas zonas, elas fazem a maioria do trabalho e recebem um magro quinhão dos benefícios da família.

A chefia tradicional e os burocratas nomeados pelo governo central seriam substituídos, nas aldeias, por chefes de célula, formados localmente, do partido Tanu de Nyerere. A aldeia, economicamente auto-suficiente, tomaria as suas próprias decisões relativamente a todos os assuntos locais.

Algumas organizações negras americanas adoptaram a palavra como um grito de combate para a unidade negra.

Em África, por outro lado, a «ujamaa» não foi tomada para modelo por nenhum outro país.

Os governos conservadores têm suscitado dela como uma frente para a introdução do comunismo maoísta e rejeitam-na resolutamente. Os Estados mais moderados tendem a considerá-la como um projecto utópico executado por socialistas europeus que pouco sabem acerca das reais necessidades e aspirações do camponês africano.

Oficialmente, o governo declara que cerca de 4 000 aldeias «ujamaa» foram instaladas em cinco anos, com um total de 1,3 milhões de pessoas, ou seja, aproximadamente, 10 por cento da população total.

Agora!

a nova

BUSCH



COM 420 AGULHAS

e muitos outros aperfeiçoamentos, continua na vanguarda de todas as máquinas de tricotar. Veja hoje mesmo a sensacional nova BUSCH nos nossos salões de exposição em LISBOA e PORTO e nos nossos revendedores autorizados.

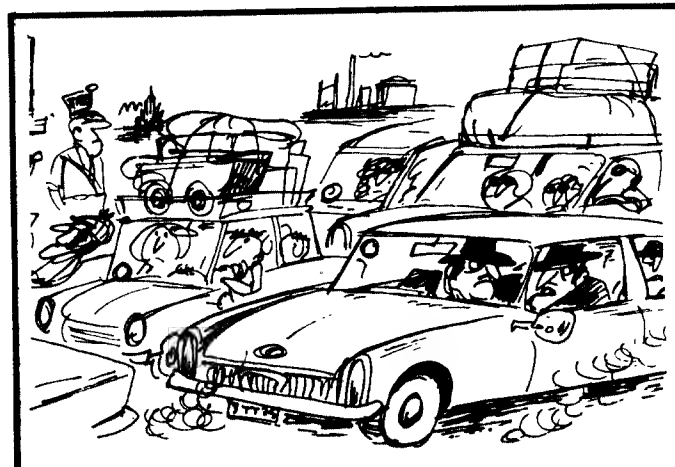
Distribuidores Exclusivos:

Soc. de Rep. **SIDA-SUECA, LDA.**

Av. Fontes Pereira de Melo, 15-D Tel 533111 LISBOA

Norte: Estabelecimentos M. Simões Jr., S. A. R. L.

Rua de Santa Catarina 614 Tel 32136 PORTO



— Tenho a impressão de que estamos a ser seguidos...



ANIVERSÁRIO

FERNANDO DACOSTA

FELICIDADE NACIONAL BRUTA

Uma notícia vinda há dias de Bruxelas dava-nos conta de algumas afirmações do novo presidente da Comissão do Mercado Comum Europeu, Sicco Mansholt, proferidas em conferência de imprensa.

Dizia ele: A Europa devia deixar de dar tanta importância ao desenvolvimento económico, ao «produto nacional bruto», e encorajar a «felicidade nacional bruta». O produto nacional bruto tem sido até à data algo de sagrado, mas é uma coisa dos diabos. Temos de pensar antes em termos da felicidade do nosso povo. É essencial que a Comissão (das CEE) examine este problema a fim de traçar as suas linhas de rumo para o futuro e de superar este desenvolvimento diabólico.

Embora se desconheçam as intenções que estão por detrás destas frases, e as vias propostas para a sua concretização, vale a pena apressá-las, mesmo ao correr dos olhos, pela importância de que se revestem — de que se podem revestir.

— NA FATIA HISTÓRICA QUE NOS COUBE, a produtividade tornou-se a razão decisiva de existir, de ser, superior à de amar, à de rir. As engrenagens montadas nesse sentido encarregaram-se de o fazer cumprir, acelerando, acelerando sempre na sacralização do seu ritmo, da sua voracidade. Perante ela o homem tornou-se peça de serviço, não usufrutuário, e o tiro acabou por sair-lhe dolorosamente pela culatra.

Muito a propósito, por exemplo, o filme *Tempos Modernos* (re)afirma hoje e aqui uma aderência invulgar, apesar do nosso ser ainda um país de tecnologias muito principiantes.

O sr. Sicco Mansholt não defende, porém (e nós muito menos), o romantismo de Chaplin, florido em quatro pés livres, duas mãos enlaçadas e dois estômagos em seco. Defende, se as suas palavras são escorregadas, o direito, a obrigação de cada um (de todos) a uma existência mais agradável, mais liberta, mais tranquila, mais autêntica — alicerces primeiros e primários da felicidade, da validade da vida.

ELA SÓ PODERÁ SER CONQUISTADA consoante forem aumentando, melhorando, as condições de desanuviamiento social; por ser motor delas, o produto nacional bruto, na expressão do presidente do Mercado Comum Europeu, passou por isso, desconcertantemente, de causa a efeito, de meio a fim.

A produtividade tornou-se assim o paraíso terreno a atingir,

a ambição gigante a concretizar, sem se olhar a meios, a humanismos, a horizontalidades, a...

Antecedendo as declarações de Mansholt, já José Saramago advertia neste mesmo jornal, com a sua grande e serena lucidez, que ela «não é o Abre-te Sésamo das economias porque se presta a aproveitamentos unilaterais, como tantas e tantas vezes foi demonstrado...»; quer dizer, ela não é só por si e em si o Abre-te Sésamo da fartura e da felicidade.

Quererá, poderá, a velha e fracturada Europa corresponder à exortação que lhe/nos chega com surpresa agora de Bruxelas?



NOVOS ÓLEOS SACOR



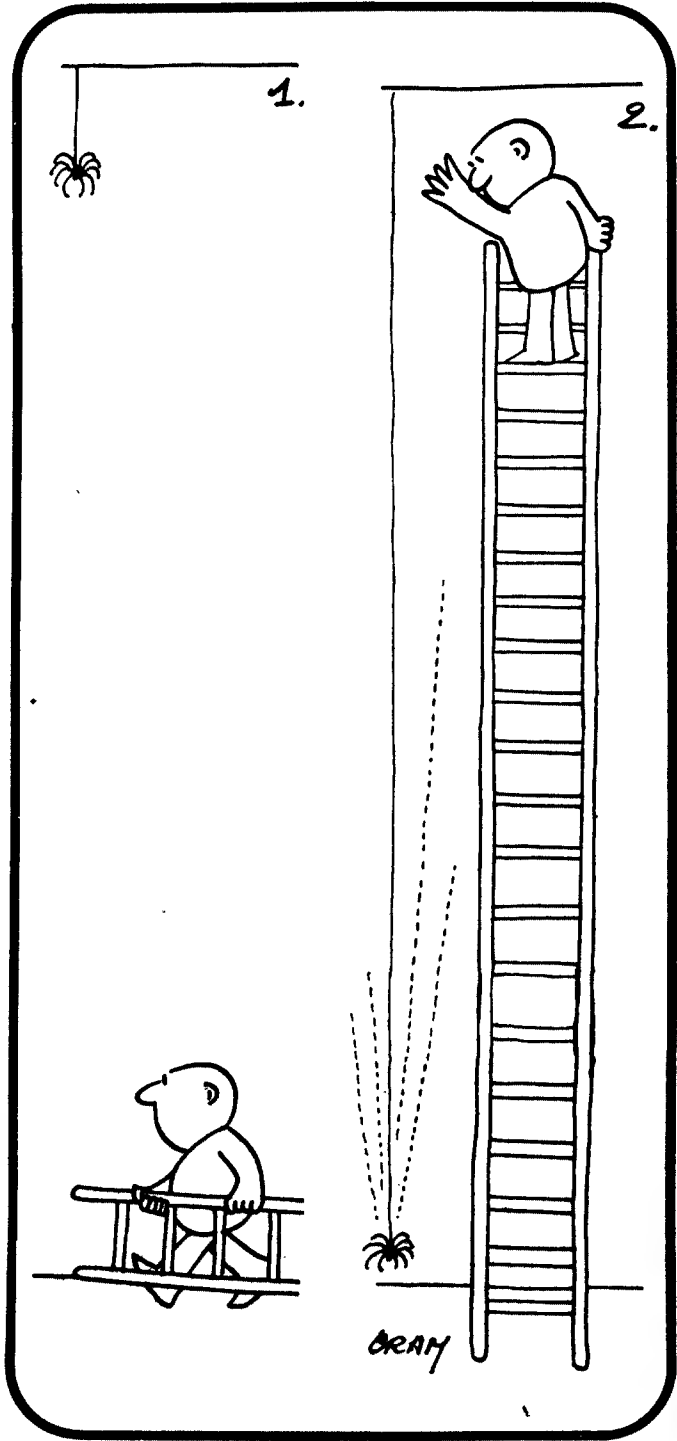
PRODUZIMOS **110 000** TON/ANO
DE ÓPTIMOS ÓLEOS-BASE

EXPORTAMOS **70 000**

COM ELES CRIAMOS A "NOVA LUBRIFICAÇÃO"

SACOR

QUE LHE APRESENTAMOS E OFERECEMOS



COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

CONCESSIONÁRIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES
VIA RÁDIO E CABOS SUBMARINOS

Serviços Telegráficos, Telefónicos e Fototelegráficos
Circuitos directos com as Ilhas Adjacentes, Províncias
Ultramarinas e Estrangeiro

Centrais Telefónica e Telex de Serviço Intercontinental
Comunicações Permanentes com a Navegação
Serviços especiais de Aceitação e Distribuição
de Telegramas

Os serviços da C. P. R. M. constituem, no seu conjunto, um forte elo de coesão nacional e de grande eficiência nas telecomunicações de Portugal com todo o Mundo, contribuindo, valiosamente, PARA A SOLUÇÃO RÁPIDA DOS SEUS NEGÓCIOS e, nas relações afectivas, permitem ENCURTAR AS LONGAS DISTÂNCIAS QUE O SEPARAM DOS SEUS FAMILIARES E AMIGOS.

Consulte-nos, pessoalmente ou pelo telefone — na certeza de que teremos muito prazer em colaborar consigo.

CENTRO DE TELECOMUNICAÇÕES EM LISBOA
e Estações em: SESIMBRA-CARNAXIDE-ALFRAGIDE-VENDAS
NOVAS-PORTO-FUNCHAL-PONTA DELGADA-
PRAIA (Cabo Verde)-SAL (Cabo Verde)-
LUANDA E LOURENÇO MARQUES.

LISBOA

Administração e Escritórios:

Praça Marquês de Pombal, 15-3/8.º. Telef. 534191/4

Serviços de Exploração:

(Reclamações
Rua de S. Julião, 131. Telef. 35551/2 (e
(Informações
Telef. 34531 (telegramas telefonados) — Telef. 34564
(pedidos de estafeta)

PORTO

Praça Almeida Garrett, 27

Telef. 25680

FUNCHAL

Avenida Arriaga, 7-9

Telef. 20011

PONTA DELGADA

Rua Açoriano Oriental, 39-A

Telef. 26333/5



ANIVERSÁRIO BORGES COELHO

QUEM TEM CORAGEM DE REIVINDICAR ESPINOSA?

Queixamo-nos de proeza no campo das ideias. Pudera! Com os ventos que têm soprado desde o século XVII! Nesta faixa atlântica só medraria o caruncho da saudade. Nas terras do exílio, sim, vingam por vezes espíritos iluminados. Mas quem tem a coragem de reivindicar Bento de Espinosa?

Um dos maiores filósofos de sempre está umbelicalmente ligado à história e à história da cultura em Portugal e não será o silêncio, o medo das suas ideias ou sequer o medo de o reivindicar, que cortarão os vínculos que o prendem a nós.

Todos aqueles que o expulsaram em vida, o reivindicaram depois da morte, ao menos a partir do século XIX. Os judeus excomungaram-no com todas as maldições da Lei («maldito seja de dia e maldito seja de noite, maldito seja em seu deitar e maldito seja em seu levantar...») e consideraram-no um deles. Na Holanda viveu como mercador português ou judeu português, embora disfrutando da amizade e do apoio dos liberais ingleses e participando na sua vida política. Hoje, consideram-no com orgulho, e legitimamente; um dos seus. Só nós o continuamos a segregar, como segregámos os pais e ele próprio, quando até os espanhóis se orgulham de ter dado o berço aos seus ascendentes.

Desde o século XVI que não cessa a hemorragia de migrantes e emigrados, hemorragia que não tem aumentado as nossas forças e algum sangue novo espalhou pelos cinco continentes. Quanto ao êxodo cristão-novo-judaico, esse atingiu um dos seus pontos culminantes nos últimos anos daquele século.

Entre os fugitivos que nas tábuas dum navio alcançaram Amesterdão, contava-se Miguel de Espinosa, natural da Vidigueira. O salto era de barco e à pata.

Nos primeiros anos Miguel comeu o pão que o diabo amassou (se tinha economias, põ-las a bom recato) e, em vez do sol alentejano, teve de contentar-se com a lama da «cidade das pulgas», bairro de lata de Amesterdão. Aí nasceu em 1632, Bento de Espinosa, fi-

lósofo maldito durante quase dois séculos.

E depois? dirá você aí. Filho de portugueses, sim, mas que adiantaria sem o ar do exílio? Seja. Com esse raciocínio segregáramos definitivamente todos os filhos daqueles que hoje, aos nossos olhos, labutam e criam em solo estrangeiro e quantos sem a organização em comunidade, com as suas escolas, como era o caso dos portugueses de Amesterdão.

A evolução e luta do pensamento cristão velho-novo-judaico da primeira metade do século XVII, quer na Península Ibérica — então unida politicamente — quer nos novos lares de Amesterdão, Veneza, Hamburgo, constituiu um dos fenómenos culturais mais decisivos da Europa do tempo. Aí se tem de procurar a fonte de uma visão crítica das Escrituras e, através das rupturas de um Gabriel da Costa e de um Bento de Espinosa, a conquista da «liberdade de filosofar».

Queiramos ou não, gostasse Bento (Baruch ou Benedictus assinou das três formas) ou não, durante toda a vida teve de assumir a sua condição nacional de português e a de judeu de crença. Os investigadores estrangeiros têm-no afirmado alto e bom som, mas com excepção de Joaquim de Carvalho, os nossos ouvidos têm sido moucos.

Querem provas da vinculação portuguesa de Espinosa?

Seus pais eram portugueses de origem: Ana d'Évora (Hana Debora — lê-se na sua lápida funerária) e Miguel Espinosa, natural da Vidigueira, como prova a escritura do seu segundo casamento.

Lucas seu biógrafo e discípulo, que o conheceu pessoalmente, assinala-o como português. O mesmo faz Colemus, padre protestante que vai habitar, após a morte do filóso-

fo, um quarto onde ele vivera.

A madrastra que o educa desde tenra idade é natural de Lisboa. Que língua teria aprendido no berço senão a língua portuguesa, falada no meio familiar e ensinada na escola. Árvore da Vida da comunidade judaica? Gebhardt, o grande estudioso de Espinosa, assim o afirmou e é possível rastrear nos seus textos latinos expressões portuguesas de origem. E não eram portugueses os seus mestres Saúl Morteira e Menasseh ben Israel, este amigo de Miguel e natural de Lisboa?

Português o declaram inequivocamente documentos notariais de Amesterdão. A fortuna de Miguel de Espinosa crescerá rapidamente e à sua morte deixava no Banco de Empréstimos um crédito superior a sessenta mil florins. Seu filho vai gerir durante dois anos (1654-1656) a casa comercial do pai. Os negócios envolvem Portugal como sabemos por uma letra sobre a praça de Lisboa no valor de oitocentos e setenta cruzados portugueses. E qual a sua nacionalidade do ponto de vista do direito? Portuguesa («Bento de Espinosa Portugees Coopman»). Não se trata apenas de uma questão de forma como sabem todos os que hoje conhecem ou conheceram o exílio.

Não venho pedir uma rua, uma lápida; uma inauguração. Venho pedir é a coragem de o reivindicar. Não em exclusivo: Espinosa foi grande demais para caber num só país.

Venho pedir aos meus concidadãos a leitura e o estudo de Espinosa, a meditação sobre o seu exemplo, a sua libertação de todas as Reais Mesas Censórias que o têm segregado para o nosso inconsciente colectivo.

Como concretizar esta reivindicação? Pugnar por que o filósofo ocupe nas nossas escolas o lugar cimeiro que lhe cabe de direito. Divulgar os seus textos. Criar um círculo de estudos Bento de Espinosa. Sei lá. Ao menos aqui fica um grito.





ANIVERSÁRIO

MARIA JUDITE DE CARVALHO

UMA VOZ NO METROPOLITANO

Às vezes há uma frase antiga, guardada e esquecida nas gavetas do tempo, e que surge na inquieta amálgama das palavras actuais. Damos com ela de caras e é um espanto. «Olá, frase, por aqui? Que é feito? Aos anos que não nos encontrávamos!»

É na verdade benévola ou sabedora esta natureza que não nos deixa ouvir de mais, ouvir tudo o que se diz, o que se grita, o que se segreda à nossa volta. Que só nos deixa ouvir com conta, peso e medida. Que nos faz ir ouvindo e ir esquecendo. Mas de repente a tal frase que não se perdeu nem se desfez, que ficou como que petrificada, fossilizada, atirada para o fundo da gaveta, e-la como dantes, só mais dura, fria, incolor.

Só mais desambientada. Porque dantes, não é verdade? Os tempos eram outros. Agora, porém... Quem a diz é outra voz, ou será a mesma? São tão parecidas, às vezes, as vozes do passado e as do presente. Ou serão as criaturas do passado

que de vez em quando fazem pela actualidade a sua viagem no tempo?

«A Teresa é uma rapariga completa.» Há quanto tempo eu não ouvia aquelas três palavras assim juntinhas e ditas com vaidade, com orgulho de rico que se exhibe, com unção. A gorda senhora de preto, amiga da minha família, ou conhecida, visita lá de casa, enfim, estava sentada a dois metros de distância, toque de feltro na cabeça e mãozinhas papudas, de vários anéis, sobre a mala. Contava sempre muitas coisas, falava de muitas pessoas, lamentava-se de incompreensão, ouvir não era com ela. Fazia, enfim, a sua charla. Nesse dia tratava-se da sobrinha (ou da filha?) que era uma rapariga completa, e também do noivo dela, sobrinha (ou filha) rapaz admirável que-não-era-desse-tempo.

Eu, menina pequena, sentada no chão a brincar, ouvia-a sem querer, e imaginava a rapariga completa (o que seria uma rapariga aos bocados, haveria

raparigas assim pelo mundo, seria possível?) e o rapaz também, pobrezinho, perdido num tempo que não era o seu, aquele tempo. Um rapaz vestido e penteado como o meu avô do retrato, encostado à coluna, com paisagem ao fundo, ou então, quem sabe, de chapéu de plumas descendo uma rua cheia de gente estupefacta, até porque não era carnaval nem nada, um rapaz assim. Que engraçado e ao mesmo tempo... Coitado, coitado do rapaz.

Mas outras frases vieram, actuais, agitaram as vozes. E o pequeno fóssil foi absorvido, envolto, enovelado em fios de som, palavras sem raiz e rangidos de máquina. Foi-se pois a rapariga completa a que alguém se referia, e o rapaz que a tinha acompanhado. Foi-se tudo e a viagem no tempo findou. Ali, em frente, no metropolitano, só uma pessoa desconhecida a dizer coisas sem sentido acerca de alguém que morava não sei onde e ia mudar-se não sei porquê.



MUELLER MONTAGEM

Agora também no PORTO

Fase da montagem das colunas de iluminação na Avenida dos Aliados

Obra executada sob empreitada dos SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE GAS E ELECTRICIDADE.



ALUGUER DE GRUAS
VENDA DE GRUAS
MONTAGENS
DESMONTAGENS
CEDÊNCIA DE PESSOAL

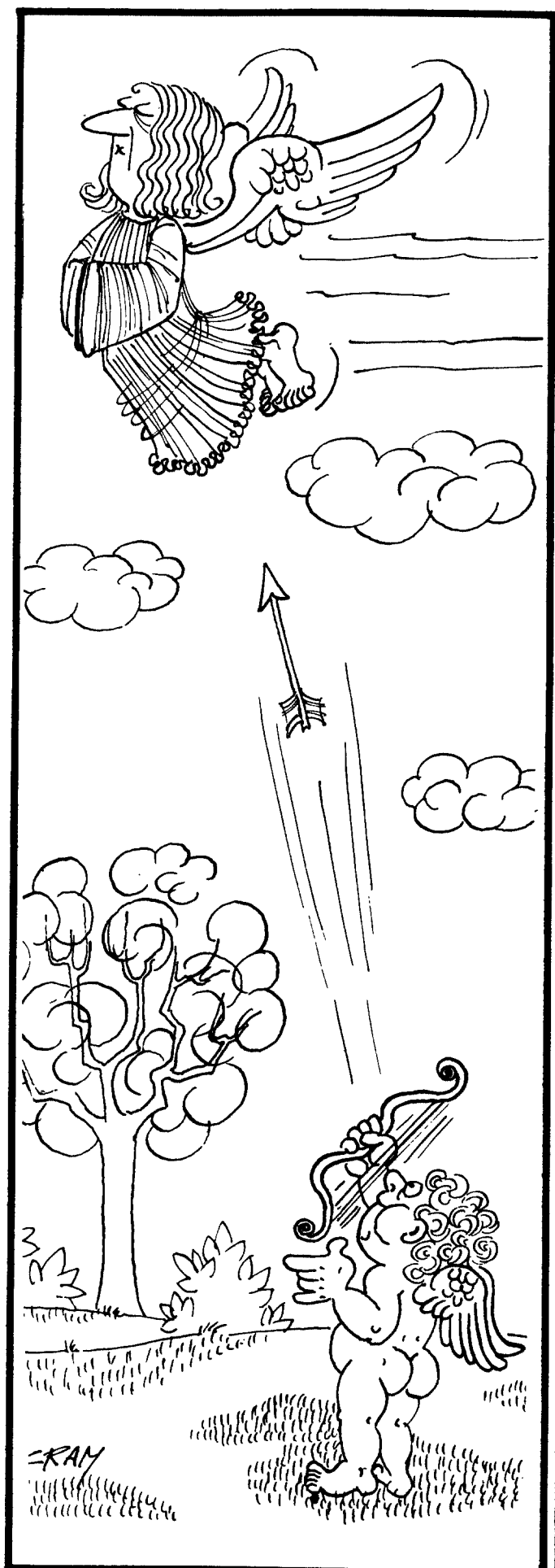


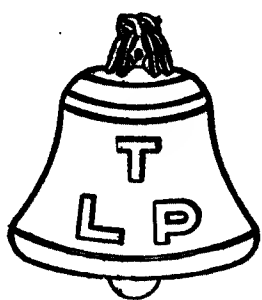
MUELLER-MONTAGEM DE ESTRUTURAS E MÁQUINAS, LDA.

LISBOA - Praça do Areeiro, 8 - 9º/10º
Tel. 72 70 56/7

PORTO - Rua do Campo Alegre, 732 - 4º D
Tel. 69 18 83

DÜSSELDORF - Am. Wehrhahn, 23
Tel. 35 92 24





TELEFONES DE LISBOA E PORTO

EMPRESA PÚBLICA - DECRETO-LEI N.º 48.007

AO SERVIÇO DO PAÍS

LISBOA—Rua Andrade Corvo, 14

PORTO—Rua da Picaria, 5

PORTO DE LISBOA

TRÁFEGO

ROLL-ON/ROLL-OFF (RO-RO)

O porto de Lisboa dispõe, em Alcântara, de um terminal especializado para a movimentação de mercadorias pelo sistema «roll-on/roll-off» (unidades de carga que transitam de e para o navio pelos seus próprios meios), que tem a capacidade de 40 toneladas e permite, por isso, o tráfego dos veículos de maior peso autorizados na circulação rodoviária.

Esse terminal, que serve ainda os turistas que se transportam em caravanas e atrelados, é apoiado por uma área de estacionamento de cerca de 6500 m².



**ADMINISTRAÇÃO-GERAL
DO**

PORTO DE LISBOA

Cais do Sodré • Lisboa-2

Sapataria ORION

Sempre as últimas
novidades para
SENHORA e HOMEM
Rua Garrett, 42 — LISBOA

TODOS OS ARTIGOS VENDIDOS
COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

ARMANDO SOARES, LDA.

Fundada em 1943
RUA PASCOAL DE MELO, 64, 2.º, Dt.º — Telef. 48692
LISBOA

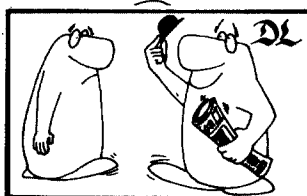


COZINHAS COMPONENTEIS ITALIANAS

AV. DA REPÚBLICA, 22-C — LISBOA

**SE TEM
AUTOMÓVEL
TEM DINHEIRO**

Condições conforme sua
conveniência até 40 meses. Sigilo.
Rua D. Estefânia, 81, 3.º, dt.º
Telefs. 40049-563751.
GUARDE ESTE ANÚNCIO



**PANCADA,
MORAES
& C.^A**

BANQUEIROS

37, RUA AUGUSTA, LISBOA



**UM SERVIÇO BANCÁRIO
COMPLETO, EFICIENTE
E PESSOAL**

**AOS INTERESSADOS NA DECORAÇÃO
DE NOVAS UNIDADES HOTELEIRAS
NA ILHA DA MADEIRA**

INÁCIO, CUNHA & REBELO, LDA., ex-empregados da
firma Castelo Branco, agora estabelecidos na RUA ANDRADE,
4, r/chão, em Lisboa, têm imenso prazer em anunciar
a todos os interessados, que estão habilitados em fornecer-
lhes, a preços de concorrência, os seguintes artigos:

- TECIDOS, ALCATIFAS E FERRAGENS PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES;
- PERGAMOIDES, NAPAS, COLAS, PRECINTAS, CALHAS E ACESSÓRIOS PARA CORTINADOS;
- SUMAÚMAS, CRINAS, ESPUMAS, MOLAS, COXINS E COLCHÕES DE MOLAS E ESPUMA.

CONSULTEM-NOS, DAMOS ORÇAMENTOS C/ COLOCAÇÃO POR PESSOAL ESPECIALIZADO

**APROVEITE
AGORA...**

CENTENAS DE FRIGORÍFICOS DESDE

1.900\$00

NA MAIOR CASA DE ELECTRODOMÉSTICOS
DE BENFICA

VISITE-NOS

ESTRADA DO POÇO DO CHÃO, 55-B
Telef. 70 81 47

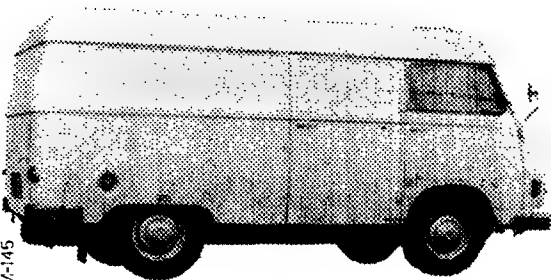


**Este
é o seu lugar...**

Sentado durante horas num assento individual bem estofado, depois de regulado a seu gosto, ficará sabendo a nossa opinião sobre conforto!

A cabina foi isolada de ruídos com tablier almofadado onde todos os instrumentos de serviço estão perfeitamente visíveis e à mão.

O volante proporciona confiança nas difíceis situações de trânsito.



Várias versões ao seu alcance:

- Furgão com porta lateral, normal ou de correr
- Utilitárias
- Autocarros
- Chassis com cabina caixa aberta
- Cabina normal ou dupla

**HANOMAG
HENSCHEL**

Além de comodidade, com os novos furgões dispõe de segurança robustez, economia e espaço . .

Somente **HANOMAG HENSCHEL** oferece a solução racional que poupa tempo e fadiga.

**HANOMAG
HENSCHEL**

REPRESENTANTES

IMPÉRIO DA BEIRA, AUTOMOVEIS, S.A.R.L.

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 24 - C • TELEFONE 72 80 81 • LISBOA - 1

AGENTE NA ZONA NORTE: - A. M. DA ROCHA BRITO, LDA. • R. SÁ DA BANDEIRA, 112 • PORTO



**(MEDIADORES AUTORIZADOS)
NA COMPRA VENDA
E HIPOTECA
DE PROPRIEDADES**

Av. Almirante Reis, 104-2.º

Telefone 53 61 11/2/3

LLORET & XAVIER, LDA.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Lâminas para a indústria corticeira

Largo do Corpo Santo, 21-1.º, Esq.º

Telef. 324671 e 327258 — Lisboa - 2

A. MARINHO DA CRUZ, LDA.

**ARMAZENISTA
DE PAPEL**

E

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

Representantes de:

TALHERES BOULENGER

Telefones: 32 36 28 e 32 36 82

Telegramas: «CUNHADO»

RUA NOVA DO ALMADA, 80 S/LOJA
LISBOA

AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA

DE

GASTÃO MENDES BARATA, LDA.

SÓCIO GERENTE: ANTÓNIO B. MENDES BARATA

REGISTADA

GARAGENS E OFICINAS PRÓPRIAS

SEDE NA:

194 — RUA SARAIVA DE CARVALHO — 202

Telefone P. B. X. 66 11 13 - 66 50 27

LISBOA



ANIVERSÁRIO

MÁRIO VENTURA

MUITOS ANOS ATRÁS, NUM DIA EM QUE NÃO ESTIVE...

Vejo-me num dia de Fevereiro de um ano longínquo. Não existo ainda, nesse dia, em 1927. Tenho à minha frente quase dez anos de nada. Dez anos que não pertencem ao meu mundo pessoal, porque não os vivi, porque me é inacessível a sua natureza, porque quanto deles venha a saber, muito tempo depois, não chegará para os retirar da bruma de irreal ou de fantástico em que se afoga ou dilui aquilo que fica para trás da nossa vida possível.

Mas ainda assim, depois de eu nascer, de distinguir cheiros e aprender cores, descobrir a mecânica das palavras e adoptar o jogo da linguagem, de conhecer lugares e distâncias, de compreender a natureza dos semelhantes e o significado da própria palavra semelhante, de me habituar à estranha mutação dos sentimentos que podem ser — assim o saberei — bons e maus, simples e complexos, naturais e artificiais, acessíveis e distantes, ainda assim, muitos anos há-de passar até que eu saiba, ou perceba, que houve um ano chamado 1927, e um dia determinado, preciso, incisivo e torturante nesse ano quase dez anos mais velho do que eu, um dia — dias? dias? semanas? meses?, eis uma subtilidade que jamais poderei desvendar — que me fará primeiramente pensar, com tristeza, perturbação ou amargura, em todos aqueles que o(s) não conheceram, ou não sentiram. E tão forte será a sensação de impotência gerada por esse facto, que me fará perguntar se vale a pena ter existido tais dias e acontecido tais coisas, para que poucos anos depois, momentos apenas, escassos e longos, as pessoas os esqueçam, ou nem cheguem sequer a conhecê-los, como se nada mais pudéssemos fazer do que perseguir o dia seguinte, até ao dia em que já não houver seguinte, e em que o futuro se tornará tão inacessível como o passado que nunca nos atraiu.

E é tão difícil achar-mo-nos de súbito num dia há muito acontecido — vejo-me a considerar com certa melancolia, enquanto folheio papéis velhos e amarelados, que põem a circular, agora que não passam de simples sepulcros, um pózinho fino e penetrante, e nos deixam nos dedos as manchas castanhas dos fungos que quase lhes diluem a prosa impressa. Fácil, emenda a minha inquietação, mas aleatório também. Porque desenterrar papéis velhos é uma cavar moeda falsa em busca de uma libra de ouro: jamais se descobre a parte real tal como a prevíamos, e o que se encontra é uma mescla a que a dúvida dos anos rouba a cor e o brilho da verdade.

Nesse dia distante do mês de Fevereiro, Lisboa, 1927, os jornais de então são quase unânimes em considerar o tempo bonastoso e algumas nuvens no céu. A secção «Elegâncias», nas folhas de cariz tradicionalista, dá notícia de terem regressado às suas casas de Lisboa a sr.^a viscondessa de Coruche e os srs. condes de Águeda, e informa que foi pedida em casamento a «interessante filha da sr.^a D. Silvéria Antunes Pedrosa». As colunas de espectáculos,

abundantes e variadas, mostram que Lisboa é uma cidade que se diverte (sê-lo-á, de facto?).

O Bristol Club anuncia «charleston e variedades» ao almoço, ao jantar e à ceia, no Salão Foz exhibe-se a Companhia de Bailados Russos Sascha Morgowa, Berta de Bivar e Alves da Cunha representam «Frei Luís de Sousa» e «Justiça», e nos cinemas o público ri com os gags de Mack Sennett, com as aventuras de Ramon Novarro ou deslumbra-se com a beleza de Mary Pickfords. O Salão Central anuncia a quarta lição de charleston, a «dança da moda», que se torna num dos raros esforços de elite para trazer até ao País, em 1927, o desconhecido e distante século XX.

A publicidade já fez o seu aparecimento na imprensa, e alguns jornais, nesse dia de Fevereiro, dedicam aos anúncios cerca de metade do espaço. Alguns, apenas, porque outros continuam relutantes a esse sub-produto da actividade jornalística, condutor de interesses e pressões insuspeitadas, que levará um jornal da época a escrever:

«Ser-nos-ia fácil, evidentemente, obter alguma publicidade de favor, condescendências de amigos, generosidades de empresas ricas... Essa publicidade não nos interessa, como não nos interessa o que não seja verdade e sinceridade. O critério de que a página de anúncios é um muro, onde cada um afixa o que quer, não é nosso».

Assim, nos jornais considerados «sérios», que têm o aval dos espíritos bem pensantes, a publicidade aparece em barda. A Companhia Geral de Crédito Predial classifica-se de «mealheiro do povo», a Companhia Nacional de Navegação ufana-se dos seus doze paquetes, com «todos os modernos requesitos de navegação», e a Farmácia Franco apregoa os valores fortificantes do seu «vinho nutritivo de carne» e da «farinha peitoral ferruginosa». Mas já então, na página de anúncios de qualquer jornal é omnipotente a presença de Bancos, que exibem, tal como hoje, seus capitais, reservas, administradores, agências, etc.. Em todo o tapume publicitário de um jornal da época, apenas uma actividade realmente produtiva: a do sr. Eduardo Gomes Cardoso, que anuncia um gasogénio especial e seu fabrico, com o qual «garante uma economia de 150 a 200 por cento em confronto com o consumo de qualquer Locomóvel a vapor». É o progresso mecânico, a impor-se laboriosamente no meio das actividades que exploram a credulidade ou vivem do dinheiro alheio.

Mas, nesse mesmo dia, publicam-se outros jornais que denotam preocupações

muito diversas, chegando a editar suplementos especiais de que excluem toda a publicidade. O *Diário de Notícias*, por exemplo, de que ainda é director Eduardo Schwalbach, dá um vibrante «Viva a República» à la une, a toda a largura das suas sete colunas. O *Portugal*, que tem duas edições diárias e se apresenta como o «jornal político de maior circulação», dá à sua peça principal o título de maior revolução: «movimento revolucionário do Porto», informando logo de seguida que «as forças fiéis bombardeiam com toda a violência as posições dos revoltosos». A *Batalha*, «porta-voz da organização operária portuguesa», propriedade da Confederação Geral do Trabalho, noticia sobriamente: «Forças do exército da guarnição de Lisboa, em conjunto com marinheiros e populares, lançam o grito de re-

que a sua localização no tempo se me afigura por vezes infinitamente remota, não me transmitem uma visão de conjunto sobre o referido movimento revolucionário, e muito menos a compreensão das ocultas razões que o tenham feito deflagrar e o estejam ainda a alimentar nesse dia distante de 1927. Parece que a imprensa se afina na enumeração de breves episódios, mais destacados quanto mais pitorescos, de mistura com algumas afirmações políticas, tão despidas de conteúdo que se assemelham a insultos sem convicção e sem força. Tudo isto transfere assim, para o dia de hoje em que me ponho a contemplar esse dia distante, o panorama triste e embaraçoso de uma guerra de opereta, em que os confrontos mais violentos parecem verificarem-se no Largo do Rato, com graves consequências

A Artilharia 3 fez alguns tiros, e os resultados foram sérios, como se verifica por este flash que o *Diário de Notícias* insere: «Uma granada caiu no Hotel Internacional, entrando pela janela do quarto n.º 53, e passando pelo quarto n.º 52 foi sair pelo telhado causando vários prejuízos». As duas da tarde os eléctricos já recolheram todos às estações de Santo Amaro e Arco do Cego, e o trânsito de automóveis é fiscalizado com todo o rigor, «exigindo-se aos passageiros que não sejam da imprensa que digam a senha dos revolucionários».

As granadas contam-se pelos dedos, e por isso os jornais as registam com os estatísticos de quem elabora estatísticas: caiu uma «em cheio no Ministério da Guerra», outra na rua dos Retroses e outra na Rua da Prata. E as balas, sobretudo

tas. Mas este jornal tem a preocupação de fortalecer a sua informação com sucintas declarações de alguns dos responsáveis que dirigem o ataque às forças revoltosas. E é assim que dá a palavra ao sr. Ministro da Guerra, interrogado a propósito sobre as próximas operações, que dependem naturalmente da sua decisão:

«O ataque em conjunto vai ser feito esta manhã. Assim o quiseram, amanhã o ter-

rá».

A declaração, tem todo o sabor de uma frase lapidária, e a *allure* do Ministro não lhe deve ficar atrás. Faz uma pausa de reflexão, que o repórter aproveita para escrever, e prossegue:

«Hoje, de manhã, evitando o sacrifício da população do Porto, mandei um emissário aos revoltosos, com um ultimatum para se renderem imediatamente. Recusaram-se a isso. A população do Porto que lhes agradeça, tanto mais que eles se colocaram em posições que nos obrigam a atingir muitos edifícios!...»

Mas sabemos também, em seguida, que a operação está a ser sabotada pelo nevoeiro. É preciso esperar que ele passe, pois, de contrário, poderiam ser atingidas as forças fiéis de Braga e Viana, que se preparam igualmente para iniciar o ataque. E depois de assinalar que a cidade é sobrevoada a grande altura por dois «Wickers», o jornalista acrescenta que o sr. ministro da Guerra se encontra acompanhado pelo sr. ministro da Agricultura.

Nessa noite, em Lisboa, o Chiado Terrasse exhibe a pedido «o fenomenal sucesso em doze partes» *O Ladrão de Bagdad*. Morreu a menina Irene Alves, é homenageado Humberto Pelágio — o que revela que ele, «no exercício do seu espíritos cargo, tem sabido fazer justiça» —, a Sociedade Estoril vende travessas velhas, vai sair para o Rio de Janeiro o paquete «Drechterland», faz anos D. Ricardo Vilardebó.

E enquanto isso, a revolta caminha lentamente para o seu *break-down*. Sem que eu, agora, menos de cinquenta anos depois desse dia em que não estive, mas em que gostaria de ter sido pessoa, coisa, bala de espingarda, grito, derrota, perca as razões concretas, exactas, exigidas pela curiosidade de quem chegou tarde a um acontecimento de quem nem sequer se celebram as cinzas.

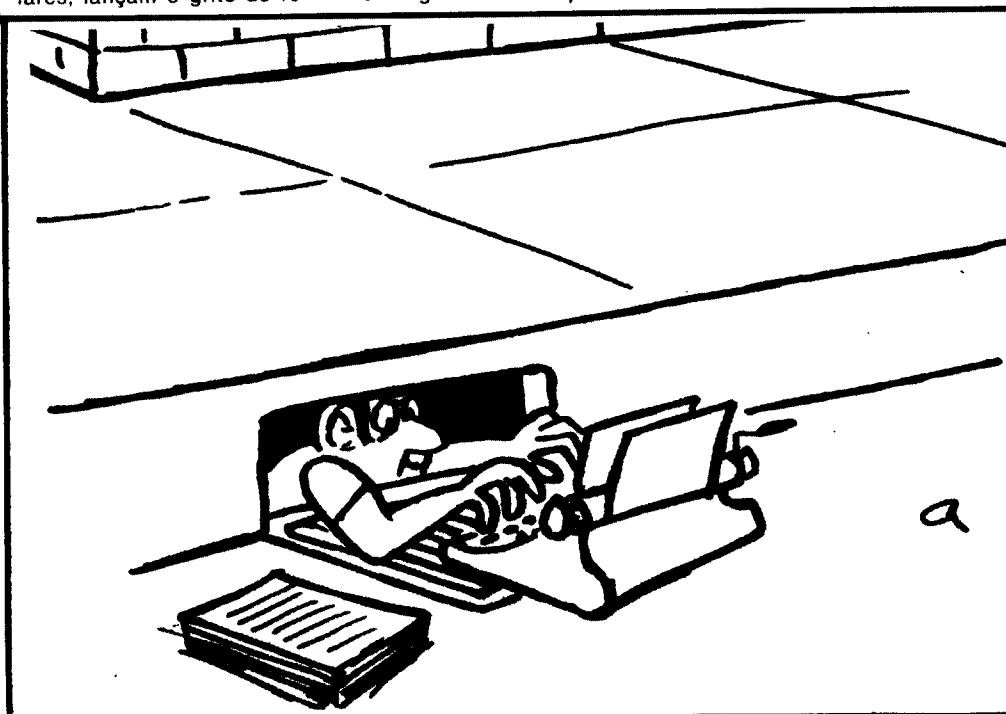
No dia seguinte já nada se dirá.

Uma semana depois tudo estará calmo e alapardado.

Um ano mais tarde, Lisboa divide-se de novo: há doze girls no Olímpia Club, o Bal Tabarin apresenta variedades estrangeiras, no Eden Teatro estreia-se a revista «Manjerico».

Em 1927, eu tinha menos dez anos. Hoje, olhando a sepultura em que jaz esse dia de Fevereiro, sinto-me vergado por séculos de perplexidade. E já nem distingo a realidade da fantasia.

Março de 1972



volta contra a ditadura. Mais uma vez o sentimento liberal do povo de Lisboa se manifesta novamente...». É, de todos os jornais, o único que se coloca à margem dos partidos, que não exalta o ideal republicano ao estilo heróico tradicional, alegando somente a sua indefectível ligação com os trabalhadores.

Aliás, poucos dias antes, fora *A Batalha* (inopinadamente assaltada), sendo os seus ocupantes, jornalistas e tipógrafos, «conduzidos debaixo de escolta para a esquadra do Caminho Novo, onde ficámos incomunicáveis até ao fim da tarde de ontem». A notícia é amarga, severa para com os culpados da detenção — motivada pela denúncia de que *A Batalha* imprimia jornais revolucionários — mas termina com a alegria e o entusiasmo que correspondem à libertação: «Às 11,30 da manhã vimos através da fresta do calabouço chegarem alguns guardas republicanos e alguns polícias levantarem as espingardas, e detestarem-se depois no seu gesto, hesitantes. Rompemos logo tomados de grande entusiasmo aos vivas à liberdade... Dois minutos depois estávamos libertos».

Mas o folhear destes jornais, de matéria já tão frágil

para os jardins do sr. Duque de Palmela...

Apenas num jornal encontro uma tentativa de dezasseis linhas para explicar o movimento em Lisboa. Mas, ainda aí, a palavra «movimento» tanto pode significar marcha de tropas com objectivo mais ou menos determinado, como simples deslocação de pessoas ou actividades. Nada há, nas notícias, que permita defini-lo como a corporização de intenções latentes à medida do País. Pelo contrário, todos os episódios que se sucedem vão surgindo como improvisados acrescentos a uma centelha que explodiu não se sabe onde, nem porquê, nem por obra de quem.

Cerca de meio século depois, a minha curiosidade esbarra na neblina, involuntária mas persistente, que caracteriza a História feita, dia após dia, pelos jornais. E resigno-me, assim, aos episódios, às proclamações, aos pequenos e grandes, mas sempre desgarrados, heroísmo, confiando em que eles possam, no seu conjunto, dar-me a compreensão que não tinham, na época, aqueles que foram suas testemunhas. Que não tinham, ou que não souberam transmitir, presos como estavam da fidelidade aos eventos mais efêmeros.

As perdas, vão fazendo seus estragos: «Uma bala acertou no antigo colchoeiro da Rua da Rosa, de nome Dias, que estava à janela na sua casa da mesma rua, 232, 3.º, matando-o». A aviação faz o seu aparecimento, e algumas vezes com bombas: «Sobre o Largo de S. Mamede andou um aeroplano em evoluções». Mas também a Marinha tem uma palavra a dizer: «O cruzador «Vasco da Gama» e a canhoneira «Ave» subiram o Tejo às 4 horas da tarde aproximadamente».

Entre as raras notícias de natureza política, apenas destaque uma: «Após uma conferência havida às 4 da tarde entre o sr. coronel Valadas e os srs. major Sangreman Henriques e José Rodrigues, declarou o comandante da G. N. R. que permanecia fiel ao Governo mas que dava liberdade aos seus oficiais para procederem conforme entendessem. Findo o movimento, qual quer que seja o seu resultado, afirmou que apresentava a sua demissão de comandante da G. N. R.».

Entretanto, o *Portugal* argumenta com a falta de gramática do manifesto que os revoltosos fizeram distribuir no Porto, e atribui aos signatários filiações financeiras mais ou menos suspeitas.

ONZE MIL METROS DE FITA REVELADA PARA DOIS MIL A VER NA TELA; OITO SEMANAS DE FILMAGEM PARA MAIS DE UM ANO DE MONTAGEM; CERCA DE OITO CENTOS CONTOS DE CUSTO TOTAL, COM OS JUROS E MAIS OS GASTOS DE UMA PRODUÇÃO QUE NÃO TINHA À PARTIDA OS CAPITAIS SUFICIENTES; UM FILME PORTUGUÊSARRANCADOAFERROS:UMA ABELHA NA CHUVA; GENTE DO FILME A GANHAR CEM ESCUDOS POR SEMANA NA FIGUEIRA DA FOZ, ALMOÇANDO SANDES; MÁQUINA ARRIFLEX POR EMPRÉSTIMO; A PENSÃO POR PAGAR; DUAS CÓPIAS PARA CIRCULAÇÃO COMERCIAL DO FILME DE FERNANDO LOPES QUE VAI APARECER EM LISBOA; UM DISCURSO FÍLMICO QUE SE INSPIRA NUM TEXTO DE CARLOS DE OLIVEIRA; OU UMA PROPOSTA DECISIVA PARA A MODERNIDADE QUE NÓS, OS DE HOJE, EXIGIMOS DO CINEMA PORTUGUÊS



SUPLEMENTO
LITERÁRIO

"UMA ABELHA NA CHUVA":

APROXIMAÇÃO DE "UMA ABELHA NA CHUVA"

Para escrever sobre o filme de Fernando Lopes parece-me que uma condição se impõe — escrever sobre o filme, isto é à letra com o filme debaixo dos olhos. Escrevo em condições completamente diferentes. Vi «Uma Abelha na Chuva» uma única vez e há alguns meses; escrevo, portanto, sobre as impressões que o filme deixou em mim, sabendo embora que o trabalho correcto a fazer será uma leitura na mesa de montagem.

Em primeiro lugar temos a articulação de espaços diferentes — sociais (o mundo dos patrões e o mundo dos criados), estéticos (o «realismo», o teatro, a montagem-cinema) e significativos (linguístico, musical, fílmico). A interpretação e a separação entre estes diversos espaços é feita pela alternância (pela intervenção de uma leitura que o próprio filme faz de si próprio — o teatro, o folhetim, uma carta, géneros que introduzem a dúvida sobre três conceitos-chave do cinema tradicional): a representação, o drama, a verosimilhança). A coexistência dos «géneros» em «Uma Abelha na Chuva» é um factor de desordem, ou de contradição, dentro da linearidade da narrativa. Mais: ela não contribui para a inserção do filme nos limites de qualquer desses géneros (não se trata de um filme psicológico, nem de um filme policial — nem de um filme «moderno» na medida em que a «modernidade» dos sub-Godard e dos sub-An t o n i oni já constitui um género) mas sim para acentuar a contradição e simultaneamente a especificidade próprias do Filme.

Os elementos da ficção (personagens, «históricas», drama, etc.) intervêm como o investimento da representação (nível significado) no significante — a «visibilidade» des-



Rui Furtado e Carlos Ferreiro: o investimento da representação

se investimento, porém, provoca o «mal estar» da ficção. A consequência deste mal estar é o sobre-investimento da imagem, comportando uma leitura dos sentidos que ela recobre — a importância do elemento líquido, dos materiais, (décor, actores, texto), da significação, é constantemente sublinhada sem que possa ser reduzida a temas (psicanalíticos, estéticos ou linguísticos). O que em última análise se evidencia é, portanto, o fazer do filme, e a estranheza possível perante essa evidência só demonstra a invulgaridade de «Uma Abelha na Chuva» e o problema da sua existência.

NUNO JÚDICE

O PESO DO SILÊNCIO

Na gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. Nelas vivem homens semeando e colhendo, quando o estio poupa as espigas e o inverno não desaba em chuva e lama. Porque então são ramagens torcidas, barrancos, solidão, naquelas terras pobres.

CASA NA DUNA

Vocabulos de sílica, aspereza,
Chuva nas dunas, tojos, animais
Caçados entre névoas matinais,
A beleza que têm se é beleza.

SOBRE O LADO ESQUERDO

Passei a infância aqui. Conheço já a cor incerta, o branco transformado em roxo, o roxo em cinza, da névoa que bate na janela. E o peso do silêncio nas traves do telhado, a humidade irrespirável, a luz difícil.

O APRENDIZ DE FEITICEIRO

O filme de Fernando Lopes não captou apenas, nem talvez principalmente, a espessura romanesca do texto de que traz o nome. A coincidência é muito mais ampla e profunda. **Uma Abelha na Chuva** - filme é uma leitura criadora, autónoma, não somente de **Uma Abelha na Chuva** - romance, mas de todo o universo poético de Carlos de Oliveira.

Uma ferocidade elementar e social atravessa o discurso elíptico deste filme de silêncios e de sombras. O realizador compreendeu que as ramagens torcidas, a chuva nas dunas, as terras pobres, a humanidade irrespirável, e, além disso ou em tudo isso, o peso do silêncio, a luz difícil, eram as grandes presenças nesse mundo revoltado e áspero. Se quiséssemos definir um pouco a linguagem do filme **Uma Abelha na Chuva**, que é o mais belo que o cinema português já nos deu, poderíamos exactamente fazê-lo com algumas dessas palavras de Carlos de Oliveira: o peso do silêncio, a luz difícil.

GASTÃO CRUZ

O PRIMEIRO SALTO PARA FORA DO CHARCO

Não vou falar da genialidade de Fernando Lopes, rebuscando nos lados positivos e negativos, em exercícios de trapézio intelectual, a sua evidência. Pelo menos, de acordo com o significado que se dá comumente aos termos **gênio é genial**, não podemos, sem cair no ridículo, aplicá-los ao filme «Uma Abelha na Chuva» nem ao seu realizador. De resto, isto de génios... Um Chaplin... Enfim.

De qualquer forma, estamos perante uma obra que pode ombrear com as melhores do cinema actual. Não em termos relativos de cinema português, mas do cinema no mundo. Pela primeira vez, doa a quem doer, embora pareça que não devesse doer a ninguém.

Fernando Lopes demonstrou, nesta sua produção, qualidades invulgares de inteligência, de cultura, de conhecimento técnico, de honestidade e de coragem, de sentido estético e de bom gosto.

Inteligência e cultura, cultura viva, autêntica, dinâmica, enraizada na sua época, no conhecimento e compreensão deste país, nunca desligado do mundo, quando escolheu a obra de Carlos de Oliveira, quando a recriou cinematograficamente, valorizando-a numa linguagem específica de cinema, sem nunca a desprezitar ou trair. Quando, consciente da fragilidade da interpretação ou de algumas interpretações, delas aproveitou o melhor, eliminando os seus pontos fracos. Quando nos transmitiu uma realidade social sem cair em demagogias fáceis, mostrando-nos gente autêntica, sem se deixar levar por um subjectivismo tosco e falso.

O desfasamento, as contradições dramáticas em que aquele mundo se move, a profunda melancolia, a incompreensão terrível do que os cerca e de si próprios, a angústia de uma inadaptação, a vaga ansiedade de fuga, uma tristeza cinzenta, molhada, sem revolta verdadeira, apenas leves momentos de reacção, tudo nos é dado. Homens, paisagem, movimento, tudo se confunde na mesma dolorosa realidade.

Há imagens inesquecíveis - a noite de insónia do homem, de vigília até clarear o dia, o deitar da mulher - carregado de significado -, o teatro, a conversa junto ao forno e tantas, tantas outras.

A fala - calcanhar de Aquiles dos actores nacionais, especialmente no cinema - foi em grande parte eliminada e utilizada brilhantemente a voz em off. Essa banda falada é, de resto, toda ela excepcional.

Coragem e honestidade quando Fernando Lopes não cedeu nem um milímetro perante o público possível, a sua aceitação ou não aceitação. São disso exemplo as imagens paradas, terrivelmente paradas, exasperantemente paradas até um limite onde só o verdadeiro talento pode ir.

Conhecimento técnico e aproveitamento dessa técnica que leva o realizador a criar uma linguagem que, sendo a resultante necessária de todo o caminho anterior do cinema, é a sua, própria, imaginativa, caracterizada e eficaz.

Sobre tudo isto, envolvendo tudo e deixando-se envolver por tudo, um verdadeiro impacto de beleza, beleza interveniente, cruel

em certos momentos, que nos toma e nos angustia. Uma angústia que é mixto de dor e de inebriamento.

Não sei nada de cinema, sou um espectador. Nada me liga pessoalmente aos nossos cineastas. Desconfio até dos ares de muitos deles, ares de pequenos génios, definitivos, superiores e pretenciosos, sobretudo se atendermos à relação entre eles e as obras feitas. Não sou amigo de Fernando Lopes, pouco o conheço. Mas quando saí da sessão privada onde vi «Uma Abelha na Chuva» tive uma das raras sensações de felicidade que os tempos de mediocridade em que vivemos podem permitir. Fui procurá-lo, não para o felicitar apenas, mas para lhe agradecer.

Génio? Não. Mas inegavelmente um artista, talento real feito de inspiração e muito trabalho sério. Uma cultura ao serviço da sua arte.

Nada sei dos transcendentais mistérios que alguns cineastas conferem à sétima arte, irrita-me a sua linguagem de ritual maçónico e outras tretas no género, a sua profunda e provinciana falta de humildade, mas tenho visto, como espectador, o melhor que o cinema fez. Como no princípio afirmei, este filme é, a todos os níveis, uma obra-prima. Obra-prima que até hoje, entre nós, não tinha havido.

Foi o primeiro salto para fora do charco. E oxalá que os outros sigam caminhos idênticos, nos façam dizer: «Afinal, não era só aspecto exterior...»

ALEXANDRE BABO

UM FILME EM PORTUGUÊS MODERNO

UMA SOMA DE DESTRUIÇÕES

Creio poder ser este um dos ângulos de abordagem do filme de Fernando Lopes: não se trata tanto (nem sequer) duma «adaptação» (libérrima que seja) duma obra literária quanto de uma **escrita** (com imagens e sons montados segundo um critério que encontra a sua própria coerência em pleno processo de feitura) só possível, estruturalmente, especificamente, no filme. Retirado (ou destruído) o que em «UMA ABELHA NA CHUVA», filme, é ainda do esqueleto literário (os rudimentos das duas situações dramáticas que formam o complexo da intriga; certos planos descritivos; a tessitura de alguns diálogos) resta afinal o mais importante: um texto fílmico singularmente **corajoso** porque singularmente **coeso** na sua especificidade — que reside, e num grau de elaboração nunca alcançado em filme português, na **montagem**, princípio e fim da arte do cinema. Neste plano, «UMA ABELHA NA CHUVA» torna obnóxias certas divagações (ainda subsistentes) que incidem nas relações «função/ forma», ou «tema» e «escrita»: o filme de Fernando Lopes não solicita tão inócua discussão sobre a galinha e o ovo. O que não quer dizer que ele não comporte o bastante grau de subjectividade — essa carga poética, essa capacidade de emoção, essa peregrinação pelo outro lado do espelho sem as quais toda a **escrita** não passaria de mero bordado formalista. E é aqui, neste grau de subjectividade, que se vai encontrar no filme — e à letra — o Carlos de Oliveira — o seu denso universo nocturno, a contensa, cristalizada micropaisagem desse universo.

O rigor na fidelidade nada tem que ver com sujeições burocráticas, por mais humildes e respeitadoras. Se mais não fosse, o filme de Fernando Lopes já (se) bastaria como exemplo desta única fidelidade.

Mas seria melhor falar aqui de fidelidades: a um tempo português (transcrito com exasperante exactidão), a uma vida mais **representada** que **vivida** (e mais **sonhada** que **representada**), a um conflito social feito de silêncio, de frustrações reprimidas, de subjacentes rancores, de pequenos gestos logo reprimidos, de breves exteriorizações logo lamentadas.

«UMA ABELHA NA CHUVA» é um filme que ilumina estas tantas **obscuridades**. Ilumina-as lentamente, minuciosamente, com uma obstinada gravidade. Penetra no fundo da noite (o filme é dedicado a João Rodrigues) não como um sonho (apesar das aproximações com uma ambiência onírica surrealista), antes como visão transparente — para aquém e para além da estagnada aparência das coisas.

Se é verdade que a arte moderna (logo, também o cinema moderno) se pode caracterizar como uma **soma de destruições** (mais a correspondente meditação autocrítica desse fenómeno), o filme de Fernando Lopes inscreve-se decisivamente na modernidade. E tanto mais quanto é certo deixar ele reflectir as carências de que afinal se serve para a sua construção.

Filme contra o espartilho «literário»? Filme contra o modelo estético que entre nós (e não só) monopoliza a representação da realidade? Filme contra as deficiências do seu próprio processo de produção? Filme contra o espectador e os seus vícios e preconceitos de leitura?

Sem dúvida. Por isso mesmo um filme. O filme. Em português moderno.

VITOR SILVA TAVARES



D. Maria dos Prazeres (Laura Soveral) e Álvaro Silvestre (João Guedes): fantasmas



NÃO SÓ UMA OBRA-PRIMA DO CINEMA

Não sei como fazer. Que tenhamos durante largos anos denegrido quase todo o cinema português, ou para ele olhado com o tolerante olhar do «sim, mas...», e que, de repente, desatemos a descobrir obras-primas no horizonte — suponho que tudo isto se tornará suspeito. E contudo, responsável ou não pela fórmula, tenho o gosto de a repetir: creio que **O Passado e o Presente** é uma obra-prima do cinema português. Explico melhor: dizer «uma obra-prima do cinema português» não é o mesmo que dizer **tout court** uma «obra-prima». O que alguns parecem não ter notado. Mas adiante. Gostaria de não me embulhar demasiado neste fio de razões, sem contudo perder a oportunidade de falar em jeito de depoimento, com a fluência da fala e da emoção, sem o risco de ver aparecer o imbecil de serviço a perguntar-me uma vez mais: «Então isso é que é crítica científica?». Pois acontece que vi duas vezes **Uma Abelha na Chuva** e saí de lá sempre acrisolado de espanto. Não só, meus amigos, uma obra-prima do cinema português (com todos os defeitos que uma obra **deve** ter), mas também, e isso é que me assusta, **um filme terrivelmente importante para o futuro de todos nós (do cinema e das pessoas)**. A fita de Manuel de Oliveira tem uma alegria crepuscular: é a requintada apoteose de todo um cinema em que vivemos. A de Fernando Lopes volta-se, de repente, numa rotação felina e silenciosa, para a face oculta do que não sabemos, e deixa-nos entre um estremecimento e um recolhimento, no limiar, presos do que vai ser.

Tenho uma teoria, evidentemente, a ver se pega. Que

o filme de Fernando Lopes resulta de uma simetria cruzada: entre a ficção dum livro (o de Carlos de Oliveira) e os livros de ficção (representação de **O amor de perdição**, folhetim sobre o Cavaleiro e a Dama). Na fricção que resulta do contacto acende-se a claridade do filme. Ou ainda outra coisa. Diz-me o dicionário que tenho mais à mão que «acareamento» é a «acção de acarear testemunhas», e que «acarear» é «pôr em presença testemunhas ou outras pessoas para se ajustar os seus depoimentos». Ora é pelo confronto dos depoimentos de duas ficções ajustadas em processo de acareação que Fernando Lopes nos dá um filme que é apenas o recorte justo de um certo vazio. Toda a ficção é apenas ficção: da história de Carlos de Oliveira ficam somente as margens, os sinais; dos folhetins camilianos ou não fica o saber que a aventura e a paixão pertencem a outros lugares. O nada-acontecer-que-seja-história é o grande acontecimento do filme. Mas de acareamento fica um excesso, que é o violento desejo que o não-acontecido deixa no vazio do acontecer. Daí o erotismo pressentido. Daí a revolução («revolution: solution de tous rêves?», Leiris). Inscrevendo o destino na sua ambivalência, como peso repressivo ou afirmação eufórica de vida, Fernando Lopes interroga-nos sobre o futuro da história-do-cinema e do cinema-na-história. Diz ainda o dicionário que, figuradamente, acarear é também atrair um rosto pela sedução. Daí o espanto e a alegria.

EDUARDO PRADO COELHO

UMA VERDADEIRA VANGUARDA

Poderia dizer que **Uma Abelha na Chuva** é o momento mais alto de toda a história do cinema português. Mas apercebo-me de que se trata de um pobre e significativo elogio, dado o medíocre contexto que o gera. **Uma Abelha na Chuva** não só é ímpar na nossa produção como não tem comum medida com ela (impossível, pois, qualquer comparação, mesmo que seja com a obra — em tantos sentidos exemplar — de um Manuel de Oliveira).

É que, apenas em **Uma Abelha na Chuva** consigo advertir o grau de originalidade e rigor de concepção, o radicalismo da proposta formal, a coerência interna e a espessura de significados que se encontram na maturidade dos cineastas verdadeiramente grandes: prodigioso salto qualitativo que, apesar de tudo, um **Belarmino** não fazia prever!

Esta «meditação» sobre a frustração sexual e sentimental não tem, de resto, antecedentes, cinematográficos portugueses. Remete essencialmente a um Camilo criticamente relido, a um Aquilino ou a um Carlos de Oliveira poeta, mais do que ao Carlos de Oliveira romancista (filme de poesia, aliás, me parece **Uma Abelha na Chuva**, e não filme de prosa, para empregar a célebre distinção de Pasolini). Isto é, remete a uma inspiração literária fundamental na nossa cultura que submerge, controla ou transmuta as aporções da mais evoluída estilística cinematográfica actual (sendo também por elas submergida, controlada ou transmutada numa fecundíssima dialéctica).

Daí que me custe efectuar as aproximações fílmicas da praxe, estabelecer comparações, procurar influências.

Poderia falar em Resnais, mas o tratamento do tempo em **Uma Abelha na Chuva** — uma estagnação, uma circularidade alucinante no tempo subjectivo contrapostas à obsessiva marcação do tempo objectivo por, em dada cena, um relógio de pêndulo — só superficialmente nos remeteria a **Marienbad**. Poderia falar em Delvaux, mas a tonalidade fantástica de **Uma Abelha na Chuva** não é propriamente uma exploração de subjectividades impregnada pelo surrealismo.

Poderia, ainda, falar em Straub... em Murnau...

O que importa, desde já, é que, com **Uma Abelha na Chuva**, Fernando Lopes se coloca a um nível de criação e de exigência (para consigo e para com os espectadores) idêntico ao destes realizadores. E que se coloca numa verdadeira vanguarda, poeticamente aliciantíssima, que, ao romper resolutamente com a tradicionalidade dos discursos fílmicos usuais, se revela capaz de alargar, mais e melhor do que eles, o entendimento do nosso aqui e agora.

Queria frizar, para concluir, que a sua posição, no contexto comercial do nosso cinema, é de uma coragem e de uma isenção extremas. Espero ver Fernando Lopes apoiado pelo público

MANUEL MACHADO DA LUZ

VOLUNTÁRIA DESORGANIZAÇÃO

Vi o filme apenas uma vez e em más condições de projecção. Mas penso mesmo assim que é um objecto estético excepcional (e insólito) na nossa produção cinematográfica. Reproduz com a liberdade específica duma outra arte o universo que tentei criar no romance e noutros livros meus. Tem, como já foi dito, uma montagem muito talentosa, que desdobra em dois planos, pelo menos, o que se vai vendo: um filme e a sua própria organização, melhor, a sua voluntária desorganização. Como se deitássemos numa sequência de imagens ainda legível um pouco de ácido e o ácido corroesse certos elementos de ligação narrativa, turvando o fluir da «história», criando hiatos, síncope, pontos obscuros e architectando sobre a primeira uma outra narração francamente onírica, mas em que o material é de facto realista. Quer dizer, não se trata dum sonho contado como sonho, mas duma realidade tão lenta e espessa que ganha pouco a pouco o peso sufocado dos sonhos. E é nisto, se não me engano, que reside a verdadeira identificação do filme com o livro. O que Fernando Lopes chama a «leitura crítica» do meu romance acaba afinal por ser a leitura mais profunda de «Uma abelha na chuva» e aquela que, portanto me agrada mais.

CARLOS DE OLIVEIRA

A OUTRA VIDA

Pego em uma das muitas linhas com que este filme foi imaginado e apetece-me a propósito, citar Álvaro de Campos: «Temos todas as vidas: A verdadeira, que é a que sonhamos na infância, E a que continuamos sonhando, adultos, num substracto de névoa; A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros; Que é a prática, a útil, Aquela em que acabam por nos meter num caixão.» Aqui está: essa terrível dificuldade de nos sugerir a «vida que continuamos sonhando, adultos» através da outra, a tal «em que acabam por nos meter num caixão», eis o que Fernando Lopes (interpretando com espírito criador o belo romance de Carlos de Oliveira, mas mostrando-se-lhe fiel, afinal) conseguiu superar. Estou a rever a D. Maria dos Prazeres: no écran, sob os nossos olhos, a vida com um marido bêbedo (ele também com duas vidas, é fatal!), a vida numa certa casa (esta e não aquela), o quarto em que passou a dormir sôzinha (fisicamente, pelo menos), a porta trancada, a vida em que vai uma vez ao teatro (uma vez ou todas as noites, todas as noites e todos os dias?), a vida fotografável (admiravelmente fotografada). Além disso, mas também está lá no écran (não sei aonde, talvez no ruído das patas dos cavalos, talvez numa gravura que obsessivamente nos é mostrada, talvez no tal teatro em que as vozes dos actores são duplicadas pela voz do ponto, talvez no amor real entre a Clara e Jacinto) a outra vida, os sonhos sem esperança dessa mulher que no fundo já está dentro do caixão, sonhos que nem a si própria ousaria recitar, pelo menos com palavras (sujeito, predicado, complemento directo).

Pensarei diferentemente dentro de um ano? Veremos. Para já, um dos filmes que mais me emocionou em toda a minha vida. E um filme português, portuguêsíssimo - tão português que até nem parece sê-lo.

AUGUSTO ABELAIRA

"UMA ABELHA NA CHUVA" UM MATE DE TRABALHOS

A abelha foi apanhada pela chuva: vergastada, impulsos, fios do aguaceiro a enreá-la, golpes de vento a ferirem-lhe o voo. Deu com as asas em terra e uma bâtega mais forte espèzinhou-a. Arrastou-se no saibro, debateu-se ainda, mas a voragem acabou por levá-la com as folhas mortas.

CARLOS DE OLIVEIRA
in UMA ABELHA NA CHUVA (5.ª edição)

PONTOS DE PARTIDA

CENA 8 — INT. QUARTO E ESCADA. NOITE

D. Maria dos Prazeres despe-se. Solta os cabelos. Vai deitar-se. A maçaneta da porta do quarto move-se.

Álvaro Silvestre: (off — do lado de fora) «Abre, Maria...»

D. Maria dos Prazeres não lhe responde. Deita-se.)

Álvaro Silvestre: (visto da escada/ao cimo). «Por amor de Deus, abre esta porta. Quero pedir-te desculpa. O que disse há bocado foi do «brandy».

Durante este diálogo há planos de D. Maria dos Prazeres, escutando-o, não lhe respondendo.

Álvaro Silvestre tenta, de novo, abrir a porta.

Volta a implorar, quase:

Álvaro Silvestre: «Maria...»

D. Maria dos Prazeres: (off) «Já sei que foi o brandy. Agora, deixa-me em paz».

Álvaro Silvestre hesita ainda uns segundos e, depois, desiste. Desce a escada e sai de campo.

(Comuniqua-se a João Guedes, também conhecido por Álvaro Silvestre, mau bebedor e pior marido... Tem a seu favor um ódio frustrado à aristocracia, embora por más razões...)

CENA 12 — INT. COZINHA — MANHÃ

Afazeres da manhã. Cozinha, Clara e Jacinto. Jacinto à mesa, comendo. Cumplicidade entre Jacinto e Clara manifesta-se nos gestos de ambos, na maneira como ela o serve. Gargalhadas. Ambiente alegre.

NOTA: Esta cena começa por ser vista do átrio, através da janela. A câmara começa a aproximar-se, lentamente, por «travelling», até descobrir o conjunto da cena.

A certa altura (quando virmos a cena em P. A.) Jacinto levanta-se, respeitoso. O ambiente muda. Clara e a cozinheira «inventam» tarefas.

D. Maria dos Prazeres entrou na cozinha, mas só aparece em campo um pouco depois de Jacinto se ter levantado, e das criadas terem alterado a sua acção.

Jacinto hesita. D. Maria dos Prazeres olha-o e Jacinto acaba de sair da cozinha, enquanto Clara olha D. Maria dos Prazeres.



CENA 4 — INT. QUARTO D. MARIA/ÁLVARO SILVESTRE — CAIR DA NOITE

Esta cena não tem diálogo e vive exclusivamente da acção e dos gestos de D. Maria dos Prazeres. Ela está só no quarto e arranja-se para sair, vestindo uma blusa de seda e, depois, hesita na escolha das várias capas que deve utilizar.

GÊNESE DO FILME

1963 — Por intervenção de Baptista Bastos são comprados os direitos do livro por Baptista Rosa.

1964 — Goram-se as primeiras tentativas para produzir o filme e Fernando Lopes realiza «Belarmino», produzido por Cunha Teles.

1966 — Fernando Lopes repara na ideia do filme, com Carlos de Oliveira, tentando escrever uma adaptação, que falha.

1967 — Novas tentativas, junto de distribuidores (Doperfilme, Filmes Castelo Lopes), para estabelecer um esquema financeiro que permita arrancar com o filme. O argumento é considerado desinteressante. Chega a haver uma possibilidade com Filmes Castelo Lopes e António da Cunha Teles, que se goza por falta de entendimento entre Fernando Lopes, António da Cunha Teles e Filmes Castelo Lopes.

1968 — Fernando Lopes e a Média (Fernando Matos Silva e



Laura Soveral e João Guedes: actores exactos

FILME DE FERNANDO LOPES:

RIAL
ALHO

Fernando Lopes dirigindo
Laura Soveral — aliás,
D. Maria dos Prazeres

Trata-se de uma cena em que D. Maria dos Prazeres deve desvendar um certo «coté coquette» até aí desconhecido. Por outro lado ela deve revelar um certo cuidado no seu arranjo, como quem deseja fazer «éclater», a sua beleza para impressionar alguém.

A cena deve terminar com a saída do quarto, com a câmara a acompanhá-la de forma a evidenciar um lado feminino que até ao momento se escondia debaixo de uma certa rigidez e preocupação.

Digamos que esta cena deve funcionar para D. Maria dos Prazeres como o baile para Madame Bovary.

(Com os cumprimentos de Fernando Lopes comunicando-se a Laura Soveral, aliás D. Maria dos Prazeres, senhora que tem a nostalgia dos grandes sonhos e dos belos romances impossíveis...)

INDICAÇÕES PARA A CENA 4

Plano 1 — Trav. de acomp. sobre os movimentos de vai e vem entre o toucador e o guarda-fato.

Adereços: Caixa c/ forro azul C/ bijuterias diversas; duas escovas; baton; «make-up»; cinzeiro com brincos; colar castanho num peq. prato.

Laura: blusa branca; saia roxa (vestido n.º 2); 1.ª vez/28; 70 metros; 2' 13" (copiar); 2.ª vez/28; 2' 30" (copiar).

Plano 8 - interior noite
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100



EM CIMA: folha de trabalho referente à cena 8; segue-se um esboço de Carlos Ferreira visualizando o personagem que ele próprio interpreta no filme

UMA OBRA
MORALIZADORA

É um filme notável — ferozmente pessoal. Paralelamente ao romance de Carlos de Oliveira, que tem a austeridade e a intransigência das grandes obras, a fita de Fernando Lopes repudia o fácil e as soluções de contrabando. A tal ponto que se empenha teimosamente em escorregar o espectador minimamente viciado (nem sequer lhe consente os aplausos de um final de espectáculo num palco de província...) e só por isso deve sublinhar-se como uma obra esteticamente moralizadora.

Depois, tem uma unidade singular — coisa rara, senão única, no cinema português. Timing, rigoroso, fluência na representação (pela primeira vez dois profissionais de teatro em autêntica actuação cinematográfica) e uma sóbria e arguta fotografia a desenvolver o estilo álgido da narração numa atmosfera contensa e extremamente intencional.

Raras vezes vi um filme, como este, tão implacável a todos os títulos e tão repassado por um terror quase confidencial. Descreve a noite branca da morte com a violência em linha recta e com mil subtilidades ao longo da trajectória. Nada de alardes, nada de concessões ao espectacular: uma câmara que se desloca com sábia contensão, uma montagem sem sobressaltos de encher o olho, uma noite, noite e só noite, com os imensos cambiantes da imperceptível jornada — tudo isto dominado com mão extrema, universal.

E nesta pudor agressivo também filme e romance se identificam. Só que **Uma Abelha na Chuva** de Fernando Lopes corre em paralelo com **Uma Abelha na Chuva** de Carlos de Oliveira: não se comporta como uma adaptação livre nem como uma transposição literal do romance porque o que Fernando Lopes quis captar foi o estilo interior, a unidade global do livro em vez de se focar sobre as seduções do entrecho da narrativa, perfis psicológicos ou quaisquer conotações de ordem ecológica que nela se contêm. Essas coisas vieram naturalmente e não como versão cinematográfica de uma realidade organizada em termos de romance. E eis porque a adesão de Fernando Lopes ao texto literário em que se centra a película corresponde a uma fidelidade superior: porque é uma identificação criadora, sem preconceitos de obediência nem de libertação, e porque se fez trabalhada por dentro e com imaginação própria.

Cóisa semelhante passou-se, acho eu, com **Women in Love** de Ken Russell, um filme que muitos dos nossos teóricos serão capazes de excomungar, está visto. A verdade é que quem conheça, mas conheça, D. H. Lawrence não pode deixar de verificar com assombro que o realizador, seguindo aparentemente à letra o romance, conseguiu desenvolvê-lo cinematograficamente como uma metáfora crítica de toda a obra de ficção de Lawrence, dando-nos uma interpretação do próprio romancista e de algumas das suas coordenadas fundamentais. Pela mesma razão, quem quiser «ler por dentro» o filme de Fernando Lopes encontrará nele insinuações importantíssimas sobre algumas constantes de toda a ficção de Carlos de Oliveira (certo traço de pícaro subtil na descrição do terror, por exemplo; certa identificação da paisagem com a noite do homem; a presença da palavra «alma», etc) que jamais algum crítico literário tinha apontado.

Mas este é apenas um aspecto marginal, um dos muitos que enriquecem **Uma Abelha na Chuva**

JOSÉ CARDOSO PIRES

Alfredo (Tropa) tentam organizar um sistema de financiamento em cooperativa.

Algumas pessoas manifestam interesse pelo filme e propõem-se financiá-lo. Gente que nada tem a ver com o cinema: Maria Nobre Franco, Graça Lucena, Armando Trigo de Abreu, João Martins Pereira, e outros que fazem pequenos empréstimos.

Com cerca de 90 000\$00 em dinheiro e algumas letras resolve-se arrancar para o filme.

Em 21 de Julho fazem-se as primeiras filmagens. Registam-se em película quase todos os interiores. Paragem que dura até Dezembro, para refazer as finanças, via filmes publicitários. Recomeço em fins do ano e final das filmagens com a entrada de 1969.

1969 — Longo período de espera, ocupado com trabalhos pu-

blicitários para poder pagar parte das despesas efectuadas com a segunda parte das filmagens. Na segunda metade de 1969, começo da montagem.

1970 — Dobragens, banda de ruídos e tentativa de obtenção de um empréstimo pelo Fundo de Cinema, que acaba por não poder ser aceite. Paragem de novo.

1971 — Termina a banda sonora e gravação da música. Em Maio o filme está pronto e no fim do Verão sai a primeira cópia síncrona. Até ao fim do ano sucessivas e infrutíferas tentativas para arranjar um distribuidor e uma sala para exhibir o filme. Finalmente, em Dezembro, o Estúdio oferece-se para apresentar o filme.

A Média, que produziu, acaba por distribuir também o filme.

A ABELHA NO BASTIDOR

Por FERNANDO CORREIA MARQUES

Um apontamento sobre o filme de Fernando Lopes **UMA ABELHA NA CHUVA**, baseado no romance homónimo de Carlos de Oliveira

«O importante (para o realizador) não são as palavras que (o literato) escreve, mas as imagens plásticas que descreve nessas palavras».

Pudovkin

«A abelha foi apanhada pela chuva. Sofreu de tudo: vergastada, impulsos; os fios do aguaceiro a enredá-la: golpes de vento a ferirem-lhe o voo. Deu com as asas em terra e uma bátega espezinhou-a. Arrastou-se no saibro, debateu-se ainda, mas a voragem acabou por levá-la com as folhas mortas.»

Termina assim o romance **UMA ABELHA NA CHUVA** de Carlos de Oliveira. O sinal metafórico escolhido revela-se adequado - pelo que imediatamente denota, pelo que transporta de trás. A abelha define-se no seu comportamento de estar-no-mundo pelo favo que constrói, que é forçada a construir; qualquer hipótese de

libertação, para além do seu cortiço-limite, envolve risco, denuncia-lhe a condição, torna-a frágil; a primeira chuva revela-lhe de maneira irremediável e letal.

É então esta irremediabilidade do emblema-símbolo do romance; personagens, situações, acontecimentos, que se movimentam, descrevem e desenvolvem numa teia de relações sociais, inevitáveis em função dum certo modelo que limita e prejudica a evasão, a fuga, pela sua permanente imposição. A recusa de sujeição ao modelo tornará mais clara essa inevitabilidade; a vocação para o enredamento em novas teias é o nome da constante.

A obra literária transporta na sua construção o mesmo sinal referencial de mundo circunscrito a um modelo de inevitabilidade; o discurso desenvolve-se por uma narrativa-favo, cujos alvéolos permitem apenas os percursos rigorosamente determinados dentro dos limites necessários.

A abelha arrastada pela chuva: aí temos então, no mundo da obra, a imagem literária que a ilumina ao nível interno do significado, que a esclarece ao nível externo da sua articulação e economia. A forçar possivelmente o acto lírico da superação dos acontecimentos envolvidos, pela consciencialização do **sentimento-sentido** das suas motivações; e no fim, porque a obra é fundamentalmente **narrativa** - a forma romanesca foi a escolhida para a realização estética do projecto.

2

Ora o filme de Fernando Lopes é precisamente a tradução numa outra linguagem estética dessa superação-reflexão de acontecimentos, e não do processo narrativo. Onde este acaba é que começa o processo fílmico; onde o mundo circunstancial imediato da obra romanesca cessa é que se inicia o desenho do mundo metafórico, ponto de partida da película; onde o funcionamento do projecto verbal termina é que se justifica o ensaio do projecto cinematográfico.

Daí que o filme seja, mais do que o romance, a **abelha na chuva**; que talvez seja até, e apenas, a abelha na chuva.

As imagens desenvolvem-se como as células na construção dum favo; o filme é, de certo modo, circular. As sequências são lentas, mas rítmicas, como o movimento condicionado da abelha na execução das suas operações vitais; o filme é **montagem**, como a existência forçada do insecto é a montagem biologicamente **necessária** dos alvéolos.

As passagens súbitas, os cortes bruscos, quando existem, apontam para o salto momentâneo dum a outro momento da operação; quando o salto é insistente para além do previamente condicionado, quando nele se denuncia a tentativa de evasão, **quando a abelha voa na chuva** - circunstancialidade **anormal**, de acordo com o modelo limitador - o corte pode tornar-se definitivo; e é então definitivo, trágico, fatal.

Mas desloquemos o plano de consideração para a perspectiva vertical das relações humanas contidas: no filme a manutenção do modelo continua a ser pertinente. A subordinação, igualmente inevitável, que define o circuito existencial da movimentação recíproca da abelha-mestra e da abelha-obreira é traduzida pelo funcionamento de imagens contrapontuais de subordinação, que definem a exis-



tência de níveis diferentes de realidade **visual**, hierarquicamente diferenciados, mas colaborantes na execução do modelo imposto.

O romance, era então um **de-correr** num mundo de homens - de certos homens - ilustrado metafóricamente (em **coda**) pela condição inevitável da abelha. O filme de Fernando Lopes será, pois, acima de tudo, ou, talvez mesmo, unicamente, essa **situação** condicionada e condicionante, exemplarmente projectada na reflexão-visualização dum certo grupo humano.

E porque a obra do cineasta, que nos ocupa nesta abordagem, e como aliás já atrás sugerimos, é **apenas** a abelha na chuva, impõe-se-nos como consequente e necessariamente lógico que a abelha, **em si**, fisicamente (o insecto - imagem de relevância sómente literária), acabe por não participar na imagem cinematográfica.

3

O favo da abelha transforma-se - já o denuncia o genérico e confirma uma imagem da sequência final - no **bastidor**.

«Digamos que eu não vou fazer um filme sobre o livro **UMA ABELHA NA CHUVA** mas sobre um certo universo que é familiar ao Carlos de Oliveira»

Fernando Lopes

imite irremediável do bordo-teia que o filme elabora - em que a vida das personagens sempre se encontrou enredada. E exemplarmente ilustrada na cena em que D. Maria dos Prazeres fisicamente o executa; com três planos sobrepostos no reforço da significação: o bastidor nas mãos de D. Maria dos Prazeres, que é simultaneamente a redução microcósmica do pequeno grupo fechado que na altura a rodeia, do pequeno quarto fechado que a envolve, do grande mundo fechado mais abrangente que a encerra.

Mas o mais importante é o voo da abelha; porque é ele que nos revela a impotência de qualquer velocidade de libertação. Álvaro Silvestre tenta o voo logo nas primeiras imagens; eis como, para a justa economia do filme, talvez não pudesse ter sido outro o seu começo. A intervenção da mulher define-lhe os limites do bastidor; o regresso a casa descreve-nos o percurso **imposto** (em sentido contrário) **para dentro** do bastidor - como é norma na execução do bordo-teia, uma construção alveolar da abelha humana.

Só então nos é revelado o

emblema temático da película; só então é que, em **acompanhamento do genérico** (relação exaustiva dos elementos condicionantes da obra), a fixação durante largo tempo no interminável bordado-favo da abelha é lógica e funcionante.

Como uma segunda sequência-chave, note-se o deambular ritmado, de viagens sucessivas em sentidos contrários (que apontam afinal para um **único sentido**), da personagem Álvaro Silvestre, na única saída possível para a frustração sentida, dada a inviabilidade do encontro anteriormente procurado. Todo um notável conjunto de planos alternados, em denotação de viagens sucessivas de para cá e para lá, com **certas insistências-repetições** nos pontos de viragem, indica, como só cinematograficamente seria possível, a imposição do bastidor-favo como modelo. A montagem é na realidade uma **montagem alveolar**.

Poder-se-ia alongar a abordagem, como a concebemos, exaustivamente por todo o filme, sequência a sequência, plano a plano. Mas saímos como é evidente, do propósito deste apontamento: uma nota-depoimento do que foi a nossa perspetivação do filme quando o vimos.

Limitemo-nos, por isso, a sugerir uma ou duas possibilidades mais de contribuições para um eventual e ulterior estudo mais desenvolvido: o cocheiro (de costas), a representação teatral, a leitura do folhetim, como pontos críticos de fronteira para o voo além do bastidor (fronteira que, no caso da personagem implicada, não se ousa franquear) e termos fundamentais de articulação;

4

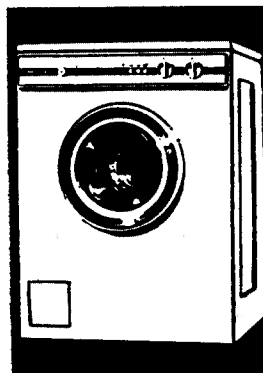
UMA ABELHA NA CHUVA, um filme de **montagem**, portanto; Fernando Lopes, um realizador de **montagem**.

A partir daqui, restaria agora sugerir o possível equacionamento do filme com outros filmes, a comparação do trabalho com o de certos nomes do cinema de montagem, como - porque não? - Griffith, Welles, Eisenstein, por exemplo.

Sentimos, porém, que um tal esforço valorativo, articulado nessa base, viria a revelar-se, nesta altura, deveras **prejudicado**, dada a situação inflacionária a que a adjectivação, recentemente esbanjada noutros objectos, nos conduziu.

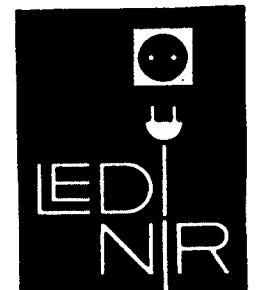
Por isso, e na circunstância, ocorre-nos como mais adequado para a expressão do entusiasmo sentido, e em remate destas notas, unicamente uma pergunta e uma proposição de resposta.

Cinema português? Mais do que isso: **cinema, apenas** - e bom.



Máquina de lavar roupa Miele
a perfeição do pormenor

Miele
A própria segurança



Agente Oficial
LEDINIR
Electrodomésticos, Lda.

Largo do Calvário, 13
Telef. 635469
LISBOA



AINDA MELHOR QUE CHUVA
REGA POR ASPERSÃO

TAMBÉM COM EQUIPAMENTO ESPECIAL PARA:
COMBATE À GEADA • REGA DE JARDINS, CAMPOS DE GOLF E OUTROS
CAMPOS DESPORTIVOS • ADUBAÇÕES LÍQUIDAS • TRATAMENTOS
FITOSSANITÁRIOS • REFRIGERAÇÃO DE COBERTURAS • ACELERAÇÃO
DE FERMENTAÇÃO DE ESTRUMES • PRÉ-LAVAGEM DOS ÚBERES DAS VACAS

J.J. GONÇALVES, SUCRS. C.I. S.A.R.L.
ao serviço da lavoura

PROJECTA • ORÇAMENTA • EXECUTA
SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA

AZINHAGA DOS LAMEIROS (ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR) - LISBOA - 4 - TEL. 794095/8

UM RITMO ADMIRÁVEL

Uma Abelha na Chuva, de Carlos de Oliveira, como aliás acontece a todas as obras literárias, podia (evidentemente) dar origem a filmes distintos. Diria mesmo: a filmes opostos. Sabe-se que um determinado discurso cinematográfico dificilmente constituirá a paráfrase única de determinado texto literário. No que concerne ao caso concreto da película de Fernando Lopes quero crer, entretanto, que ela alcançou, o mais inteligentemente, o sentido denso, plural, da obra de ficção donde partiu. Com este filme a cinematografia portuguesa atingiu um alto grau, mesmo no confronto externo. Julgo que o êxito de Fernando Lopes em Nice, acabado de noticiar na nossa imprensa, traduz uma justa conquista.

Punhamos de parte, logo de início, essa expressão convencional tão infelizmente utilizada (agora) a torto-e-a-direito. Pretensioso seria, na minha ideia — a propósito do filme **Uma Abelha na Chuva** — pespegar na cara do leitor (e assim confundi-lo perniciosamente) com este decreto arbitrário: «Ecce outra Obra-Prima!...» Num parênteses eu sempre diria, se alinhasse na facilidade qualificativa que para aí vai, que Portugal estava, neste ano de 1972, em ablativos de ser a capital cósmica do Cinema. Mas não! O que nos interessa, sim, contra o loativo encomiástico sem limites, é saudar em Fernando Lopes, com **Uma Abelha na Chuva**, o mais rico filme da cinematografia nacional. Estamos, com ele, a sair decisivamente da pobreza franciscana.

Mas porquê, este, o filme mais conseguido?

Estou, evidentemente, do lado do espectador — do lado daquilo que em boa verdade sou. E então direi o seguinte: que em **Uma Abelha na Chuva** o conjunto de elementos significantes está sempre do lado do espectador. Nenhum deles o confunde ou violenta, porque todos o servem. Esta é, pelo menos, a minha opinião.

Um filme hermético — declarou-nos Fernando Lopes segundo a posição do cineasta que sabe ter realizado uma obra sem concessões gratuitas. Mas eu direi, no gosto de contrariá-lo: um filme aberto. E talvez esta



Zita Duarte, numa cena de **UMA ABELHA NA CHUVA**: os tempos vazios

dualidade de posições arranque, afinal, da distinção que em boa hora já se fez, opondo-se o ponto de vista fílmico ao ponto de vista cineástico. Fernando Lopes disse ser hermético o seu filme certamente porque a leitura dele não se processa ao nível primário. Porém, eu advogo a sua abertura na medida em que **Uma Abelha na Chuva** dispõe diante da inteligência do espectador-usuário todos os elementos provocantes do seu código de entendimento. Quero com isto dizer que **Uma Abelha na Chuva** não tem portas falsas nem labirintos. É um filme extremamente sério, digno e limpo. E uma obra muito bela, sem dúvida, o que não importa menos.

Filme serenamente dramático, **Uma Abelha na Chuva** deixou-me a sensação de um discurso em que tudo o que se denota e o que se implica, tudo isso forma um equilíbrio preciosíssimo. Em momento nenhum o espectador é esmagado por elementos que busquem o barroco denotante. Nunca corre o risco de seguir a «linha» narrativa como um cordeiro sem reflexão. Porque esta o desperta, como uma linha «quebrada» em vários momentos: sintagmas alternantes (em sentido genérico) interpelam-nos no espírito a presença múltipla, subtilmente implicada, dos vários conflitos em causa. E — como dizer? — a sensação de uma carência de ordem social imprime-nos uma ideia sã: que a angústia se dissolve na razão directa de tudo aquilo que o homem fizer para se libertar dos pesos coagentes.

Eis-nos com um filme em que existem **tempos vazios** (longo e lento tempo para viver e morrer) e **tempos plenos** (tempo breve como o relâmpago). Eis o segredo de um ritmo admirável, talvez o maior trunfo da película. A coexistência dos elementos (onde as relações são acidentais, nem de espaço curto) processam-se sem a evidência de uma relação demasiadamente explícita — mas é aprofundando o sentido latente desta evasiva que se alcança o âmago do filme. E para mim a sua grande eficácia está nisto: na «concorrência», na «alternância», na «fusão» de um **tempo dialéctico** (o dos conflitos de pessoas, demonstrativos das contradições internas de um tipo social bem determinado) com um **tempo não-dialéctico**, onde nada se faz, onde tudo gela, onde estiolam as intenções sem lugar lógico para uma acção — excepto o facto material, cego, que se simboliza na destruição da «abelha» (insecto «personificante» do trabalho, da praxis) pela «chuva» (elemento da Natureza), a qual decerto lava as coisas, e as sacia, mas também as arrasta, destrói e dispersa (ou as enreda, como se nos revela no filme).

FERNANDO LUSO SOARES

UMA PAISAGEM HUMANA

Ao fazer **UMA ABELHA NA CHUVA** a minha intenção básica, e principal, foi de contribuir para — de ajudar a — preencher aquilo que tem faltado no cinema português: uma paisagem humana. Que é muito variada, que pode ir de **BELARMINO** ao **MUDAR DE VIDA**, do **DOMIN-**

GO À TARDE aos **VERDES ANOS** e à **ABELHA NA CHUVA**. Há vários mundos sobre os quais nós devemos falar. Este, o da **ABELHA**, é um dos que me interessa

FERNANDO LOPES
(in entrevista ao SL)

Faça render as suas economias

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei. O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

TAXAS DE JURO

Depósitos à ordem (pessoas individuais)

Até 50 contos 3 % ao ano

No excedente a 50 contos 1,5 % ao ano

Depósitos a prazo (entidades privadas)

Importâncias múltiplas de 1.000\$00 com o mínimo de 10.000\$00

6 meses, renovável 4,75 % ao ano

1 ano, renovável 5,25 % ao ano

15 meses, renovável 5,75 % ao ano



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

informações em qualquer dependência da Caixa

"UMA ABELHA NA CHUVA" : PROPOSTA DE LEITURA SOBRE O TEMA DA MOBILIDADE

VER ALÉM DO VISÍVEL

Por ROCHA DE SOUSA

Não precisarei de justificar mais profundamente a minha presença neste número do Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» se disser que o filme «Uma Abelha na Chuva» me reconduziu, por um caminho de descobertas e perturbação, a um conjunto de questões que tenho procurado analisar no campo da pintura. Este filme de Fernando Lopes, ao fazer-me sentir, num convite directo à sensibilidade e à inteligência, a minha responsabilidade de espectador, colocou-me de novo perante um processo de construção que se desenvolve a partir de diferentes possibilidades operativas. Essa é uma perspectiva desencadeada em particular pelas estéticas mais recentes, ajudando à produção de obras cuja estrutura nega a rigidez ou a imobilidade das aparências e coloca o olhar na trajectória de uma visão crítica, defendida em termos de **mobilidade**. A própria visão natural, longe de se realizar apenas pelo funcionamento de um aparelho imóvel, compreende um conjunto de acções que multiplicam a nossa exploração activa das coisas e do mundo; ela contém, no movimento que solicita ou que determina, uma relação mecânica extremamente rica, capaz de permitir que a consciência elabore os dados da percepção segundo diferentes ângulos de confronto.

No plano da criação artística, o acto visual deixou de corresponder a uma estratégia

passiva e está longe, portanto, de se acertar com a fixação posicional do agente criador. Já no Cubismo, citando a obra de Picasso como típica da idade do cinema, Garaudy apontava o desdobramento e o estilhaçamento do espaço, «os pontos de vista sucessivamente tomados de uma figura em redor da qual nos vamos deslocando». O cinema rompeu com a continuidade e irreversibilidade do factor tempo, promovendo a conjugação simultânea de dados não consecutivos, invertendo a ordem narrativa, tornando plural a apropriação das aparências. Em certa medida, o cinema ensinou-nos a ver, isto é, deu-nos consciência de que a percepção dos acontecimentos pode ser enriquecida pela multiplicação das nossas relações com a realidade, quer as consideremos do ponto de vista de uma estratégia posicional, quer as consideremos ao abrigo de um vasto conjunto de elementos informativos. Na verdade, a observação e o conhecimento estão intimamente relacionados: a evolução da forma plástica tem demonstrado a natureza desse encontro, desde formas de cultura produzidas por civilizações muito anteriores à nossa.

O objecto artístico, suportado por novas estruturas, tende pois a exprimir dinamicamente um mundo que não pode ser apreendido nas suas múltiplas significações senão a partir de uma **mobilidade** de análise. Essa análise, aqui considerando todos os planos possíveis que definem a personalidade criadora, comporta novas exigências quando projectada na forma expressiva, quando reflectida na linguagem artística. Grande parte das obras contemporâneas, baseando a sua estrutura neste princípio da **mobilidade**, solicitam do fruidor um empenho particular, propõem uma constante variação de planos e de níveis de significação, sugerem ou implicam diversas escolhas interpretativas e diversas probabilidades de reconstrução. A visão que tais obras exprimem ou precipitam não é estática nem irreversível: é o reflexo da nossa mobilidade inventiva e da nossa permanente indagação.



A voz «interior» das personagens sobrepõe-se à própria paisagem em que se movem e que as significa

«Uma Abelha na Chuva» propõe exemplarmente uma visão deste tipo.

A estrutura do filme não é linear e não estabelece portanto uma sequência unívoca de acontecimentos. A câmara raramente está onde se esperaria que estivesse: as escolhas

forma o olhar de todo o filme e que se completa nos «saltos» e ligações significantes da montagem.

Numa pintura, esse princípio da mobilidade pode verificar-se, por exemplo, na representação simultânea de dife-

significação, tornando-se desse modo manipulável segundo várias perspectivas e permitindo da nossa parte o desenvolvimento de um maior número de juízos. Essa forma propõe, pela mobilidade que a tece, maiores probabilidades de informação.

No filme de Fernando Lopes, por processos paralelos, esse modo de formar é patente. Num diálogo representado por Laura Soveral e João Guedes, ponto de crise e de tensão, é objectivado um conflito que estava latente no comportamento das respectivas personagens. Aí se estabelece um primeiro nível de leituras. Mas, de imediato, a cena é repetida integralmente, com as falas anuladas e com a introdução de um novo elemento sonoro: o bater compassado e monótono de um relógio de parede. Esta nova ordenação dos elementos formais dilata a perspectiva das anteriores leituras, obrigando o espectador a aperceber-se de que a circunstancialidade do diálogo foi ultrapassada e de que o conflito invadiu (já invadira) o tempo todo das personagens.

Tentarei apenas mais alguns exemplos para explicar o paralelismo que acabei de esboçar.

Numa pintura, a variação dos pontos de vista pode não ser somente «geográfica», podendo conjugá-se com o conhecimento já realizado sobre a forma real e o nosso próprio empenho perante o mundo. A representação de um corpo pode incluir a **exposição** dos seus órgãos e integrá-lo num contexto particular, de sinais pluralmente relacionáveis. Em «Uma Abelha na Chuva» a voz interior das personagens sobrepõe-se com frequência aos seus gestos e olhares, ou à própria paisagem em que elas se movem e que as significa. Essa voz regressa por vezes a uma situação concreta, prolongando o discurso interior pelo discurso directo. O significado das imagens e por vezes dilatado, ou sublinado, pela complementaridade de duas técnicas de representação — a forma animada por um lado e a forma imobilizada, por ou-

tro. Noutros casos, a câmara, parecendo furtar-se a uma mobilidade posicional, recusa-se a seguir a acção; mas, ao permanecer focada sobre os lugares onde a acção decorreu, escolhe o peso obsessivo do cenário, as memórias que o habitam, a herança irremediável que deles se desprende. A morte de Marcelo (Carlos Ferreira) projecta-se num (e de um) conflito que se vem explicando. Mas não basta dizê-lo com um tiro: a pedreira que explode transforma-se lentamente, numa lenta sucessão de planos, na imagem não figurativa da ruptura, do desespero e da desagregação. A fractura de pedra é um símbolo possível e perturbador que paira sobre as consciências. A mobilidade da exposição (da visão) é isso mesmo: uma acumulação necessária e sintética de dados. Por exemplo: Álvaro (João Guedes) move-se entre uma parede e uma janela, na monotonia da sua exasperação. O movimento é repetido de forma a romper o limite lógico da percepção, com base numa montagem dinâmica que secciona continuamente a extensão do plano: o espectador é assim conduzido à mesma sufocação que a circunstância exprime.

Uma longa análise aos aspectos da construção de «Uma Abelha na Chuva», à forma da sua linguagem, permitiria, em suma, estudar amplamente este tema da **mobilidade** nos seus diferentes aspectos e sentidos. Nesta obra se exprimem e se entrelaçam diversos processos de **escrita**, diversos ângulos de pesquisa, diversos planos de significação, num tecido fílmico que adquire, por isso mesmo, uma enorme riqueza plástica e uma singular abertura à nossa capacidade interpretativa. O tempo estagnado e cinzento que o filme traduz, com o seu apodrecimento de memórias, de vidas e de paisagens, interfere de forma profunda na nossa fruição estética: obriga-nos à mobilidade crítica.

Não sei que outro papel possa ter a verdadeira obra de arte.

... De resto, todos os (...) personagens são relativamente fantasmas e de certa maneira tudo aquilo se passa num universo sem tempo, sem espaço...

FERNANDO LOPES

que por seu intermédio o autor realiza, numa relação dinâmica com os objectos captáveis, vão estabelecendo no tecido fílmico um conjunto de ajustamentos e desajustamentos extremamente rico, inesperado e estimulante. Trata-se de um princípio de mobilidade que in-

rentes perfis da mesma forma, tomados de uma sucessão previsível de ângulos, na tradução narrativa dessas diferentes aparências, ou na conjugação de meios técnicos complementares. A forma adquire assim, mudando de colocação e de tratamento, diversos níveis de



A morte de uma personagem é visualizada do ângulo em que o tiro parte...

NOVIDADES LITERÁRIAS

Colecção Autores Universais
Série Monumental

VIAGENS COM A MINHA TIA
Graham Greene

Um portento de humor e de espírito da primeira à última página
70\$00

Colecção Enigmas de Todos os Tempos

OS ARQUIVOS DO INSÓLITO

Guy Tarade

Viagem agitada e desconcertante por todos os rinos e todos os tempos do oculto e do imaginário
80\$00

Colecção o Pequeno Guia

ANIMAIS DO JARDIM ZOOLÓGICO

Donald F. Hoffmeister

Os animais que povoam os jardins zoológicos, dos mais raros aos mais conhecidos
50\$00

Colecção Álbuns Astérix

O DOMÍNIO DOS DEUSES

Texto de R. Gosciny

Desenhos de A. Uderzo
Astérix e Obélix opõem-se ao surto de construções com que os Romanos ameaçam a sobrevivência de uma aldeia gaulesa bem conhecida...
55\$00

LIVRARIA BERTRAND